Os Arquivos de Língua e Cultura

LÉXICO GUARANI, DIALETO MBYÁ: INTRODUÇÃO

Robert A. Dooley

©2015, SIL International

Licença

Este documento forma parte dos Arquivos de Língua e Cultura do SIL International. É compartilhado 'como-é' a fim de colocar o conteúdo à disposição segundo uma licença de Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-CompartilharIgual 4.0
(https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/deed.pt_BR).

Mais informação em: www.sil.org/resources/language-culture-archives.

LÉXICO GUARANI, DIALETO MBYÁ
com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística

Robert A. Dooley, Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil

INTRODUÇÃO: informações gerais, esboço gramatical e referências

Versão de 18 de setembro de 2015

1 Informações gerais

O nome "léxico" é usado aqui para designar um tipo especial de dicionário. Este léxico, na versão atual, visa fornecer informações úteis para alunos guarani do ensino médio e para outras pessoas interessadas em aprender ou pesquisar o dialeto mbyá da língua guaraní, como ele é atualmente falado no Brasil. Ele inclui, portanto, referências a trabalhos científicos sobre a língua e cultura guaraní e até certos trabalhos da linguística geral. O trabalho cita formas reconstruídas através de estudos históricos, especialmente de Proto-Tupi-Guarani (PTG), a "língua mãe" de todas as línguas tupi-guarani atuais; e, nas descrições dos itens linguísticos e das suas funções, ele ainda utiliza noções gramaticais, com certos termos técnicos. Uma versão anterior, rudimentar, era o *Vocabulário básico do guaraní contemporâneo (dialeto mbyá)* (Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics, 1982). Como no caso do presente trabalho, o primeiro foi elaborado com a base de dados colhidos principalmente junto à comunidade indígena guarani mbyá do PIN Rio das Cobras, Paraná. A versão atual inclui um grande número de acréscimos, inclusive palavras dos dialetos nhandéva e avanhe'ẽ (guarani paraguaio), ouvidas em meio às comunidades dos guarani mbyá. Ela inclui certos itens de falares regionais de guarani mbyá, como, por exemplo, os do litoral paulista e fluminense. Dados de outros dialetos e falares foram contribuídos pelos participantes no Curso de Capacitação em Língua Guarani (Curitiba, 12-16/05/97) e, subsequentemente, por outras pessoas. As palavras e exemplos ilustrativos são escritos na ortografia que atualmente vem sendo usada, no PIN Rio das Cobras, na Editora Nhombo'ea Guarani e na Bíblia que foi publicada nesta língua: *Nhanderuete ayvu iky'a e'ỹ va'e: A Bíblia Sagrada na língua guarani mbyá* (Sociedade Bíblica do Brasil, 2004). "Proto-formas" de proto-tupi-guarani (PTG) são representados por símbolos fonêmicos ou fonéticos. Deste modo, os usuários terão acesso a uma forma de escrita que vem sendo comumente usada, que reflete mais de quarenta anos de experiências realizadas por professores e escritores da própria língua. Uma chave de pronúncia se encontra na seção 3.1 desta Introdução. Maiores informações sobre a escrita e a gramática se encontram nos trabalhos citados na seção 26 Referências.

Esta Introdução fornece também um esboço gramatical que trata especialmente dos aspectos da língua que o usuário do léxico precisa entender. Conforme várias abordagens teóricas recentes, é impossível separar o léxico e a gramática de uma língua (veja, por exemplo, Croft 2001, Croft e Cruse 2004, Langacker 2000, Van Valin e LaPolla 1997, nas Referências). É importante, pois, incluir um esboço gramatical com o léxico. Sendo um esboço, os fatos da língua são apresentadas de uma forma abreviada, dispensando muitos exemplos ilustrativos que se encontram no corpo do léxico, nas coleções de textos Dooley 1976 e 1988 ou em outros trabalhos citados. Isso não quer dizer que os fatos são apresentados de uma maneira superficial, pois esta obra tenta indicar algo do gênio da língua, ou seja, as maneiras nas quais ela difere de outras línguas que o leitor possa conhecer, acima de tudo do português, e também como ela utiliza estruturas pouco conhecidas para desempenhar as mesmas funções que as outras línguas têm. As diferenças que existem entre as línguas e entre as suas funções não são em nada superficiais; para entendê-las, precisamos lançar mão das melhores perspectivas da linguística moderna, especialmente da linguística cognitiva, tipológica, discursiva e funcional, inclusive a gramática de construção ("construction grammar"; veja, por exemplo, Croft e Cruse 2004, cap. 10) e modelo gramatical baseado no uso da linguagem ("usage-based model"; op. cit., cap. 11). Contudo, o trabalho presente é eclético, não seguindo qualquer abordagem completamente; por exemplo, ele utiliza processos morfossintáticos, que não fazem parte da gramática de construção. O autor bem reconhece que nunca irá, durante esta vida, entender completamente a gramática desta ou de qualquer outra língua, mas tem-se esforçado para apresentar os conhecimentos que conseguiu até agora. Ele pede a paciência dos leitores nos lugares onde a leitura fica complicada ou falha em qualquer outro aspecto. Ele agradece as valiosas correções e sugestões já recebidas; merecem destaque especial o esforço e as copiosas contribuições de Alan Vogel,

Auristéa Silva e Sirlene de Oliveira. Outras sugestões e correções poderão ser enviadas ao endereço bob_dooley@sil.org.

Depois desta Introdução com seu esboço gramatical, a presente obra contém três partes: o Léxico Guarani-Português que contém informações em português sobre as palavras, morfemas e expressões da língua guarani mbyá; o Índice Português-Guarani que apenas aponta o leitor a um ou mais verbetes no Léxico Guarani-Português, onde encontrará maiores explicações; a seção de Referências que tem um lista de trabalhos sobre a língua e cultura guarani e outra sobre a linguística geral.

O esboço gramatical faz referências ao Léxico Guarani-Português pelas citações dos verbetes, e o Léxico faz suas referências ao esboço gramatical através de links em forma dos números das respectivas seções. Dentro do esboço gramatical se encontram links para acesso fácil às seções citadas. (No programa Word, com um clique no número se vai para a seção indicada. Para voltar ao lugar de onde saiu, apertar Shift+F5.)

2 A língua guarani e o dialeto guarani mbyá

A família linguística tupi-guarani, que faz parte do tronco tupi, é uma das famílias mais extensas da América do Sul. Conforme Prof. Aryon Rodrigues, ela abrange mais de 50 línguas atuais e distintas (veja A. Rodrigues 1984/85 e 1987 e C. Jensen 1998a). Desta família, as línguas mais conhecidas são o tupi antigo (tupinambá) e o guarani. Do tupi antigo, a continuação atual é o nheẽngatu (tupi moderno), falado na Amazônia. O maior dialeto moderno da língua guarani é conhecido como avañeém (avañe'ẽ, avanhe'ẽ), guarani paraguaio ou guarani moderno; no Paraguai, ele é designado, junto com o espanhol, como uma língua nacional do país. (Na internet, uma busca de "guarani" traz muitos sites sobre esta língua, veja, por exemplo, www.guaranirenda.com.) Sua influência se estende até Argentina, Bolívia e Brasil, nas regiões fronteiriças com o Paraguai. Em cada um destes países existem outros dialetos do guarani. No Brasil, há três: kaiwá, nhandéva e mbyá.

Características abrangentes das línguas tupi-guarani são resumidas por Rodrigues da seguinte maneira:

- "Em seu aspecto exterior, isto é, fonético, é uma língua bastante harmoniosa, graças ao perfeito equilíbrio entre vogais e consoantes.
- Sua constituição interna apresenta um sistema morfológico algo complexo, mas muito coerente. A sintaxe, também complexa, permite relativa liberdade de expressão.
- A possibilidade de formar compostos e derivados com grande facilidade garante fácil e espontânea manifestação do pensamento" (A. Rodrigues 1951a:50).

Podemos acresentar as seguintes características:

- As línguas desta família são aglutinantes, isto é, as palavras são comumente formadas de uma sequência de morfemas sem muita fusão entre si, cada parte dando sua contribuição ao significado do todo.
- Em vários aspectos a ordem dos elementos é o inverso do português: a flexão verbal se realiza através de prefixos em vez de sufixos; advérbios ocorrem após o verbo em vez de antes dele; preposições seguem o nome em vez de precedê-lo (por isso são posposições em vez de preposições); conjunções subordinativas ocorre no fim da oração subordinada e não no começo; e dentro das orações subordinadas o objeto direto geralmente ocorre antes do verbo em vez de depois. Para um resumo da ordem de várias construções em guarani mbyá, veja seção 4.
- É comum nas línguas guarani encontrar muitos elementos que ocorrem em mais de uma função sintática (seção 8); o mesmo elemento pode ocorrer, por exemplo, em função predicativa (como um verbo), em função referencial (como um nome), em função adjetiva ou função adverbial. Isso ocorre também na língua tupi-guarani kamaiurá, "nomes... podem ocorrer como predicados em orações não-verbais" (Seki 200:150; semelhantemente Dietrich 1984:82s sobre a língua boliviana chiriguano).

Em guarani mbyá, ocorrem os seguintes fenômenos adicionais:

- A nasalização, quando ela começa dentro da palavra, vigora no sentido regressivo até o começo da palavra, e pode ter uma leve influência no sentido progressivo também (seção 3.3).
- Nas palavras monossilábicas que comumente ocorrem como um grupo tonal, a vogal sofre geminação, ou seja, ela é repetida, acrescentando uma sílaba para a palavra ficar dissilábica e produzindo um pé métrico iâmbico, que tem uma função importante na língua (seções 3.4 e 3.6).
- A marcação do tempo ocorre, em primeiro lugar, nos nomes; desse uso se derivam expressões de tempo que ocorrem na locução predicadora (seção 18.2).
- Dentro da oração independente, a ordem dos constituintes é bem flexível, refletindo fatores discursivos

(contextuais). Ou seja, além da frase ter seus constituintes gramaticais (sujeito, predicado, etc.), ela é comumente dividida em constituintes que refletem fatores contextuais; tópico e foco são elementos deste tipo. Essa "estrutura informacional" (ou de foco; veja Lambrecht 1994) é assinalada, em mbyá, principalmente pela ordem das expressões, pela entonação e pela ocorrência de elementos tais como "focalizadores" e "partículas" entre seus constituintes (seção 24).

- Muitas dessas partículas são indicadores de tempo, aspecto e modalidade que têm sua posição neutra dentro da locução predicadora (seção 12.3.1). Elas podem ser transpostas para ocorrer fora dela, ocorrendo após um constituinte na estrutura informacional, em função de "espaçador" (seção 24.4.3.2).

3 Fonologia e ortografia

Apresentamos aqui uma breve descrição sobre a fonologia guarani em relação à sua representação ortográfica, abrangendo seus fonemas, a nasalização, a tonicidade, as sílabas, a influência da língua portuguesa sobre a ortografia e a ordem alfabética. Veja trabalhos mais rigorosos sobre a fonologia guarani nas Referências.

3.1 Os fonemas e sua representação ortográfica

O guarani tem quinze consoantes e seis vogais.

3.1.1 Consoantes

Os fonemas consonantais são:

Consoantes	Variantes e símbolos ortográficos	Ambientes	Sons semelhantes
/p/	p	todos	**p**ular
/t/	t	todos	**t**ocar
/k/	k	todos	**c**air
/k^{w}/	ku	todos	**qu**ando
/m/	[^{m}b] mb	antes de vogais orais	lo**mb**o
	[m] m	antes de vogais nasais ou nasalizadas	**m**ês
/n/	[^{n}d] nd	antes de vogais orais	a**nd**ar
	[n] n	antes de vogais nasais ou nasalizadas	**n**ão
/ŋ/	[^{n}g] ng	antes de vogais orais	lo**ng**o
	[ŋ] ng	antes de vogais nasais ou nasalizadas	ma**ng**a
/ŋ^{w}/	[ŋ^{w}] gu	inicial na palavra, antes de vogal oral	u**ngu**ento
	[g^{w}] gu	entre vogais orais	á**gu**a
	[ŋ^{w}] gu	após vogal nasal e antes de vogal oral	u**ngu**ento
	[ŋ^{w}] gu	antes de vogal nasal ou nasalizada	lo**ng** way (inglês)
/g/	g	todos	lo**g**o
/β/	[β] ~ [v] v	geralmente antes de /e/, /i/	**v**ela
	[β] ~ [w] v	geralments antes de /a/, /o/, /u/, /ɨ/	**w**oman (inglês)
/ɾ/	r	todos	ago**r**a
/ɲ/	[dʒ] j	antes de vogais orais	**d**ia (carioca)
	[ɲ] nh	antes de vogais nasais ou nasalizadas	ni**nh**o
/c/	[t͡s] x	geralmente antes de /a/, /e/, /i/	pi**zz**a
	[t͡ʃ] x	geralmente antes de /o/, /u/, /ɨ/	**tch**au
/ʔ/	'	todos	arco-íris (fala devagar)
/h/	h	inicial na palavra	**r**ua

Figura 1: Consoantes

OBS.:

- A consoante /ŋ^{w}/ é escrita *ngu* por certos escritores em palavras tais como ***amongue*** (ou ***amogue***) e

omonguera (ou ***omoguera***). Nesta palavras, a consoante /ŋ^{w}/ não segue uma raiz nasal, mas outro tipo de elemento onde começa a nasalização em sentido regressivo (seção 3.3.1).

- A consoante /g/ ocorre em pouquíssimas palavras, sendo empréstiomo a maioria delas.
- O condicionamento das variantes da consonante /β/ fica incerto.
- A oclusão glotal /ʔ/ funciona como consoante plena. É antes de verbos que começam com a oclusão glotal, por exemplo, que ocorre a forma ***nda-*** (ou ***na-***) do prefixo negativo em vez da forma ***nd-*** (ou ***n-***) que ocorre antes de vogais: ***nda'ijayvui*** 'não falou', ***na'iporãi*** 'não é bonito'. No início da palavra, contudo, ela nem sempre é pronunciada, ao menos em fala não-enfática.
- A consoante /h/ não constava no dialeto nhandéva antigo (veja, por exemplo, Nimuendaju (Unkel) 1987 e Dooley 1991b). No dialeto mbyá sua função é muito restrita, mesmo tendo um papel morfológico importante (seção 5). Este som pode ser analisado como assinalando a ausência de uma consoante inicial, especialmente a ausência da oclusão glotal; ele ocorre na fala enfática e nos lugares onde a ausência de consoante inicial é importante no paradigma.
- A consoante /c/ é escrita ***x*** por ser uma representação neutra dos dois sons [t͡s], como em ***xee*** 'eu', e [t͡ʃ], como em ***xo'o*** 'carne'. Apenas o segundo ocorre no guarani paraguaio (avañe'ẽ), sendo escrito ***ch*** naquela língua, como em ***che*** 'eu'. O guarani paraguaio também tem o consoante /s/, que não existe em mbyá: ***so'o*** 'carne' (veja <http://www.datamex.com.py/guarani/neetekuaa/el_abecedario.html#el_alfabeto_guarani> do site Guarani renda 2008).

3.1.2 Vogais

Os fonemas vocálicos são:

Vogais	Variantes e símbolos ortográficos	Ambientes	Sons semelhantes
/a/	[a] a	oral	p**á**
	[ã] ã	nasal ou nasalizado	manh**ã**
/ɛ/	[ɛ] e	oral	qu**é**
	[ɛ̃] ẽ	nasal ou nasalizado	qu**em**
/i/	[i] i	oral	gr**i**lo
	[ĩ] ĩ	nasal ou nasalizado	br**i**ncar
/o/	[o] o	oral e atônico	av**ô**
	[ɔ] o	oral e tônico	p**ó**
	[õ] õ	nasal ou nasalizado e atônico	v**o**ntade
	[ɔ̃] õ	nasal ou nasalizado e tônico	ch**a**mp (francês)
/u/	[u] u	oral	cr**u**
	[ũ] ũ	nasal ou nasalizado	**u**nha
/ɨ/	[ɨ] y	oral	
	[ɨ̃] ỹ	nasal ou nasalizado	mam**ãe**

Figura 2: Vogais

OBS.:

- Para vogais nasais ou nasalizadas, o til é escrito apenas quando não há outro indicador da nasalização (veja seção 3.3).

3.1.3 Semivogais

Além das vogais, existem semivogais *i* e *u* que ocorrem em ditongos decrescentes, isto é, após vogais silábicas, como o *i* do português em *pai* ['pa^{i}] e *feito* ['fe^{i}.tu]. O *i* pode ocorrer como semivogal com qualquer outra vogal numa fronteira entre morfemas, onde ele é feito semivogal por regra gramatical:

oike [o^{i}.'kɛ] 'entrou', de ***o-*** '3' + ***-ike*** 'entrar'

ndooi [^{n}do.'o^{i}] 'não foi', de ***nd-*** 'negativo' + ***o-*** '3' + ***-o*** 'ir' + ***-i*** 'negativo'

O semivogal *i* frequentemente ocorre em posição final da palavra, dependendo do item lexical:
amambai ‘samambaia’ [ã.mã.ˈᵐbaⁱ]

A ocorrência da semivogal *u* é bem mais rara:
amandau ‘chuva de pedra’ [ã.mã.ˈⁿdaᵘ]
Nos verbetes, são indicadas apenas as semivogais que não são produzidas por regra gramatical.

3.2 As sílabas

A estrutura silábica padrão é simples: **VOGAL ÚNICA (V) OU CONSOANTE SEGUIDA POR VOGAL (CV)**. Isso implica na ausência de consonantes finais na palavra (as quais se encontram em certas outras línguas da família tupi-guarani) e também na ausência de conjuntos consonantais.

OBS.:

- Visto que algumas das consoantes são dígrafos (*ku, mb, nd, ng, gu, nh*), a letra *u* em *gu* e *ku*, quando seguida por vogal, geralmente compõe o dígrafo consoantal: ***-ogue*** [o.ˈgʷɛ] ‘folha’, ***kua*** ‘buraco’. Nas raras ocasiões quando esse segmento *u* é silábico, é seguido por um hífen (seção 3.9): ***kuaray raku-a*** [kʷa.ɾa.ɨ.ɾa.ku.ˈa] ‘o calor do sol’.
- Um ditongo desempenha o papel de vogal única na estrutura silábica: ***varai*** [wa.ˈɾaⁱ] ‘cesta’, pronunciada com ditongo decrescente, tem duas sílabas tipo CV.
- Às vezes ocorrem sequências de sílabas tipo V sem consoante entre as sílabas: ***anhembyayia*** [ã.ɲɛ̃.ᵐbɨ.a.ɨⁱ.ˈa] ‘minha fome’, ***o.ja.y.a.a.a.gue*** [o.a.a.a.ɨⁱ.ˈɛ] ‘o lugar onde foi cortado’.
- Existem casos de contração (forma reduzida) que fogem do padrão silábico, nos quais se encontram duas consonantes juntas (a primeira delas é sempre a oclusão glotal '), devido à perda de vogais:
  ha'vy ‘então’, contração de ***ha'e*** ‘pronome anafórico da 3ª pessoa’ mais ***vy*** ‘mesmo sujeito’;
  ta'vy ‘expressão de descontentamento’, de ***tu*** ‘indicador de intensidade e até brusquidão’ mais ***ha'vy***;
  'rã ‘futuro’, de ***va'e*** ‘nominalizador’ mais ***-rã*** ‘futuro’.

Em cada um destes exemplos, a vogal *e* se perde após a oclusão glotal, a qual acaba sendo seguido por outra consonante.

3.3 A nasalização

A nasalização determina variantes de fonemas, tanto das consoantes quanto das vogais. Em guarani, a nasalização é predominantemente regressiva, ou seja, ela nasaliza sons que a precedem. Importa saber, então, como começa e termina a nasalização e como ela é indicada na ortografia.

A nasalização começa com vogais ou consoantes nasais. Uma **VOGAL NASAL** ocorre em posição final de determinadas raízes; qualquer das seis vogais pode ocorrer em forma nasal, conforme a raiz: ***porã*** ‘bom’, ***pyno*** ‘urtiga’. Existem três **CONSOANTES NASAIS**: /m/, /n/ e /ŋ/; essa designação não depende do ambiente lexical ou representação ortográfica (que pode ser *mb, m, nd, n,* ou *ng*). Tanto consoantes nasais como vogais nasais dão início à nasalização regressiva.

Já os **SEGMENTOS NASALIZADOS** são aqueles que são nasalizados através da nasalização que opera no seu ambiente de ocorrência. Tanto vogais quanto consoantes podem ocorrer em forma oral ou nasalizada, dependendo do ambiente. Até as consoantes nasais /m/ e /n/ podem ocorrer em forma oral (representadas por *mb* ou *nd*) ou em forma nasalizada (*m* ou *n*). Outra consoante, /ɲ/, tem representação ortográfica distinta (*j*) quando ela ocorre em forma oral; quando nasalizada, sua forma é outra (*nh*). A nasalização dos outros segmentos não é indicada pela ortografia.

3.3.1 A nasalização regressiva

A nasalização regressiva resume-se da seguinte maneira:

- dentro da palavra, um segmento que precede um segmento nasal ou nasalizado é também nasalizado (Guedes 1983, Dooley 1984).

Mas a nasalização não é percebido de uma maneira uniforme. Nas consoantes surdas (/p/, /t/, /k/, /kʷ/ (o dígrafo *ku*), /č/ (a letra *x*), /ʔ/ (a letra '), /h/), ela geralmente não é audível. Até nas vogais, o efeito acústico da nasalização varia de forte a leve, dependendo do ambiente fonológico.

Em consequência da regra de nasalização regressiva, o único lugar onde é preciso indicar a nasalização é numa vogal onde a nasalização regressiva começa, ou seja, numa vogal nasal. Isso geralmente ocorre só na

última sílaba da raiz. Mesmo neste lugar, nem sempre é necessário escrever o til, pois se ocorre, nessa sílaba, uma letra consoante em forma nasalizada (*m, n* ou *nh*), já sabemos que a vogal da sílaba é nasalizada também. O til, portanto, é escrito minimamente. Nos exemplos seguintes, as vogais finais são nasais, portanto a palavra toda é nasalizada: ***onhemi*** [õ.ɲɛ̃.'mĩ] 'escondeu-se', ***omano*** [õ.mã.'nõ] 'morreu', ***anha*** [õ.'ɲã] 'corri', ***oinupã*** [õ^{i}.nũ.'pã] 'bateu nele'. Já nas seguintes palavras, as vogais finais não são nasais; a nasalização começa na penúltima sílaba, decorrente a uma consoante nasal no começo da sílaba final, e vigora regressivamente até o começo da palavra: ***omombo*** [õ.mõ.'^{m}bo] 'jogou-o', ***omondo*** [õ.mõ.'^{m}do] 'enviou-o', ***oa'anga*** [õ.ã. ʔã.'^{n}ga] 'experimentou-o'.

A nasalização regressiva, não importando onde começa, termina somente quando chega no começo da palavra (como no verbo ***anhoẽ*** [ã.ɲõ.'ɛ̃] 'derramei') ou, no caso de uma palavra composta, quando encontrar outra raiz que faz parte da mesma (como no verbo ***aijyryvi kyxĩ*** [a.^{d}ʒɨ.ɾɨ.wɨ. kɨ̃.'t͡sĩ] 'cortei a garganta dele'). Com um verbo, a forma do prefixo negativo (***n-*** ou ***nd-***) indica claramente se o começo da palavra é nasalizado ou não: ***nanhoẽi*** [nã.ɲõ.'ɛ̃^{i}] 'não derramei', ***ndaijyryvi kyxĩ*** [^{n}da.^{d}ʒɨ.ɾɨ.wɨ. kɨ̃.'t͡sĩ] 'não cortei a garganta dele'. Em certas palavras compostas, a nasalização regressiva atinge uma raiz oral, como no substantivo ***yakã*** [ɨ.ã.'kã] 'rio' (lit., 'cabeça de água'), no qual a raiz ***y*** 'água' é nasalizada em consequência da nasalização de ***akã*** [ã.'kã] 'cabeça' (veja seção 15). Em casos assim, a lexicalização é mais completa do que em compostos como ***aijyryvi kyxĩ*** 'cortei a garganta dele'.

3.3.2 A nasalização progressiva

Existe também a nasalização progressiva, mas com efeitos menores do que a regressiva. Ela sonoriza a consoante seguinte ou nasaliza a sílaba seguinte, em certos sufixos e modificadores dentro do sintagma: no verbo ***anhotỹ'i*** [ã.ɲõ.fɨ̃.'ʔĩ] 'plantei um pouco', o sufixo ***-'i*** 'diminutivo' é nasalizado progressivamente por seguir a vogal nasal *ỹ*;[1] no verbo ***oma'ẽ ngatu*** [õ.mã.ʔɛ̃ ^{n}ga.'tu] 'olhou fixamente', o modificador começa com o consoante /ŋ/ (escrita *ng*) em vez de /k/ (como ocorre em ***oiko katu*** [o^{i}.kɔ ka.'tu] 'aprontou-se'), por seguir a vogal nasal [ɛ̃].

3.4 Tonicidade e acentos

As línguas geralmente só assinalam com acento as palavras que fogem do seu padrão da tonicidade. Em português, o padrão é a palavra paroxítona (a sílaba tônica ou nuclear é a penúltima), portanto o acento é escrito só nas proparoxítonas e oxítonas. Em guarani, o padrão é a palavra oxítona (a sílaba tônica é a última), portanto o acento é só escrito nas proparoxítonas ou paroxítonas.

OBS.:

- A tonicidade é geralmente realizada através de tom ("pitch") e volume elevados.
- O grupo tonal corresponde ao sintagma gramatical (como no francês), não à palavra em si: ***oo*** [o.'ɔ] 'casa', ***oo porã*** [o.ɔ põ.'ɾã] 'casa bonita', ***kova'e oo porã*** [ko.βa.ʔɛ o.ɔ põ.'ɾã] 'esta casa bonita'.
- Existem palavras átonas, nas quais não pode ocorrer acento, mesmo em posição final do sintagma (onde palavras átonas comumente ocorrem como enclíticos). Entre as palavras átonas estão certas posposições (***py*** 'em', etc.; seção 20.6) e partículas de tempo, aspecto ou partículas modais (***'rã*** 'futuro', ***teri*** 'ainda', ***je*** 'por ouvir dizer'; seções 12.3.1.2 e 12.3.3.2). Portanto, o padrão geral da tonicidade é o seguinte: dentro do sintagma, a última sílaba que aceita o acento é nuclear. Se a última palavra do sintagma for átona, o núcleo ocorre antes: ***kova'e oo porã py*** [ko.βa.ʔɛ o.ɔ põ.'ɾã pɨ] 'nesta casa bonita'.
- O acento agudo é escrito em palavras paroxítonas, tais como ***ára*** ['a.ɾa] 'dia' e ***ijyvýry*** [i.^{d}ʒɨ.'βɨ.ɾɨ] 'perto dele'. Várias palavras paroxítonas que são emprestadas do português e parcialmente guaranizadas, são escritas com acento: ***epéko*** [ɛ.'pɛ.kɔ] 'espelho', ***káuxa*** ['ka^{u}.t͡sa] 'causa'. As palavras proparoxítonas, que também são escritas com acento, são mais raras: ***kóropi*** ['kɔ.ɾo.pi] 'por aqui'. A palavra paroxítona ***kuery*** ['k^{w}ɛ.ɾɨ] 'conjunto de pessoas ou animais', porém, não leva acento por ser muito comum: ***nhande kuery*** [ɲã.^{n}dɛ 'k^{w}ɛ.ɾɨ] 'nossa gente'.

---

[1] Já que a nasalização do sufixo ***-'i*** 'diminutivo' é previsível, ela nunca precisa ser indicada pelo til.

- Todos os nomes indígenas são oxítonos, portanto não são escritos com acento em guarani (***Ara, Jera, Tukumbo, Vera***). Nos documentos oficiais em português, às vezes eles são escritos com acento.
- Dentro do grupo tonal comumente ocorre **TONICIDADE SECUNDÁRIA**, mas fraca do que a sílaba nuclear. A tonicidade secundária geralmente não ocorre logo no início do sintagma, mas depois ele tende a ocorrer em alternação com sílabas átonas, até chegar na sílaba núclear: ***kova'e oo porã py*** [ko.βa.ˌʔɛ o.ˌɔ põ.ˈɾã pɨ] 'nesta casa bonita'. (Neste parágrafo apenas é assinalada a tonicidade secundária, com um tracinho vertical inferior.) Isso dá ao sintagma (até a sílaba tônica) uma sequência rítmica de pés iâmbicos (sílaba atônica + sílaba tônica); os sintagmas geralmente começam com uma ou duas sílabas atônicas (veja seção 3.8.1.3).
- No nível do enunciado, poderia ocorrer um ou mais contornos de entonação. Cada contorno tem seu núcleo, que será a sílaba tônica de um dos seus sintagmas. Entre os contornos do enunciado, a um é dado mais proeminência; seu núcleo é o núcleo da entonação do enunciado, que geralmente corresponde ao foco na estrutura informacional (seção 24.4.4).

3.5 Perda vocálica e ditongação

Há três processos morfológicos que marcam a língua guarani mbyá: a perda vocálica junto com a ditongação (a seção presente), a geminação vocálica (seção 3.6) e a reduplicação dissilábica (seção 3.7) (Dooley 1990c). O primeiro processo, a perda vocálica e a ditongação, ocorre na fronteira entre morfemas da mesma palavra (nos outros dois processos, as fronteiras morfêmicas não são relevantes); as semivogais que ocorrem no fim da palavra (seção 3.1.3) não resultam deste processo.

3.5.1 Com duas vogais homogêneas

Se a mesma vogal ocorrer nos dois lados de uma fronteira entre afixo e raiz, uma das vogais é geralmente eliminada na pronúncia e na escrita, se isso não reduzir a palavra a uma só sílaba:

pe- '2PL' + ***-e̲xa*** 'ver' → ***pexa*** [pɛ.ˈt͡sa] 'vou' '(vocês) vêem'

ja- '1PLincl' + ***-a̲xa*** 'passar' → ***jaxa*** [ᵈʒa.ˈt͡sa] 'passamos' (ou ***jaaxa*** 'passamos', certos escritores)

o- '3' + ***nhe-*** 'REFLEXIVO' + ***-e̲ndu*** 'ouvir' → ***onhendu*** [õ.ɲẽ.ⁿdu] 'ouviu-se' ou 'foi ouvido'

a- '1SG' + ***mbo-*** 'CAUSATIVO' + ***-o̲peyi*** 'estar com sono' → ***ambopeyi*** [ã.ᵐbo.pɛ.ˈɪʲ] 'causei (alguém) ficar com sono'

o- '3' + ***-endu*** 'ouvir' + ***-u̲ka*** 'CAUSATIVO' → ***oenduka*** [õ.ɲẽ.ⁿdu.ˈka] 'mandou ouvir'

nd- 'NEG' + ***o-*** '3' + ***-i*** 'destacar-se' + ***-i̲*** 'NEG' → ***ndoi*** [ⁿdo.ˈi] 'não destacou-se'

Exemplos da condição "se isso não reduzir a palavra a uma só sílaba":

a- '1SG' + ***-a̲*** 'ir' → ***aa̲*** [a.ˈa] 'vou'

o- '3' + ***-o̲*** 'ir' → ***oo̲*** [o.ˈɔ] 'foi'

ja- '1PLincl' + ***-a̲*** 'ir' → ***jaa̲*** [ᵈʒa.ˈa] 'vamos'

e- '2SGimper' + ***-ẽ̲*** 'sair' → ***eẽ̲*** [ẽ.ˈɛ̃] 'saia!'

3.5.2 Com uma vogal seguida de *i*

Quando um morfema começa com a vogal /i/ seguindo uma vogal diferente na mesma palavra, a /i/ é ditongizada, ou seja, ela se torna uma semivogal que resulta num ditongo crescente, se isso não reduzir a palavra a uma só sílaba; em qualquer caso, a letra *i* é escrita normalmente:

pe- '2PL' + ***-i̲ko*** 'ser' → ***peiko*** [pɛʲ.ˈkɔ] '(vocês) são'

xe- '1PLincl' + ***i̲rũ*** 'companheiro' → ***xeirũ*** [tsɛ̃ʲ.ˈɾũ] 'meu companheiro'

nd- 'NEG' + ***o-*** '3' + ***i̲-*** '3' + ***-kuaa*** 'saber' + ***-i̲*** 'NEG' → ***ndoikuaai*** [ⁿdoʲ.kʷa.ˈaʲ] 'não o sabe'

nd- 'NEG' + ***o-*** '3' + ***-o*** 'ir' + ***-i̲*** 'NEG' → ***ndooi*** [ⁿdo.ˈɔʲ] 'não foi'

Exemplos da condição "se isso não reduzir a palavra a uma só sílaba":

o- '3' + ***-i̲*** 'destacar-se' → ***oi̲*** [o.ˈi] 'destacou-se'

o- '3' + ***-ĩ̲*** 'estar localizado' → ***oĩ̲*** [õ.ˈĩ] '(ele) está'

3.5.3 Evitando grupos tonais monossilábicos

A condição nestas duas regras sugere uma predisposição, da parte da língua, de evitar palavras monossilábicas que podem ocorrer frequentemente como um grupo tonal (o qual corresponde ao sintagma gramatical; seção 3.4).[2] Essa predisposição fica ainda mais evidente na seção seguinte.

3.6 Geminação vocálica; o padrão iâmbico

Numa palavra monossilábica que comumente ocorre como grupo tonal, a vogal sofre **GEMINAÇÃO**, ou seja, ela é repetida, acrescentando uma sílaba para a palavra ficar dissilábica.[3] Este processo se encontra com todas as vogais, nasalizadas ou não, e com palavras de vários classes lexicais:

PRONOMES PESSOAIS LIVRES (FIGURA 6):

xe- [t͡sɛ] '1SG' + geminação → ***xee*** [t͡sɛ.'ɛ] 'eu'

nde- [ⁿdɛ] '2SG' + geminação → ***ndee*** [ⁿdɛ.'ɛ] 'você'

pẽ- [pɛ̃] '2PL' + geminação → ***peẽ*** [pɛ̃.'ɛ̃] 'vocês'

NOMES NÃO-RELACIONAIS (SEÇÃO 6.3.1):

guã- [ŋʷã] + geminação → ***guaã*** [ŋʷã.'ã] 'vaga-lume'

mbi [ᵐbi] + geminação → ***mbii*** [ᵐbi.'i] 'lagarta'

nhũ- [ɲũ] + geminação → ***nhuũ*** [ɲũ.'ũ] 'grama'

y [ɨ] 'água'+ geminação → ***yy*** [ɨ.'ɨ] 'água'

NOMES RELACIONAIS DA CLASSE R- (SEÇÃO 5.1):

-o [ɔ] 'casa'+ geminação → ***oo*** [o.'ɔ] 'casa'

tu* [tu] + geminação → ***tuu*** [tu.'u] 'pai'

VERBOS INTRANSITIVOS DA CLASSE R- (SEÇÃO 5.1):

ũ- [ũ] 'preto' + geminação → ***huũ*** [hũ.'ũ] 'ficar preto'

-e [ɛ] + geminação → ***hee*** [hɛ.'ɛ] 'ser gostoso

TERMOS ADVERBIAIS (SEÇÃO 20.8):

-kue ou ***kue-*** [kʷɛ] 'passado' + geminação → ***kuee*** [kʷɛ.'ɛ] 'ontem'

ko [ko] 'este' + geminação → ***koo*** [ko.'ɔ] 'aqui'

pe [pɛ] 'aquele alí (visível)' + geminação → ***pee*** [pɛ.'ɛ] 'alí (visível)'

ki [ki] 'aquele alí (não visível)' + geminação → ***kii*** [ki.'i] 'lá longe (não visível)'

Muitas ou todas as raízes monossilábicas existem na proto-língua tupi-guarani e em outras línguas da família. Certas delas ocorrem também na língua guarani mbyá, mas não como grupos tonais sem o acréscimo de outros morfemas:

pẽgui 'de vocês', ***xero*** 'minha casa', ***yakã*** 'rio' (lit., 'cabeça de água'), ***omoũ*** 'preteou', ***ho'okue*** '(o que era) carne de algo', ***kuegua*** 'algo que aconteceu no passado', ***kova'e*** 'isto', ***peva'e*** 'aquilo'.

Outras formas monossilábicas, que não sofrem geminação vocálica, não ocorrem comumente como grupo tonal:

POSPOSIÇÕES (ENCLÍTICAS; SEÇÃO 20.6):

py 'em', ***gui*** 'de', etc.

CONJUNÇÕES (ENCLÍTICAS; SEÇÃO 20.7):

vy 'sujeito igual', ***rã*** 'sujeito diferente', etc.

PARTÍCULAS (ENCLÍTICAS; SEÇÃO 20.1):

pa 'interrogação', ***ju*** 'outra vez', etc.

VERBOS INTRANSITIVOS DA CLASSE Ø (CUJA FLEXÃO SEMPRE ACRESCENTA UMA OU MAIS SÍLABAS):

---

[2] Conforme Hyman (1975:135s), "as línguas freqüentemente têm regras que 'conspiram' para produzir o mesmo resultado".

[3] A geminação consonantal é melhor conhecida, mas a vocálica existe em outras línguas também (Steve Parker, comunicação particular).

-pe ‘ficar achatado’, ***-py*** ‘ficar largo’, ***-vã*** ‘ficar inclinado’, etc.

NOMES RELACIONAIS DA CLASSE Ø (CUJA FLEXÃO SEMPRE ACRESCENTA UMA OU MAIS SÍLABAS):

kã ‘seio’, ***ky*** ‘piolho’, ***po*** ‘mão’, ***py*** ‘pé’, ***xã*** ‘corda’, ***xĩ*** ‘nariz’, ***xy*** ‘mãe’, etc.

A geminação vocálica produz um pé métrico iâmbico, que, conforme já vimos em relação à tonicidade (seção 3.4), tem uma função importante na língua. Este padrão rítmico também tem um papel morfológica, na integração de morfemas em palavras, que observamos mais adiante (seção 3.8.1). A predisposição de evitar grupos tonais monossilábicos, e de se produzir iambos, parece ser um tipo de “conspiração funcional” fonológica, que as línguas às vezes apresentam (Hyman 1975:135-37). O iambo tem mais um papel ainda, na reduplicação dissilábica, com se vê na seção seguinte.

3.7 Reduplicação dissilábica

Certas palavras polissilábicas — principalmente predicadores, mas também numerais — podem, por razões semânticas, sofrer o processo de reduplicação dissilábica, pela qual suas últimas duas sílabas são repetidas, sejam como forem as fronteira morfológicas:

ASPECTO VERBAL ITERATIVO:

oveve [o.βɛ.'βɛ] ‘voou’ (de ***-veve*** ‘voar’) → ***oveve-veve*** [o.βɛ.βɛ.βɛ.'βɛ] ‘voou e voou’

aipapa [aⁱ.pa.'pa] ‘contei’ (de ***-papa*** ‘contar’) → ***aipapa-papa*** [aⁱ.pa.pa.pa.'pa] ‘contei e contei’

anha [ã.'ɲã] ‘corri’ (de ***-nha*** ‘correr’) → ***anha-anha*** [ã.ɲã.ã.'ɲã] ‘corri e corri’

ijayvu [ʔi.ᵈʒa.ɨ.'βu] ‘falou’ (de ***-ayvu*** ‘falar’) → ***ijayvu-yvu*** [ʔi.ᵈʒa.ɨ.βu.ɨ.'βu] ‘falou e falou’

REFERÊNCIA DISTRIBUTIVA:

peteĩ [pɛ̃.'tɛ̃ĩ] ‘um’ → ***peteĩ-teĩ*** [pɛ̃.tɛ̃ĩ.'tɛ̃ĩ] ‘um por um’ ou ‘cada um’

ovaẽ va'e [õ.βã.'ɛ̃ βa.ʔɛ] ‘quem está chegando’ → ***ovaẽ va'e-va'e*** [õ.βã.'ɛ̃ βa.ʔɛ.βa.ʔɛ] ‘cada um que chegue’

ovaẽ va'ekue [õ.βã.'ɛ̃ βa.ʔɛ.kʷɛ] ‘quem chegou’ → ***ovaẽ va'ekue-'ekue*** [õ.βã.'ɛ̃ βa.ʔɛ.kʷɛ.ʔɛ.kʷɛ] ‘cada um que chegou’

ovaẽ va'erã [õ.βã.'ɛ̃ βã.ʔɛ̃.ɾã] ‘quem chegará’ → ***ovaẽ va'erã-'erã*** [õ.βã.'ɛ̃ βã.ʔɛ̃.ɾã.ʔɛ̃.ɾã] ‘cada um que chegará’

EM SENTIDO IDIOMÁTICO:

ojapo vai [o.ᵈʒa.po wa.'i] ‘fez mal’ → ***ojapo vai-vai*** [o.ᵈʒa.po wa.i.wa.'i] ‘fez mal-e-mal’

Se a forma original terminar num ditongo, ele apenas aparece no final da forma reduplicada:

ASPECTO VERBAL ITERATIVO:

omyĩ [õ.'mɨ̃ⁱ] ‘mexeu-se’ (de ***-myĩ*** ‘mexer-se’) → ***omy-omyĩ*** [õ.mɨ̃.õ.'mɨ̃ⁱ] ‘mexeu e mexeu-se’

nda'evei [ⁿda.ʔɛ.'vɛⁱ] ‘é ruim’ → ***nda'eve-'evei*** [ⁿda.ʔɛ.vɛ.ʔɛ.'vɛⁱ] ‘ficava piorando’

REFERÊNCIA DISTRIBUTIVA:

mokoĩ [mõ.'kõ ⁱ] ‘dois’ → ***mokõ-mokoĩ*** [mõ.kõ.mõ.'kõ ⁱ] ‘dois em dois’

Se a forma original tiver um ditongo decrescente na penúltima sílaba (exemplos só constam em verbos; seção 3.5), há duas possibilidades. Na primeira, o ditongo se torna a ser uma sílaba plena na forma reduplicada:

ASPECTO VERBAL ITERATIVO:

oike [oⁱ.'kɛ] ‘entrou’ ou ‘entraram’ (de ***-ike*** ‘entrar’) → ***oike-ike*** [oⁱ.kɛ.i.'kɛ] ‘continuavam entrando’

oiko [oⁱ.'kɔ] ‘andou’ (de ***-iko*** ‘andar’) → ***oiko-iko*** [oⁱ.ko.i.'kɔ] ‘andou e andou’

nda'eveive [ⁿda.ʔɛ.vɛⁱ.'vɛ] ‘é pior’ → ***nda'eveive-ive*** ‘ficava cada vez pior’

Esta primeira possibilidade ainda funciona no caso da perda de vogal (seção 3.5):

ASPECTO VERBAL ITERATIVO:

peka [pɛ.'ka] ‘(vocês) procurem’ (de ***-eka*** ‘procurar’) → ***peka-eka*** [pɛ.ka.ɛ.'ka] ‘procurem e procurem’

Na segunda possibilidade – que possivelmente seja limitada a certas palavras – as duas sílabas são repetidas na mesma forma como elas ocorrem na palavra original:

ASPECTO VERBAL ITERATIVO:

oiko [oⁱ.'kɔ] ‘andou’ (de ***-iko*** ‘andar’) → ***oiko-oiko*** [oⁱ.ko.oⁱ.'kɔ] ‘andou e andou’

3.8 A divisão em palavras; espaços

Em guarani mbyá, os sinais da integração de morfemas em palavras são vários e, às vezes, conflitantes: trata-se de critérios morfossintáticos e fonológicos, secundariamente critérios semânticos.[4] A multiplicidade dos critérios resulta num quadro complexo da palavra, com a possibilidade do encaixamento sucessivo de unidades morfológica-lexicais, ou seja, de unidades dentro de unidades; no caso da locução predicadora, isto é apresentado na Figura 30. O espaço, portanto, pode ser utilizado tanto para separar unidades dentro de palavras quanto na divisa de palavras. Deve ser destacado aqui que a maneira de se inserir espaços na língua escrita foi elaborada, durante anos, pelos próprios escritores guarani, e não reflete qualquer norma baixada de fora. Os ajustes continuam, como em qualquer língua viva.

3.8.1 As palavras morfológicas padrão; tipos de radical

Para uma **PALAVRA MORFOLÓGICA PADRÃO**, o critério morfológico principal é o seguinte: a palavra é composta do seu radical mais a flexão que tiver. Conforme Crystal (2000:218), "O radical pode se constituir de um único morfema de raiz (um **RADICAL SIMPLES**, como *roupa*), de dois morfemas de raiz (um **RADICAL COMPOSTO**, como *guarda-roupa*) ou de um morfema de raiz mais um afixo derivacional (um **RADICAL COMPLEXO**, como *rouparia*)."[5] Espaços são geralmente inseridos antes e depois da palavra morfológica padrão, não dentro dela. Em certos casos, ocorrem morfemas que indicam se duas raízes são integrados dentro do mesmo radical ou se eles pertencem a palavras morfológicas distintas (veja seções 3.8.1.1 e 3.8.1.2 abaixo e seção 15). Existem também fatores fonológicos e semânticos que apontam para a integração morfológica. Esses fatores resultam ora na inserção de espaços dentro da palavra morfológica padrão (entre raízes), ora na eliminação de espaços entre palavras morfológicas padrão. Os fatores fonológicos são: o padrão rítmico (seção 3.8.1.3), a nasalização regressiva (seção 3.8.1.4) e progressiva (seção 3.8.1.5), e modificação segmental (seções 3.8.1.1 e 3.8.1.6).

3.8.1.1 O prefixo *r-*[1]

O prefixo ***r-***[1] ocorre medial no sintagma em posição inicial de certos radicais (os da classe ***r-***). Já que não ocorre medial no radical, ele não ocorre após afixos derivacionais (***joegua*** 'que pertencem um ao outro; irmãos', ***mba'eyru*** 'automóvel' [lit., 'receptáculo de algo']), mas pode ocorrer após prefixos de flexão (***xero*** 'minha casa', ***xerexarai*** 'esqueceu-me', ***xere*** 'com respeito a mim'). O prefixo ocorre também após fronteiras de palavra que são mediais no sintagma (***jagua ro*** 'casa do cachorro', ***yapu ratã*** 'trovão forte', ***ake rana*** 'dormi fundo', ***tape rupi*** 'pelo caminho').

Já que o prefixo ***r-***[1] ocorre em posição inicial de radical, ele não ocorre em posição medial num radical verbal formado pela incorporação nominal (seção 14), nem entre as raízess de um radical composto (seção 15): ***yaku*** 'chá, café' (lit., 'água quente') em vez de ***y raku*** ou ***yy raku***, e ***ipy'a eta*** 'está ansioso' (lit., 'tem muitos fígados') em lugar de ***ipy'a reta*** (C. Jensen 1998a:512). Consequentemente, a ausência deste prefixo entre raízes pode ajudar na identificação da composição (da qual a incorporação nominal em verbos pode ser considerada caso especial).[6]

3.8.1.2 O sufixo verbal *-a*[3] 'voz impessoal'

Outro morfema que ajuda na delimitação de radicais é o sufixo verbal ***-a***[3], que indica a voz impessoal (veja seção 13.2.3). Este sufixo, ocorrendo no fim do radical do predicador principal, pode indicar se um advérbio faz parte do radical ou fica fora dele. No verbo ***xejou porãa*** 'fui achado bom, fui aprovado', o radical ***-jou porã*** 'achar bom' inclui o modificador ***porã*** 'bom'; enquando em ***xembo'ea porã*** 'fui ensinado bem', o

---

[4] As unidades lexicais podem ser palavras ou expressões maiores. Se seu significado total for diferente da simples soma dos significados das suas partes, é um sinal que apresenta uma unidade lexical, não uma unidade sintática apenas (Nunberg, Sag e Wasow 1994:492).

[5] No léxico, a forma de citação é geralmente um radical, que é reconhecido pelos falantes nativos mesmo se ele raramente ou nunca ocorrer sozinho. Radicais que geralmente requerem flexão são escritos precedidos de um hífen: ***-ma'ẽ*** v. t. indireto 'olhar'.

[6] Quando, porém, a ausência do ***r-***[1] medial num radical composto iria fazer com que duas vogais homorgânicas se juntassem, o prefixo é retido (***yryru*** 'balde', ***-mba'erexa*** 'agourar'). Esta regra desconsidera semivogais: ***tuguai-ratã*** 'tatu' (lit., 'rabo duro'); a palavra ***tuguai*** 'rabo' termina na semivogal ***i***.

mesmo modificador não faz parte do radical ***-mbo'e*** ‘ensinar’. Portanto, o sufixo da voz impessoal assim como o morfema ***r-***[1] (seção 3.8.1.1 acima) pode ajudar na identificação de radicais compostos; contudo, por causa dos fatores fonológicos a serem mencionados abaixo, o mero fato de composição não determina a inclusão nem a ausência de espaços.

3.8.1.3 O padrão rítmico

O padrão rítmico, que tende a dispor o sintagma em pés iâmbicos (seção 3.4), tem consequências para a integração de morfemas em palavras: quando a fronteira entre pés corresponder a uma fronteira entre morfemas, há menor percepção de integração e maior tendência para o escritor inserir um espaço, do que quando um fronteira entre morfemas ocorre no meio do pé. Nos exemplos seguintes, utilizamos o símbolo ↘ para representar uma sílaba átona e ↗ para uma sílaba tônica; um iambo, pois, tem a forma ↘ ↗ e um anapesto tem a forma ↘ ↘ ↗.[7]

EXPRESSÃO VERBAL ESCRITA COM ESPAÇO:

oje'a vyky [o.ᵈʒɛ.ˌʔa.βɬ. 'kɬ] ‘penteou o cabelo’; o nome ***-'a*** ‘cabelo’ é incorporado);

Divisão métrica	anapesto			iambo	
	↘	↘	↗	↘	↗
	o	***je***	***'a***	***vy***	***ky***
Divisão morfológica	***o-***	***je-***	***'a***	***vyky***	
	3	refl.	cabelo	maltratar	
	‘penteou o cabelo’				

EXPRESSÃO VERBAL ESCRITA SEM ESPAÇO:

ojepoei [o.ˌᵈʒɛ.po.'ɛⁱ] ‘lavou as mãos’ (com o nome ***-po*** ‘mão’ incorporado; ***-ei*** ‘lavar’ é monossilábico devido ao ditongo).[8]

Divisão métrica	iambo		iambo	
	↘	↗	↘	↗
	o	***je***	***po***	***ei***
Divisão morfológica	***o-***	***je-***	***po-***	***ei***
	3	refl.	mão	lavar
	‘lavou as mãos’			

Portanto, quando as fronteiras da divisão morfológica são iguais às da divisão rítmica, há maior tendência de se reconhecê-las e escrever um espaço; quando as fronteiras são desiguais, essa tendência é menor.

Um caso especial deste critério tem a ver com raízes monossilábicas que ocorrem inicial ou final no sintagma: elas são geralmente escritas juntas com as raízes justapostas, sem espaço. Isso se vê em várias construções:

- na posse nominal: ***yvyra'a*** ‘fruta de árvore’; compare ***yvyra rapo*** ‘raiz de árvore’
- na modificação nominal: ***tyguaxu*** ‘está cheio’ (lit., ‘tem água grande’); compare ***mby'a guaxu*** ‘coragem’ (lit., ‘fígado grande’)
- na modificação verbal: ***oy'upa*** ‘bebeu tudo’; compare ***oy'u vaipa*** ‘bebeu muito’
- na composição: ***yaku*** ‘água quente’; compare ***ita raku*** ‘pedra quente’

3.8.1.4 A nasalização regressiva

A nasalização regressiva geralmente afeta todos os segmentos anteriores, até chegar ao começo da palavra morfológica padrão (seção 3.3). É principalmente através dela que reconhecemos que os elementos

---

[7] Iambo é pé composto de uma sílaba átona seguida de uma tônica, enquanto anapesto tem duas sílabas átonas seguidas de uma tônica.

[8] Às vezes dois afixos são separados do radical por um espaço: ***ojevy ve'ỹ aguã*** ‘para não voltar mais’.

pronominais de posse são prefixos flexionais e não pronomes livres: ***ndejaryi*** [ⁿdɛ.ᵈʒa.ˈɾɨⁱ] ‘tua avó’, ***neramoĩ*** [nɛ̃.ɾã.ˈmõⁱ] ‘teu avô’.[9] A nasalização regressiva também afeta a forma de prefixos derivacionais e outros prefixos flexionais: ***nanhemoirũi hexe*** [nã.ɲɛ̃.mõⁱ.ˈɾũⁱ hɛ.t͡sɛ] ‘não faço-me companheiro dele’. Na composição, ela pode atingir a primeira raiz (seção 15): ***nepoapẽ*** [nɛ̃.põ.ã.ˈpɛ̃] ‘sua unha de mão’. Já no nome ***ndepo mbyte*** [ⁿdɛ.ˈpo ᵐbɨ.ˈtɛ] ‘a palma da sua mão’, a primeira raiz não é nasalizada e a expressão é tida como um sintagma nominal normal em vez de palavra composta, sendo escrito com espaço. Observamos essa diferença principalmente através da nasalização. Contudo, é raro que a nasalização regressiva afete um nome incorporado num verbo (seção 14), a não ser que trate de uma raiz monossilábica (parágrafo (3.8.1.3) acima): no verbo ***nepytuẽ*** [nɛ̃.pɨ̃.tũ.ˈɛ̃] ‘você exalou’, o nome ***-pytu*** ‘exalação’ é nasalizado e o todo é escrito sem espaço. Mais comumente, ocorre como no verbo ***rejexa mo'ã*** [ɾɛ.ᵈʒɛ.t͡sa.mõ.ˈʔã] ‘você sobreou seus olhos’, onde o nome ***-exa*** ‘olho’ não é nasalizado e o verbo é escrito com espaço.

3.8.1.5 A nasalização progressiva

A nasalização progressiva regularmente passa de uma palavra morfológica padrão para a palavra seguinte, dentro do mesmo sintagma. Esta integração fonológica é comumente refletida no fato de tudo ser escrito sem espaço: compare ***pinhondy*** [pĩ.ɲõ.ˈⁿdɨ] ‘pinhal’ com ***avaxi ty*** ou ***avaxity*** [a.βa.t͡si.ˈtɨ] ‘milharal’, ambos com o nome ***ty*** ~ ***ndy*** ‘coleção’; compare também ***inhakãngyta*** ou ***inhakangyta*** [ĩ.ɲã.kã.ⁿgɨ.ˈta] ‘suporte para sua cabeça’ com ***ijyva yta*** [i.ᵈʒɨ.βa.ɨ.ˈta] ‘suporte para seu braço’, com o nome ***yta*** ~ ***ngyta*** ‘suporte’.

3.8.1.6 A integração morfológica

Um alto grau de integração morfológica é assinalado quando ocorre modificação segmental: ***-akanhy*** [ã.kã.ˈɲɨ̃] ‘experimentar vertigem’ (de ***akã*** [ã.ˈkã] ‘cabeça’ + ***-kanhy*** [kã.ˈɲɨ̃] ‘perder-se’), ***-kane'õ*** [kã.nɛ̃.ˈʔõ] ‘estar cansado’ (de ***-kã*** [ˈkã] ‘osso’ + ***-e'õ*** [ɛ̃.ˈʔõ] ‘estar mole’).

3.8.2 Palavras gramaticais

Em guarani mbyá, a maior questão quanto a escrita de palavras gramaticais (as que não contêm uma raiz lexical) tem a ver com os **PÓS-CLÍTICOS**, especialmente os elementos átonos que se agregam apos um sintagma anterior. Trata-se principalmente de conjunções (***rire*** ‘depois que’, ***vy*** ‘sujeito igual’, ***ramo*** ‘sujeito diferente’, etc.; seção 0) e posposições (***py*** ‘dentro de’, ***reve*** ‘com’, ***gui*** ‘de’, etc.; seção 20.6). Os escritores guarani da Editora Nhombo'ea escrevem estes elementos como palavras separadas.

3.8.3 A divisão em palavras através de ata

A maneira descrita acima de se escrever espaços representa um consenso entre professores e escritores guarani de várias aldeias e estados que participaram no Curso de Capacitação em Língua Guarani (Curitiba, 12-16/05/97). Neste curso, a divisão em palavras foi amplamente discutida e testada. O seguinte trecho é um extrato de uma ata adotada unanimemente pelos participantes. (A ata trata apenas das palavras lexicais como na seção 3.8.1, não das palavras gramaticais como na seção 3.8.2 acima; as “palavras sintáticas” na ata correspondem às “palavras morfológicas padrão” definidas na seção 3.8.1.)

- “Pode-se escrever espaços dentro de palavras sintáticas, como na fronteira entre raízes numa palavra composta.
- “Pode-se omitir espaços entre palavras sintáticas, especialmente entre elementos que são unidos pelos processos fonológicos de nasalização progressiva e tonicidade.
- “Elementos escritos à parte, separados do radical por espaço, incluem os seguintes:
  - elementos átonos (***javy ju*** ‘levantámo-nos de novo’);
  - modificadores pospostos de duas ou mais sílabas (***avy porã*** ‘me levantei bem’);
  - outros radicais, desde que não haja perda de independência fonológica (***mboi pytã*** ‘cobra coral’ [lit., ‘cobra vermelha ou pintada’]).
- “Elementos escritos junto ao radical, sem espaço, são os seguintes:
  - prefixos (***jaguapy*** ‘sentamo-nos’);

---

[9] Em certos outros dialetos da língua guarani, tal como kaiwá e avanhe'ẽ (paraguaio), esses elementos pronominais são evidentemente formas livres (veja C. Jensen 1998a:559).

- modificadores pospostos, sendo tônicos e monossilábicos (***javypa*** ‘todos levantamo-nos’;
- outros radicais onde há perda da independência fonológica (***yakã*** ‘rio’, no qual os nomes ***y*** ‘água’ ***akã*** ‘cabeça’ se encontram unidos pelo processo de nasalização regressiva).”

3.9 O hífen

O hífen indica que a palavra continua, mas com um acréscimo que, de uma forma ou outra, não é estreitamente integrada como são as partes de uma palavra morfológica padrão (seção 3.8.1). (O espaço indica menos integração ainda.) O hífen é usado nas seguintes quatro condições:

EM PALAVRAS COMPOSTAS IDIOMÁTICAS (CUJO SIGNIFICADO NÃO É A SIMPLES SOMA DO SIGNIFICADO DAS PARTES; NUNBERG, SAG E WASOW 1994:492; SEÇÃO 15):
jaxy-tata ‘estrela’ (lit., ‘lua-fogo’), ***mboi-mbaraka*** ‘cascavel’ (lit., ‘cobra-instrumento’).

NA REDUPLICAÇÃO, QUE NESTE DIALETO É QUASE SEMPRE DISSILÁBICA (SEÇÃO 3.7):
ha'ekue-'ekue ‘sempre como antes’, ***peteĩ-teĩ*** ‘um por um’, ***mokõ-mokoĩ*** ‘dois em dois’, ***joupe-upe*** ‘um(uns) ao(s) outro(s)’.

COM EMPRÉSTIMOS QUE TÊM SUFIXOS DO GUARANI:
dez-a ‘o décimo’, ***mil-kue*** ‘mil vezes’, ***José-a gui*** ‘de onde José está’, ***Sara-a py*** ‘aonde Sara está’.

PARA INDICAR UMA VOGAL U SILÁBICA SEGUIDA DE UM SUFIXO:
yvyra puku-a ‘o comprimento da árvore’, ***kuaray raku-a*** ‘o calor do sol’ (mas não em ***hu'y rakua*** ‘a ponta da flecha’); o efeito é semelhante ao da trema em português, mas evita a aprendizagem de outro símbolo.

O hífen poderia ser utilizado muito mais – por exemplo, antes de enclíticos tais como posposições e certas conjunções; contudo, para os escritores guarani, uma utilização mínima é mais fácil de aprender e suficiente para a compreensão.

3.10 Entonação e pontuação

Os sinais de pontuação têm as mesmas funções gerais como em português — acima de tudo, na sinalização de contornos da entonação. O ponto final geralmente corresponde a uma queda final no fim do enunciado (***Kuee ajuka mboi.*** ‘Ontem matei uma cobra.’), enquanto o ponto de interrogação corresponde a uma elevação no contorno no fim da frase (***Rejuka pa mboi?*** ‘Matou a cobra?’). Às vezes, especialmente com perguntas tipo “sim ou não” (seção 11.1.4.1), esta elevação é acompanhada por uma laringalização ou glotalização, além de uma partícula de interrogação como ***pa*** (veja “partículas modais” na seção 12.3.3.2); a “interrogação de conteúdo” nem sempre utiliza um contorno distintivo (seção 11.1.4.2). O ponto de exclamação frequentemente corresponde a um contorno elevado por inteiro.

Devido a certas diferenças gramaticais em relação ao português, em guarani certos sinais de pontuação em posição medial da frase são bem menos usados. A vírgula, por exemplo, é comumente dispensada porque sua função – a de assinalar pausas que, por sua vez, indicam fronteiras sintáticas dentro da oração ou sentença – é comumente desempenhada por elementos átonos, especialmente partículas “espaçadoras” (seção 24.4.3.2) e conjunções (seção 21.1). Por causa desses elementos, a pausa na língua falada e a vírgula na língua escrita não são utilizadas com a mesma frequencia como em português. Por razões semelhantes, o ponto-e-vírgula também é pouco utilizado em guarani. A relação entre entonação e a estrutura informacional é considerada na seção 24.4.4.

3.11 Observações gerais sobre a escrita

A ortografia utilizada nesta obra reflete princípios consensuais da parte dos professores e escritores guarani que a elaboraram. Entre eles estão os seguintes:

- A língua guarani mbyá tem estruturas, elementos e normas que são diferentes do português e são naturalmente refletidas na escrita: a vogal *y*, oclusão glotal ', o padrão de tonicidade que reflete a palavra padrão que é oxítona, etc.
- A escrita deve refletir os sons da língua da forma mais simples possível. Por isso é utilizado a letra *k* e não a combinação de *c* e *qu*. Pela mesma razão, o til é utilizado apenas de uma maneira mínima (seção 3.3). Isso facilita em muito a alfabetização na língua.
- Onde o guarani é igual ao português, a escrita é geralmente igual também. Por isso é utilizado o dígrafo *nh* e não *ñ*, como no Paraguai.
- A escrita deve ser inteligível e utilizável por todos os guarani mbyá, não por um subgrupo apenas.

- Diferenças entre dialetos e falares devem ser respeitadas.
- A ortografia deve possibilitar a escrita de todas as palavras em todos os falares: ***yva*** e ***yvay*** 'céu'; ***aỹ*** e ***ko'aỹ*** 'agora'; ***jaa*** e ***jaha*** 'vamos', etc.
- O papel da linguística é de informar, mas não determinar, a ortografia. Os escritores da própria língua materna são os que determinam como ela deve ser escrita.
- É pela determinação dos escritores na língua que a ortografia tem formas distintas para certos alofones de consoantes: alofones do fonema /m/ são escritos *mb* e *m*, os do /n/ são escritos *nd* e *n*, os do /ɲ/ são escritos *j* e *nh*. Isto facilita a transição do português para a escrita guarani e vice-versa. Dentro da própria língua guarani, tais práticas têm um papel assinalando a nasalização (seção 3.3).

  Esta obra utiliza a ortografia que atualmente vem sendo utilizada na Editora Nhombo'ea Guarani.

4 A ordem de constituintes: resumo

São apresentadas aqui, de uma forma bem resumida, a ordem básica de constituintes nas construções mais citadas na tipologia sintática: na oração, no sintagma nominal, na locução predicadora, na locução adjetiva, no sintagma adposicional, com conjunções subordinativas e na flexão.

4.1 Na oração independente; o marcado e o não-marcado

Nas orações independentes, a ordem mais neutra dos constituintes não-pronominais é o seguinte:

Sujeito – Predicador – Objeto direto – Adjunto

Figura 3: A ordem pragmaticamente neutra nas orações independentes

Esta ordem, que é geralmente indicada como SVO(Adjunto), se observa em orações tais como a seguinte:

ava Sujeito ***oexa***Predicador ***jagua***Objeto direto ***oguy py***Adjunto
'o homem viu o cachorro no galpão'.

Sua determinação segue o critério seguinte: "uma certa ordem de palavras pode ser chamada de **NÃO-MARCADA** num sentido discursivo-pragmático se ela for a ordem neutra, ou seja, se houver maneiras concisas para caracterizar as situações nas quais outras ordens [que são as **ORDENS MARCADAS**, RAD] são utilizadas, de tal maneira que a ordem neutra seja mais facilmente caracterizada como sendo a ordem que ocorre nos demais ambientes" (Dryer 1995:105-6). Este tipo de evidência é apresentada na seção 24.4.1 (veja também Dooley 1982).

Esta também é a ordem utilizada na ausência de um contexto discursivo e também para resolver dúvidas sobre quem fez o que a quem. Contudo, quatro ressalvas devem ser registradas:

- No discurso natural, a maioria das orações transitivas não apresenta todos os três termos não-predicadores em forma explícita de termo. Isso, porque na maioria dos tipos de predicação, tanto o sujeito como o objeto direto (e o complemento de posposição também) são ocultos por padrão (seções 6.2 e 24.2), uma vez ativados.[10]
- Nesta língua, há uma maior flexibilidade de ordem do que em português e bem maior do que em inglês (veja seção 24.4.1).
- Nas orações dependentes de todos os tipos (seção 21), o predicador geralmente ocorre em posição final, ou seja, a ordem básica é sujeito – objeto direto – predicador (SOV), como nas línguas tupi-guarani em geral (C. Jensen 1998a:555).
- A maioria das outras ordens na língua seriam tipologicamente consistentes com uma ordem básica SOV, o que sugere que numa etapa anterior do desenvolvimento da língua, a ordem básica era realmente SOV.

4.2 No sintagma nominal

Dentro do sintagma nominal, as seguintes ordens vigoram (veja seção 18 e Figura 34):

- não há artigo definido, mas numerais comumente indicam o indefinido (seção 18.4);

[10] Guarani mbyá apresenta outras características tipológicas que são comuns nas línguas pro-drop: predicação nominal de fenômeno sem sujeito (seção 9.5.1) e possibilidade da inversão do sujeito para ocorrer após o verbo (seções **Error! Reference source not found.** e 24.3.1.3); veja Croft 2003:80ss.

- demonstrativo + nome nuclear: ***kova'e oo*** ‘esta casa’;
- numeral + nome nuclear: ***mokoĩ oo*** ‘duas casas’;
- possuidor + nome nuclear: ***jagua ro*** ‘a casa do cachorro’, ***xero*** ‘minha casa’;
- nome nuclear + adjetivo: ***oo porã*** ‘casa bonita’;
- nome nuclear + oração subordinada adjetiva: ***oo aexa va'ekue*** ‘a casa que vi’.

4.3 Na locução predicadora

Dentro da locução predicadora (“a expressão verbal”), as seguintes ordens vigoram (veja seção 12):

- predicador principal + advérbio: ***oguata porã*** ‘viajou bem’;
- não ocorre verbo auxiliar
- ocorrem verbos copulares somente e facultativamente com predicadores de atributo não-flexionados (veja seção 9.4) e com predicativos nominais (seção 9.6.1)

4.4 Na locução adjetiva

Dentro da locução adjetiva, as seguintes ordens vigoram:

- adjetivo + advérbio: ***ei-raviju porã vaipa*** ‘mandaçaia bem bonita’;
- base + comparativo: ***xegui tuvixave*** ‘maior que eu’.

4.5 No sintagma adposicional

Dentro do sintagma adposicional, as seguintes ordens vigoram (seção 20.6):

- sintagma nominal + posposição: ***oo gui*** ‘da casa’;
- *pronome* + *posposição*: ***xegui*** ‘de mim’ (seção 5.4).

4.6 Com conjunções subordinativas

Com conjunções subordinativas (seção 0), a ordem é:

- oração subordinada + conjunção subordinativa: ***xero katy aa jave...*** ‘quando estava indo para casa...’.

4.7 Com orações subordinadas

A oração subordinada tende a ocorrer antes da oração matriz (***xero katy aa jave aexa mboi tape py*** ‘quando estava indo para casa vi uma cobra no caminho’), com certas exceções devidas à semântica (seção 21.3.1) ou à estrutura informacional (seção 24.3.2.3).

4.8 A ordem positivo-negativo

Quando ocorrerem duas orações, uma positiva e a outra em sentido contrário, como negação da primeira, a ordem padrão é:

- *positivo* + *negativo*:
  ha'e kuery ma São Paulo pygua meme, apygua e'ỹ ‘eles são todos habitantes de São Paulo, não habitantes daqui’.

  A mesma ordem padrão vigora no nivel do sintagma. Para maiores informações, veja seção 16.10.

4.9 Flexão

A flexão apresenta duas ordens opostas:

- a flexão de pessoa e número ocorre prefixa no radical verbal, nominal e posposicional (seção 5);
- a flexão de tempo (seção 18.2) e a marcação de pluralidade (seção 18.3) ocorrem após o nome nuclear.

4.10 Comentário

Conforme Comrie (1989, cap. 4), certos parâmetros de ordem são mais importantes que os outros. Os principais são:

- a ordem entre sujeito (S), objeto (O) e verbo (V); há importância especial entre os dois últimos: VO ou OV;
- a ordem entre nome (N) e adjetivo (A): NA ou AN;
- a ordem entre nome (N) e genitivo (G): NG ou GN;
- preposição (Pr) ou posposição (Po).

Nestes parâmetros, guarani mbyá apresenta as seguintes ordens: SVO, NA, GN, Po. Já que o primeiro parâmetro é SOV nas orações dependentes (onde as línguas geralmente são mais conservadoras; seção

21.2.1.12), C. Jensen (1998a:557) sugere que a ordem na proto-tupi-guarani era SOV. A combinação resultante – SOV, NA, GN, Po – figura entre as quatro combinações mais comuns nas línguas do mundo (Comrie 1989:95).[11] Certas outras das ordens observadas acima também tendem a ocorrer com SOV e com OV em geral, inclusive a ordem oração subordinada + oração matriz (Roberts 1997).

5 A flexão de pessoa e número

Em guarani mbyá, a flexão de pessoa e número é realizada através de prefixos.

5.1 Dois paradigmas: flexão *a-* e flexão *xe-*

Existem dois paradigmas básicos de flexão de pessoa e número, os quais são denominados, através da forma da 1ª pessoa do singular, **FLEXÃO A-** e **FLEXÃO XE-**.[12] A flexão ***a-*** ocorre como flexão de sujeito em todos os verbos transitivos diretos e em certos verbos intransitivos e transitivos indiretos. Os verbos que levam a flexão ***a-*** geralmente relatam processos envolvendo a volição (eventos, atividades etc. que se percebem ou se apresentam como desenrolando no tempo; Langacker 2000:11 e Figura 15; o agrupamento de argumentos "ativo"; seção 7.3). A flexão ***xe-*** aplica-se aos demais participantes: ao objeto direto de verbos transitivos, ao sujeito de certos verbos intransitivos ou transitivos indiretos e à flexão de posse em nomes relacionais (os que aceitam posse) e à flexão de pessoa e número em posposições flexionáveis (o agrupamento de argumentos "estativo"; seção 7.3):

Elemento gramatical	**Tipo de flexão**
sujeito de v. t. direto	flexão ***a-***
sujeito de v. i. ou v. t. indireto	flexão ***a-*** ou flexão ***xe-***
objeto direto de v. t. direto	flexão ***xe-***
flexão em nome relacional, flexionável	flexão ***xe-***
flexão em posposição flexionável	flexão ***xe-***

Figura 4: Os dois tipos de flexão e seus ambientes de uso

As formas são as seguintes (as entre parênteses são variantes ortográficas):

	Flexão ***a-***	Flexão ***xe-***	
		com radical da classe ***Ø***	com radical da classe ***r***
1ª pess. do sing.	***a-***	***xe-***	***xe- + r***
2ª pess. do sing.	***ere- ~ re-***	***nde- (ne-)***	***nde- (ne-) + r***
3ª pess. do sing. e do pl.	***o-***	***i- ~ 'i- ~ ij- (inh-) ~ 'ij- ('inh-) ~ j- (nh-)***	***Ø ~ h-***
1ª pess. do pl., inclusiva	***ja- (nha-)***	***nhande- (nhane-)***	***nhande- (nhane-) + r***
1ª pess. do pl., exclusiva	***oro- ~ ro-***	***ore-***	***ore- + r***
2ª pess. do pl.	***pe-***	***pende- (pene-)***	***pende- (pene-) + r ~ pend- (pen-)***

Figura 5: Paradigmas da flexão de pessoa e número *a-* e *xe-*

As formas da flexão ***xe-*** poderiam ser pro-clíticos em vez de prefixos de flexão, especialmente na posição de posse e com posposições, mas quando antecedem o radical verbal eles parecem ser prefixos de flexão. Isto, pelas razões seguintes (Kroeger 2005, cap. 17):

- eles são obrigatórios, mesmo quando ocorrer uma expressão nominal livre na mesma relação gramatical:
  sujeito: ***xee ma xema'endu'a ndere*** 'eu me lembro de você'
  objeto direto: ***mba'e re tu xee xenupã uka?*** 'por que (você) me enviou a mim?
- antes deles podem ocorrer outros prefixos dentro da palavra verbal:

[11] A combinação apresentada no português – SVO, NA, NG, Pr –também é comum; em vários pontos, ela é a imagem simétrica da ordem em guarani mbyá.

[12] Em certos estudos sobre línguas da família tupi-guarani, flexão ***a-*** é denominada **PARADIGMA 1** e flexão ***xe-*** é denominada **PARADIGMA 2** (C. Jensen 1998a:498). Para uma discussão da flexão de pessoa e número em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seções 1 e 5.

flexão de sujeito: ***a-i-pota*** (1SG.sujeito-3.objeto-querer) ‘(eu) o quero’
negativo: ***na-xe-ma'endu'a-i*** (NEG-1SG.sujeito-lembrar.se) ‘não me lembro’

Por isso, todas as formas pronominais presas são tratados aqui como sendo prefixos de flexão, a saber, da flexão ***xe-***.

Os radicais da classe ***r-*** geralmente levam o segmento *r* na posição inicial do radical, enquanto os da classe ***Ø*** não levam esse segmento (veja seções 5.3 e 5.4).[13]

EXEMPLOS:
*v. t. direto (flexão de sujeito do tipo **a-**, flexão de objeto do tipo **xe-** + **Ø**):* ***oipota ei*** ‘ele(a) quer mel’: ***o-i-pota*** (3.sujeito-3.objeto-radical)
*v. t. direto (flexão de sujeito do tipo **a-**, flexão de objeto do tipo **xe-** + **r-**):* ***xerexa*** ‘viu-me’: ***xe-r-exa*** (1SG.objeto-***r***-radical)[14]
*v. i. (flexão de sujeito do tipo **a-** + **Ø**):* ***nhavaẽ*** ‘chegamos’: ***nha-vaẽ*** (1PL.incl-radical)
*v. i. (flexão de sujeito do tipo **a-** + **r-**):* ***orerexaĩ*** ‘estamos com saúde’: ***ore-r-exaĩ*** (1PLexcl-***r***-radical)
*v. t. indireto (flexão de sujeito do tipo **a-** + **Ø**):* ***imonda ao re*** ‘roubou a roupa’: ***i-monda*** (3-radical)
*v. t. indireto (flexão de sujeito do tipo **a-** + **r-**):* ***hexarai ao re*** ‘ele(a) esqueceu da roupa’: ***h-exarai*** (3-radical)[15]
*nome relacional (flexão de posse do tipo **xe-** + **Ø**):* ***nhaneakã*** ‘nossa cabeça’: ***nhane-akã*** (3-radical)
*nome relacional (flexão de posse do tipo **xe-** + **r-**):* ***nhaneraĩ*** ‘nosso dente’: ***nhane-akã*** (3-radical)
*posposição flexionada (flexão de complemento do tipo **xe-** + **Ø**):* ***pendegui*** ‘de vocês’: ***pende-gui*** (2PL-radical)
*posposição flexionada (flexão de complemento do tipo **xe-** + **r-**):* ***nderupive*** ‘acompanhando você’: ***nde-r-upive*** (2SG-***r***-radical).
*prefixo derivacional de v. t. direto (flexão de sujeito do tipo **a-**, flexão de objeto do tipo **xe-** + **Ø**):* ***xemboayvu*** ‘fez-me fazar’: ***xe-mbo-ayvu*** (1SG.objeto-CAUS-falar)
*prefixo derivacional de v. t. direto (flexão de sujeito do tipo **a-**, flexão de objeto do tipo **xe-** + **r-**):* ***xereroayvu*** ‘fez-me fazar’: ***xe-r-ero-ayvu*** (1SG.objeto- ***r*** -COMIT-falar)

Nem todos os radicais aceitam flexão: nome ***yvyra*** ‘madeira’; v. i. ***ha'eve*** ‘é bom, serve’; posposição ***guive*** ‘desde’.

5.2 Pronomes pessoais

Vários prefixos da flexão ***xe-*** são refletidos nos pronomes pessoais, que são todos livres. Além dos pronomes pessoais serem tônicos, todos são dissilábicos, alguns tornaram-se assim através do processo de geminação vocálica (seção 3.6):

Pronomes pessoais	
1ª pessoa do sing.	***xee***
2ª pessoa do sing.	***ndee***
3ª pessoa do sing.	***ha'e***
1ª pessoa do pl., inclusiva	***nhande (kuery)***
1ª pessoa do pl., exclusiva	***ore (kuery)***
2ª pessoa do pl.	***peẽ (kuery)*** ou ***pende (kuery)***
3ª pessoa do pl.	***ha'e kuery***

Figura 6: Os pronomes pessoais

O marcador de coletivo ***kuery*** é descrito na seção 18.3. Outros tipos de pronomes são descritos na seção

[13] Em vários trabalhos sobre línguas da família tupi-guarani, classe ***Ø*** é denominada **CLASSE I** e classe ***r-*** é denominada **CLASSE II** (C. Jensen 1998a:498).

[14] Em certas circunstâncias, um v. t. direto ocorre sem flexão de sujeito; em outras, ele ocorre sem flexão de objeto (seção 0).

[15] Com flexão da 3ª pessoa e em certas outras circunstâncias, radicais da classe ***r-*** ocorrem sem o ***r*** (seção 5.4).

20.2. Pronomes pessoais geralmente ocorrem apenas com motivação da estrutura informacional (seção 24.4.2).

5.3 Mais sobre radicais da classe *r-*

Não é apenas com flexão que radicais da classe ***r-*** utilizam o ***r-***:

- objeto direto + radical de v. t. direto: ***oo rarõ vy apyta*** 'fiquei guardando a casa';
- v. i. + advérbio: ***kuaray ojope raxy*** 'o sol está batendo dolorosamente';
- possuidor + nome relacional: ***jagua ro*** 'casa do cachorro';
- complemento + posposição flexionável: ***huvixa rupive*** 'acompanhando o chefe';
- nome nuclear + adjetivo: ***yvyra ratã*** 'madeira dura'.

O segmento ***r-*** só ocorre com radicais dessa classe em posição medial do sintagma ou dentro da palavra após prefixos de flexão (mas não ocorre após prefixos da 3ª pessoa). Para maior detalhes sobre seu uso, veja o verbete ***r-*** no léxico e C. Jensen 1998a, seção 16.

5.4 Paradigmas da flexão *xe-* com nomes e posposições

A flexão nos nomes relacionais inclui ainda outras formas:

- a forma não-relacional, sem posse (para nomes relacionais, veja seção 6.3.1);
- a forma da posse flexional reflexiva da 3ª pessoa;
- a forma da posse alheia ou recíproca da 3ª pessoa.

O paradigma completo encontra-se no quadro abaixo:

Categorias de flexão *xe-*	**Radicais da classe** *Ø*	**Radicais da classe** *r-*
Forma não-relacional	***po*** 'mão'	***tova*** 'testa'
Posse nominal	***tuu po*** 'mão do pai'	***tuu rova*** 'testa do pai'
Posse flexional da 1ª e 2ª pessoas	***xepo*** 'minha mão'	***xerova*** 'minha testa'
Posse flexional reflexiva da 3ª pessoa	***opo*** 'a própria mão dele(a)(s)'	***ngova*** 'a própria testa dele(a)(s)'
Posse flexional não-reflexiva da 3ª pessoa	***ipo*** 'a mão dele(a)(s)'	***hova*** 'a testa dele(a)(s)'
Posse alheia ou recíproca da 3ª pessoa	***jopo*** 'a mão de outrem', ou 'a mão um(ns) do(s) outro(s)'	***jova*** 'a testa de outrem', ou 'a testa um(ns) do(s) outro(s)'

Figura 7: Paradigmas dos nomes e posposições flexionáveis

Para certos nomes da classe ***Ø*** que começam com a consoante ***k*** ou ***p*** em ambiente oral, na forma não-relacional estas consoantes se tornam sonoras:

- ***nge*** [ⁿgɛ] 'sono' de ***xeke*** [t͡sɛ.ˈkɛ] 'meu sono'
- ***mbo'y*** [ᵐbo.ˈʔɨ] 'colar' de ***xepo'y*** [t͡sɛ.po.ˈʔɨ] 'meu colar'

Para outros nomes, a forma não-relacional é irregular: a forma não-relacional de ***-apa*** 'arco' é ***guyrapa***. E ainda para outros, existem múltiplas formas não-relacionais:

- ***to'o*** 'carne humana, natureza carnal' e ***xo'o*** 'carne animal, caça' de ***-o'o*** 'carne'
- ***yy*** ocorre em função referencial na forma não-relacional, ***ty*** na predicação nominal de fenômeno (seção 9.5.1); ***y*** geralmente quando incorporado num verbo (seção 14) – todos de ***-y*** 'água'

As posposições flexionáveis apresentam o mesmo paradigma, menos a forma não-relacional, pois em guarani mbyá as posposições têm complementos obrigatórios:[16]

[16] Em certas línguas, tais como inglês e alemão, e até, às vezes, em português, preposições ocorrem com verbos em função não-relacional, como "partículas verbais" ou advérbios produzindo "verbos preposicionados": ***eu fui atrás***.

Categorias de flexão *xe-*	**Radicais da classe** *Ø*	**Radicais da classe** *r-*
Flexão geral ou com nome	***xegui*** 'de mim' ***tuu gui*** 'do pai'	***xerupive*** 'acompanhando-me' ***tuu rupive*** 'acompanhando o pai'
Flexão reflexiva da 3ª pessoa	***ojegui*** 'dele(a) mesmo(a)', ***oyvýry*** 'em redor de si'	***ojee*** 'em relação de si', ***ngupive*** '(levando) consigo'
Flexão não-reflexiva da 3ª pessoa	***ixugui*** 'dele(a)'	***hupive*** 'acompanhando ele(a)'
Flexão alheia (não referencial) ou recíproca da 3ª pessoa	***joegui*** 'de outrem', ou 'um do outro'	***joupive*** 'acompanhando outrem', ou 'um acompanhando o outro'

Figura 8: Paradigmas da flexão com as posposições flexionáveis

Para maiores informações sobre posposições em geral e suas formas reflexivas e recíprocas, veja seção 20.6. Seria possível analisar as posposições flexionadas como sendo pronomes oblíquos mas, por três razões, esta análise não é adotada no presente trabalho:

- esses elementos não aceitam a marcação de coletivo/pluralidade (seção 18.3);
- com posposições ocorre a mesma flexão de pessoa e número que se encontra com outros radicais, das classes ***Ø*** e ***r-***.
- eles levam a nominalizador ***–gua*** (seção 19.7), que só ocorre com termos adverbiais: ***xeguigua*** 'algo de mim'. Isso indica que o núcleo de ***xegui*** é a posposição ***gui*** em vez do pronome ***xe-***.

Pelas razões dadas na seção 5.1, as formas pronominais presas são analisadas como prefixos de flexão e não como pro-clíticos.

5.5 A flexão nos verbos transitivos diretos

Em português, muitos verbos podem ocorrer tanto como v. t. direto ou como v. i. ou v. t. indireto:

- *comer*: como v. t. direto *já comi um lanche*, como v. i. *vou comer antes de sair*;
- *beber*: como v. t. direto *vou beber um refri*, como v. i. *ele bebe demais*;
- *jogar*: como v. t. direto *os homens estavam jogando bola*, como v. i. *os homens foram jogar*.

Em guarani mbyá, porém, pouquíssmos verbos apresentam esta possibilidade, a menos que haja uma mudança morfológica no radical verbal (veja seção 13.1). Objetos diretos são comumente ocultos (seção 6.2), mas sua existência ou não com um determinado verbo é quase sempre determinada pelo radical verbal, ou seja, existem poucos radicais verbais como os nos exemplos do português acima.[17]

Regra geral, um v. t. direto apresenta tanto flexão de sujeito (flexão ***a-***) quanto flexão do objeto direto (flexão ***xe-***): ***a-i-pota*** (1SG-3-querer) 'eu o quero', ***re-j-apo*** (2SG-3-fazer) 'você o faz'. Contudo, há importantes exceções, involvendo substituição/ambiguidade e supressão de formas flexionais.

5.5.1 Substituição e ambiguidade no paradigma

Quando um sujeito da 1ª pessoa agir sobre um objeto da 2ª pessoa (que representamos 1 → 2), a flexão é igual a de um sujeto da 1ª pessoa do plural (exclusiva) estivesse agindo sobre um objeto da 3ª pessoa (1PLexcl → 3). Isso implica numa ambiguidade formal com formas verbais tais como ***rombo'e*** 'X ensina Y', ***rojapo*** 'X faz Y', ***roipe'a*** 'X tira Y', ***roexa*** 'X vê Y', ***roeko a'ã*** 'X prova Y'. Esses verbos podem ser interpretados de duas maneiras: 1 → 2 'eu ensino/nós ensinamos você(s)' etc. ou 1PLexcl → 3 'nós ensinamos a ele(a)' etc. É uma ambiguidade formal, que é comumente remediada pelo contexto ou pela ocorrência de um pronome livre de sujeito ou de objeto, especialmente no caso de 1 → 2: ***xee rombo'e 'rã*** 'eu vou ensinar você(s)', etc.

5.5.2 A supressão da flexão do objeto

Certos verbos transitivos diretos da classe ***Ø*** suprimem a flexão do objeto quando ocorrem com flexão de sujeito: ***ambo'e*** 'eu o ensino' (classe ***Ø***). Todos os radicais que começam com o prefixo causativo ***mbo-*** (ou ***mo-***) são deste tipo.

Com outros v. t. diretos da classe ***Ø*** sempre ocorre um indicador do objeto direto; no léxico, tais verbos

[17] Exceções incluem: ***-exa*** 'ver', ***-(j)apo*** 'fazer', ***-mboeko*** 'respeitar, menstruar', ***-mbojevy*** 'fazer voltar, vomitar', ***-poraei*** 'cantar', ***-peju*** 'soprar'.

têm a anotação, “Um indicador de objeto direto, seja prefixo ou nome, sempre precede o radical”. Um verbo deste tipo, da classe ***Ø***, é ***-apo*** ‘fazer’: ***ajapo ajaka*** ‘eu fiz um cesto’, ***ajeo apo*** ‘fiz a minha casa’, ***oo apoa*** ‘fazedor de casas’, etc.

Com outros v. t. diretos da classe ***r-*** a evidência é pouca, já que a flexão da 3ª pessoa é ***Ø*** (ou ***h-*** , quando inicia a palavra; Figura 5). Portanto, quando ocorrer flexão de sujeito, não há como afirmar ou negar que a flexão ***Ø*** do objeto ocorre. Contudo, com v. t. diretos comitativos, tais como ***-eru*** ‘trazer’ (seção 13.2.6), há um pequeno sinal de que sempre ocorre um indicador do objeto direto: na voz impessoal não ocorre a flexão do sujeito e a flexão do objeto transparece na forma ***h-***: ***herua*** ‘foi trazido’. Em outros v. t. diretos na voz impessoal, a flexão do sujeito permanece: ***oexaa*** ‘foi visto’ (seção 13.2.3).

5.5.3 A supressão da flexão do sujeito

Em todos os v. t. diretos, ocorre supressão da flexão do sujeito conforme a seguinte hierarquia de pessoa gramatical: 1 < 2 < 3. ou seja: a pessoa de número gramatical menor tem prioridade na flexão, seja ela do sujeito ou do objeto. Portanto, se o objeto direto for de número menor que o sujeito (3 → 1, 2 → 1, 3 → 2), apenas a flexão do objeto ocorre no verbo. Essa regra é válida para qualquer v. t. direto, da classe ***Ø*** ou ***r-***: (2/3 → 1) ***xembo'e*** ‘ensinou-me’, ***xerexa*** ‘viu-me’; (3 → 2) ***nembo'e*** ‘ensinou-te’, ***nderexa*** ‘viu-te’. Isso garante que as pessoas de número gramatical menor, que geralmente são tidas como sendo mais aptas para prováveis “tópico”, sejam representadas na flexão.[18,19]

5.6 Paradigmas da flexão verbal

Aqui são apresentados paradigmas de flexão para v. t. diretos. O quadro é do tipo utilizado em Croft (2001, cap. 8), com as categorias de flexão do sujeito nas fileiras e as categorias da flexão do objeto nas colunas. As formas de flexão se apresentam em forma única, sem variantes. A área com o travessão apenas é desconsiderada, pois trata-se de formas reflexivas (seção 13.2.1) ou recíprocas (seção 13.2.4).

5.6.1 V. t. direto da classe *Ø* que sempre tem indicador de objeto

O quadro seguinte se refere a um v. t. direto tal como ***-pe'a*** ‘abrir, tirar’, com radical classe ***Ø*** e sempre com um indicador de objeto direto antes do radical.

Sujeito\Objeto	1SG	1PLexcl	1PLincl	2SG	2PL	3
1SG	—	—	—	***ro-i-***	***ro-i-*** (C)	***a-i-*** (A)
1PLexcl	—	—	—	***ro-i-***	***ro-i-***	***ro-i-***
1PLincl	—	—	—	—	—	***ja-i-***
2SG	***xe-***	***ore-*** (B)	—	—	—	***re-i-***
2PL	***xe-***	***ore-***	—	—	—	***pe-i-***
3	***xe-***	***ore-***	***nhande-***	***nde-***	***pende-***	***o-i-***

Figura 9: Paradigma da flexão verbal: radical v. t. direto da classe *Ø* sempre com um indicador de objeto direto antes do radical

Na Figura 9, observamos três áreas distintas (fora da parte reflexiva, indicada por travessão):

- área A, com objeto da 3ª pessoa (1/2/3 → 3), tem flexão de sujeito (flexão ***a-***) seguida pela flexão do objeto (flexão ***xe-***, aqui o prefixo ***i-*** da 3ª pessoa);
- área B tem apenas flexão de objeto (flexão ***xe-***; seção 5.5.3);
- área C tem sujeito da 1ª pessoa (SG ou PLexcl) e objeto da 2ª pessoa (1SG/PLexcl → 2); nesta área, cada célula é idêntica àquela na área A que indica 1PLexcl → 3 (seção 5.5.1).

5.6.2 V. t. direto da classe *r-* que sempre tem indicador de objeto

O quadro seguinte se refere a um v. t. direto comitativo tal como ***–eru*** ‘trazer’; os verbos comitativos, que

---

[18] “O falante e o ouvinte são, por definição, mais topicais ou salientes aos interlocutores, pois eles *são* os interlocutores” (Croft 2001:315).

[19] Não há evidência de que o paradigma flexional para o v. t. direto apresente a voz “inversa” (veja D. Payne 1994, T. Payne 1997:214s e C. Jensen 1998a:560s), pois não há mudança no elenco dos participantes.

são da classe ***r-***, são analisados como tendo sempre um indicador de objeto direto antes do radical (seção 5.5.2).[20]

Sujeito\Objeto	1SG	1PLexcl	1PLincl	2SG	2PL	3
1SG	—	—	—	***ro-Ø-***	***ro-Ø-*** (C)	***a-Ø-*** (A)
1PLexcl	—	—	—	***ro-Ø-***	***ro-Ø-***	***ro-Ø-***
1PLincl	—	—	—	—	—	***ja-Ø-***
2SG	***xe-***	***ore-*** (B)	—	—	—	***re-Ø-***
2PL	***xe-***	***ore-***	—	—	—	***pe-Ø-***
3	***xe-***	***ore-***	***nhande-***	***nde-***	***pende-***	***o-Ø-***

Figura 10: Paradigma da flexão verbal: radical v. t. direto da classe *r-* sempre com um indicador de objeto direto antes do radical

Na Figura 10, observamos as mesmas três áreas que antes observamos:

- área A, com objeto da 3ª pessoa (X → 3), tem flexão de sujeito (flexão ***a-***) seguida pela flexão do objeto (flexão ***xe-***, aqui o prefixo ***Ø-*** da 3ª pessoa; veja seção 5.5.2);
- área B tem apenas flexão de objeto (flexão ***xe-***), (seção 5.5.3), seguida pelo segmento ***r-***;
- área C, com sujeito da 1ª pessoa (SG ou PLexcl) e objeto da 2ª pessoa (1SG/PLexcl → 2), com cada célula idêntica àquela na área A que indica 1PLexcl → 3 (seção 5.5.1).

5.6.3 V. t. direto da classe *Ø* ou classe *r-*, que nem sempre tem indicador de objeto

O quadro seguinte se refere a um v. t. direto que nem sempre tem um indicador de objeto direto indicado antes do radical, seja o seu radical da classe ***Ø*** (***-mbo'e*** ‘ensinar’) ou da classe ***r-*** (***-exa*** ‘ver’).

Sujeito\Objeto	1SG	1PLexcl	1PLincl	2SG	2PL	3
1SG	—	—	—	***ro-***	***ro-*** (C)	***a-*** (A)
1PLexcl	—	—	—	***ro-***	***ro-***	***ro-***
1PLincl	—	—	—	—	—	***ja-***
2SG	***xe-***	***ore-*** (B)	—	—	—	***re-***
2PL	***xe-***	***ore-***	—	—	—	***pe-***
3	***xe-***	***ore-***	***nhande-***	***nde-***	***pende-***	***o-***

Figura 11: Paradigma da flexão verbal: radical v. t. direto que nem sempre tem indicador de objeto direto

Na Figura 11, observamos as mesmas três áreas que antes observamos:

- área A, com objeto da 3ª pessoa (1/2/3 → 3), tem apenas flexão de sujeito (flexão ***a-***; seção 5.5.2);
- área B tem apenas flexão de objeto (flexão ***xe-***; seção 5.5.3); se o radical for da classe ***r-***, o segmento r- ocorre entre a flexão e o radical;
- área C tem sujeito da 1ª pessoa (SG ou PLexcl) e objeto da 2ª pessoa (1SG/PLexcl → 2); nesta área, cada célula é idêntica àquela na área A que indica 1PLexcl → 3 (seção 5.5.1).

6 Conceitos, funções e argumentos

Na presente seção introduzimos certos elementos cogitivos que são relevantes para a descrição gramatical da língua guarani mbyá.

6.1 Tipos de conceitos; funções comunicativas básicas

CONCEITOS são as entidades mentais que nossas palavras designam. Num nível cognitivo básico, existem três tipos principais de conceitos, que nas línguas são comumente representados através de classes lexicais abertas (Stassen 1997:16-18):

---

[20] Para um v. t. comitativo na voz impessoal, a 3ª pessoa se divide: 3 referencial < 3 impessoal. Na situação de 3 impessoal → 3 referencial, a flexão é do objeto apenas: ***herua*** ‘(ele) foi trazido’. Isso não ocorre com outros v. t. diretos da classe ***r-***: ***oexaa*** ‘(ele) foi visto’.

"COISAS":

"**COISAS**" são referentes: objetos físicos, pessoas, animais, e tudo o que se pode referir através de nomes, pronomes, nominalizações e outras expressões nominais. "Coisas" tipicamente são estáveis no tempo.

ATRIBUTOS:

Enquanto uma "coisa" se caracteriza através de um complexo de traços semânticos ('cachorro' é cão, de certo tamanho típico, de certo comportamento típico, certo relacionamento típico com pessoas, etc.), um **ATRIBUTO** tem uma característica única ('grande', etc.; Wierzbicka 1986:362). Os atributos variam muito em relação à estabilidade temporal: para uma pessoa, 'doentio' é mais estável do que 'doente'.

EVENTOS:

EVENTOS são caracterizados por mudanças relativamente bruscas: 'saiu' (Figura 15).

Estes três tipos de conceitos são de importância fundamental nas línguas. O fator mais importante que distingue os três é sua **ESTABILIDADE ATRAVÉS DO TEMPO** (Stassen 1997:15-18, Croft 2003:87) ou, de outro ponto de vista, seu grau de **DINAMISMO**:

"coisas" — atributos — eventos
Mais estável ←−−−−− Menos estável
Menos dinâmico −−→ Mais dinâmico

Figura 12: Tipos básicos de conceitos e sua estabilidade/dinamismo temporal

Estes três tipos de conceitos geram **TRÊS FUNÇÕES COMUNICATIVAS BÁSICAS**[21] e, nas línguas em geral, **TRÊS CLASSES LÉXICAIS** ("classes de palavras") **BÁSICAS**. As funções comunicativas básicas são: **REFERÊNCIA** (pela qual se designa uma "coisa", ou seja, um referente), **MODIFICAÇÃO** (pela qual a designação de um conceito é enriquecido pela especificação de um atributo adicional do conceito) e **PREDICAÇÃO** (pela qual se designa um evento ou outro processo que se desenrola no tempo, ou uma relação entre referentes; veja Langacker 2000:11, Croft 2001:66 e Figura 15). As três classes lexicais básicas são: **NOMES**, **ADJETIVOS/ADVÉRBIOS**, **VERBOS** (veja mais na seção 8).

Conceitos básicos:	"coisas"	atributos	eventos
Funções comunicativas básicas:	referência	modificação	predicação
Classes lexicais básicas:	nomes	adjetivos/advérbios	verbos

Menos dinâmico ——————————→ Mais dinâmico

Figura 13: Tipos básicos de conceitos, funções comunicativas e classes lexicais

Na linguística geral, nomes padrão se referem a "coisas"; adjetivos e advérbios padrão designam atributos, modificando nomes e verbos respectivamente; e verbos padrão predicam eventos ou atividades (veja Croft 2001:88, Croft 2003:185 e Figura 15).[22] Nesta acepção, o termo "padrão" tem dois aspectos:

- a designação da área nuclear do conceito básico: enquanto 'amor' é um referente, ele não é incluído na área nuclear de "coisas", que tem a ver com objetos concretos
- a indicação morforssintática mínima de cada função: se um nome "padrão" ocorrer em função predicativa ou modificadora, ele não terá menos indicação de função do que quando ocorre com função referencial, e assim por diante; em guarani mbyá, a indicação morforssintática mínima de cada função é zero.

As classes lexicais são discutidas em maior detalhe na seção 8.

6.2 Relações gramaticais: argumentos (termos requeridos), adjuntos

Na estrutura sintática da oração, quase sempre existe um sujeito e um predicado, mesmo que um ou outro seja oculto.

- O **PREDICADOR** (ou **LOCUÇÃO PREDICADORA**; seção 12) é o núcleo sintático da predicação. Em guarani mbyá, o sujeito é apenas **REQUERIDO** (Zwicky 1993), no sentido seguinte: ele é sempre referido; se ele já

[21] A terminologia segue a de Croft (2001:66; "propositional act functions") que, por sua vez, segue Searle (1969:23s; "atos proposicionais").

[22] Além dos verbos ocorrerem em função predicativa, eles têm um certo padrão de flexão (seções 5.1, 0, 5.6).

estiver ativo no contexto anterior, ele pode ficar oculto, subentendido (seção 24.2).[23] Certos outros elementos também são apenas requeridos: o objeto direto na predicação transitiva direta, a expressão de lugar na predicação de localização e outros. Dessa forma, os elementos requeridos são sempre **EXPLICITADOS** (em forma de termo) ou **OCULTOS** (indicados pela flexão de concordância ou não).[24]

- As relações gramaticais requeridas, fora do predicador, são chamadas **ARGUMENTOS**;[25] as relações gramaticais que não são requeridas são os **ADJUNTOS** (ou **TERMOS ACCESSÓRIOS**). Os argumentos além do sujeito são **OBJETOS**: um **OBJETO OBLÍQUO** (ou **INDIRETO**) geralmente tem uma indicação explícita da sua relação gramatical, enquanto um **OBJETO DIRETO** não tem (a não ser pela marcação de caso).[26] Os **ARGUMENTOS DIRETOS** verbais são: sujeito e objeto.
- Um termo que precisa ocorrer de forma explícita, como termo, é **OBRIGATÓRIO**. Elementos obrigatórios são também requeridos, mas o contrário nem sempre. Guarani mbyá tem poucas construções com elementos obrigatórios. Na predicação de identificação e classificação (seção 9.6.1), o sujeito e o predicador são apenas requeridos mas o complemento é obrigatório: ***peva'e***$_{\text{Sujeito}}$ ***ma xera'y***$_{\text{Complemento}}$ 'aquele $_{\text{Sujeito}}$ (é) meu filho $_{\text{Complemento}}$'.
- Parece não haver elementos requeridos que são obrigatoriamente ocultos, mas certos elementos requeridos podem ser **OCULTOS POR PADRÃO**: na predicação de identificação e classificação (veja o exemplo anterior), o predicador é oculto por padrão, como também o sujeito em orações imperativas (seção 11.1.1). Na predicação de outros tipos, o predicador é **EXPLÍCITO POR PADRÃO**, mas sob certas condições de elipse ele pode ficar oculto: ***tuu ooxe, hoo py ikuai va'e ha'e javive guive Ø*** 'o pai quis ir, e todos os que estavam na casa também (quiseram ir)'.
- Guarani mbyá é uma língua "pro-drop" (Croft 2003:80ss), no seguinte sentido forte: toda referência nominal requerida, ativada é oculta por padrão (para a ativação de conceitos, veja seções 24.2 e 24.4.2; para correlações tipológicas, veja seção 4.1).

6.3 Elementos relacionais; valência

Os tipos de predicação que requerem um sujeito ou outros argumentos são **RELACIONAIS**. Existe ainda um tipo de predicação **NÃO-RELACIONAL**: a predicação nominal de fenômeno, que empresta um nome (***oky*** 'está chovendo/choveu'; seções 8.2 e 9.5.1). Em geral, um conceito (ou um item lexical que o designa) é **RELACIONAL** num determinado contexto se seu uso necessita de uma referência a outra entidade (Croft e Cruse 2004:67).[27] A distinção entre nomes relacionais e não-relacionais, que é extremamente importante na língua, é aboradada na próxima seção 6.3.1. Conforme a classe do elemento relacional, os conceitos que ele pode requerer têm nomes diferentes na gramática tradicional: enquanto um predicador requer seu(s) argumento(s), uma preposição ou posposição requer um complemento e um nome relacional requer um possuidor. A **VALÊNCIA** de uma expressão é o número dos conceitos que ele requer; para predicadores, a valência comumente tem um sentido mais abrangente, de indicar o papel relacional que cada argumento possui (sua **ESTRUTURA DE ARGUMENTO**; seção 13). Às vezes é útil fazer uma distinção entre argumentos

---

[23] Quando o sujeito for oculto, o que efetua sua referência é o reconhecimento do tipo da construção, sendo assinalado principalmente pelo predicador e o contexto semântico. Flexão de sujeito também ajuda quando tiver, mas não é essencial na identificação de sujeitos ocultos: existem predicadores relacionais sem flexão ***ha'eve vaipa*** 'é muito bom'.

[24] Outra distinção é feita na seção 19.10 entre argumentos com identificação positiva e argumentos sem identificação positiva.

[25] São os "argumentos sintáticos" de Croft (2001:245, 275-80); cf. Van Valin e LaPolla (1997:148ss). O predicador também pode ser apenas requerido: ***kunha va'e anho oikove, ha'e hexeve kyrĩgue ikuai va'e guive*** 'apenas a mulher sobreviveu, e as crianças que estavam juntas com ela também'. Obviamente, é obrigatório ocorrer pelo menos um termo do enunciado, o termo que no papel de foco na estrutura de foco (seção 24.1).

[26] Existem um número bem pequeno de predicadores, tais como ***–mboery*** 'nomear' no sentido 'dar nome a (alguém)', que têm um objeto indireto não-posposicionado: ***ava***$_{\text{Sujeito}}$ ***omboery xera'y***$_{\text{Objeto direto}}$ ***Jeguaka***$_{\text{Objeto indireto}}$ 'o homem $_{\text{Sujeito}}$ nomeou meu filho $_{\text{Objeto direto}}$ Jeguaka $_{\text{Objeto indireto}}$'.

[27] "Por exemplo, um conceito adjetival tal como REDONDO não pode se conceber sem uma referência a algo que seja redondo, e um conceito verbal tal como CORRER não pode se conceber sem uma referência a alguém ou alguma coisa que corra. Já uma entidade não-relacional pode se conceber assim: por exemplo, um conceito nominal tal como MESA pode se conceber sem uma referência a outra entidade" (Croft e Cruse 2004:67).

diretos e oblíquos; o prefixo derivacional ***mbo-*** **~** ***mo-*** ‘causativo’ ocorre com elementos verbais e nominais de valência 1 em relação a argumentos diretos, ou seja, com elementos verbais e nominais de **VALÊNCIA DIRETA** 1 (seção 13.2.5.1). (O sufixo derivacional ***-uka-*** ‘causativo’ ocorre com elementos de valência 2, ou seja, em relação aos argumentos tanto diretos quanto obliquos; seção 13.2.5.2)

6.3.1 Nomes relacionais e não-relacionais; valência nominal

Na língua guarani mbyá e nas línguas em geral, a distinção entre nomes relacionais e não-relacionais é importantíssima. É uma distinção entre nomes que requerem e nomes que não requerem um outro referente. Um nome é **RELACIONAL** se seu uso, sua conceituação, necessita de uma referência a outra entidade como “possuidor” ou, melhor, como ponto de referência (Langacker 1993, 2000:76s); um nome é **NÃO-RELACIONAL** se a sua conceituação não necessita da conceituação de outra entidade; ele é sem “posse” (veja seção 5.4). A “posse” em questão é da parte de um possuidor externo ao nome: no nome ***xeru*** ‘meu pai’, o nome em si faz referência ao pai, enquanto que o possuidor é externo. Certas nominalizações de oração (seção 19) – em guarani mbyá, quase todas – contêm referências a uma ou mais entidades que são internas à oração: como em português, em ‘você sabe que eu tenho fé’, a nominalização ‘que eu tenho fé’ contém uma referência interna ao sujeito ‘eu’, porque, dentro de tais orações, o predicador (‘tenho’) é relacional. A nominalização resultante (‘que eu tenho fé’), contudo, não é relacional e não aceita posse. Os únicos elementos nominais que aceitam posse e ocorrem como relacionais são radicais nominais e sintagmas nominais cujo elemento nuclear é um radical nominal relacional (linha (a) na Figura 34; veja seção 18.1.2).

O fato de um determindado nome ser relacional ou não depende do seu uso num determinado contexto. O léxico só pode indicar se é comum ou não um radical ser relacional.

- Existem muitos nomes (radicais nominais) que sempre, ou quase sempre, são relacionais, tendo a chamada “**POSSE INALIENÁVEL**”: ***-amymino*** ‘neto(a) de homem’, ***irũ*** ‘companheiro’, ***-akã*** **~** ***akã*** ‘cabeça’, etc. No uso relacional, estes nomes geralmente ocorrem com uma das formas de flexão relacional (flexão de posse, que pode ser Ø; seção 5.4 e Figura 7).
- Existem muitos radicais nominais que sempre ou quase sempre ocorrem como não-relacionais: ***ava*** ‘homem’, ***yvyra*** ‘árvore’, ***jagua*** ‘cachorro’, etc. Tais radicais não aceitam, ou quase nunca aceitam, flexão de posse. (Em português, certos dos nomes correspondentes aceitam posse.)
- Existem muitos radicais nominais que ora ocorrem como relacionais (com flexão de posse), ora como não-relacionais (sem flexão ou com a flexão não-relacional da Figura 7). Estes radicais nominais são nomes da chamada “**POSSE ALIENÁVEL**”: ***-o*** **~** ***oo*** ‘casa’, ***-'ára*** **~** ***ára*** ‘dia’, ***-ata*** **~** ***tata*** ‘fogo’, ***-y*** **~** ***ty*** **~** ***yy*** ‘água, líquido’, ***-jaryi*** **~** ***xaryi*** ‘avó’, etc.

Do ponto de vista semântico-cultural, certos nomes podem ser tidos como inerentemente relacionais e outros como inerentemente não-relacionais. Mas do ponto de vista linguístico, sua qualidade de relacional ou não-relacional depende de sua função no contexto, sendo indicada pela flexão: um nome em função relacional necessita de uma referência a outra entidade; esse fato é geralmente assinalado através da morfossintaxe que acompanha o elemento.[28] Isso é bem claro com nomes de “posse alienável”, tais como ***-ata*** ‘fogo’: na expressão ***xerata*** ‘meu fogo’, ***-ata*** ‘fogo’ funciona como nome relacional, enquanto na expressão ***tata*** ‘fogo’, ele é não-relacional. Para tais nomes, seu paradigma de “posse” contém uma forma não-relacional (seção 5.4), com prefixo específico (ou zero) indicando justamente que o elemento está ocorrendo em função não-relacional. Até termos de parentesco e partes do corpo podem ocorrer em função não-relacional: ***xaryi*** ‘um vovó’, ***xy kuery*** ‘as mães’, ***akã raxy poã*** ‘remédio para dor de cabeça’, ***kuã regua*** ‘anel’ (lit., ‘algo próprio ao dedo’). Possivelmente, todo nome relacional pode, em certas circunstâncias, ocorrer em função não-relacional e todo nome não-relacional pode, em certas circunstâncias, ocorrer em função relacional (***xeka'aru*** ‘a minha tarde’). Portanto, o rótulo “nomes relacionais” como classe apenas indica os nomes que comumente ocorrem em função relacional, ou seja, os nomes de posse alienável e inalienável.[29]

A **VALÊNCIA**, que na linguística tradicionalmente se aplica apenas aos verbos (seções 6.2 e 13), é aplicável

---

[28] Veja Velazquez-Castillo (1996) sobre guarani paraguaio; também Seiler 1993:12. No tratamento de Langacker, a maneira em que um conceito é apresentado num determinado contexto é sua “apresentação” (“construal” em inglês) naquele lugar (Langacker 1987:138, Langacker 2000:206, Croft e Cruse 2004:40).

[29] Para uma discussão da posse nominal em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 2.

em geral a qualquer item lexical: a valência de um elemento indica o número de entidades que ele requer ou, geralmente, os seus papeis semânticos.[30] Na **VALÊNCIA NOMINAL**, um nome relacional, que necessita de um possuidor ou de um "ponto de referência", tem valência um, enquanto um nome não-relacional, que não necessita um "ponto de referência", tem valência zero.[31]

A relacionalidade nominal é importante em várias construções:

- quando um nome ocorrer em função predicativa, sua valência determina seu tipo de predicação com suas características morfossintáticas (seções 9.5.1 e 9.5.2);
- no paradigma da flexão nominal, ela distingue formas flexionais (seção 5.4);
- na incorporação de nomes em verbos, ela determina a semântica e a valência do verbo resultante (seção 14.3 e Figura 31);
- no sintagma nominal, ela aceita ou não um possuidor (seção 18.1.2);
- com a flexão do tempo em nomes comuns, ela implica em diferentes papéis semânticos (seção 18.2.1).

7 Relações gramaticais

Como outras línguas da família tupi-guarani, guarani mbyá apresenta três sistemas ou agrupamentos das seguintes relações gramaticais primitivas:

- S = sujeito do predicador intransitivo em geral (a abreviatura S tem este sentido só na presente seção)
  S_{a-} = sujeito do predicador intransitivo da flexão ***a-***
  S_{xe-} = sujeito do predicador intransitivo da flexão ***xe-***
- A = agente (sujeito) do predicador transitivo direto
- P = paciente (objeto direto) do predicador transitivo direto.

As relações gramaticais primitivas se agrupam nas três maneiras seguintes:

Sistema nominativo-acusativo:
Nominativo (o sujeito tradicional): {S, A}
Acusativo (o objeto direto tradicional): {P}

Sistema ergativo-absolutivo:
Ergativo: {A}
Absolutivo: {S, P}

Sistema ativo-estativo:
Ativo: $\{S_{a-}, A\}$
Estativo: $\{S_{xe-}, P\}$

Figura 14: Agrupamentos de relações gramaticais

Todos os três sistemas ou agrupamentos se apresentam em guarani mbyá de uma forma nítida.

7.1 O sistema nominativo-acusativo

O sistema nominativo-acusativo se vê na sintaxe da oração independente:

- Na ordem padrão dos constituintes da oração independente, o sujeito tradicional (o nominativo; S, A) precede o predicador enquanto o objeto direto tradicional (o acusativo; P) o segue (seção 4.1).

7.1.1 O nominativo (o sujeito tradicional)

Há várias construções e processos que dependem do nominativo (o sujeito tradicional; S, A):

- A flexão reflexiva (seção 5.4) é correferencial com o nominativo, seja numa oração intransitiva (***ava oo ngoo py*** 'o homem foi para sua casa') ou numa transitiva (***ava ojapo ngoorã*** 'o homem construiu sua casa

[30] Na gramática de construções ("construction grammar"), qualquer item lexical pode ter valência (Jurafsky 1993). Langacker (2000:82) utiliza a noção de valência nominal para nomes relacionais.

[31] Em várias línguas européias tais como português e inglês — mas aparentemente não em guarani — existem outros tipos de valência nominal, como na nominalização deverbal (***a resolução do problema pelo chefe***), cuja valência pode ser maior que um (Jurafsky 1993; Langacker 2000:83ss).

(futura)').

- A voz impessoal elimina a referência ao nominativo, tanto numa oração intransitiva (***oua*** 'veio alguém') quanto numa transitiva (***ojukaa*** 'alguém o matou'; seção 13.2.3).
- A indexação referencial compara os argumentos nominativos da oração subordinada e da matriz, indicando se eles são correferenciais ou não (seções 21.1.3 e 21.2.2).
- Um verbo suplementar intransitivo pode ocorrer com um predicador principal transitivo, mas seus argumentos nominativos precisam ser correferentes (seção 12.3.2).

7.1.2 O acusativo (o objeto direto tradicional)

Certas construções e processos dependem do objeto direto (P):

- O objeto direto de um verbo suplementar é correferencial com o objeto direto do predicador principal (seção 12.3.2).
- O nominalizador ***embi-*** ~ ***emi-*** designa o objeto direto (seção 19.6). Quando um possuidor for indicado, ele é correferencial com o sujeito (agente) do v. t. direto: ***xerembiexa*** 'o que eu vejo'.
- O nominalizador ***-py***^{2} ~ ***-mby*** designa o objeto, seja ele direto ou indireto (seção 19.9). Como acontece com a voz impessoal, o sujeito não é referido: ***oexapy*** 'o que é visto'.

7.2 O sistema ergativo-absolutivo

Embora guarani mbyá não tenha tantas sinais do sistema ergativo-absolutivo como certas outras línguas da família tupi-guarani (C. Jensen 1998a:528) – a maioria dos verbos dependentes, por exemplo, apresenta a mesma flexão como as orações independentes – os traços desse sistema são bem comuns, especialmente em relação ao absolutivo {S, P}.

7.2.1 O ergativo

Existe uma construção que depende do ergativo, ou seja, o sujeito de um v. t. direto (A):

- O nominalizador ***–a***^{4} designa o ergativo (seção 19.4). Quase sempre o nome deverbal tem um "possuidor" que corresponde com o objeto direto (paciente) do verbo: ***xerexaa*** 'quem me vê'.

7.2.2 O absolutivo

O argumento absolutivo {S, P} ocorre em mais construções e processos do que qualquer outra relação gramatical. Este fato, sem dúvida, reflete a importância do sistema ergativo-absolutivo numa etapa anterior da língua.

- Nas línguas tupi-guarani, a posição da flexão logo antes do radical verbal indica o argumento absolutivo (veja Figura 26).
- Quando um nome é incorporado no radical verbal, seja num v. i. ou num v. t., trata-se da incorporação do argumento absolutivo na posição absolutiva (seção 14).
- Existe um tipo de oração subordinada com um radical v. t. direto tem um nome não-relacional incorporado na posição do objeto direto e sem flexão de sujeito, seguido da conjunção ***vy*** 'sujeito igual' (seção 21.1.3): ***guyra'i avy vy oo*** 'foi indo caçando passarinhos' (seção 14.1.1). Isto talvez seja um vestígio do antigo padrão na qual as orações subordinadas apresentavam concordância absolutiva (C. Jensen 1998a:528).
- A flexão do verbo suplementar é absolutiva, mas é defectiva: com um v. t. direto suplementar, a flexão é "congelada" na forma da 3ª pessoa, seja qual for o número do objeto direto ou o sujeito (seção 12.3.2).
- O intensificador aditivo ***avei*** ~ ***avi*** 'também' assinala o acréscimo de um novo argumento absolutivo: ***xee avy porã avei*** 'eu me levantei bem também', ***nhamoingo ei avei*** 'vamos fazer abelhas também'.
- Os advérbios de quantidade ***-pa*** 'tudo, todos', ***-ve*** 'mais' e outros, indicam a quantidade do argumento absolutivo: ***kunhague oupa*** 'todas as mulheres vieram', ***anhotỹve ta jety*** 'vou plantar mais batata-doce' (seção 0).
- O verbo suplementar ***–kuapy*** 'agir todos juntos' (com seus derivações; seção 12.3.2) modifica o argumento absolutivo, que precisa ser no plural.
- A nominalização efetuada pelo nominalizador ***va'e*** designa, por padrão, o argumento absolutivo: ***iporã va'e*** 'o que é bonito', ***oro'u va'e*** 'o que comemos'. Para se designar outros argumentos com este nominalizador, é necessário utilizar mais material morfológico (seção 19.10).

7.3 O sistema ativo-estativo

Os dois paradigmas de flexão (seção 5.1) correspondem às duas possibilidades do sistema ativo-estativo:

- A flexão ***a-*** corresponde ao ativo, enquanto a flexão ***xe-*** corresponde ao estativo (Seki 1990, C. Jensen 1998a:517).

Esta distinção, mesmo sendo bem saliente na flexão verbal, é apenas uma parte da escala do dinamismo mais geral (seções 10.1 e 10.3) e não parece ter ligação com outros processos morfossintáticos.

8 Funções sintáticas e classes lexicais

Nas línguas tupi-guarani, uma grande parte dos radicais ocorre em múltiplas funções sintáticas.[32] Em guarani mbyá, por exemplo, o radical ***para*** 'enfeite, enfeitar, enfeitado' pode ocorrer em função referencial (***guyrapa para*** 'o trançado do arco'), em função predicativa (***guyrapa iparapa ma*** 'o arco já está completamente enfeitado') ou ainda em função adjetiva (***kuaxia para*** 'papel enfeitado', no sentido de escrito). Entre os elementos que podem ocorrer como adjetivos, apenas uns seis ocorrem somente nesta função: ***guaxu*** 'grande', ***jave*** 'total, inteiro', ***ja'ea*** 'muito grande', ***paragua*** 'estourado', ***peẽ*** 'enviesado', ***ro'yxã*** 'frio'. À medida que o léxico de uma língua for composto de elementos multi-funcionais, fica mais simples trabalhar com as várias funções sintáticas que cada elemento desempenha, em vez de tentar impor uma categorização de classes lexicais ("classes de palavras"), escolhendo critérios morfossíntáticos específicos de uma maneira arbitrária (Croft 2001, cap. 2). No presente trabalho, portanto, não se elabora um esquema rigoroso de classes lexicais; enfoque maior é dado às funções sintáticas nas quais os elementos em questão ocorrem.[33]

Contudo, para uma gramática adequada no sentido descritivo,[34] é útil ter um esquema rudimentar de classes lexicais, mesmo que seja um fenômeno do segundo plano, para indicar as entradas ("inputs") e saídas ("outputs") das construções e processos que compõem a gramática.

- O ponto de partida da gramática são as **FUNÇÕES COMUNICATIVAS BÁSICAS**, que são tidas como universais: **REFERÊNCIA**, **PREDICAÇÃO**, **MODIFICAÇÃO** (seção 6.1; veja Croft 2001:89).
- A partir das funções comunicativas básicas, o falante nativo reconhece construções e processos.[35] Exemplos de processos que são intimamente ligados às funções comunicativas básicas:
  - ◊ A própria modificação é um processo de enriquecimento de uma ato de referência ou predicação.
  - ◊ A nominalização é um processo pelo qual um elemento ou expressão que não desempenhava a função de referência passa a desempenhá-la.
  - ◊ A "verbalização" é um processo pelo qual um elemento ou expressão que não desempenhava a função de predicação passa a desempenhá-la.
  - ◊ Certos atos de predicação implicam em um ou mais atos de referência. Trata-se de argumentos de predicadores, relações gramaticais e tipos de transitividade (seções 6.2, 6.3 e 9).
  - ◊ Certos atos de referência implicam em outro ato de referência. Trata-se de nomes relacionais (seção 6.3.1).
- As funções comunicativas, construções e processos têm entradas ("inputs") e saídas ("outputs"), que são construções e classes lexicais. Exemplos:
  - ◊ Entradas à função de referência poderão definir uma classe, os nomes.
  - ◊ Entradas à função de predicação poderão definir uma classe, os verbos.
  - ◊ Entradas do processo de modificação são elementos de diversos tipos. Os modificadores de elementos em função referencial poderão formar uma classe, os adjetivos. Os modificadores de elementos em função predicativa poderão formar outra classe, os advérbios. Nas línguas em geral, é comum que modificadores de outros modificadores façam parte da mesma classe dos advérbios.

---

[32] Veja as gramáticas, já citadas, das línguas tupi-guarani chirguano (Dietrich 1984:82s) e kamaiurá (Seki 2000:150).

[33] Para uma discussão das classes lexicais em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 2.

[34] Conforme Chomsky (1965:24), uma gramática é adequada no sentido descritivo se as suas descrições e distinções "corresponderem à intuição lingüística do falante nativo". O presente esboço gramatical tem isso como alvo, à medida que "a intuição lingüística do falante nativo" seja representada nos dados disponíveis e observada pelo autor na sua experiência na língua.

[35] Processos se reconhecem através de um senso de direcionalidade, ou seja, uma derivação de elementos que são associados com certa função ou classe para que funcionem em outra função ou classe. A associação de elementos com uma determinada função tem a ver principalmente com a freqüência da sua ocorrência naquela função (veja seção 8.2).

  - ◊ As saídas da construção ou processo de nominalização através do nominalizador ***va'e*** (seção 19.10) são argumentos absolutivos (seção 7.2.2).
- Assim, um esquema de classes lexicais que seja conveniente para a língua surge como produto incidental das funções comunicativas básicas universais mais as construções e processos que a língua apresenta.
- No nível do radical, cada uma das **CLASSES LEXICAIS BÁSICAS** tem como sua **FUNÇÃO CARACTERÍSTICA** uma das funções comunicativas básicas:
  - ◊ **RADICAIS NOMINAIS** (ou **NOMES**, flexionados ou não) são os que ocorrem em função referencial sem indicador de função.
  - ◊ **RADICAIS VERBAIS** (ou **VERBOS**, flexionados ou não) são os que ocorrem em função predicativa sem indicador de função.
  - ◊ **RADICAIS ADJETIVOS** (ou simplesmente **ADJETIVOS**, flexionados ou não) são os que ocorrem em função de modificador de elementos nominais, sem indicador de função.
  - ◊ **RADICAIS ADVERBIAIS** (ou simplesmente **ADVÉRBIOS**, flexionados ou não) são os que ocorrem em função de modificador de elementos não-nominais, sem indicador de função.

OBS.:

- Nas línguas em geral, as classes lexicais terão áreas em comum e fronteiras indistintas.
- "Indicadores de função" são elementos derivacionais ou sintáticos que mudam a função. Quando um radical v. t. direto tal como ***–mbo'e*** 'ensinar' aceitar o sufixo nominalizador ***–a***^{4} (seção 19.4), o radical resultante ***–mbo'ea*** 'ensinador' é um radical nominal, porque ele não precisa de outro indicador de função para ocorrer em função referencial. A flexão não é tida como indicador de função; ela apenas indica as situações semânticas e comunicativas nas quais o elemento pode ocorrer (Croft 2001:90s).
- É comum que elementos pertençam a mais de uma classe lexical básica. De fato, em certas línguas é possível que certas dessas classes não sejam distintas, ou que uma delas seja incluída em outra.
- Além das classes lexicais básicas, há outras **CLASSES LEXICAIS ESPECÍFICAS** que são determinadas pelas entradas (ou saídas) das construções e processos que constam na gramática da língua em questão. Desta forma, as classes lexicais específicas são um produto incidental ("by-product") da gramática, em vez de ser o ponto de partida da gramática (Croft 2001:90s).[36]
- As classes lexicais específicas dependem estreitamente das construções e processos que a gramática identifica. Gramáticas mais esboçadas, como a presente, darão menos conta de construções e processos e, em consequência, terão menos classes lexicais específicas. Não existem gramáticas completas de qualquer língua.
- As classes lexicais específicas podem:
  - ◊ coincidir com uma das classes básicas,
  - ◊ ser uma **SUBCLASSE** de uma das classes básicas,
  - ◊ ser uma "**CLASSE-PONTE**" contendo elementos de duas ou mais classes básicas.
- Por exemplo:
  - ◊ todos os radicais nominais que comumente aceitam posse constituem uma classe lexical específica que é umas subclasse dos radicais nominais;
  - ◊ subclasses são identificadas em virtude dos seus elementos funcionarem como entrada de um processo ou de uma construção na língua, o que constitui evidência da percepção, da parte dos falantes nativos, que eles formam uma classe;
  - ◊ exemplos de subclasses são descritos na seção 8.1;
  - ◊ evidência por certos processos e classes-ponte é apresentada na seção 8.2.
- Já que classes lexicais específicas dependem estreitamente das construções e processos que a gramática identifica, gramáticas mais esboçadas, como a presente, darão menos conta de construções e processos e, em consequência, terão menos classes lexicais específicas.
- As classes lexicais, tanto as específicas quanto as básicas, simplesmente indicam o potencial funcional

---

[36] A presente abordagem de classes lexicais nos seus aspectos universais e específicos é compatível com a da Radical Construction Grammar de Croft (2001, cap. 2), mas não utiliza o mapeamento conceitual dele, nem adota sua hipótese da conectividade nesse mapeamento (pags. 92, 96). De fato, guarani mbyá apresenta certas dificuldades para essa hipótese, como também na predicação nominal de fenômeno (seção 9.5.1).

morfossintático dos seus elementos.

- Os radicais de cada classe lexical podem ser classificados em quatro subtipos conforme sua "história" derivacional (seção 3.8.1):
  - ◊ radicais simples (de um só morfema),
  - ◊ radicais compostos (seção 15),
  - ◊ radicais derivados através de indicadores explícitos,
  - ◊ **RADICAIS EMPRESTADOS** de outra classe para serem utilizados na função característica da classe em questão. Enquanto os radicais simples, compostos e derivados de uma determinada classe pertencem à esta classe por direito (até os derivados são modificados justamente para pertencerem a ela), os radicais emprestados só pertencem à classe em sentido secundário; a sua função característica primária é outra. Eles só têm "licença" para funcionar como membros da sua segunda classe através de um processo de empréstimo, que vigora à medida que esteja reconhecido numa gramática descritivamente adequada, ou seja, pelas "intuições dos falantes nativos" (veja nota de rodapé 34). Certos destes processos são descritos na seção 8.2.
- Além das classes no nível do radical, existem classes descritivas no nível do sintagma: o sintagma nominal (seção 18), por exemplo, é um sintagma que pode ocorrer em função referencial, e assim por diante.

Na seção 8.1 faremos um levantamento inicial de subclasses das classes lexicais básicas. Na seção 8.2 examinaremos processos de empréstimo funcional e certas "classes-ponte" que contêm elementos de mais de uma classe básica. Classes lexicais específicas de interesse para o léxico são alistadas na seção 8.3 e descritas na seção 20. Na seção □ é indicado a maneira como as funções sintáticas e classes lexicais são representadas no léxico que acompanha este esboço gramatical.

8.1 Classes básicas e subclasses lexicais específicas

Como mencionado acima, neste esboço gramatical as classes lexicais são meros indicadores do potencial dos elementos lexicais da língua para ocorrerem nas funções sintáticas que a língua dispõe. Aqui examinaremos classes lexicais específicas que são subclasses das quatro classes lexicais básicas: radical nominal (nome), radical predicativo (verbo), radical adjetivo e radical adverbial.

8.1.1 Radicais nominais (nomes)

RADICAIS NOMINAIS (ou **NOMES**, flexionados ou não) são os radicais que ocorrem em função referencial sem indicador de função.

- Exemplos de radicais nominais simples: ***–a'y*** 'filho', ***yvyra*** 'árvore', ***ava*** 'homem, ser masculino'
- Radicais nominais compostos:
  - ◊ compostos com adjetivo (seção 15.1.3): ***yaku*** 'chá, café', de ***y*** 'água' + ***-aku*** 'quente';
  - ◊ compostos com outro nome (seção 15.1.4): ***jaxy-tata*** 'estrela' (lit., 'lua-fogo');
  - ◊ compostos com radical de v. i. de evento/atividade (seção 15.1.5): ***tuku-karu*** 'gafanhoto devorador' (lit., 'gafanhoto-comer').
- Radicais nominais derivados de outros radicais:
  - ◊ nomes deverbais intransitivos sufixados (seção 0): ***poxya*** 'uma demonstração de brabeza' ***vy'aa*** 'uma sensação de alegria';
  - ◊ nomes deverbais agentivos (seção 19.4): ***xembo'ea*** 'meu ensinador', ***ndereruare*** 'quem trouxe você';
  - ◊ nomes deverbais relacionais de paciente (seção 19.6): ***xerembiapo*** 'aquilo que eu faço', ***nerembiayu*** 'aquele que é predileto de você';
  - ◊ nomes derivados de termos adverbiais (seção 19.7): ***kuegua*** 'aquilo que aconteceu ontem', ***apygua*** 'o que é daqui';
  - ◊ nomes derivados de v. i. de evento/atividade (seção 9.2): ***omanogue*** 'o que morreu', ***oxorokue*** 'o que rasgou-se';
  - ◊ nomes abstratos derivados de predicador de atributo (seção 19.8): ***tuvixakue*** 'grandeza', ***ka'arukue*** 'a parte da tarde';
  - ◊ nomes no plural derivados de predicador flexionado de atributo (seção 19.8.1): ***iporãgue*** '(coisas) bonitas', ***ipyaukue*** '(pessoas ou coisas) novas';
  - ◊ nomes derivados de adjetivos ou termos adverbiais de configuração ou extensão espacial ou temporal, ou ainda de peso (seção 19.8): ***poyikue*** 'peso', ***aje'ivekue*** 'a parte da manhã';
  - ◊ nomes (ou termos adverbiais) derivados de quantificadores (seção 18.1.1): ***mboapykue*** 'três vezes',

hetakue ‘muitas vezes’;
  - ◊ nomes no plural derivados de predicadores nominais de posse flexionados (seção 9.5.2), especialmente os compostos (seção 19.8.1): ***ipy'a guaxukue*** ‘pessoas corajosas’.
- Radicais emprestados de outras classes para ocorrerem em função referencial:
  - ◊ nomes deverbais intransitivos simples (seção 19.1): ***nge*** ‘sono’, ***mboraei*** ‘canção’.
- Subclasses dos radicais nominais com consequências gramaticais incluem:[37]
  - ◊ nomes relacionais (seção 6.3.1), tais como ***–a'y*** ‘filho’, são emprestáveis para a predicação nominal de posse (seção 9.5.1);
  - ◊ nomes não-relacionais (seção 6.3.1), ou pelo menos certos deles tais como ***oky*** ‘chuva’ e ***jai*** ‘mato’, são emprestados para a predicação nominal de fenômeno (seção 9.5.1);
  - ◊ nomes contáveis podem ocorrer com certos quantificadores, certos advérbios e verbos no plural (seções 18.1 e 18.3);
  - ◊ nomes pessoais, uma subclasse dos nomes contáveis, aceitam marcação de coletivo ou pluralidade (seção 18.3);
  - ◊ nomes pessoais atributivos, tais como ***ava*** ‘homem, ser masculino’ e ***kunhataĩ*** ‘moça’ (seção 8.2), ocorrem também em função adjetiva e têm seu plural formado com ***–kue²*** ~ ***-gue³*** (seção 19.8.1).

8.1.2 Radicais predicadores ou verbais (verbos)

RADICAIS VERBAIS (ou **VERBOS**, flexionados ou não) são os radicais que ocorrem em função predicativa sem indicador de função.

- Exemplos de radicais verbais simples: ***-exa*** ‘ver’ (flexão ***a-***), ***-ke*** ‘dormir’ (flexão ***a-***), ***-porã*** ‘ser bonito’ (flexão ***xe-***), ***-ĩ*** ‘ser/estar localizado’ (flexão ***a-***), ***-kuai*** ‘ser/estar localizado (no plural)’ (flexão ***xe-***).
- Radicais verbais compostos:
  - ◊ compostos com modificadores (***-ĩ atã*** ‘perseverar’; seção 15.1.1), com radicais verbais pospostos (***-eraa jepe*** ‘salvar’; seção 15.1.2), etc.;
  - ◊ compostos através da incorporação nominal (seção 14): ***-eko mbo'e*** ‘ensinar a viver’.
- Radicais verbais derivados:
  - ◊ derivados através de mudanças de voz (seção 13.2): ***-mbo'e*** ‘ensinar’, ***-eraa*** ‘levar’;
  - ◊ derivados de radicais de predicadores de atributos menos estáveis (seção 19.8): ***xeaingaikue*** ‘sou magro’, ***xeporiaukue*** ‘sou pobre’.
- Exemplos de radicais de outras classes que ocorrem na locução predicadora:
  - ◊ a predicação nominal de evento (seção 9.5.1): ***oky*** ‘chover (choveu, está chovendo)’, ***jai*** ‘estar com mato’.
  - ◊ na predicação nominal de posse (seção 0): ***xera'y*** ‘tenho/ganhei filho’, ***hery*** ‘(ele) tem/ganhou nome’;
- Subclasses dos radicais verbais com consequências gramaticais incluem todos os tipos de predicação que se encontram registrados na seção 9. Muitos pertencem a mais de uma subclasse:
  - ◊ a predicação transitiva direta de evento/atividade (seção 9.1) compõe uma classe aberta que participa nas seguintes construções ou processos:
    - requer um objeto direto,
    - flexão ***a-*** de sujeito e flexão ***xe-*** de objeto (seção 0),
    - gera nomes deverbais agentivos (seção 19.4),
    - nomes deverbais relacionais de paciente (seção 19.6);
  - ◊ a predicação transitiva, seja direta ou indireta (seção 9.1.1) compõe uma classe aberta que participa nas seguintes construções ou processos:
    - aceita o nominalizador ***–py¹*** ~ ***-mby*** (seção 19.9),
    - aceita o sufixo da voz causativa ***–uka*** (seção 13.2.5.2);
  - ◊ a predicação intransitiva e transitiva indireta de evento/atividade (seção 9.2) compõe uma classe aberta que participa nas seguintes construções ou processos:

---

[37] Em guarani mbyá, a distinção entre nomes contáveis e não-contáveis, tendo a ver com a possibilidade de ocorrer com certos quantificadores, certos advérbios e verbos no plural (seções 18.1 e 18.3), tem importância bem menor que a diferença entre relacional e não-relacional.

- flexão de sujeito (seção 5.1),
- ocorre na composição nominal (seção 15.1.5),
- gera nomes deverbais intransitivos simples (seção 19.1),
- em forma flexionada, gera nomes derivados de v. i. de evento/atividade (seção 19.8),
- gera adjetivos tipo particípio (seção 19.8);

◊ a predicação de localização (seção 9.3) compõe uma classe pequena que participa nas seguintes construções ou processos:
- flexão de sujeito (seção 5.1),
- requer um objeto indireto de lugar;

◊ a predicação de existência (seção 9.5) compõe uma classe pequena que participa nas seguintes construções ou processos:
- flexão de sujeito (seção 5.1),
- requer um objeto indireto de circunstância (tempo ou lugar);

◊ a predicação de apresentação (seção 9.5) compõe uma subclasse pequena da predicação de existência que participa nas seguintes construções ou processos:
- flexão de sujeito (seção 5.1),
- o sujeito ocorre após o verbo;

◊ a predicação de atributo (seção 9.4) compõe uma classe aberta que participa nas seguintes construções ou processos:
- flexão ***xe-*** de sujeito (seção 5.1),
- não requer argumento além do sujeito,
- em forma flexionada, gera nomes no plural (seção 19.8.1),
- gera nomes abstratos (seção 19.8);

◊ a predicação nominal de evento (seção 9.5.1) compõe uma classe de tamanho indeterminado que participa nas seguintes construções ou processos:
- radical emprestado de radicais nominais não-relacionais que designam fenômenos,
- não aceita argumento,
- não aceita flexão de pessoa e número,
- não ocorre no modo imperativo nem na voz impessoal,
- não gera nomes deverbais;

◊ a predicação nominal de posse (seção 9.5.1) compõe uma classe aberta que participa nas seguintes construções ou processos (muitos exemplares são compostos):
- radical emprestado dos radicais nominais relacionais,
- flexão ***xe-*** de sujeito que corresponde ao possuidor do nome relacional,
- não requer argumento além do sujeito,
- não ocorre na voz impessoal,
- gera nomes no plural (seção 19.8.1);

◊ a predicação relacional de processo (seção 10.2), ou seja, a predicação flexionada menos a de identificação e de classificação, participa nas seguintes construções ou processos:
- ocorre com a voz impessoal;

◊ a predicação de processo temporal (seção 10.2), compondo toda a predicação flexionada, participa nas seguintes construções ou processos:
- aceita advérbios,
- aceita indicadores de tempo, aspecto e modalidade,
- aceita a negação afixal;

◊ a predicação de identificação e classificação (com predicativo nominal de sujeito; seção 9.4) compõe uma classe pequena que participa nas seguintes construções ou processos:
- o predicador (cópula) é oculto por padrão,
- não aceita negação (o negativo ocorre no predicativo nominal),
- não aceita advérbios;

◊ a predicação relacional de identificação e classificação (seção 10.2), compondo toda a predicação flexionada, participa nas seguintes construções ou processos:
- aceita flexão de sujeito,
- ocorre no modo imperativo;

◊ Com todos os radicais predicativos podem ocorrer (seção 10.2):
- o modo optativo,
- partículas de tempo/aspecto.

8.1.3 Radicais adjetivos

RADICAIS ADJETIVOS (ou simplesmente **ADJETIVOS**) são os radicais que ocorrem em função de modificador de elementos nominais, sem indicador de função.

- Exemplos de radicais adjetivos simples: ***yvyra yvate*** 'árvore alta', ***oo porã*** 'casa bonita'.
- Radicais adjetivos compostos não constam nos dados disponíveis.
- Radicais adjetivos derivados:
  ◊ derivados de radicais de v. i. de evento/atividade, tipo particípio (seção 19.8): ***mburika'i kanhygue*** 'o burro sumido', ***xo'o jykue*** 'carne cozida',
  ◊ derivados de radicais de modificadores menos estáveis (seção 19.8): ***vaka aingaikue*** 'vaca magra', ***kunumi poriaukue'i*** 'moço pobrezinho',
  ◊ um derivado do verbo ***–'e*** 'dizer': ***oky ja'ea*** 'árvore impressionante' (lit., 'chuva como dizemos').
- Radicais emprestados de outras classes para ocorrer em função adjetiva:
  ◊ emprestados de radicais nominais (seções 15.1.4 e 18.1.3): ***uru ava*** 'galo' de ***uru*** 'galinha' + ***ava*** 'homem', ***jaxy-tata*** 'estrela' de ***jaxy*** 'lua' + ***tata*** 'fogo';
  ◊ emprestados de radicais verbais na composição (seção 15.1.5): ***uruvu*** 'urubu' de ***uru*** 'galinha' + ***-vu*** 'boiar', ***yvytu-jere*** 'redemoinho' de ***yvytu*** 'vento' + v. i. ***-jere*** 'girar'.
- Subclasses dos radicais adjetivos com consequências gramaticais incluem as seguintes:
  ◊ quantificadores numéricos (numerais) e não-numéricos (seção 18.1.1):
  - geram nomes (ou termos adverbiais) indicando número de vezes (seção 19.8);
  ◊ determinantes, compondo quantificadores, demonstrativos (classes fechadas) e outros sintagmas nominais (seção 18.1.1):
  - ocorrem também em função referencial;
  ◊ adjetivos de configuração ou extensão espacial ou temporal ou de peso (seção 19.8), uma classe de tamanho médio:
  - geram nomes abstratos de medida.
- Os radicais adjetivos não são flexionados, mas podem ser hospedeiros do sufixo/enclítico ***–kue***^{2} ~ ***-gue***^{3} que indica pluralidade (seção 19.8.1).

8.1.4 Radicais adverbiais

RADICAIS ADVERBIAIS (ou simplesmente **ADVÉRBIOS**) são os radicais que ocorrem em função de modificador de elementos não-nominais, sem indicador de função.

- Exemplos de radicais adverbiais simples: ***xembo'e porã*** 'ensinou-me bem', ***vivi porã'i*** 'filhote de cachorro bonitinho'.
- Exemplos de radicais adverbiais derivados e compostos não constam nos dados disponíveis.[38]
- Exemplos de radicais emprestados de outras classes para ocorrer em função adverbial não constam nos dados disponíveis.
- Subclasses dos radicais adverbiais com consequências gramaticais incluem as seguintes:
  ◊ advérbios de quantidade, advérbios de maneira e advérbios temporais, que têm uma ordem padrão entre si (seção 0).
- Os radicais adverbiais não são flexionados.

8.2 Radicais que pertencem a classes múltiplas; empréstimo funcional, classes-ponte

Na discussão das classes lexicais específicas na seção 8.1, foram citados elementos que pertencem a classes múltiplas, sem empréstimo, paralelamente. O elemento ***porã***, por exemplo, é um radical predicativo atributivo (***peva'e oo ma iporã*** 'aquela casa é bonita'), um radical adjetivo (***oo porã*** 'casa bonita') e um radical adverbial (***xembo'e porã*** 'ensinou-me bem'). Um elemento que pertence a classes múltiplas em si não dá problemas para a gramática; as descrições da predicação de atributo (seção 9.4), do sintagma nominal

[38] O português tem muitos radicais adverbiais derivados de adjetivos através do sufixo ***–mente***: ***simplesmente***.

(seção 18.1.3) e da locução predicadora (seção 12) todas fazem referência a ***porã*** (como radical ou sintagma), citando-o através de uma das três classes às quais pertence. Contudo, pode haver a percepção por parte dos falantes nativos, refletida na gramática, de estrutura adicional. Na gramática presente se reconhece dois tipos de estrutura deste tipo: empréstimo funcional e classes-ponte.

- No **EMPRÉSTIMO FUNCIONAL**, radicais de uma classe são aparentemente emprestados para desempenhar uma função comunicativa que caracteríza outra classe.
- Uma **CLASSE-PONTE** é uma classe de elementos que aparentemente pertencem a mais de uma classe lexical básica.

Nenhuma destas possibilidades seria uma necessidade lógica. Elas fariam parte de uma gramática descritivamente adequada à medida que fossem percebidas por falantes nativos e a gramática correspondesse com suas intuições (veja nota de rodapé 34). Uma gramática, portanto, deve ter critérios para decidir quando se reconhece um empréstimo funcional e uma classe-ponte. O ideal seria descobrir a intuição linguística dos falantes nativos ou, pelo menos, utilizar os mesmos critérios que eles usam. Contudo, a abordagem presente não apresenta evidência psicolinguística que indicaria se falantes nativos reconhecem ou não um determinado processo ou classe-ponte. Ela apenas apresenta certos fatores que, por sua generalidade cognitiva, pode fazer parte da intuição do falante nativo. O modelo gramatical baseado no uso de linguagem ("usage-based model"; veja Croft e Cruse 2004:292) apresenta dois fatores que são fundamentais para a armanezagem de expressões como palavras:

- o significado (a **SEMÂNTICA**) de elementos, especialmente funções comunicativas que eles desempenham;
- a **FREQUÊNCIA** com que um elementos ocorrem numa determinada função ou com um determinado traço semântico.

Na investigação de construções e processos além de palavras inteiras, entra um terceiro fator:

- a **PRODUTIVIDADE**, ou seja, a o número de elementos aos quais um determinado processo (tal como um empréstimo funcional) se aplicaria ou que pertenceriam a uma determinada classe(-ponte).

A aplicação destes critérios segue as normas seguintes:

- O empréstimo funcional de elementos de uma classe "A" para desempenhar a função característica de outra classe "B" é tido como reconhecível à medida que:
  - ◊ a produtividade e a frequência sejam suficientes para chamar atenção ao fenômeno;
  - ◊ haja uma percepção de um direcionamento funcional que procede de "A" a "B"; esta assimetria comumente resulta dos elementos que ocorrerem na função de "A" com bem mais frequência do que na função de "B" (a distinção principal).
- Uma classe-ponte contendo elementos das classes "A" e "B" é tida como reconhecível à medida que:
  - ◊ os elementos tenham uma função comunicativa em comum de função "A" e função "B";
  - ◊ a produtividade e a frequência sejam suficientes para chamar atenção ao fenômeno;
  - ◊ não haja uma percepção nítida de uma direção do empréstimo de uma das classes para outra; haja um senso de simetria nas duas funções "A" e "B";
  - ◊ os elementos em invesigação constituam a entrada ou a saída de um processo ou construção.
- À medida que nenhuma destas duas situações vigora, os elementos são tidos como simplesmente pertencendo às classes "A" e "B" de uma maneira paralela. O maior critério que indica empréstimo funcional é um direcionamento funcional óbvio, enquanto uma simetria funcional (a falta da percepção de direção), junto com a existência de uma função comunicativa em comum, indica uma classe-ponte.

Todos os critérios citados acima – a disparidade funcional-semântica, traços semânticos, a frequência e a produtividade – são gradativos; cada um vigora de um grau maior ou menor. Por isso, a percepção de processos e classes é gradativa e às vezes incerta também, não apenas porque é baseada em critérios gradativos, mas também porque os critérios podem indicar conclusãos opostas. Por causa disso, a própria natureza da gramática, conforme a abordagem presente e usando a intuição dos falantes nativos como um critério para a descrição (veja Chomsky 1965:24 e a nota de rodapé 34), prediz diferenças de opinião, tanto entre falantes nativos quanto entre analistas.

Utilizando os três critérios como explicados acima, podemos avaliar até que ponto um determinado processo de empréstimo ou uma classe-ponte deve ser perceptível por falantes nativos, no modelo da gramática presente. Consideramos vários casos:

O EMPRÉSTIMO DE NOMES NÃO-RELACIONAIS PARA A PREDICAÇÃO NOMINAL DE FENÔMENO (SEÇÃO 9.5.1):

Na predicação nominal de fenômeno, a produtividade é bem menor do que na predicação nominal de posse, pois são poucos os nomes não-relacionais que ocorrem; a frequência também é pequena. Mas a direção do empréstimo é ainda mais óbvia do que no caso anterior, pois a ocorrência dos elementos em função predicativa é rara. A visibilidade do processo, portanto, pode ser comparável à da predicação nominal de posse; nesta gramática, ele é reconhecido.

O EMPRÉSTIMO DE NOMES RELACIONAIS PARA A PREDICAÇÃO NOMINAL DE POSSE (SEÇÃO 9.5.1):
A predicação nominal de posse apresenta um processo regular, aplicável a todos os nomes relacionais. Por isso sua produtividade é muito alta, pois os nomes relacionais são muitíssimos; sua frequência é bem alta também. Há uma direção óbvia para o empréstimo, já que a maior parte dos nomes relacionais são bem mais frequentes na função referencial do que na função predicativa. Essas considerações fazem o empréstimo de nomes relacionais para a predicação nominal de posse um processo extremamente reconhecível, que faz parte da presente gramática.

O EMPRÉSTIMO DE RADICAIS V. I. DE EVENTO/ATIVIDADE PARA NOMES DEVERBAIS INTRANSITIVOS SIMPLES (SEÇÃO 19.1):
Neste caso também a produtividade e a frequência são comparáveis ao caso anterior, ou talvez maior. Há uma direção óbvia para o empréstimo, pois a ocorrência dos elementos em função referencial é relativamente rara. Portanto, a situação é semelhante à da predicação nominal de fenômeno: é de se esperar que os falantes nativos reconheçam um processo de empréstimo, como a gramática faz.

A CLASSE-PONTE DOS PREDICADORES-ADJETIVOS (PREDICADORES DE ATRIBUTO + ADJETIVOS):
São muitos os radicais que funcionam tanto como predicador de atributo quanto como adjetivo; eles têm a frequência altíssima também. Existe uma função comunicativa em comum: ambas as funções são estreitamente ligados a um atributo. Se pensássemos em derivar uma função da outra, não seria óbvio em qual direção proceder: da função predicativa para a modificadora ou da modificadora para a predicativa; ambas são frequentes. Em ambas as funções os elementos constituem uma entrada de um processo ou construção, pois eles aceitam advérbios tais como ***vaipa*** 'muito' e ***–ve*** 'mais', no sentido de um grau elevado do atributo: ***uru porãve*** 'uma galinha mais bonita', ***peva'e ma iporã vaipa*** 'aquela é muito bonita'. Por isso, no presente trabalho se reconhece uma classe-ponte, a dos **PREDICADORES-ADJETIVOS**, em vez de um processo de empréstimo funcional. (Alguns membros dessa classe-ponte, tais como ***porã*** 'ser bonito/bonito', funcionam como advérbios de maneira além de ocorrer nas funções predicativa e adjetiva (seção 12.1.3): ***ake porã*** 'dormi bem'. Outros membros, tais como ***aku*** 'estar quente/calor/quente', funcionam como predicadores, nomes e adjetivos: ***kuaray ojope ratã ramo nhaendu haku*** 'quando o sol se esquentar bem sentimos o calor'. Ainda outros, tais como ***axy*** 'doer/dor/difícil/dificilmente', ocorrem em todas as quatro funções básicas, como predicador, nome, adjetivo e advérbio.)

O EMPRÉSTIMO DE NOMES NÃO-RELACIONAIS ATRIBUTIVOS PARA A FUNÇÃO ADJETIVA (SEÇÕES 18.1.3 E 15.1.4):
NOMES ATRIBUTIVOS são nomes cuja significado é estreitamente ligado com um atributo; nomes atributivos não-relacionais incluem: ***ava*** 'homem, ser masculino', ***kunhataĩ*** 'moça'.[39] Eles formam uma subclasse dos nomes, tendo seu plural formado com ***–kue²*** **~** ***-gue³*** (seção 19.8.1). O que enfocamos aqui é que estes nomes ocorrem também em função adjetiva: ***uru ava*** 'galo' (lit., 'galinha homem ou masculina'), ***tembiguai kunhataĩ*** 'empregada ou serva moça'. A produtividade (o número de elementos envolvidos) é mediana; a frequência é bem maior que a produtividade. Mas há uma direção óbvia de empréstimo, pois a ocorrência dos elementos em função adjetiva é relativamente rara enquanto sua ocorrência como nomes é frequente. Portanto, a gramática reconhece um processo de empréstimo.

O EMPRÉSTIMO DE RADICAIS PREDICATIVOS DE EVENTO/ATIVIDADE PARA A FUNÇÃO ADJETIVA (SEÇÃO 15.1.5):
Às vezes ocorre um radical verbal de evento/atividade como adjetivo: ***tuku-karu*** 'gafanhoto devorador' de ***tuku*** 'gafanhoto' + ***-karu*** 'comer'. Isto é extremamente infrequente, constando apenas na composição. A produtividade também é baixa. Há uma direção óbvia de empréstimo, pois a ocorrência dos elementos em

[39] Os advérbios de maneira são advérbios atributivos (seção **Error! Reference source not found.**); os v. i. de atributo têm flexão ***xe-*** (seção 9.4). Os adjetivos são todos atributivos.

função adjetiva é raríssima. Portanto, a gramática o reconhece como um processo (que comumente se descreve como "derivação zero", pois não tem marcador).

A CLASSE-PONTE DOS NOMES-ADJETIVOS (NOMES RELACIONAIS ATRIBUTIVOS + ADJETIVOS):

A seção 7 começou citando o radical relacional ***para*** 'enfeite, enfeitar, enfeitado', que ocorre em função referencial (***guyrapa para*** 'o trançado do arco'), em função predicativa (***guyrapa iparapa ma*** 'o arco já está completamente enfeitado') e em função adjetiva (***kuaxia para*** 'papel enfeitado', geralmente no sentido de papel escrito). A predicação que ocorre é a predicação nominal de posse ('o arco já tem enfeite completo [já existe enfeito completo do arco]'; seção 9.5.2), um processo de empréstimo funcional reconhecido (veja acima e na seção 9.7.2.1). Enfocamos aqui apenas o relacionamento entre as funções referencial e adjetiva. A produtividade é mediana, de talvez dez radicais; a frequência é mais alta. Há uma função comunicativa em comum, pois tanto os nomes ('enfeite') quanto os adjetivos ('enfeitado') são relacionais. Não há direção óbvia para empréstimo funcional, pois as duas funções são comuns. Para radicais como ***para***, portanto, é indicada uma classe-ponte dos **NOMES-ADJETIVOS**. Esta classe é menos frequente e menos produtiva do que a dos predicadores-adjetivos.

Possivelmente existam mais três classes-ponte:

A CLASSE-PONTE DOS DETERMINANTES (MODIFICADOR DETERMINANTE + PRONOME):

Os **DETERMINANTES** (seção 20.3) ocorrem tanto em função de determinante (um modificador nominal com características sintáticas próprias; seção 18.1.1), quanto em função pronominal (referencial). Aqui se trata de duas subclasses fechadas: os **DEMONSTRATIVOS** e os **QUANTIFICADORES**, cada uma com sintaxe e função próprias. A produtividade de cada subclasse é mediana, mas sua frequência é alta. De fato, em cada subclasse as duas funções são bem frequentes, contribuindo para uma simetria funcional que não sugere uma direção para empréstimo. Para cada subclasse, as duas funções têm uma função comunicativa em comum: a de demonstrativo ou de quatificador, respetivamente. Por isso, elas são classes-ponte, e sua hiper-classe, a dos determinantes, é uma classe-ponte também.

A CLASSE-PONTE DOS MODIFICADORES (ADJETIVOS + ADVÉRBIOS):

Os **MODIFICADORES** são elementos que funcionam tanto como adjetivos quanto como advérbios, ou seja, eles modificam elementos de qualquer classe básica. O número de elementos (a produtividade) é considerável; a frequência é maior ainda. Ambas as funções são comuns, de forma que não há direção de empréstimo óbvia. Por isso, se reconhece uma classe-ponte. Uma subclasse de tamanho médio são os **INTENSIFICADORES**, com sintaxe e função próprias (seções 12.2 e 20.4).

A CLASSE-PONTE DAS POSPOSIÇÕES-CONJUNÇÕES (POSPOSIÇÕES + CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS):

Estes elementos têm duas funções não-básicas, contudo altamente universais: várias **POSPOSIÇÕES** (tais como ***guive*** 'desde': ***yma guive avaxi oiko*** 'o milho existia desde os tempos antigos'; seção 20.6) que ocorrem também em função de **CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA** (***guive*** 'desde que': ***ndee reju guive xee avy'a*** 'desde que você veio, eu estou contente'; seção 20.7). A produtividade é mediana, com uma meia-dúzia de elementos; a frequência é bem alta. De fato, as duas funções são bem comuns e não se vê direção de empréstimo óbvia. Conforme os critérios acima, é indicada como uma classe-ponte.

Em suma, o empréstimo funcional e classes-ponte apresentam opções para a gramática: reconhecer um processo/uma classe ou simplesmente registrar funções múltiplas, paralelas, para os elementos em questão. Uma gramática que leva a sério as "intuições linguísticas do falante nativo" (veja nota de rodapé 34) buscará critérios para avaliar, ou pelo menos modelar, essas intuições. Os critérios citados acima apontam graus diferentes da percepção de processos e classes-ponte.

8.3 Funções sintáticas constatadas na língua

As seguintes funções sintáticas constam na língua (veja seção 25 Abreviaturas). Várias das funções e classes lexicais principais (nome, modificador, verbo; seção 8.1) têm subfunções e subclasses mais especializadas. Seção 20 descreve as funções sintáticas menores.

FUNÇÕES SINTÁTICAS QUE COMUMENTE OCORREM DENTRO DA LOCUÇÃO PREDICADORA (SEÇÃO 12):

- verbos transitivos diretos
  - ◊ v. t. direto
  - ◊ v. t. direto duplo (com dois objetos diretos)
  - ◊ v. t. direto e indireto (bitransitivo)
  - ◊ v. t. direto e indireto duplo (com um objeto direto e dois objetos indiretos)

- verbos transitivos indiretos
  - ◊ v. t. indireto de evento/atividade
  - ◊ v. t. indireto de localização
  - ◊ v. t. indireto de existência ou apresentação
  - ◊ v. t. indireto de atributo
  - ◊ v. t. indireto duplo (com dois objetos indiretos)
- verbos intransitivos
  - ◊ v. i. de evento/atividade
  - ◊ v. i. de atributo
- predicação nominal de fenômeno
- predicação nominal de posse
- verbo copular
- verbos suplementares
  - ◊ v. t. suplementar
  - ◊ v. i. suplementar
- elemento negativo
- advérbio
- partícula do tempo ou aspecto
- partícula modal
- elemento modal de tempo
- radical verbal posposto

FUNÇÕES SINTÁTICAS QUE COMUMENTE OCORREM DENTRO DO SINTAGMA NOMINAL (SEÇÃO 18):

- determinantes
  - ◊ demonstrativo
  - ◊ numeral
  - ◊ quantificador não-numérico
- nomes (os nomes sem flexão indicada são não-relacionais)
  - ◊ nome próprio
  - ◊ nome deverbal intransitivo simples
  - ◊ nome deverbal intransitivo sufixado
- adjetivo
- pronomes
  - ◊ pronome pessoal
  - ◊ pronome demonstrativo
  - ◊ pronome interrogativo
  - ◊ pronome derivacional
- intensificador
- numeral ordinal
- flexão de tempo

OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS QUE CONTÊM ITENS LEXICAIS:

- exclamação
- termo adverbial

OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS QUE NÃO CONTÊM ITENS LEXICAIS – FORMAS LIVRES:

- posposições
  - ◊ posposição flexionada
  - ◊ posposição não-flexionada
- conjunções
  - ◊ conjunção coordenativa
  - ◊ conjunção subordinativa
- conectivo sentencial
- focalizadores

- partículas espaçadoras

OUTRAS FUNÇÕES SINTÁTICAS QUE NÃO CONTÊM ITENS LEXICAIS – FORMAS PRESAS:

- prefixos
  - ◊ prefixo de flexão de pessoa e número
  - ◊ prefixo verbal de modo
  - ◊ prefixo verbal de negação
  - ◊ prefixo derivacional
- pronome derivacional
- sufixos
  - ◊ sufixo nominalizador
  - ◊ sufixo verbal de negação
  - ◊ sufixo derivacional

8.4 A representação das funções sintáticas no léxico

No trabalho presente, as funções sintáticas ou classes lexicais de cada elemento são indicadas no léxico de duas formas:

- primeiro, logo após a forma de citação, é apresentada uma lista das funções sintáticas principais de um dos tipos encontrados na seção 8.3, com uma indicação do tipo de flexão que o elemento tem em cada função;
- segundo, mais adiante no verbete, ocorrem **PARÁGRAFOS DESCRITIVOS**, que descrevem os contextos gramaticais nos quais cada função ocorre, junto com outras informações.

No verbete do elemento ***para***, por exemplo, as seguintes funções sintáticas são indicadas: *nome* (flexão ***xe-*** + ***Ø***)*/v. i. de atributo (predicação nominal de posse)* (flexão ***xe-*** + ***Ø***)*/adjetivo*, ou seja, as funções sintáticas principais deste elemento são como um nome relacional, como um verbo intransitivo de atributo através do processo de predicação nominal de posse e como um adjetivo. (O tipo de flexão indicada para as primeiras duas funções é explicado na seção 5.) Mais adiante no verbete encontram-se três parágrafos descritivos das construções nas quais ele ocorre, que são introduzidos pelos seguintes rótulos: EM FUNÇÃO REFERENCIAL (descrevendo as construções nas quais ocorre como nome), EM FUNÇÃO PREDICATIVA (descrevendo as construções nas quais o elemento ocorre como verbo intransitivo) e EM FUNÇÃO ADJETIVA (descrevendo as construções nas quais ocorre como adjetivo). Nesses parágrafos descritivos encontram-se informações tais como o significado ou significados que o elemento possui quando ocorre na função em questão, junto com a descrição de detalhes sobre a construção e exemplos ilustrativos. Nos parágrafos descritivos podem ser registrados significados alternativos (a polissemia) e variantes da construção em questão.

Para elementos que ocorrem numa só função sintática, não há parágrafo descritivo: no verbete sua função é indicada após a forma de citação e as informaçãos do parágrafo descritivo mencionadas acima são dadas logo em seguida, no mesmo parágrafo. O verbete para ***ka'ay*** 'chimarrão', por exemplo, não tem parágrafo descritivo porque o elemento ocorre numa só função, a referencial. (Quando um nome não tem flexão indicado, ele é não-referencial; seção 6.3.1.)

Em certos verbetes, há mais parágrafos descritivos do que funções sintáticas na lista inicial. Isto, porque às vezes uma função precisa ser dividida em subfunções, ou melhor, numa determinada função o elemento pode participar em mais de uma construção, com características morfossintáticas ou semânticas diferentes. Isso é comum com elementos gramaticais, tais como ***-a***^{1}, que tem uma só função sintática principal, a de *sufixo nominalizador*, mas que precisa dos seguintes parágrafos descritivos: COM ORAÇÃO, COM RADICAL DE V. I., COM NOME OU TERMO ADVERBIAL, COM NUMERAL OU EXPRESSÃO REFERENCIAL CONTENDO NUMERAL. Observe-se que certas descrições podem vigorar simultaneamente; isto produz ambiguidade formal (seção 9.7.1).[40]

No léxico se emprega uma convenção simplificadora para expressões nominais: o rótulo *nome* é utilizado no léxico num sentido abrangente, para indicar todos os elementos e expressões que ocorrem em função referencial, tendo flexão ou não e tendo modificadores ou não. O rótulo, portanto, abrange tanto radicais

[40] Às vezes duas funções com poucas diferenças são incluídas num só parágrafo descritivo: comumente v. i. e v. t. indireto, mais raramente v. i. e v. t. direto ou v. t. direto e v. t. direto e indireto (bitransitivo) (veja seção 9.1.1).

nominais quanto sintagmas nominais. Comumente ocorrem radicais nominais sem flexão indicada, mas com um modificador: ***-etarã ae'i*** ‘parente chegado’, que são mais de um radical nominal e menos de um sintagma nominal. Tais expressões são designados como nomes também.

9 Tipos de predicação

Abordagens recentes na tipologia linguística (Stassen 1997, Croft 2001 e 2003, Dryer 2007) classificam vários tipos de de predicação transitiva e intransitiva. O presente esboço trata dos tipos de predicação que se apresentam em guarani mbyá. Na seção 10 os tipos de predicação são agrupados em conjuntos através das suas características morfossintáticas.

Utiliza-se a seguinte classificação semântica de tipos de predicação, a qual, de modo geral, segue Langacker 1987, cap. 7:

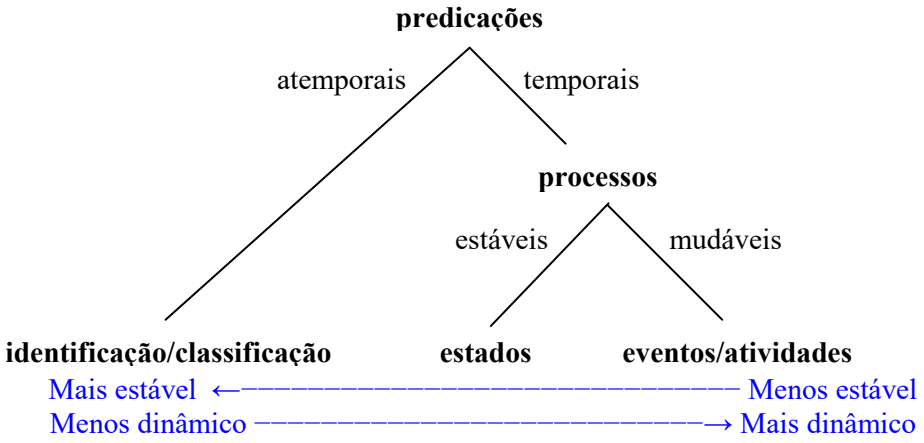

Figura 15: Tipos principais de predicação classificados na dimensão temporal

Uma predicação é “temporal” no sentido que ela é apresentada como desenrolando ao longo do tempo (Langacker 1987:83). A diferença entre processos estáveis e mutáveis é gradativa. A distinção entre eventos e atividades é de aspecto semântico, ou seja, entre pontual e durativo (loc. cit.); em guarani mbyá, esta distinção não traz grandes consequências sintáticas. Exemplos do português:

- *identificação:* *Aquele rapaz é meu filho João.*
- *classificação:* *Aquele rapaz é um amigo meu.*
- *estado:* *Aquele rapaz é muito alto/está na quadra/tem um irmão.*
- *evento:* *Aquele rapaz jogou bem.*
- *atividade:* *Aquele rapaz joga bem.*

Embora existam ainda mais distinções úteis na semântica da predicação (veja, por exemplo, Van Valin e LaPolla 1997, seção 3.1), as categorias ilustradas acimas são adequadas para a presente discussão.

9.1 A predicação transitiva direta de evento/atividade

De um modo geral, os v. t. diretos predicam eventos/atividades (***-juka*** ‘matar’, ***-exa*** ‘ver’; veja Figura 15), enquanto os v. t. indiretos são mais variados entre evento/atividade e estado. Os objetos diretos são geralmente mais afetados pela ação verbal do que objetos indiretos e são comumente indexados na flexão verbal de pessoa e número (seção5.5), enquanto objetos indiretos nunca o são.

Existem v. t. diretos que são excepcionais no sentido de designar um evento/atividade ou cujo objeto não é afetado. Por exemplo:

- ***–areko*** no seu significado ‘ter’, que em certos casos constitui um semanticismo português: ***areko mokoĩ xerajy*** ‘tenho duas filhas’ (veja uma comparação com a predicação nominal de posse na seção 9.5.1).
- ***–pota*** ‘querer (algo)’: ***aipota kamisa*** ‘quero a/uma camisa’.

Contudo, a morfologia e sintaxe destes radicais não diferem de outros v. t. diretos, nem são excluídos de processos que envolvem v. t. diretos mais típicos. Portanto, na presente gramática os v. t. diretos constituem uma classe só.

9.1.1 A predicação transitiva indireta

No presente trabalho, seguindo a Nomenclatura Gramatical Brasileira (Portaria Nº 36, de 28 de janeiro de 1959), **A PREDICAÇÃO TRANSITIVA** abrange tanto predicação transitiva direta quanto predicação transitiva indireta. Um **VERBO TRANSITIVO (V. T.)** requer um argumento além do sujeito (um **OBJETO**; seção 6.2). Um **OBJETO DIRETO** não precisa de marcação estrutural específica, enquanto um **OBJETO INDIRETO** (ou objeto oblíquo) precisa ser indicado especificamente – em guarani mbyá, através de uma posposição.

Dois sufixos derivacionais ocorrem com os verbos transitivos todos, tanto diretos quanto indiretos:

O NOMINALIZADOR DE V. T. ***–PY[1] ~ -MBY*** (SEÇÃO 19.9):

- com v. t. direto ***–mbo'e*** 'ensinar': ***ombo'epy*** 'o que está sendo ensinado'
- com v. t. indireto ***–pena*** 'cuidar (de algo ou alguém)': ***openamby*** 'o que está sendo cuidado'

O SUFIXO DA VOZ CAUSATIVA ***–UKA*** QUE OCORRE NOS RADICAIS V. T. (SEÇÃO 13.2.5.2):

- com v. t. direto ***–mbo'e*** 'ensinar': ***xera'y ambo'e uka ava pe*** 'mandei o homem ensinar meu filho'
- com v. t. indireto ***–pena*** 'cuidar (de algo ou alguém)': ***ava pe opena uka xero re*** 'mandei o homem cuidar da minha casa'

Na flexão verbal, porém, o v. t. indireto é tratado igual ao v. i. (seção 5.1).

Em guarani mbyá, existem vários tipos de predicação transitiva, como nos v. t. seguintes:

- v. t. direto (com um objeto direto): ***-mbo'e*** 'ensinar';
- v. t. indireto (com um objeto indireto): ***-pena*** 'cuidar (de algo ou alguém)';
- v. t. direto e indireto (com um objeto direto e um objeto indireto): ***-kyty*** 'friccionar (algo) (em algo)';
- v. t. direto duplo (com dois objetos diretos, "bitransitivo"): ***-monyẽ*** 'encher (algum recipiente) (conteúdo)';
- v. t. indireto duplo (com dois objetos indiretos): ***-jerure*** 'pedir (a alguém) (por algo)';
- v. t. direto duplo e indireto (com dois objetos diretos e um objeto indireto): ***-monyẽ uka*** 'mandar (a alguém) encher (algum recipiente) (conteúdo)';
- v. t. direto e indireto duplo (com um objeto direto e dois objetos indiretos): ***-mopena uka*** 'fazer (alguém) mandar (a alguém) cuidar (de algo)'.

Um objeto indireto é mais "fácil" de se acrescentar do que um objeto direto, em dois sentidos:

- um objeto indireto não necessita mudanças no verbo, nem na flexão nem na derivação, enquanto um objeto direto geralmente necessita mudanças tanto flexionais quanto derivacionais;
- há muitos v. t. diretos com um objeto indireto (v. t. direto e indireto), mas os v. t. diretos com um segundo objeto direto (v. t. direto duplo) são bem raros.

Portanto, exceto em relação aos dois sufixos derivacionais ***–py[1]*** e ***-uka*** mencionados acima, a gramática presente trata a predicação transitiva indireta principalmente como uma extensão da predicação intransitiva, e semelhantemente a predicação transitiva direta e indireta como uma extensão da predicação transitiva direta (veja também seção 9.7.2.4).

9.2 A predicação intransitiva e transitiva indireta de evento/atividade

Os v. i. intransitivos bem como os v. t. indiretos têm em comum que não requerem um objeto direto, mas um v. t. indireto requer um objeto indireto. Os v. i. intransitivos e os v. t. indiretos geralmente têm flexão de sujeito, que pode ser da flexão ***a-*** ou flexão ***xe-*** (seção 5.1).

Muitos destes verbos designam eventos ou atividades. Em grande parte, os dois tipos de flexão correspondem a dois níveis de estabilidade temporal: os da flexão ***a-*** tendem a ser menos estáveis, mais dinâmicos, do que os da flexão ***xe-***. Por exemplo, o evento designado pelo verbo ***apu'ã*** 'fico de pé' (da flexão ***a-***) é menos estável, mais dinâmico do que a atividade designada por ***xe'aĩ*** 'estou de pé' (da flexão ***xe-***). Por isso, linguistas que estudam línguas da família tupi-guarani comumente chamam os verbos da flexão ***a-*** como **VERBOS ATIVOS** e verbos ou outros predicadores da flexão ***xe-*** como **VERBOS** ou **PREDICADORES ESTATIVOS** (veja, por exemplo, C. Jensen 1998a:517 e Seki 1987, 2000).[41] De fato, em todos os itens flexionáveis da língua, não apenas nestes verbos, a distinção entre graus de dinamismo/estabilidade temporal é refletida nos

[41] Outra maneira de descrever essa situação seria através do termo "S-cingido".

dois tipos de flexão (seção 10.3). Via de regra, em guarani mbyá (e outras línguas tupi-guarani) a diferença semântica entre as duas classes de predicadores tem a ver com a questão de controle: com os verbos ativos, ou seja, os da flexão ***a-***, o sujeito exerce controle sobre a ação, enquanto com os verbos ou outros predicadores estativos, os da flexão ***xe-***, ou o sujeito não exerce controle sobre a ação, ou não há sujeito ou não há ação. Existem, contudo, exceções.

9.3 A predicação de localização

A predicação de localização indica onde o sujeito está: ***João oĩ ngoo py*** 'João está na sua casa'. Um **VERBO LOCATIVO** é obrigatório ou pelo menos requerido; o mais comum é ***-ĩ*** 'estar localizado'. Outros são: ***-ime*** 'estar localizado ainda', ***-iko*** 'morar (lit. 'andar'), ***-ekony*** 'estar localizado', ***-pyta*** 'ficar', ***-kuai*** 'ser (pl.)' ou 'estar localizado (pl.)', ***-po*** 'estar localizado' (somente ocorre no negativo). Certos verbos locativos indicam a posição do sujeito: ***-tui*** 'estar deitado', ***-'aĩ*** 'estar de pé'. Todos estes verbos locativos são flexionados: ***-ĩ***, ***-ime***, ***–iko*** e ***-pyta*** são da flexão ***a-***, enquando ***-kuai***, ***-tui***, ***-'aĩ*** e ***-po*** são da flexão ***xe-***.

Na predicação de localização, mais um elemento é requerido: uma expressão indicando lugar. Geralmente, esta função é desempenhada por um termo adverbial (seção 20.8), especialmente posposicionado (***ngoo py*** 'na sua casa' no exemplo acima) ou um termo adverbial demonstrativo (***apy*** 'aqui'). Certos destes elementos podem ocorrer em outras funções também: ***yvate*** 'em cima' no exemplo ***ndekyxe ma yvate oĩ*** 'sua faca está em cima' pode também ocorrer em função predicativa ('crescer', 'ser alto') ou em função adjetiva ('alto').[42] Enquanto o verbo é essencialmente obrigatório, tanto o sujeito quanto a expressão de lugar são apenas requeridos: quando ativados, eles são comumente ocultos (seção 24.2), como no português:

Falante A: ***João pa oĩ?*** 'João está (em casa ou em outro lugar ativado)?'
Falante B: ***Oĩ.*** 'Está.'

Quanto à sua sintaxe, portanto, a predicação de localização constitui um subtipo de **PREDICAÇÃO TRANSITIVA INDIRETA**: as construções da predicação de localização não diferem, na sua morfossintaxe, dos v. t. indiretos de evento/atividade. A maior distinção na predicação de localização é semântica: a localização é um estado, não um evento ou atividade, portanto os verbos de localização não geram nomes deverbais.

9.4 A predicação de atributo e verbos copulares

Na predicação de atributo (***iporã*** 'é bonito'), os radicais, na sua tradução em inglês ou português, tendem a ser adjetivos (***porã*** 'bonito'). Na verdade, uma grande parte desses radicais ocorre também em função adjetiva (***oo porã*** 'casa bonita'); tais elementos são os predicadores-adjetivos da seção 8.2. Na função predicativa, esses elementos têm a flexão ***xe-*** (***iporã*** 'é bonito'); na função modificadora, eles não levam flexão. A forma que essa flexão toma (***xe-*** em vez de ***a-***) reflete o fato de que, de forma geral, os atributos, sendo estados, têm mais estabilidade e menos dinamismo do que eventos ou atividades.

Um número pequeno de predicadores de atributo não aceita flexão. Com eles, ocorre facultativamente um **VERBO COPULAR**: ***-iko*** 'ser, existir' ou, no plural, ***-kuai*** 'ser, existir (pl.)'. O resultado, na estrutura informacional, é uma construção complexa, encaixada (veja seção 24.3.3):

- ***xee ma nda'evei ete aiko*** 'eu estou muito incomodado',
- ***ta'yxy ma kakuaa vaipa ma oiko*** 'sua esposa já era muito velha',
- ***tuu kuery mokoĩve ma nda'evei ete ikuai*** 'ambos os pais estão muito abatidos'.

Somente os predicadores de atributo sem flexão podem levar um verbo copular. Ela é paralela, na sintaxe e na estrutura informacional, à construção na qual um verbo copular ocorre com um predicativo nominal (veja seção 9.6.1). De outro lado, a falta comum de verbos copulares com a predicação de atributo é paralela com a falta de verbos de existência em outros tipos de predicação nominal, como veremos nas seções 9.5.1 e 0.

A predicação de atributo aceita nominalizadores, inclusive o sufixo ***-a***^{1} 'nominalizador de orações' (seção 19.2): ***ha'evea ara*** 'dia quando der certo'.

Em geral, os predicadores de atributo não são volicionais nem classificatórios, ou seja, eles são baseados num só atributo em vez de um conjunto de atributos como um nome possui (Wierzbicka 1986 e Stassen 1997:17s). Sua estabilidade temporal tende a ser intermediária entre a predicação de identificação e classificação, de um lado, e a de evento, de outro (Figura 22). Contudo, a estabilidade deste tipo de

[42] Ele pertence às classes-ponte dos descritivos verbais e dos modificadores (seção 8.2).

predicação pode variar muito (Stassen 1997:16), de um atributo bem estável (***-vaikue*** 'feio') até a um evento incoativo (***ivai xapy'a*** 'fico irritado de repente'). A predicação de atributo com menos estabilidade temporal pode ter um grau de volição, ocorrendo na voz comitativa (***arovai*** 'achei ruim'), que geralmente só ocorre com verbos de evento/atividade. As características semânticas de não ter volição, de ser classificatória e ter estabilidade intermediária, têm a ver com as manifestações mais típicas deste tipo de predicação.

Quanto à estrutura de argumento, existem um número pequeno de pelo menos dois predicadores de atributo – ***a'e*** 'gostar', ***exarai*** 'esquecer-se' – que requerem um objeto indiretocomplementos obliquos, posposicionados: ***ija'e xere*** '(ele) gosta de mim', ***hexarai xere*** '(ele) se esqueceu de mim'. Existe pelo menos um predicador de atributo – ***ynyẽ*** 'cheio' – que requer um complemento direto, não posposicionado: ***xee ma xerynyẽ mba'emo vai anho*** 'eu estou cheio só de coisas ruins'. A grande maioria dos termos oblíquos são adjuntos: ***peva'e oo ma iporã hi'áry rupi*** 'essa casa é bonita por cima'. Os predicadores de atributo com complementos não são analisados como verbos transitivos, porque não aceitam o sufixo nominalizador de agente impessoal ***-py***^{1}(seção 19.9). Este sufixo ocorre com verbos transitivos de todos os tipos, inclusive com os de flexão ***xe-***, tais como ***ma'endu'a*** 'lembrar-se': ***ima'endu'apy*** 'alguém ou algo (bem) lembrado'.

9.5 A predicação de existência e de apresentação

Na **PREDICAÇÃO DE EXISTÊNCIA**, o que é asseverado é a existência do sujeito:

- ***vaka ikuai*** 'existem vacas';
- ***koropi ma hetarã ete'i nda'ipoi*** 'por aqui, parente chegada dele não há';
- ***aỹ ma joe opu'ã va'e ndoikoi*** 'agora, conflito (lit., 'quem se levanta contra outro) não existe';
- ***oguataa rupi mba'eve ndoikoi*** 'na sua viagem, nada aconteceu';
- ***ita ma heta itui koropi*** 'existem (lit., 'deitam-se') muitas pedras por aqui').

Como se vê nestes exemplos, os verbos de existência incluem ***-iko*** 'ser, existir', ***-kuai*** 'ser, existir (pl.)', ***-po*** 'existir (apenas no negativo)' e certos verbos de posição ou orientação física tais como ***-tui*** 'estar deitado', como ocorrem também na predicação de localização (seção 9.3). Todos esses são verbos intransitivos: o único argumento requerido é o sujeito.

A existência nem sempre é estativa. Conforme a situação, ela pode ser um verdadeiro evento: ***oke rire ko'ẽ oiko*** 'depois de ele dormir houve o amanhecer'; ***tukã ju'i voi oiko'i avei*** 'o tucano e o sapo nasceu [chegou a existir + diminutivo] também'.

Um tipo de predicação semelhante é a **PREDICAÇÃO DE APRESENTAÇÃO**, que introduz o sujeito no discurso: é dito que o sujeito aparece, vem, se manifesta ou simplesmente havia em certa tempo ou lugar. Portanto, a predicação pode ser estativa ou dinâmica:

- ***ha'e va'e tekoa py oiko peteĩ ava omenda ramo va'e*** 'naquela aldeia morava um homem recém-casado';
- ***ha'e va'e jave py ou peteĩ xivi*** 'naquele momento veio uma onça'.

Este tipo de predicação geralmente utiliza verbos intransitivos. Sempre ou quase sempre ocorre – talvez seja requerida – uma expressão das circunstâncias nas quais o sujeito aparece. A sintaxe reflete a estrutura informacional (seção 24.3.1.3):

- o sujeito (a entidade sendo introduzida) ocorre em posição final onde recebe o núcleo da entonação (seção 24.4.4);
- a expressão de circunstância (orientação no tempo ou no espaço) ocorre em posição inicial;
- o sujeito comumente vem acompanhado do numeral ***peteĩ*** 'um', se for no singular, ou de outro numeral se for no plural; tais numerias indicam que o sujeito é indefinido (seção 18.4).

A predicação de existência e de apresentação são, nas suas características morfossintáticas, subtipos da predicação intransitiva e da predicação transitiva indireta, respectivamente.

No restante de seção 9.5 se descreve dois tipos de predicação– a de evento e a de posse – nos quais o predicador é nominal em vez de verbal. Pela estrutura e semântica literal, eles são analisados como predicação de existência sem verbo copular.

9.5.1 A predicação nominal de fenômeno

Certos nomes não-relacionais que designam fenômenos meteorológicos ou naturais como ***arai*** 'nuvem', ***oky*** 'chuva' e ***jai*** 'mato', podem ocorrer em função predicativa, designando um evento ou atividade: ***arai*** 'está/ficou nublado', ***oky*** 'está chovendo/choveu', ***jai*** 'há/cresceu mato'. Já que esses **NOMES FENOMENOLÓGICOS** não são relacionais, a predicação também não é relacional: não há sujeito

absolutamente, nem sujeito oculto, nem flexão de pessoa (veja os "verbos sem sujeito" de Givón 1984, seção 4.2.1).

O que está sendo predicado é a existência daquilo que é referido pelo nome, que pode ser interpretado como evento ou estado: ***jai nhavõ nhamoatyrõ*** 'cada vez que cresce [há] mato, limpamos'. (Nos exemplos ilustrativos do restante da seção 9.5, a parte da tradução entre colchetes reflete, ao pé da letra, o sentido de 'existir'.) Em guarani mbyá, esta construção tem as características seguintes:

- Não ocorre flexão de pessoa e número.
- Podem ocorrer advérbios do tipo que modificam verbos (predicadores): ***araipa*** 'está/ficou completamente nublado [há/havia muitas nuvens]', ***oky vaipa*** 'chove(u) muito [há/houve muita chuva]', ***jaipa*** 'está/ficou coberto de mato [há/havia bastante mato]'. Esses advérbios não modificam nomes referenciais.
- Aceita adjuntos adverbiais: ***kuee araipa*** 'ontem ficou completamente nublado [havia bastantes nuvens]'.
- Ocorre a negação afixal ***nda-...-i*** (seção 15.2) de função predicativa (Figura 22), que não ocorre com predicativos nominais de sujeito (seção 9.6.2): ***nda'arai*** 'não ficou nublado [não havia nuvens]', ***nda'okyi*** 'não choveu [não houve chuva]', ***ndajai vaipai teri*** 'ainda não cresceu muito o mato [ainda não há muito mato]'.
- Aceita o sufixo ***-a***^{1} nominalizador de orações, que é hospedado num predicador (seção 19.2)*:* ***iporayvua ma ára pyau py okya rami*** 'sua bondade é como quando chove na primavera'.
- Aceita partículas do tempo passado ou futuro: ***jaipa va'ekue*** 'cresceu completamente o mato [havia bastante mato] no passado' (seção 12.3.1.2).
- Aceita elementos modais de tempo/aspecto: ***oky vaipa raka'e*** 'choveu muito [havia muita chuva] no passado não presenciado' (seção 12.3.3.1).
- Aceita flexão do modo optativo: ***ta'oky*** 'que chova [haja chuva]' (seção 11.1.311.1.2).
- Não havendo sujeito, não ocorre o modo imperativo (seção 11.1.1) nem a voz impessoal (seção 13.2.3).
- Visto que o predicador já é um nome, a construção não gera nomes deverbais (seção 19).

Dryer (2007:244) analisa este tipo de predicação como predicação existencial sem cópula. Mas em guarani mbyá, como vimos acima, o nominal aceita vários tipos de elementos que só ocorrem com predicadores. Portanto, o nominal se vê como predicador, não como sujeito de uma cópula oculta. Por isso, a construção não tem sujeito. Não há referência, apenas predicação.

9.5.2 A predicação nominal de posse

Qualquer radical nominal relacional pode ocorrer em função predicativa no sentido 'possuir' ou 'adquirir': ***xera'y*** 'tenho/ganhei filho', ***xero*** 'tenho/adquiri casa', ***hery*** '(ele) tem/ganhou nome', ***xerapa aikovy tape rupi*** 'eu tinha um arco indo pelo caminho' (veja Velazquez-Castillo 1996, seção 3.3). O "possuidor" do nome se torna sujeito do predicador, enquanto o radical nominal fica sem função referencial: o predicador ***xera'y*** 'tenho/ganhei filho(s)' não se refere a um filho específico.

Na predicação nominal de posse, um nome relacional (possuído) ocorre em função predicativa (seção 8.2). Na interpretação semântica, a estabilidade temporal pode variar muito, de muita estabilidade temporal (no sentido 'ter') até um evento incoativo (no sentido 'adquirir'). Dryer (2007:244-246) analisa este tipo de predicação de posse como a predicação da existência sem cópula (tb. Solano 2009, seção 6.3 para araweté). Em guarani mbyá, a predicação de existência comumente dispensa com o verbo. Um predicador nominal tal como ***xera'y*** 'meu(s) filho(s)', portanto, pode ser traduzido ao pé da letra como 'existe(m) filho(s) meu(s)'. Conforme o contexto, a interpretação pode variar: 'tenho filho(s)', 'ganhei um filho', etc.

A predicação nominal de posse tem as seguintes características:

- O radical predicador é da flexão ***xe-*** (seção 5.1).
- A negação, quando presente, é do tipo sufixal ***nda-...-i***, que ocorre com elementos em função predicativa menos os predicativos nominais (seção 9.6.2):
  - ◊ ***ndaxera'yi teri*** 'ainda não tenho/ganhei filho [ainda não existe filho meu]',
  - ◊ ***ndaeryi teri*** '(ele) ainda não tem/ganhou nome [ainda não existe nome dele]' (Figura 22).
- O predicador aceita partículas de tempo: ***xerapa va'ekue*** 'eu tinha um arco [existia arco meu]'.
- Ele também pode aceitar um termo obíquo, adjunto, com a posposição ***–e*** 'em relação a':
  - ◊ ***xera'y João re*** 'tenho/tive filho que é João [existe filho meu referente a João]'.
  - ◊ ***xerymba kavara re*** 'tenho/ganhei um animal/animais em relação à cabra/a cabras', ou seja, 'tenho cabra(s) como meu(s) animal(ais)'.

- Quando a oração for nominalizada através do sufixo ***-a***[1] (seção 19.2), o nome resultante comumente se refere ao mesmo participante como o termo oblíquo mencionado acima: ***xera'ya ma João*** ‘quem tenho/tive como filho é João’. Mais raramente, ele se refere a uma circunstância (tempo ou lugar) da ação: ***xera'ya ára*** ‘o tempo em que tenho/tive filho’.
- Certos predicadores nominais de posse têm complementos: ***xekupe avaa katy*** ‘virei as costas [havia minhas costas] para o homem’.
- Comumente, o nome predicador tem um modificador:
  ◊ ***ijayvu reta*** ‘falou muito [houve muita fala dele]’, de ***-ayvu reta*** ‘muita fala’,
  ◊ ***ipy'a guaxu*** ‘ele tem coragem [há fígado grande dele]’, de ***-py'a guaxu*** ‘fígado grande’.
  É possível que isso ocorra apenas com expressões fixas que sofrem um grau de composição (seção 15.1.3).
- A construção pode ocorrer na voz impessoal: ***ipy'a guaxua*** ‘havia coragem [(alguém) de fígado grande]’ (seção 13.2.3).
- Sendo predicador um nome, não se deriva nomes deverbais intransitivos simples (seção 19.1) ou sufixados (seção 0). Mas occorrem todo tipo de elemento que pudesse acompanhar este tipo semântico de predicação.
- Aceita nominalização (seção 19.2)*:* ***oreru tuja'i ma vy ta'yague*** ‘o que nosso pai gerou quando já velhinho’.

Existe também a predicação verbal de posse (***areko kyxe*** ‘tenho uma faca’) e a de aquisição (***ajogua/ajapo kyxe*** ‘comprei/fiz uma faca’), que, na sua morfossintaxe, fazem parte da predicação transitiva direta.[43] A predicação nominal de posse tende a ser utilizada para posse mais “inalienável” (seção 6.3.1; veja Velazquez-Castillo 1996:69) ou pelo menos mais estável, enquanto a predicação verbal de posse tende a ocorrer com posse mais “alienável” (Velazquez-Castillo 1996:81-83) ou temporária. Ela é utilizada também para facilitar a ocorrência de determinantes (***areko mokoĩ xera'y*** ‘tenho dois filhos’), além de elementos que ocorrem na locução predicadora (***areko teri xero*** ‘ainda tenho minha casa’; seção 12).

Os nomes de posse alienável podem ocorrer como relacionais ou não-relacionais (seções 5.4 e 6.3.1). Por isso, eles podem ocorrer na predicação nominal de posse (seção 0) ou de evento (seção 9.5.1). Isto se vê com nomes tais como ***ka'aru*** ‘a parte da tarde’, ***ko'ẽ*** ‘o amanhecer’ e ***pytũ*** ‘o escuro’.

A PREDICAÇÃO NOMINAL DE EVENTO:
ka'aru vaipa ma ‘já ficou muito tarde [houve muita tarde]’,
ndaka'arui teri ‘ainda não ficou tarde [houve a tarde]’,
ka'aru ete'i jave ‘quando ficou na tardinha [houve a tardinha]’.
ko'ẽ ramo, ko'ẽ rã ‘no dia seguinte [quando houve o amanhecer]’,
nako'ẽi teri ‘ainda não amanheceu [houve o amanhecer]’,
ko'ẽ ouvy ‘vem vindo o amanhecer [‘o amanhecer está chegando a existir]’.
pytũmba'i jave ‘quando estava bem escurinho [houve muito escuro]’,
napytũi teri ‘ainda não ficou escuro [houve escuro]’,
pytũ vai ete ramo akyje ‘quando ficar bem escuro mesmo [houver muito escuro mesmo], fico com medo’.

A PREDICAÇÃO NOMINAL DE POSSE:
nhandeka'aru porãmba rei ‘estamos todos passando bem a tarde [existe nossa tarde bem boa]’,
nda'ika'aru porãi va'e ‘quem não está passando bem a tarde [pessoa para quem não existe tarde boa]’.
iko'ẽmba ojerokya py ‘todos amanheceram na dança [para todos houve sua amanhecer na dança]’,
nhandeko'ẽ porãmba ‘todos amanhecemos bem [para todos houve sua amanhecer bom]’.
xepytũ tape rupi ‘passei a noite [houve meu escuro] pelo caminho’,
penepytũ rive kuri tekoa yvýry ‘vocês passaram a noite [houve seu escuro] debalde em volta do povoado’.

9.6 Predicativos nominais do sujeito

Os predicativos nominais do sujeito são de predicação estativa. O sujeito é referencial: ele pode ser definido ou genérico, mas sempre é identificável e o tópico do enunciado. Existem dois tipos, identificação e classificação, distinguidos pelo caracter semântico do predicativo nominal.

---

[43] Formalmente, ***-ereko*** é um v. t. direto de evento/atividade; sua derivação, de ***–ero*** ‘comitativo’ + ***-iko*** ‘andar, viver’, indica um significado básico ‘conduzir’, que ele comumente tem.

Na **IDENTIFICAÇÃO**, o predicativo nominal é igualmente referencial quanto o sujeito: ***kova'e ma xekyxe*** ‘esta é minha faca’. De fato, as duas expressões nominais são correferenciais e específicos, designado o mesmo referente (Dryer 2007:233).[44] Trata-se de uma oração equativa. Já na **CLASSIFICAÇÃO**, o predicativo nominal não é referencial, mas designa uma classe, um tipo de ente, da qual o sujeito faz parte: ***kova'e kyxe ma xerembiapo*** ‘esta faca é um artifato meu’. Enquanto na identificação é asseverada que o sujeito é o mesmo ente como o predicativo nominal, na classificação é asseverada que o sujeito é um exemplar da classe designada pelo predicativo (Stassen 1997:18 e seção 3.6).

A despeito dessas diferenças, a predicação de classificação é formalmente igual à de identificação:[45]

- Um verbo copular – geralmente ***oiko*** no singular e ***ikuai*** no plural – é facultativo. Ele é comumente oculto, uma “cópula zero” (Stassen 1997, seção 3.2), sendo explicitado apenas sob condições especiais, tanto do discurso quanto da gramática, que se explicam na seção 9.6.1.
- Na presente análise, a cópula, mesmo quando oculta, é o predicador principal e o predicativo nominal é um complemento dela (seção 9.6.2 e Velazquez-Castillo 1996:67). Na identificação ele é um complemento referencial, referindo um ente, enquanto na classificação ele é um complemento descritivo, designando um tipo genérico que é dito ser uma propriedade do sujeito, semelhante aos complementos adjetivais numa língua tal como português (*o livro é bom*) ou inglês (*the book is good*) (Dryer 2007:233).
- O sujeito é sempre definido ou genérico, portanto identificável. Havendo um sujeito identificável, não ocorre a voz impessoal (seção 13.2.3).
- O sujeito pode ficar oculto (seção 6.2). Quando explicitado, ele é comumente seguido de uma partícula espaçadora, frequentemente ***ma*** (seção 24.4.3.2), mas a construção não a requer.[46]
- A negação ocorre na forma livre ***e'ỹ*** após o predicativo nominal, funcionando como intensificador deste (seção 12.2). Isto concorda com o fato de que, nas orações independentes, ***e'ỹ*** ocorre com elementos não-predicadores (seção 16.1). Mesmo quando a cópula for explicitada, a negação ***e'ỹ*** modifica o predicativo nominal: ***ha'e va'e ava ma jojukaaty e'ỹ oiko*** ‘esse homem não é um homicídio’. [47]
- Na estrutura informacional, o sujeito é Tópico e o predicativo nominal junto com a cópula, mesmo oculta, constituem o Comentário (Foco de predicado) do Tópico. (Para mais detalhes, veja seção 9.6.1.1.)

Já que a predicação de identificação é formalmente idêntica com a de classificação, os predicativos nominais são frequentemente ambíguos: ***João ma Marcos ra'y*** ‘João é o/um filho de Marcos’. Num dado contexto, a interpretação depende dos conhecimentos que o ouvinte traz ao enunciado (seção 18.4).

9.6.1 Verbos copulares com predicativos nominais

Enquanto português sempre utiliza um verbo copular flexionado com predicativos nominais, muitas línguas não o utilizam, ou o utilizam apenas em contextos especiais. Entre as línguas que têm predicativos nominais sem cópula é o russo (*Moskva gorod* ‘Moscou é uma cidade’; Stassen 1997:62), semelhante ao guarani mbyá (***Laranjeiras ma tetã*** ‘Laranjeiras é uma cidade’). Em guarani mbyá, a cópula é facultativa: o verbo ***-iko*** ‘ser’ (de flexão ***a-***) ou, no plural, o verbo ***-kuai*** ‘ser (pl.)’ (de flexão ***xe-***). Ela ocorre sob as duas condições a serem examinadas agora – a primeira do discurso, o segundo da gramática.

---

[44] Stassen (1997:12, 100-106) não analisa a identificação como tipo de predicação intransitiva; este esboço segue Croft (2001:92, 2003:185-87), que a trata como um tipo de predicação.

[45] Stassen (1997:111, 582) vê como prototípico o fato de que, em muitas línguas, a estratégia para a codificação da predicação de classificação é emprestada da predicação de identificação.

[46] A partícula espaçadora mais comum é ***ma*** ‘indicador de fronteira’, mas outra pode ocorrer, tal como ***tu*** ‘brusquidão’: ***kova'e tu xemba'e*** ‘isto é uma coisa minha!’ Ela não é um predicador, nem é “partícula cópular” (Stassen 1997:85-91).

[47] Visto que o elemento negativo ocorre no complemento e não no predicador, a tradução mais exata deste exemplo seria: ‘esse homem é um não-homicida’. Embora seja gramaticamente possível, a negação afixal no verbo copular (***ndoikoi*** ‘não é’) não ocorre na predicação de identificação ou de classificação. A razão parece ter a ver com a associação comum da negação com o foco (Givón 1984, ch. 9; T. Payne 1997, seções 9.6.1.1 e 10.2) e também, nesta construção, a associação do predicativo nominal com o foco. Compare a negação na predicação de existência (seção 9.5): ***aỹ ma joe opu'ã va'e ndoikoi*** ‘agora, conflito [quem se levanta contra outro] não existe’.

9.6.1.1 Para assinalar uma construção especial na estrutura informacional

O uso mais comum da cópula é para assinalar uma construção especial na estrutura informacional, no qual ela ocorre em posição final. Na estrutura informacional, o sujeito de um enunciado com predicativo nominal é Tópico, e o restante é Comentário (Foco de predicado). O seguinte quadro apresenta tanto a estrutura informacional quanto a estrutura gramatical:

Tópico	Partícula espaçadora	Comentário (Foco de predicado)	
Sujeito		Predicativo nominal	Cópula
João	***Ma***	***Marcos ra'y***	***Ø***
'João é filho de Marcos mesmo'			

Se o falante quiser dar mais destaque ao predicativo nominal – por exemplo, para enfatizar que João é o filho de Marcos e não de outra pessoa – ele pode reestruturar o Comentário em forma de Foco de termo – Pressuposto, explicitando a cópula (e comumente usando um focalizador também). Quando a cópula ocorre em posição final, ela assinala um reestruturamento do Comentário numa construção encaixada do tipo Foco de termo - Pressuposto (seção 24.3.1.2), sendo o predicativo nominal Foco de termo e a cópula o Pressuposto:

Tópico	Partícula espaçadora	Comentário (Foco de predicado)		
		Foco de termo	Focalizador	Pressuposto
Sujeito		Predicativo nominal	Intensificador	Cópula
João	***ma***	***Marcos ra'y***	***ae***	***oiko***
'João é filho de Marcos mesmo'				

Neste exemplo, o predicativo nominal ***Marcos ra'y ae*** 'o filho de Marcos mesmo' tem o elemento ***ae*** 'próprio' como intensificador/focalizador (seção 12.2), o qual reforça o papel do predicativo nominal como Foco de termo. A cópula ***oiko*** 'é' tem a função do Pressuposto.[48]

9.6.1.2 Para possibilitar a marcação de categoriais verbais

Certas categorias gramaticais na marcação verbal só são possíveis com predicador ou verbo explicitado.

- A MARCAÇÃO DO SUJEITO OCULTO DA 1ª OU 2ª PESSOA: ***oo apoa aiko*** 'sou um carpinteiro'. O verbo copular é obrigatório se o sujeito for da 1ª ou 2ª pessoa, não havendo outro indicador disso.[49]
- A MARCAÇÃO DO SUJEITO NO PLURAL: ***orere nda'ija'ei va'e ma jojuka va'ety ikuai*** 'os que não gostam de nós são homicidas'. Mesmo com outro indicador do sujeito no plural, a cópula é comum: ***ore kuery ma São Paulo guigua orekuai*** 'nós somos pessoas procedentes de São Paulo'.
- A MARCAÇÃO DE UM MODO NÃO-INDICATIVO: o optativo (***João ma ojeroviapy toiko*** 'seja João uma pessoa de confiança') ou o imperativo (com sujeito oculto; ***eiko ojeroviapy*** 'seja uma pessoa de confiança'). Uma variante da construção optativa utiliza o elemento introdutório ***tove*** 'que seja' além do verbo principal no modo optativo: ***tove João toiko ojeroviapy*** 'que João seja uma pessoa de confiança'. Esta construção é a única na qual o verbo copular ocorre logo após o sujeito em vez de ocorrer em posição final; por isso, não ocorre partícula espaçadora após o sujeito.
- A MARCAÇÃO DE NOMINALIZAÇÃO: a cópula é obrigatória para "hospedar" o nominalizador de orações ***–a***[1] (seção 19.2), como para servir de complemento nominal: ***xee aikuaa*** **[*João heko porã va'e oikoa*]** 'eu sei [que João é pessoa justa]'. Já o nominalizador enclítico ***va'e*** refere um sujeito oculto (seção 19.10), e pode ocorrer com o predicativo nominal apenas, sem a cópula: ***huvixa va'e*** 'um que é chefe'. Quando ele tem flexão do tempo passado ou futuro, porém, a cópula é explicitada: ***huvixa oiko va'ekue*** 'um que era chefe'.

As cópulas que ocorrem com predicativos nominais não têm radicais verbais pospostos (seção 12.1.2),

---

[48] Este verbo tem a mesma função quando ocorre, outra vez em posição final, como auxiliar com um descritivo não-flexionado: ***xee ma nda'evei ete aiko*** 'eu não estou bem verdadeiramente' (seção 9.4).

[49] Conforme Stassen (1997:91), nas línguas em geral uma cópula tende a ocorrer quando o tempo não for do presente ou o sujeito não for da 3ª pessoa.

advérbios (seção 12.1.3), intensificadores (seção 12.2), elementos de tempo, aspecto e modalidade (seção 12.3), ou voz impessoal (seção 13.2.3). A cópula não gera nomes deverbais (seção 19).

9.6.2 Predicativos nominais como complementos

Em guarani mbyá, é muito comum sintagmas nominais ocorrerem em função predicativa (seções 9.5.1 e 0). Mas os predicativos nominais do sujeito não assumem a função predicativa, permanecendo na sua função referencial, como complementos.[50] Isso pode ser visto de várias maneiras:

- Na predicação de identificação, o predicativo nominal é correferencial com o sujeito, ou seja, ambos os elementos têm a função referencial. É a cópula que assevera que as duas referências são iguais.
- O predicativo nominal retém as mesmas possibilidades referenciais como outros nomes em função referencial: referência definida ou indefinida/classificatória/genérica. Quando um nome ocorre em função predicativa, ele não retêm a possibilidade de referência definida (seções 9.5.1 e 0).
- A cópula só ocorre sob condições especiais (seção 9.6.1), ficando geralmente oculta. Mas quando ela for explicitada, é na função predicativa. Não há motivo para supor que a função do predicativo nominal se altere quando a cópula ficar oculta.
- O predicativo nominal não aceita advérbios do tipo 'muito' ou 'completamente', como fazem outros sintagmas nominais que ocorrem em função predicativa (seções 9.5.1 e 0). Ele nem aceita partículas de tempo/aspecto ou outras categorias verbais, que só podem ocorrer com um verbo copular (seção 9.6.1).
- Com predicativos nominais a negação é do tipo livre ***e'ỹ***: ***xera'y e'ỹ*** 'não é o meu filho/um filho meu', ***oky e'ỹ*** 'não é (a) chuva'. Nas orações independentes, ***e'ỹ*** ocorre somente com elementos não-predicadores (seção 16.1).

Visto que o predicativo nominal não cabe na função predicativa, nem na função modificadora dentro de um sintagma nominal, e sim que ele retém as mesmas possibilidades referenciais como outros nomes em função referencial, resta a possibilidade de ele ter a função referencial, no papel sintático de complemento do verbo copular. Suponha-se que a cópula, junto com seu complemento o predicativo nominal e marcadores das eventuais categorias verbias mencionadas na seção 9.6.1.2, constituem o predicado ou a locução predicadora que ocorre com outros tipos de predicação (seção 12).

9.7 Expressões com ambiguidades formais e construções com análises múltiplas

Na seção presente examinamos duas possibilidades que provavelmente são presentes em cada língua:

- A **AMBIGUIDADE FORMAL** se aplica a uma *expressão*, ou seja, a um sintagma gramaticalmente completo. A expressão em si é capaz de desempenhar duas (ou mais) funções sintáticas, mas no contexto do seu uso é geralmente claro qual delas o falante pretende. As possibilidades são disjuntivas: uma função ou outra é indicada no contexto. Um exemplo da ambiguidade formal em português é a expressão *fora*, que pode desempenhar a função adverbial ou predicativa. Em guarani mbyá, expressões nominais são especialmente capazes de ambiguidade formal (seção 9.7.1).
- A **ANÁLISE MÚLTIPLA** se aplica a uma *construção* (ou, mais geralmente, a uma *relação entre funções sintáticas*). Existem duas ou mais análises ("caminhos de análise") que são estabelecidas na gramática independentemente da construção e que são capazes de dar conta dela, cada análise complementando a outra no sentido de explicar certos fatos melhor (Hankamer 1977; veja também Langacker 1987:316-21, 435s). A função sintática da construção não está em jogo, nem seu significado geral (embora certos pormenores poderão ser explicados melhor por uma análise ou outra). Por isso não há necessidade de se decidir em favor de uma análise contra a outra: as duas poderão ser tidas como válidas simultaneamente, tanto por falantes nativos quanto pela gramática.[51] Em guarani mbyá e em outras línguas tupi-guarani, certas construções que tendem a gerar descordâncias entre analistas podem ser vistas como tendo análises múltiplas (seção 9.7.2).

---

[50] É comum presumir ou asseverar que predicativos nominais ocorram em função predicativa: veja Givón 1984:91; Stassen 1997:62; Croft 2001:88, 251, 266.

[51] Hankamer (1977:584) sugere o seguinte: uma criança aprendendo a língua freqüentemente experimenta com análises múltiplas para dar conta das construções que ela ouve. Com o passar do tempo certas análises são descartadas como inferiores ou problemáticas, mas análises múltiplas que tiverem utilidade e não apresentarem problemas são retidas.

9.7.1 Ambiguidades formais envolvendo radicais nominais

Em guarani mybá é comum para uma expressão nominal ter ambiguidade formal. Primeiro examinamos nomes não-relacionais, depois nomes relacionais (seção 6.3.1).

9.7.1.1 Com nomes não-relacionais

Mesmo ocorrendo em função referencial, um nome não-relacional tal como ***oky*** 'chuva' pode ter ambiguidade formal quanto ao tipo de referência (seção 18.4):

- *a referência definida:* ***oky*** 'a chuva' (a chuva específica já referida e ativa no contexto, num enunciado tal como 'a chuva que vimos mais cedo está vindo para cá');
- *a referência indefinida:* ***oky*** 'chuva' (chuva não-específica e não ativa no contexto, num enunciado tal como 'já vem chuva');

Quando um nome não-relacional ocorrer no predicado, há mais possibilidades de ambiguidade ainda:[52]

- *a predicação de identidade com sujeito oculto* (seção 9.4): ***oky*** 'é a chuva' (a chuva específica já referida e ativa no contexto, num enunciado tal como 'é a chuva que estávamos comentando agora mesmo');
- *a predicação de classificação com sujeito oculto* (seção 9.4): ***oky*** 'é chuva' (chuva não-específica e não ativa no contexto, num enunciado tal como 'é chuva e não fumaça');
- *a predicação nominal de fenômeno* (seção 9.5.1): ***oky*** 'está chovendo/choveu' (num enunciado tal como 'ontem choveu bastante').

9.7.1.2 Com nomes relacionais

Para nomes relacionais tais como ***xerymba*** 'meu animal', as mesmas possibilidades existem em função referencial:

- *a referência definida:* ***xerymba*** 'meu animal' (o animal específico já referido e ativo no contexto; 'meu animal está muito magro', por exemplo);
- *a referência indefinida:* ***xerymba*** 'um animal meu' (um animal não-específico e não ativo no contexto; 'hoje não vi animal meu algum', por exemplo);

Quando um nome relacional ocorrer no predicado, duas das possibilidades de ambiguidade são iguais com nomes não-relacionais, mas uma é diferente:

- *a predicação de identidade com sujeito oculto* (seção 9.4): ***xerymba*** 'é o meu animal' (o animal específico já referido e ativo no contexto; 'veja, é o meu animal que estávamos comentando agora', por exemplo);
- *a predicação de classificação com sujeito oculto* (seção 9.4): ***xerymba*** 'é um animal meu' (um animal não-específico e não ativo no contexto; 'esse não é um animal meu', por exemplo);
- *a predicação nominal de posse* (seção 9.5.1): ***xerymba*** 'tenho/ganhei um animal/animais' ('tenho animais que são cabras', por exemplo).

Já que os predicativos nominais permanecem na função referencial (seção 9.6.2), não é de se surpreender que eles apresentam as mesmas possibilidades para ambiguidade como nomes: a referência definida corresponde à predicação de identidade, enquanto a referência indefinida corresponde à predicação de classificação.

Na prática, estas e outras ambiguidades formais geralmente se resolvem, sem dificuldade, através de informações contextuais.

Já que os processos de empréstimo funcional fazem parte da gramática, inclusive os processos que permitem que nomes ocorram em função predicativa nas maneiras ilustradas acima, estas possibilidades não são assinaladas nos verbetes de nomes no léxico.

9.7.2 Análises múltiplas

Vários dos casos de análise múltipla a serem mencionados aqui envolvem a predicação nominal de posse, que é o tipo de empréstimo funcional mais produtivo e mais frequente (seção 8.2). Em geral, análises múltiplas em guarani mbyá são bem mais frequentes do que nas línguas européias que o autor conhece.

---

[52] Certos nomes não-referenciais podem também ocorrer em função adjetiva: ***uru ava*** 'galo' (lit., 'galinha homem').

9.7.2.1 Predicação nominal de posse e predicação como função paralela

Na seção 8.2, foram apresentados várias classes-ponte, cada uma composta de elementos que pertencem a duas (ou mais) classes lexicais. Entre essas classes-ponte são a dos predicadores-adjetivos e a dos nomes-adjetivos. Há elementos, tais como ***aku***, que pertencem a ambos dessas classes-ponte: ***aku*** ocorre como predicador de atributo (***haku vaipa*** 'está muito quente'), nome relacional (***kuaray raku*** 'o calor do sol') e adjetivo (***ita raku*** 'pedra quente'). Como outros nomes relacionais, ***aku*** ocorre na função predicativa nominal de posse, que dá conta da forma predicativa (***kuaray haku*** 'o sol tem calor [existe seu calor]'; seção 9.5.1). Mas outro caminho dá conta do predicador é o fato de ele pertence à classe-ponte predicadores-adjetivos. Para o predicador ***haku*** 'está quente/há calor', pois, há dois possíveis caminhos de procedência:

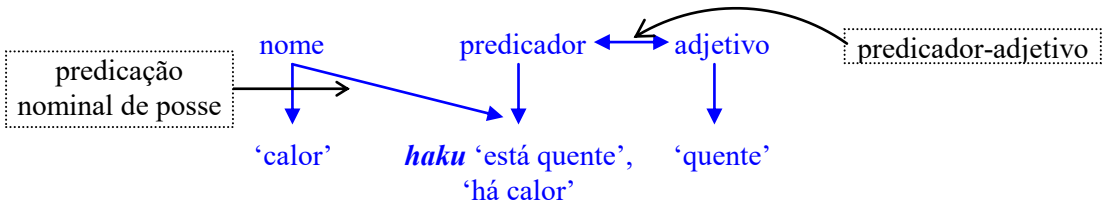

Figura 16: Análises múltiplas do predicador *haku* 'está quente/tem calor'

As duas análises dão ao predicador duas perspectivas semânticas complementares: do lado do predicador-adjetivo, 'está quente'; do lado da predicação nominal de posse, 'há calor'. Visto que estas duas perspectivas não estão em conflito, ambas as análises são aceitas pela gramática e, presumivelmente, pelos falantes nativos.

9.7.2.2 Nome deverbal intransitivo simples e predicação nominal de posse de frente para trás

Um nome deverbal intransitivo simples representa um radical v. i. de evento/atividade emprestado para a função referencial (seções 8.2 e 19.1), enquanto a predicação nominal de posse vai na outra direção: um nome relacional é emprestado para a função predicativa de atributo (seção 9.4). Em geral, os dois processos não se cruzam, sendo separados pela diferença entre a predicação de evento/atividade e a predicação de atributo. Há, contudo, certos v. i. de atributo que têm dinamismo elevado (seção **Error! Reference source not found.**) e partilham certas características da predicação de evento/atividade. O nome relacional ***toryai*** 'divertimento' apenas consta na forma não-relacional (flexão ***xe-*** + ***r-***), mas o radical ocorre também em função predicativa como o v. i. ***–oryai*** 'alegrar-se' (flexão ***xe-*** + ***r-***), semelhante a muitos nomes relacionais que geram o predicador através da predicação nominal de posse. Existem, pois, dois caminhos de análise para cada um destes elementos:

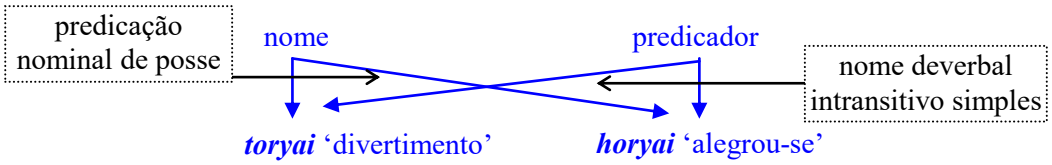

Figura 17: Análises múltiplas de *toryai* 'divertimento' e *horyai* 'alegrou-se'

Este exemplo apresenta análises múltiplas para uma dupla de elementos, ou seja, duas possibilidades para eles se relacionarem entre si, cada uma baseada num processo que a gramática reconhece e um relacionamento que ocorre com muitos outros elementos.

9.7.2.3 Incorporação de um nome não-relacional num v. i. e empréstimo de v. i. como adjetivo

Um radical de v. i. com a incorporação de um nome não-relacional na posição de sujeito, pode tornar-se num nome não-relacional: de ***tuku*** 'gafanhoto' e v. i. ***-karu*** 'comer' (flexão ***a-***) se deriva o nome composto ***tuku-karu*** 'gafanhoto devorador' (seção 15.1.5). Mas o mesmo nome composto pode ser derivado com o empréstimo do radical v. i. em função adjetiva, que tem sido analisado como um processo plausível (seção 8.2). Existem, portanto, dois caminhos de análise:

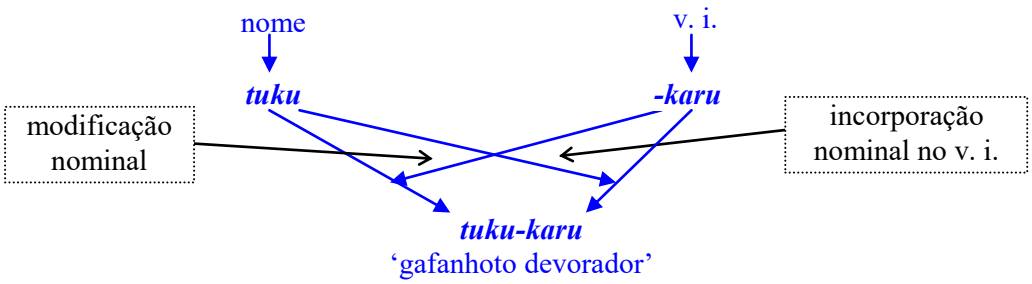

Figura 18: Análises múltiplas de *tuku-karu* 'gafanhoto-devorador'

9.7.2.4 Incorporação de um nome relacional num v. i. e predicação nominal de posse

Um radical de v. i. com a incorporação de um nome relacional na posição de sujeito, torna-se em outro v. i. cujo novo sujeito é o "possuidor" do nome relacional incorporado: de ***-eko*** 'maneira de viver' (flexão ***xe-*** + ***r-***) e v. i. ***-pa*** 'terminar' (flexão ***a-***) se deriva ***–ekopa*** 'morrer' (flexão ***xe-*** + ***r-***): ***nderekopa 'rã*** 'você vai morrer' (seção 14.2.2). Se o v. i. for um descritivo tal como ***-axy*** 'doer' (flexão ***xe-*** + ***r-***), a incorporação segue assim: de ***-akã*** 'cabeça' (flexão ***xe-***, classe ***Ø***) e v. i. ***-axy*** 'doer' (flexão ***xe-*** + ***r-***) se deriva ***–akã raxy*** 'ter dor de cabeça' (flexão ***xe-*** + ***Ø***): ***xeakã raxy*** 'tenho dor de cabeça'. Existe, porém, um caminho alternativo para a análise deste verbo. O elemento ***-axy***, sendo um descritivo, ocorre tanto em função adjetiva 'doído' quanto em função predicativa 'doer'. Como adjetivo, ele pode modificar o nome: ***-akã raxy*** 'cabeça doída'. Este nome modificado é relacional (flexão ***xe-*** + ***Ø***), portanto é capaz de gerar o predicador ***xeakã raxy*** 'tenho dor de cabeça' através da predicação nominal de posse:

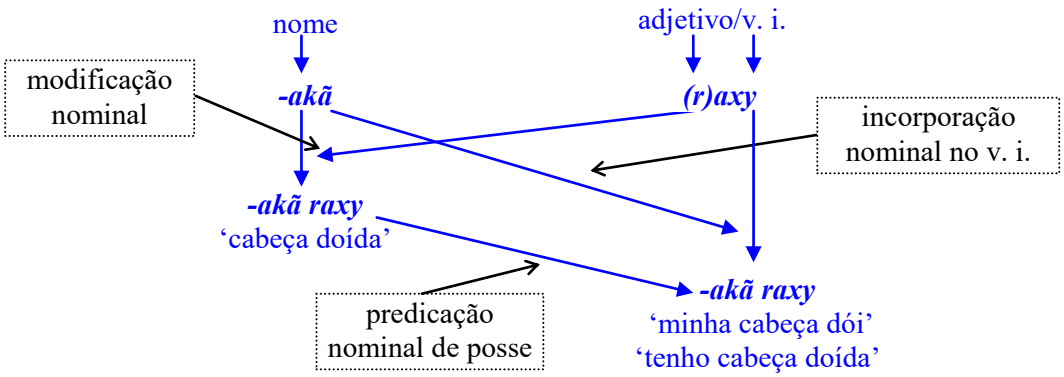

Figura 19: Análises múltiplas de *–akã raxy* 'ter dor de cabeça/ter cabeça doída'

Neste exemplo os dois caminhos de análise são:

- a incorporação do nome relacional ***akã*** 'cabeça' no v. i. ***-axy*** 'doer' ('minha cabeça dói'),
- a utilização de ***raxy*** na modificação nominal no sentido 'doído', seguida do empréstimo do nome modificado ***–akã raxy*** 'cabeça doída' na predicação nominal de posse ('tenho cabeça doída').

Estas construções e processos são estabelecidos na gramática e na língua em uso, o que possibilita sua aceitação em análises múltiplas, simultâneas.

9.7.2.5 A predicação transitiva indireta como predicação transitiva e predicação intransitiva

Como foi mencionado na seção 9.1.1, a predicação transitiva indireta tem certas características da predicação transitiva direta (ela tem um argumento além do sujeito e aceita o nominalizador de v. t. ***–py***^{2} ~ ***-mby*** e o sufixo da voz causativa ***–uka*** que ocorre nos radicais v. t.) e outras características da predicação intransitiva (ela não tem um objeto direto, nem flexão de objeto). Na sua semântica ela fica entre a transitiva direta e a intransitiva (seção 9.1). Portanto, seria possível considerá-la como sendo uma combinação da predicação a transitiva direta e a intransitiva, do modo que estes dois tipos de predicação juntos dão conta das

suas características morfossintáticas mas nenhum dá conta de todas sozinho. A predicação intransitiva dá conta do número maior das características (seção 9.1.1).[53]

10 Estratégias de concordância e a escala de dinamismo

Os tipos de concordância de sujeito que ocorrem nos vários tipos de predicação são resumidos na Figura 20 (+O = requer um objeto direto, -O = não requer um objeto direto).

Tipo de predicação	**Concordância com o sujeito**	**Tipo de concordância**
Processo relacional +O (seção 9.1)	+	***a-***
Processo relacional -O de evento/atividade (seção 9.2)	+	***a-, xe-***
Localização (seção 9.3)	+	***a-, xe-***
Existência (seção **Error! Reference source not found.**)	+	***a-, xe-***
Apresentação (seção **Error! Reference source not found.**)	+	***a-, xe-***
Atributo (seção 9.4)	+	***xe-***
Predicação nominal de posse (seção 9.5.2)	+	***xe-***
Evento nominal de fenômeno (seção 9.5.1)	-	-
Identificação (seção 9.4)	(+)	***(a-, xe-)***
Classificação (seção 9.4)	(+)	***(a-, xe-)***

Figura 20: Tipos de predicação e a concordância do sujeito

Na Figura 20, "Processo relacional +O" se refere à predicação transitiva direta enquanto "Processo relacional -O" engloba a predicação intransitiva direta e a transitiva indireta, conforme seção 9.1.1. O único tipo de predicação não-relacional (que não requer um sujeito; seção 6.3), é a predicação nominal de fenômeno (seção 9.5.1).

O outro caso isolado na Figura 20 é a predicação de classificação e de identificação – os predicativos nominais (seção 9.4). Ele tem dois argumentos – sujeito e complemento – mas não é da predicação transitiva. O predicador, que pode ser de flexão ***a-*** ou ***xe-***, é oculto por padrão. O fato que a negação não ocorre no predicador também indica que o predicador tem papel mínimo. Portanto, com este tipo de predicação a concordância verbal é de pouca consequência de modo geral.

10.1 Estratégias de concordância; a predicação relacional de processo

Deixando os predicativos nominais à parte por enquanto, utilizamos dois critérios para chegar numa visão panorâmica da concordância:

- se a concordância ocorre ou não;
- o tipo de concordância quando ocorre.[54]

Com estes dois critérios, Figura 21 aponta três estratégias de concordância:

[53] Na terminologia de Hankamer (1977:588-90), a predicação transitiva indireta apresenta um tipo **DISJUNTIVO** de análises múltiplas, enquanto os exemplos anteriores são do tipo **CONJUNTIVO**.

[54] Em lugar do segundo critério acima, Stassen (1997:25ss) cita a ocorrência ou não de um "elemento de apoio" – critério que eu acho problemático. As estratégias de concordância no presente esboço diferem, portanto, das "estratégias de predicação" de Stassen.

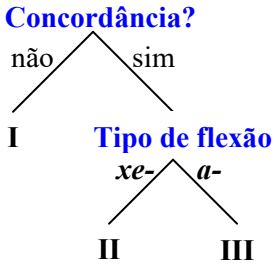

Figura 21: Estratégias de concordância

Incluimos os predicativos nominais como uma quarta estratégia de concordância:

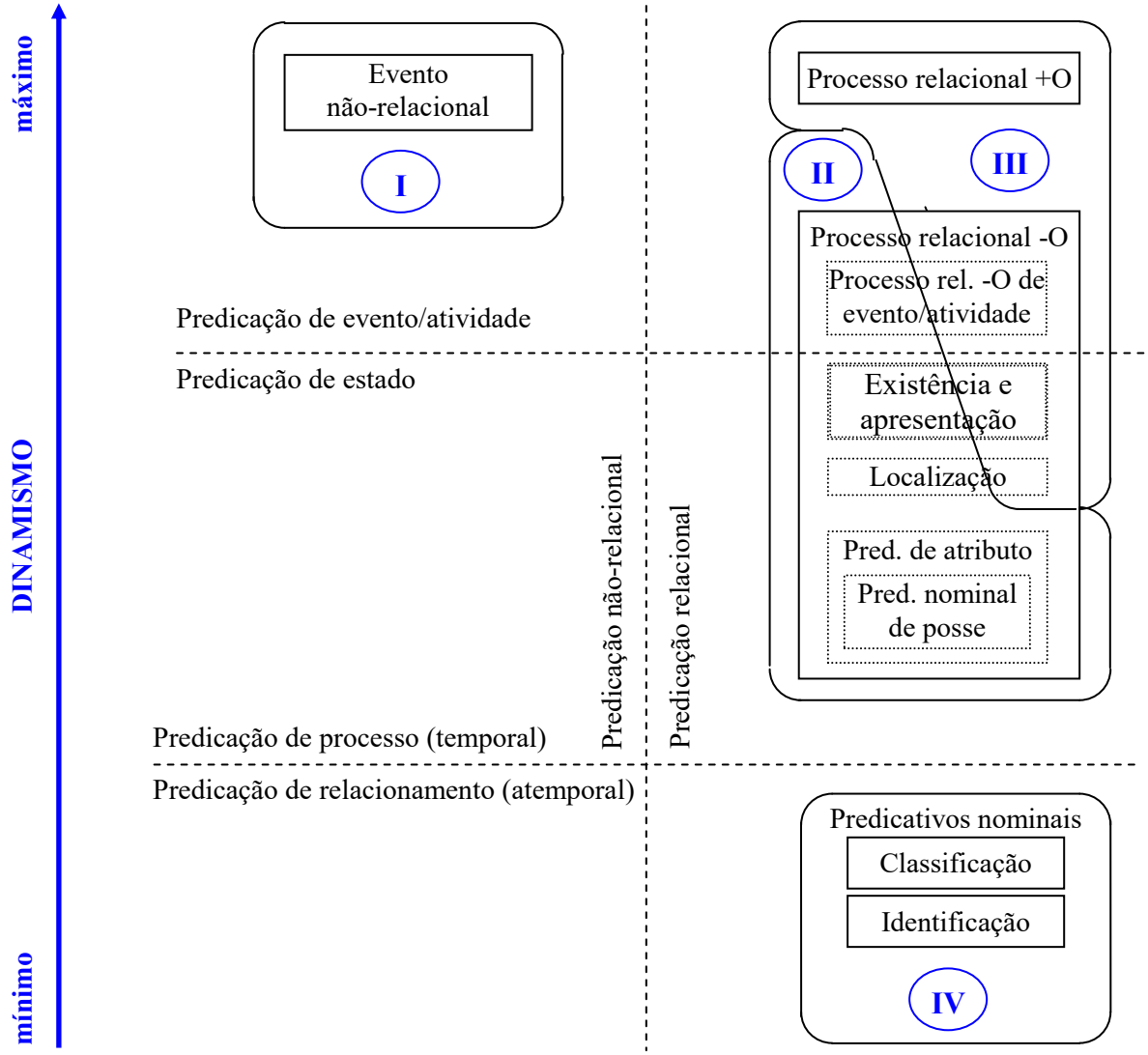

Figura 22: Tipos de predicação e estratégias de concordância

Lê-se Figura 22 da seguinte maneira:

- Cada estratégia de concordância tem qualidades semânticas que caracterizam o "núcleo" da estratégia, mas na periferia de cada estratégia existem predicadores que apresentam qualidades que fogem do núcleo. Por exemplo, uma qualidade nuclear dos v. i. de atributo (predicação nominal de posse) é a predicação de estado, mas ***–ayvu*** 'ter a palavra' é geralmente traduzido como uma atividade, 'falar'.
- Estratégia I (sem concordância) ocorre apenas na predicação nominal de fenômeno (além de certos predicadores de atributo; seção 9.4).

- Estratégia II (concordância de sujeito com flexão ***xe-***) ocorre na predicação de atributo (inclusive na predicação nominal de posse) e em certas outras predicações de Processo relacional -O – em geral, aquelas com dinamismo menor – as quais incluem certos casos da predicação de evento/atividade, predicação de existência, predicação de apresentação e predicação de localização.
- Estratégia III (concordância de sujeito com flexão ***a-***) ocorre em outras predicações de Processo relacional -O (em geral, aquelas com dinamismo maior) e na predicação de Processo relacional +O (predicação transitiva direta).
- Estratégia IV (predicador oculto por padrão mas com concordância de sujeito e flexão ***a-*** ou ***xe-***) na predicação de identificação e classificação.

Dois aspectos da Figura 22 merecem atenção adicional: o domínio de operadores (seção 10.2) e a escala de dinamismo (seção 10.3).

10.2 O domínio de operadores

Há certas regiões na Figura 22 que representam, geralmente, combinações de estratégias e que são o domínio um ou mais **OPERADORES**, como categorias de modo, voz, tempo e aspecto. (Em certos casos, o operador ocorre apenas com os exemplares nucleares da região, não com exemplares periféricos.)

10.2.1 A predicação relacional de evento/atividade, composta da Estratégia III e da Estratégia II exceto a predicação da existência, da localização, de atributo e de posse nominal

A **PREDICAÇÃO RELACIONAL DE EVENTO/ATIVIDADE** contém predicadores com os quais ocorre:

- *a formação de nomes deverbais* (seção 19).
  - ◊ Na Estratégia II: Os predicadores nucleares dos seguintes tipos designam estados em vez de eventos/atividades, portanto não geram nomes deverbais:
    a predicação de localização (seção 9.3),
    a predicação de existência e de apresentação (seção 9.5),
    a predicação de atributo (seção 9.4),
    a predicação nominal de posse (seção 9.5.2).[55]
  - ◊ Na Estratégia I: Visto que o radical da predicação nominal de fenômeno já é um nome, não existe nome deverbal (seção 9.5.1).
  - ◊ Na Estratégia IV: O verbo copular na predicação de identificação e classificação não gera nomes deverbais (seção 9.6.1).

10.2.2 Elementos predicativos e nominais de valência direta 1, classe composta do processo relacional –O mais os nomes relacionais

Os elementos predicativos e nominais de valência direta 1 ocorrem de entrada:

- *a voz causativa com* ***mbo- ~ mo-*** (seção 13.2.5.1).

10.2.3 A predicação relacional de processo, composta das Estratégias II e III

Na **PREDICAÇÃO RELACIONAL DE PROCESSO** ocorre:

- *a voz impessoal* (seção 13.2.3).
  - ◊ Para exemplos da voz impessoal com a predicação de atributo, veja seção 9.4;
    com a predicação nominal de posse, veja seção 9.5.1.
  - ◊ Na Estratégia I: Visto que a predicação nominal de fenômeno não tem sujeito, com ela a voz impessoal não teria sentido (seção 9.5.1).
  - ◊ Na Estratégia IV: Com a predicação de identificação e classificação o sujeito é identificável, portanto não ocorre a voz impessoal (seção 9.6.1).

10.2.4 A predicação de processo, composta das Estratégias I, II e III

Na **PREDICAÇÃO DE PROCESSO** ocorrem:

- *advérbios* (seção 0).

---

[55] Certas predicações nominais de posse, especialmente as da forma ***–py'a*** ‘fígado’ + adjetivo, são associadas com nomes: com o predicador ***–py'a guaxu*** ‘ser corajoso’, por exemplo, são associados os nomes ***ipy'a guaxukue*** ‘os corajosos’ (seção 19.8.1) e ***mby'a guaxu*** ‘coragem’ (seção 9.7.2.2).

- ◊ Para exemplos de advérbios com a predicação nominal de fenômeno (Estratégia I), veja seção 9.5.1.
- ◊ Na Estratégia IV: com a predicação de identificação e classificação não constam advérbios (seção 9.6.1).

- *indicadores de tempo, aspecto e modalidade* (seção 12.3); para elementos modais de tempo/aspecto com a predicação nominal de fenômeno, veja seção 9.5.1.
  - ◊ Na Estratégia IV: Com a predicação de identificação e classificação, estes indicadores não constam (seção 9.6.1).
- *a negação* (seção 16.2).
  - ◊ Na Estratégia IV: Com a predicação de identificação e classificação a negação ocorre com o predicativo nominal em vez do verbo copular (seção 9.6.2); se a negação com predicadores for vista como um tipo de modificação adverbial, conforme a proposta na seção 0, a falta de negação com o verbo copular seria um caso especial da falta de advérbios mencionada acima.

10.2.5 A predicação relacional, composta das Estratégias II, III e IV

Na **PREDICAÇÃO RELACIONAL** ocorre:

- *a nominalização absolutiva oracional* (seção 19.10).
  - ◊ Para exemplos do modo imperativo com a predicação de classificação, veja seção 9.6.1; com a predicação de atributo, veja seção 9.4.
- *o modo imperativo* (seção 11.1.1).
  - ◊ Para exemplos do modo imperativo com a predicação de classificação, veja seção 9.6.1; com a predicação de atributo, veja seção 9.4.
  - ◊ Na Estratégia I: Visto que a predicação nominal de fenômeno não tem sujeito, ela não ocorre no modo imperativo (seção 9.5.1).

10.2.6 A predicação em geral (Estratégias I, II, III e IV):

Com todo tipo de predicação podem ocorrer:

- *o modo optativo* (seção 11.1.3).
  - ◊ Para exemplos do modo optativo com a predicação nominal de fenômeno, veja seção 9.5.1; com a predicação de classificação, veja seção 9.6.1; com a predicação de atributo, veja seção 9.4.
- *a negação* (seção 16).
  - ◊ Para exemplos da negação livre com o predicativo nominal na predicação de identificação e classificação, veja seção 9.4.
  - ◊ Para a negação afixal com predicação nominal de fenômeno, veja seção 9.5.1.
  - ◊ A negação ocorre com elementos não-predicativos também (seção 16.1).
- *partículas de tempo/aspecto* (seção 12.3.1.2).
  - ◊ Para exemplos destas partículas com a predicação nominal de fenômeno, veja seção 9.5.1; com a predicação de classificação, veja seção 9.6.1.

10.3 A escala de dinamismo

A **ESCALA DE DINAMISMO** (veja Figura 12) é indicada na Figura 22 à esquerda; o dinamismo cresce de baixo para cima. Em geral, a Estratégia III ocorre com predicação de mais dinamismo do que Estratégia II, de tal forma que estas duas estratégias são comumente designadas como “flexão ativa” e “flexão inativa”, respectivamente (Seki 1990, C. Jensen 1998a:517; veja seção 7.3). Estratégia IV tem menos dinamismo ainda, pois trata-se de uma relação essencialmente atemporal entre referentes, na qual o predicador exerce um papel mínimo. Estratégia I tem um grau de dinamismo máximo, designando um evento.

A Figura 22 apresenta apenas a parte superior da escala de dinamismo que trata da função comunicativa da predicação. A escala pode ser estendida para baixo, pois a função comunicativa da modificação tem menos dinamismo que a predicação, e a referência tem ainda menos que a modificação (veja Figura 13). Na escala de dinamismo na sua forma mais completa, observamos fenômenos tais como os seguintes:

- *a negação*: A negação afixal ***nda-…-i*** ocorre com predicadores nas orações independentes e com predicadores perfectivos nas orações subordinadas, enquanto que a negação livre ***e'ỹ*** ocorre com não-predicadores e com predicadores imperfectivos nas orações subordinadas (veja seção 16). Portanto, em cada tipo de oração, a forma livre ***e'ỹ*** ocorre com elementos que têm menor dinamismo.

- *a derivação de funções sintáticas pela redução de dinamismo*: O sufixo derivacional ***–kue²*** deriva um novo radical pela redução de dinamismo. Por exemplo, a partir de um v. i. de evento/atividade (tal como ***-jy*** 'cozinhar' e ***-monda*** 'roubar'), este sufixo deriva um adjetivo tipo particípio (***xo'o jykue*** 'carne cozido' e ***ao mondakue*** 'roupa roubada'). Mesmo dentro da predicação de atributo, ele deriva atributos menos dinâmicos (tais como ***xeporiaukue*** 'sou pobre') a partir de atributos mais dinâmicos (***xeporiau*** 'estou triste'). Na parte mais baixa da escala de dinamismo, o sufixo funciona como um nominalizador, derivando nomes a partir de atributos ou adjetivos; veja seção 19.8.

11 A modalidade

A **MODALIDADE** pode ser vista como a personalização de uma proposição em relação ao falante, tratando da finalidade que o falante possa ter para a proposição, sua avaliação da realidade dela, a atitude afetiva dele em relação a ela, etc. (compare Bybee et al. 1994:176). (Existem condições no sujeito em vez do falante, as quais, portanto, não fazem parte da modalidade conforme a definição acima; consideramos este aspecto na seção 11.4.) Em todas as línguas, a **MODALIDADE DECLARATIVA**, que afirma um fato, é tida como a modalidade mais básica. A partir da modalidade declarativa, as línguas apresentam duas dimensões principais de modalidade: a modalidade instrumental e a modalidade epistêmica (Bybee et al. 1994:179, 194).[56]

- A **MODALIDADE INSTRUMENTAL**, or modo gramatical, é uma gramaticalização daquilo que o falante quer fazer através do enunciado: fazer uma pergunta, dar uma ordem, expressar um desejo, etc. Na dimensão instrumental, a modalidade declarativa é utilizada para relatar um fato.[57]
- A **MODALIDADE EPISTÊMICA** tem a ver com os diferentes graus ou tipos de compromisso que o falante pode ter em relação à realidade ou veracidade do enunciado — se é provável, possível, duvidoso, etc. Na definição dada acima, a dimensão epistêmica trata de certas "opiniões subjetivas que o falante pode ter". Na dimensão epistêmica, a modalidade declarativa mostra um compromisso total do falante em relação à realidade ou veracidade do enunciado (Bybee et al. 1994:179, 239).

Todas as línguas têm como assinalar valores em ambas as dimensões (Bybee et al. 1994, cap. 6). Contudo, as línguas diferem entre si no papel que esses sinais têm na gramática. No português, a dimensão principal da modalidade, tanto nas orações independentes quanto nas subordinadas, é a epistêmica (principalmente através dos modos indicativo e subjuntivo). Já nas orações independentes do guarani mbyá, a dimensão principal da modalidade é a instrumental (seção 11.1): existem sinais que assinalam valores na escala epistêmica (a probabilidade, a possibilidade, a dúvida, etc.), mas eles são pouco sistemáticos em comparação com as construções que assinalam as modalidades instrumentais (seção 11.2). Nas orações subordinadas, a situação em guarani mbyá é mais complexa (seção 11.3). Em todas as línguas, a modalidade instrumental tende a ser limitada às orações independentes (Van Valin e LaPolla 1997:450ss).

Existe mais uma dimensão da modalidade, menor:

- a **MODALIDADE AFETIVA**, que registra uma atitude afetiva que o falante pode ter em relação ao conteúdo do enunciado. Na definição dada no começo da seção presente, a dimensão afetiva trata de certas "atitudes subjetivas do falante". Em guarani mybá, a modalidade afetiva se observa principalmente nas partículas modais (seção 12.3.3.2).

Cada uma das três dimensões da modalidade envolve uma distinção fundamental com duas opções, uma das quais é não-marcada e a outra é a marcada; a opção não-marcada ocorre numa variedade maior de contextos semânticos, enquanto a marcada ocorre apenas em situações específicas (veja seção 4.1). Para a distinção fundamental nas modalidades instrumental e epistêmica, veja as respectivas seções 11.1 e 11.2. Na modalidade afetiva, a distinção fundamental é entre a satisfação e a insatisfação em relação ao conteúdo; a

---

[56] Givón 1984 descreve a modalidade em termos epistémicos (na sua seção 8.2.6 "Modalidade: Fato versus possibilidade"), tratando as distinções instrumentais como "Atos de fala não-declarativos" (Givón 1990, capítulo 18).

[57] A terminologia é de Halliday (1973:11): na modalidade instrumental, "a linguagem é utilizada como um meio para 'fazer as coisas'." O termo "modalidade deôntica", baseado na obrigação, é pouco claro quanto ao sentido instrumental. Em Bybee et al. 1994, as modalidades instrumentais são chamadas de "modalidades orientadas ao falante", pelas quais o falante "impõe condições no ouvinte" para a realização da ação sendo predicada (p. 179). "As modalidades orientadas ao falante não tratam da verdade, e sim, da função do enunciado no seu contexto: um imperativo tem uma função diferente do que uma asseveração, portanto, é freqüentemente marcado de forma diferente" (p. 279).

opção não-marcada é a satisfação, que inclui a expressão zero ou neutra da atitude afetiva.

As partículas modais na locução predicadora (seção 12.3.3.2) assinalam aspectos de todas as dimensões modais.

11.1 A modalidade instrumental: modos, modalidades instrumentais generalizadas

Em guarani mbyá, as orações independentes (seção 21) apresentam **CINCO MODALIDADES INSTRUMENTAIS**: [58] a declarativa, a interrogativa, a imperativa, a optativa e a exclamativa. A modalidade é assinalada de diversas maneiras. Na oração independente, sinais específicos se encontram na morfologia (por exemplo, no modo; veja abaixo), na sintaxe (por exemplo, na ordem de palavras e na ocorrência de partículas modais) e na fonologia (por exemplo, na entonação). Já que a modalidade declarativa é básica, os sinais modais distinguem as outras modalidades da declarativa. Nem toda modalidade utiliza todo tipo de sinal, e um dado sinal pode funcionar em diversas modalidades.[59] A modalidade declarativa pode ocorrer num sentença junto com outras modalidades:

- com a interrogativa: ***imonda va'e kuery ou jevy ra'e teĩ mba'e re tu nderexai?*** 'os ladrões vieram outra vez mas por que você não os viu?' (text 020.54).
- com a imperativa: ***ndee vaikue rã kunhague yvoty ndere omombo e'ỹ va'erã ramo katu tereo ejau*** 'já que você é feio as mulheres não jogar flores em você, portanto vá tomar banho' (texto 027.68)

Os **MODOS** são sinais flexionais da modalidade (compare Bybee et al. 1994:181). Em guarani, há três modos que ocorrem em forma de flexão verbal que ajudam na distinção das cinco modalidades instrumentais:

- o modo indicativo (que ocorre na modalidade declarativa e, geralmente, na interrogativa; seção 11.1.4),
- o modo imperativo ocorre na modalidade imperativa,
- o modo optativo ocorre na modalidade optativa.

(A modalidade exclamativa nem tem verbo; seção 11.1.5). Os modos não-indicativos ocorrem somente nas orações independentes (seção 21.2.1.7).

Na Figura 23, observamos esses três modos com a flexão de sujeito para verbos dos dois paradigmas de flexão (flexão ***a-*** e flexão ***xe-***; formas variantes não são representadas):

Pessoa e número	Indicativo	Imperativo	Optativo
1ª pessoa do singular	***a-/xe-***		***ta-/taxe-***
2ª pessoa do singular	***ere-/nde-***	***e-/nde-***	***tere-/tande-***
3ª pessoa do singular e plural	***o-/i-***		***to-/ta'i-***
1ª pessoa do plural (inclusiva)	***ja-/nhande-***		***taja-/tanhande-***
1ª pessoa do plural (exclusiva)	***oro-/ore-***		***toro-/tore-***
2ª pessoa do plural	***pe-/pende-***	***pe-/pende-***	***tape-/tapende-***

Figura 23: Os três modos

As **PARTÍCULAS MODAIS** são descritas na seção 12.3.3.2. Numa determinada construção, não ocorre mais de uma partícula modal. Com uma exceção (as perguntas indiretas, seção 22.5), as partículas modais não ocorrem nas orações subordinadas (seção 21.2.1.7).

Dentro da modalidade instrumental, guarani mbyá faz uma distinção entre a modalidade informativa e a modalidade manipulativa:

---

[58] Não é claro se em guarani mbyá podem ocorrer duas orações independentes coordenadas na mesma sentença com modos diferentes. Ocorrem exemplos, tais como ***eru kamixa*** (imperativo)***, ha'e ramo ajogua 'rã*** (declarativo) 'traga a camisa, então vou comprá-la', mas a conjunção ***ha'e ramo*** 'então' comumente introduz uma sentença nova, portanto não é claro que as duas orações são coordenadas dentro da mesma sentença.

[59] Em guarani mbyá, por exemplo, o indicador do futuro ***'rã*** (seção 12.3.1.2) pode funcionar na modalidade instrumental para dar uma ordem (se o falante tiver mais autoridade que o ouvinte: ***ndapejapovei 'rã ha'e rami!*** 'não façam mais assim!'; seção 11.1.1). O mesmo sinal pode funcionar na modalidade epistêmica para indicar probabilidade (seção 11.2.1). Isso é bastante comum nas línguas; em português, por exemplo, o verbo modal ***dever***, num exemplo tal como ***meu carro já deve estar pronto***, pode funcionar na modalidade como indicando obrigação ou probabilidade.

- Na **MODALIDADE INFORMATIVA**, ele fala sobre informações e situações que fazem parte da sua realidade, conformando suas palavras à realidade.[60]
- Na **MODALIDADE MANIPULATIVA**, o falante tenta mudar sua realidade, ou seja, ele tenta conformar a realidade às suas palavras.

A opção não-marcada é a modalidade informativa. Em guarani mbyá, a modalidade informativa se realiza nas modalidades declarativa e, geralmente, interrogativa, enquanto a modalidade manipulativa se realiza na imperativa e na optativa; a exclamativa fica fora desta distinção. Certos elementos, tais como a partícula modal ***vi*** 'brusquidão' (seção 12.3.3.2) e a palavra negativa ***eme*** (seção 16.3), ocorrem apenas nas modalidades manipulativas.

As distinções descritas na presente seção são baseadas em critérios gramaticais, não em critérios semânticos ou pragmáticos. Por exemplo, uma sentença declarativa (na modalidade informativa), tal como *quero o sal*, pode ser utilizada na pragmática, tanto em português quanto em guarani, para comunicar uma ordem ou pelo menos um pedido, mas já que este uso não envolve sinais gramaticais, ele não é motivo para classificá-la entre as construções imperativas ou na modalidade manipulativa.

11.1.1 A modalidade imperativa

A **MODALIDADE IMPERATIVA** é usada para dar uma ordem, mandando que uma mudança seja feita. Em guaraní, o modo imperativo só existe na predicação relacional (seção 10.2.5), aparecendo na 2ª pessoa do singular ou do plural: ***eipe'a ke okẽ*** 'abre a porta', ***peipe'a ke okẽ*** 'abrem a porta'. Embora não exista flexão distintiva na 2ª pessoa do plural, nem para verbos com flexão do tipo ***xe-***, a construção é comumente reconhecível pela ocorrência de uma partícula modal imperativa (veja abaixo) ou pelo negativo imperativo ***eme***: ***peipe'a eme okẽ*** 'não abram a porta'.[61] O sujeito é oculto por padrão, só ocorrendo para indicar um tópico contrastivo ou outro efeito na estrutura informacional, raramente para esclarecer a referência: ***ndee*** ***tema eipe'a eme okẽ*** 'você (tópico contrastivo) não abra a porta' (seções 6.2 e 24.4.2), ***peẽ kyrĩgue*** ***peipe'a eme okẽ*** 'vocês crianças (esclarecendo a referência) não abram a porta'. Com o sujeito oculto, o verbo naturalmente ocorre em posição inicial da oração.

Existem outros sinais que dão um efeito pragmático da modalidade imperativa mas não assinalam o modo diretamente. Tais sinais incluem a partícula de tempo ***va'erã ~ 'rã*** 'futuro' na locução predicadora (***ndapejapovei 'rã ha'e rami!*** 'não façam mais assim!' [lit., 'não irão fazer']) e o verbo ***-pota*** 'querer (que alguém faça algo)' com um complemento oracional (***xee ndaipotai peka'u*** 'eu não quero que vocês bebam'; seção 22.3). Para estes dois sinais terem um efeito imperativo, o falante precisa ter autoridade em relação às pessoas referidas.

PARTÍCULAS MODAIS IMPERATIVAS:
ke 'imperativo', ***na*** 'já', 'com urgência'

11.1.2 A modalidade hortativa

A **MODALIDADE HORTATIVA** tem a função de instigar o ouvinte a agir junto com o falante. Ela usa um predicador da 1ª pessoa do plural inclusivo, sem flexão verbal distintivo, comumente, mas nem sempre, com a partícula imperativa ***ke*** ou sua forma negativa ***eme*** ou os dois: ***jaa ke*** 'vamos', ***ndaxerereroviai ri ramo jaje'oi*** ***tema nhama'ẽ pendoo py*** 'se vocês não me acreditarem vamos olhar na sua casa', ***jaa ju ke jakaxa vy*** 'vamos outra vez caçar', ***japytu'u ke apy*** 'vamos parar aqui', ***mava'e rã rei jajuka voive va'e rei ke jajapukai joupe*** 'qualquer de nós que matar [caça] primeiro, grite para o outro', ***nhande ke kova'e pytũ re jake eme ko'ẽmba*** ***peve*** 'nós, não durmamos até o pleno amanhecer'. O sujeito é oculto por padrão, só ocorrendo para indicar contraste ou outro efeito na estrutura informacional, raramente para esclarecer a referência. O verbo frequentemente, mas nem sempre, ocorre em posição inicial da oração.

---

60 Esta distinção Searle (1975:3) faz usando a noção de "direção de cabimento" entre as palavras e o mundo: na modalidade informativa, o intento do falante é que suas palavras conformem (caibam) ao mundo; na modalidade manipulativa, ele quer conformar o mundo às suas palavras. Givón (1984:318) faz uma distinção semelhante entre complementos oracionais "não-manipulativos" e "manipulativos", mas para ele essas categorias são "sub-modalidades da irrealis" na modalidade epistêmica; no presente trabalho são tratadas como sub-modalidades da modalidade instrumental.

61 O verbo ***-o*** 'ir' não tem formas imperativas distintivas, ou seja, as formas imperativas são emprestadas das optativas: ***tereo*** 'vá!', ***tapeo*** 'vão!'

11.1.3 A modalidade optativa

A **MODALIDADE OPTATIVA** é manipulativa igual à imperativa: ela indica que uma mudança deve ser feita, mas funciona de uma maneira indireta em vez da maneira direta do imperativo. No imperativo, há uma linha reta de responsabilidade:

- o ouvinte = o responsabilizado por efetuar a mudança = o sujeito gramatical.

No optativo, pelo menos uma dessas duas igualdades não vigora; o optativo ocorre, por exemplo, em bênçãos, rezas e ordens indiretas. Em contraste com o modo imperativo, o optativo ocorre com todas as pessoas e números. (O prefixo optativo é ***t-*** com flexão de pessoa que começa com vogal, ***ta-*** nos demais ambientes.)

- ***tajogua ndevy*** 'deixe-me comprar para você'; o ouvinte = o responsabilizado por permitir a ação ≠ o sujeito (que é o falante);
- ***tapeguata porã*** 'que viajem bem'; ouvinte = sujeito ≠ responsabilizado (Deus ou impessoal);
- ***tou Raul apy*** 'que Raul chegue aqui'; ouvinte = responsabilizado ≠ sujeito (Raul);
- ***ta'inhatete'ỹ eme*** 'que ele não seja preguiçoso'; sujeito = responsabilizado (provavelmente) ≠ ouvinte;
- ***toroo nderupive*** 'deixe-nos ir com você'; ouvinte = responsabilizado ≠ sujeito;
- ***tapepytu'u porã*** 'que vocês descansem bem'; ouvinte = sujeito ≠ responsabilizado
- o predicador nem precisa ter sujeito: ***tove ta'oky*** '(deixe) que chova' (predicação nominal de fenômeno; seção 9.5.1); não há sujeito, nem responsabilizado.

Às vezes ocorre a palavra ***tove*** para introduzir a oração optativa: ***tove tereguata porã*** 'que viaje bem'. Quando ***tove*** ocorre sozinho, ele quer dizer 'deixe como está' (compare ***toove*** 'que vá mais adiante'). O modificador negativo ***eme***, que ocorre no imperativo, ocorre igualmente no optativo: ***tou eme Raul*** 'que Raul não venha'. Existe uma partícula modal que aparentemente só ocorre numa construção optativa: ***mburu*** 'não faz mal': ***tove mburu kyrĩ va'e tojopy*** 'deixe a criança pegá-lo, não faz mal'. É comum, talvez por padrão na predicação de evento/atividade, que o predicador ou a palavra ***tove*** ocorra em posição inicial, mas isso não é obrigatório (***xee aa 'rã koropi, ha'e rã Raul ma a katy too*** 'eu irei por aqui, mas que Raul vá por essa direção'); na predicação de classificação, sua posição padrão é final (seção 9.6.1.2).

O modo optativo é um sinal obrigatório para a modalidade optativa e pode ocorrer com qualquer tipo de predicação (seção 10.2.6).

PARTÍCULA MODAL OPTATIVA:

mburu 'não faz mal'

11.1.4 A modalidade interrogativa; partículas interrogativas

Tanto em guarani como em português, a **MODALIDADE INTERROGATIVA** não tem modo próprio, mas utiliza principalmente o modo indicativo, embora ocorram perguntas nao-indicativas também.[62] Nas duas línguas, os sinais da modalidade interrogativa são fonológicos e sintáticos. Entre os sinais sintáticos são as **PARTÍCULAS INTERROGATIVAS** seguintes, que são um subtipo das partículas modais (seção 12.3.3.2).

PARTÍCULAS MODAIS INTERROGATIVAS:

nda'u 'será que?', ***pa*** 'indica pergunta', ***ra'a*** 'indica perplexidade', ***ty'y*** 'indica espanto'
(Certas outras partículas modais, tais como ***katu*** ~ ***tu*** 'indica intensidade', ***teve*** 'lamentavelmente', ocorrem comumente em perguntas, mas não são limitadas a elas.)

Estas partículas têm uma posição padrão na locução predicadora (***Ereru pa peráta?*** 'Você trouxe o dinheiro?'), mas são comumente deslocadas para ocorrer com o foco – o elemento que está sendo interrogado (***Peráta pa ereru?*** 'Foi o dinheiro que você trouxe?' – com o núcleo de entonação em ***peráta*** 'dinheiro') – ou com o tópico (***Peráta pa ereru?*** 'O dinheiro, você o trouxe?' – com o núcleo de entonação em ***ereru*** 'você trouxe'). Na "interrogação de conteúdo" (seção 11.1.4.2), o elemento que está sendo interrogado é a "palavra interrogativa", e a partícula geralmente ocorre após este elemento: ***Mba'e pa ereru?*** 'O que você trouxe?' – com o núcleo de entonação em ***mba'e*** 'o que'.

Há três subtipos da modalidade interrogativa: a interrogação tipo "sim-não", a "interrogação de conteúdo"

---

[62] É possível expressar perguntas do tipo "sim-não" ou do tipo disjuntivo numa construção optativa: ***Taa pa tetã re?*** 'Devo eu ir à cidade?'; ***Taa pa tetã re, tyrã pa taa eme?*** 'Devo eu ir à cidade, ou não devo ir?'

e a interrogação disjuntiva.[63] Certas perguntas indiretas, tais como ***xee aikuaaxe ko'ẽ rã oo ta paa*** 'eu quero saber se ele vai amanhã' (seção 22.5), podem dar o efeito pragmático da modalidade interrogativa.

11.1.4.1 Interrogação tipo "sim-não"

Este tipo de pergunta não é reconhecível através de uma ordem de palavras distinta; todas as possibilidades de ordem da construção declarativa são possíveis: ***Reo ta pa tetã re?*** 'Você está indo à cidade?', ***Tetã re pa reo ta?*** 'É para a cidade que você vai?'. Os sinais mais importantes neste tipo de interrogação são fonológicos, como descritos na seção 3.10, principalmente o contorno entonacional final ascendente e às vezes a glotalização ou laringalização. Como se observa nos exemplos acima, é comum também ocorrer uma partícula interrogativa (seção 11.1.4).

As partes da oração que podem ser interrogadas correspondem aos três possibilidades para o escopo do foco na estrutura informacional: o enunciado todo, o predicado ou um termo (seção 24.1). Isto não é coincidência, pois o que está sendo interrogado em cada caso constitui o foco do enunciado.

- *o enunciado inteiro (foco de sentença):* ***Ko'ẽ rã rejapo ta pa oorã?*** 'Você vai fazer a casa amanhã?' (a partícula interrogativa ocorre na locução predicadora).
- *o predicado (foco de predicado):* ***Ndee tu rejapo ta oorã?*** 'Você (como tópico), vai fazer a casa?'
- *sujeito (foco de termo):* ***Ndee ae tu rejapo ta oorã?*** 'É você mesmo que vai fazer a casa?'
- *objeto direto (foco de termo):* ***Oorã tu ndee rejapo ta?*** 'É uma casa que você vai fazer?'
- *objeto indireto (foco de termo):* ***Nderu pe tu reme'ẽ 'rã kyxe?*** 'É ao seu pai que vai dar a faca?'
- *adjunto (foco de termo):* ***Ko'ẽ rã pa oorã rejapo ta?*** 'É amanhã que você vai fazer a casa?'

Nestas construções existe certa ambiguidade estrutural, especialmente devido ao fato de que a partícula interrogativa pode ocorrer após o elemento sendo interrogado ou após o tópico. A única diferença entre os exemplos acima, entre a interrogação do predicado e a do sujeito, é a ocorrência do focalizador ***ae*** 'mesmo' após o sujeito nesta (veja seção 24.4.3.1).

11.1.4.2 "Interrogação de conteúdo"; "palavras interrogativas"

Para este tipo de pergunta, que pede uma informação através de uma "**PALAVRA INTERROGATIVA**", os sinais fonológicos descritos na seção 3.10 são facultativos e de importância reduzida. A palavra interrogativa, contudo, precisa ocorrer em posição inicial da oração (***Mba'e pa rejuka?*** 'O que você matou?'). Se a palavra interrogativa fizer parte de um sintagma mais extensa, o sintagma todo ocorre em posição inicial (***Mba'e re pa rejuka xivi'i?*** 'Por quê você matou o gato?'). Na estrutura informacional, o sintagma sendo interrogado constitui um foco de termo (seções 24.3.1.2 e 24.4.1). É após ele que a partícula interrogativa geralmente ocorre, como se vê nos últimos dois exemplos (seção 11.1.4). Contudo, a partícula interrogativa pode ocorrer na locução predicadora ou até no final da pergunta (***Magui pa peẽ kuery pejogua pendeparito porãgue eta pa?*** 'De onde vocês compraram seus palitós tão bonitos?' (texto 018.52). Como se vê no último exemplo, podem ocorrer mais de uma partícular, mas nem sempre a partícula ocorre: ***Mba'e rejuka?*** 'O que você matou?' Antes da oração interrogativa pode ocorrer um tópico externo ou um ponto de partida, destacado para a esquerda (seção 24.3.2):

- *tópico externo:* ***Kova'e oo, mava'e tu ojapo?*** 'Esta casa, quem a fez?'
- *ponto de partida:* ***Kuee, mba'e pa nderu ojapo?*** 'Ontem, o quê seu pai fez?'

As "palavras interrogativas" são "pronomes interrogativos" ou termos adverbiais; os "pronomes interrogativos" podem ser melhor descritos como demonstrativos interrogativos ou, num caso, um quantificador interrogativo.

DEMONSTRATIVOS INTERROGATIVOS:

mava'e 'quem?', 'qual?', ***mba'e*** 'o quê?', ***mba'e nunga*** 'de que tipo?', ***mba'exagua*** 'de que tipo?', ***mamogua*** 'habitante de onde?', ***marã ramigua*** 'de que tipo? comparável a quê?'

QUANTIFICADOR INTERROGATIVO:

mbovy 'quanto(s)?'

TERMOS ADVERBIAIS INTERROGATIVOS:

---

[63] Em guarani, a interrogação tipo ***É um dia bonito, né?*** não constitui um tipo distinto. Ela se expressa através de duas frases: ***Ára porã. Ha'e rami e'ỹ pa?*** 'É um dia bonito. Não é assim?'

araka'e ‘quando (antes ou depois de hoje)?’, ***araka'e ma*** ‘desde quando?, ***araka'e peve*** ‘até quando?’, ***magui*** ‘de onde?’, ***mamo*** ‘onde?’, ***marupi*** ‘por onde?’, ***marã katy*** ‘para onde?’, ***marã katy gui*** ‘de qual direção?’, ***mba'erã*** ‘para quê?’, ***marã rami*** ‘de que maneira?’, ***mba'e jave*** ‘a que hora?’, ***mba'e re*** ‘por quê?’, ***mba'exa*** ‘como é que?’, ***mbovykue*** ‘quantas vezes?’

Os demonstrativos interrogativos, como os demais demonstrativos, podem ocorrer tanto em função referencial (como pronomes) ou em função de determinante: ***mava'e ou?*** ‘quem veio?’, ***mava'e ava ou?*** ‘qual homem veio?’ (veja seção 18.1.1). Semelhantemente, o quantificador interrogativo: ***mbovy pa ou?*** ‘quantos vieram?’, ***mbovy avakue pa ou?*** ‘quantos homens vieram?’

Neste tipo de pergunta, qualquer termo da oraçao independente pode ser interrogado:

- *sujeito:* ***Mava'e pa ojapo kova'e?*** ‘Quem fez isso?’
- *predicador:* ***Mba'e pa nderu ojapo oo re?*** ‘O que seu pai fez na casa?’
- *objeto direto:* ***Mba'e pa nderu ojapo?*** ‘O que seu pai fez?’
- *objeto indireto:* ***Mba'e nunga re pa nderu ima'endu'a?*** ‘De que seu pai se lembrou?’
- *adjunto:* ***Marã rami pa nderu ojapo kova'e oo?*** ‘Como foi que seu pai fez esta casa?’

No exemplo acima de objeto indireto, observamos que o complemento de uma posposição (seção 20.6) pode ser interrogado, mas o sintagma posposicionado todo é foco de termo. Todos os elementos principais do sintagma nominal (seção 18) podem ser interrogados também:

- *demonstrativo (determinante):* ***Mava'e ava re pa ndeayvu?*** ‘Sobre qual homem você está falando?’
- *quantificador (determinante):* ***Mbovy avakue pa rexa?*** ‘Quantos homens você viu?’
- *possuidor:* ***Mava'e ro katy pa reo?*** ‘você está indo para a casa de quem?’
- *modificador:* ***Marã ramigua ava pa ou va'ekue?*** ‘Qual tipo de homem veio?’ Embora a resposta provavelmente seja de um adjetivo tal como ***peteĩ ava puku*** ‘um homem alto’, a expressão interrogativa ***marã ramigua*** ‘que tipo’ é um demonstrativo (determinante).

11.1.4.3 Interrogação disjuntiva

Este tipo de pergunta utiliza a conjunção disjuntiva interrogativa ***terã ~ tyrã*** ‘ou’: ***Oo ka'aguy re terã pa posto katy?*** ‘Foi à floresta ou ao posto?’. Tanto a partícula interrogativa quanto os sinais fonológicos descritos na seção 3.10 são facultativos. Fora da disjunção em si, este tipo de interrogação não tem sintaxe distintiva.

11.1.5 A modalidade exclamativa

Não é claro se a **MODALIDADE EXCLAMATIVA** constitui uma construção coerente, mas os exemplos mais nítidos apresentam um traço sintático distintivo: a ausência de um verbo finito, flexionado (certos itens na lista abaixo utilizam um radical verbal). Existem pelo menos quatro subtipos do exclamativo:

- um **EXCLAMATIVO APRESENTACIONAL REDUZIDO** (***Mboi!*** ‘Uma cobra!’; veja seção 24.3.1.3),
- um **EXCLAMATIVO ULTRAJANTE** (***O mba'e ky'a rei!*** ‘Ó sujo!’),
- um **EXCLAMATIVO VOCATIVO** (***Tovaja!*** ‘Cunhado!’)
- um **EXCLAMATIVO AFETIVO** (***A'y!*** ‘Opa!’).

O contorno intonacional varia, mas em todos os casos, sua intensidade e elevação são acima do normal.[64]

EXPRESSÕES EXCLAMATIVAS AFETIVAS:

ake'e ~ aa ke'e indica espanto, ***aikore*** indica lamento, ***aipo*** ‘atenção’, ***ambe*** ‘espere um pouco’, ***aveipa*** ‘ainda mais essa!’, ***a'y*** ‘opa!’, ***mba'e ta ha'e rami*** ‘como pode ser?!’, ***he'ia'i ma*** indica incredulidade, ***ija*** ‘bem feito!’ (lit., ‘seu dono’), ***iu*** indica susto, ***jevy rei*** ‘ainda mais essa!’, ***kore*** indica surpresa e irritação, ***kua*** ‘uai!’ ou ‘uê!’, ***ma'ẽ ke*** ‘olha só!’, ***ne ke*** ‘faça-o então’, ***neĩ katu*** ‘faça-o então’, ***ne'endu*** ‘escuta!’, ***ne'exa*** ‘veja!’, ***nharymba*** ‘que pena!’, ***ne'endu*** ‘escuta!’, ***regua rei*** ‘não é possível!’, ***tẽgua ri ty'y*** ‘ah, é?’, ***xy'y*** ‘uê!’, ***ỹ*** ‘ah!’

As construções exclamativas nos dados disponíveis não contêm elementos negativos, verbos

---

[64] Nem toda frase escrita com um ponto de exclamação é da construção exclamativa. Numa frase declarativa tal como ***Iporã ete!*** ‘É bom mesmo!’ ou imperativa tal como ***Ejapo eme!*** ‘Não faça!’, o ponto de exclamação simplesmente indica intensidade entonacional e afetiva.

suplementares ou orações múltiplas.

A modalidade exclamativa não ocorre nas orações subordinadas.

11.2 A modalidade epistêmica

A segunda dimensão principal da modalidade é a epistêmica (seção 11). Nas orações independentes do guarani mbyá, ocorrem sinais epistêmicos, mas não modalidades epistêmicas no sentido de construções inteiras. Os sinais descritos em baixo são diversos e pouco implicam na estrutura a nível do enunciado; eles ocorrem dentro da locução predicadora entre os indicadores de tempo, aspecto e modalidade (seções 11.2.1, 11.2.2 e 11.2.3; veja seção 12.3) ou como termos adverbiais que são adjuntos (seções 11.2.4 e 20.8).

Como dentro da modalidade instrumental existe uma distinção fundamental entre a modalidade informativa (que fala sobre fatos, conformando as palavras à realidade) e a modalidade manipulativa (que tenta mudar a realidade, conformando-a às palavras; seção 11.1), assim também dentro da modalidade epistêmica existe uma distinção fundamental entre duas opções:

- a **MODALIDADE POTENCIAL** (que indica que a realização da situação é apenas potencial);
- a **MODALIDADE REAL** (que afirma um compromisso para com a realidade da situação ou pelo menos é neutra a respeito).

Esta distinção é especialmente importante nas orações subordinadas (seção 11.3).A opção não-marcado é a modalidade real.[65]

11.2.1 Partículas de tempo/aspecto

Quatro partículas de tempo/aspecto (seção 12.3.1.2) funcionam na modalidade epistêmica; três delas contêm o indicador do futuro ***va'erã ~ 'rã***:

- O indicador do futuro sozinho comumente indica probabilidade/predição, ou seja, que algo deverá ser constatado posteriormente. Isto se vê na seguinte sequência de pergunta e resposta:
  A: Nderu tu oĩ? 'Seu pai está (em casa)?'
  B: Oĩ 'rã nhi'ã. 'Deve estar' (lit., 'estará provavelmente').
  Como se vê nesse exemplo, o uso do futuro é próprio quando alguém posteriormente teria a oportunidade de constatar o fato.
- O indicador do futuro ***'rã*** ocorre com o advérbio aspectual ***ma*** 'já', que contribui um senso de certeza. A sequência ***ma 'rã*** significa 'que será realizado com certeza': ***xeru ou ma 'rã*** 'meu pai virá com certeza'.
- A expressão ***'rãe*** 'futuro mais intensificador', que inclui o intensificador ***ae*** 'inalteravelmente, mesmo', indica uma necessidade fixa: ***ko'ẽ ramo aa 'rãe*** 'amanhã irei mesmo'.
- A partícula ***ra'e*** indica a constatação de um fato no contexto citado, e por isso tem o nome linguístico "mirativo" (DeLancey 1997): ***avaẽ rã ava omano ra'e oupy*** quando cheguei, descobri que o homem jazia morto

11.2.2 Elementos modais de tempo/aspecto

Todos os três elementos modais de tempo/aspecto (seção 12.3.3.1) contêm, como parte do seu significado lexical, um traço de modalidade epistêmica, que indica se a situação foi presenciada pelo falante ou não. Obviamente, uma situação presenciada pelo falante será asseverada com certeza maior.

- ***araka'e*** ~ ***raka'e*** 'situação no tempo passado, não presenciada pelo falante': ***yy ou araka'e*** 'houve o dilúvio (lit., 'a água veio') antigamente';
- ***karamboae*** 'situação no tempo passado, presenciada pelo falante': ***xeru oiko axy karamboae*** 'meu pai passou por sofrimento (o que eu presenciei)';
- ***kuri*** 'hoje mais cedo ou mais tarde (situação presenciada pelo falante)': ***ange'i anha ajuvy kuri*** 'agorinha eu vim correndo'.

11.2.3 Partículas modais

Certas partículas modais (seção 12.3.3.2) assinalam claramente a modalidade epistêmica (e podem

---

[65] Esta distinção epistêmica é a mesma que Givón (1984) faz usando os termos de "realis" e "irrealis". A categoria "real" não necessariamente implica um compromisso da parte do falante para com a veracidade da situação; a realidade pode ser fictícia.

assinalar a instrumental e a afetiva também). A lista em baixo é representativa:

- ***je*** ‘por assim dizer’: ***xeryvy je oexa kuri mboi*** ‘dizem que meu irmão viu uma cobra hoje’;
- ***ko*** ‘na opinião do falante’: ***jagua anho'i ko omano*** ‘na minha opinião, morreu apenas o cachorro’;
- ***nhi'ã*** ‘talvez’: ***xee aju rire ri nhi'ã imonda va'e ou*** ‘decerto/talvez foi depois que eu vim que o ladrão veio’;
- ***rã nda'u*** ‘parece que’: ***ha'e ndooi ma rã nda'u*** ‘parece que ele não foi’;
- ***nda'u*** ‘será que?’: ***Jipoi nda'u amba'eapo aguã?*** ‘Será que não há nada de trabalho para mim?’.

Outras partículas modais são as interrogativas (seção 11.1.4.1).

11.2.4 Termos adverbiais

O termo adverbial ***xapy'a rei*** tem dois significados que se assemelham com a expressão ***de repente*** em certos dialetos do português: ‘de modo repentino, sem causa aparente ou sinal prévia’ e ‘talvez’: ***ha'e kuery omano xapy'a rei*** ‘eles morreram de repente, sem causa aparente’, ***xapy'a rei nderu oime va'erã*** ‘talvez seu pai esteja (em casa)’.

11.2.5 Orações subordinadas epistêmicas

Ocorrem sentenças complexas nas quais uma oração subordinada adverbial, geralmente com a conjunção ***rã*** ‘sujeito diferente’ (seção 21.1.3), indica uma atitude epistêmica em relação ao conteúdo da oração principal: ***xee aikuaa rã Raul ndoui 'rã*** ‘eu acho que (lit., ‘como eu sei’) Raul não virá’; ***xee ama'ẽ rã anguja rive oĩ*** ‘quando eu olhei havia apenas um rato’. Tais orações subordinadas adverbiais funcionam como termos adverbiais na sintaxe da sentença (seções 20.8 e 21).

11.3 A modalidade nas orações subordinadas

Há distinções modais importantes a nível da oração subordinada, tanto nas orações subordinadas adverbiais (seção 21) quanto nas nominalizadas (os complementos oracionais; seção 22).

- As orações subordinadas adverbiais apresentam pouca ou nenhuma manifestação da modalidade instrumental (seção 21.2.1.7). A dimensão principal da modalidade passa a ser a epistêmica, na sua distinção fundamental entre a real e a potencial (seção 11.2). Esta distinção é assinalada principalmente através dos subordinadores; para detalhes maiores, veja a seção 0. A opção não-marcada é a modalidade real; isto é visto, por exemplo, quando conjunções da modalidade real são utilizadas para assinalar o propósito (seção 21.3.2).
- Os complementos oracionais contêm certos elementos que são associados com as orações independentes, entre os quais constam certos sinais da modalidade instrumental. Os complementos oracionais têm em comum com as orações subordinadas adverbiais uma distinção modal binária cujos sinais principais são os subordinadores, mas neste caso a distinção tem a ver tanto com a modalidade instrumental quanto com a epistêmica. As duas opções são mistas: a opção não-marcada é a modalidade informativa/real, assinalada prinicipalmente através do nominalizador ***-a***^{1} (seções 19.2 e 22.1), enquanto a marcada é a modalidade manipulativa/potencial, com o nominalizador ***aguã*** (seções 19.5 e 22.2).

Para maiores detalhes sobre a modalidade nas orações subordinadas, veja as seções indicadas acima.

11.4 Condições no sujeito; “verbos auxiliares modais”; a obrigação

Em português e outras línguas românicas, existem “**VERBOS AUXILIARES MODAIS**”, tais como *querer*, *saber*, *poder* ou *dever*, que ocorrem seguidos de um infinitivo que designa uma ação: *quer ficar*, *sabe ler*, *podem cair*, *devemos ir*. Estes verbos têm a função de indicar condições, internas ou externas, no sujeito, que favorecem a ação (Bybee et al. 1994:177); o verbo *quer* em *quer ficar*, por exemplo, indica um desejo, interno ao sujeito que favorece a ação de ficar. Visto que tais condições são orientadas ao sujeito em vez do falante, elas não fazem parte da modalidade em si.[66]

Em guarani mbyá, as condições no sujeito são indicadas, não através de verbos auxiliares modais (os quais não existem em guarani), mas principalmente pelos “radicais verbais pospostos” (veja seção 12.1.2):

- ***-jepe*** ‘conseguir fazer algo, superando uma dificuldade’: ***aa jepe*** ‘escapei’ (lit., ‘consegui ir’)

[66] Visto que essas condições “fazem parte do conteúdo proposicional da oração, elas não fazem parte da modalidade na maioria das abordagens” (Bybee et al. 1994:177).

- ***-kuaa*** ‘saber fazer algo’: ***aexa kuaa*** ‘reconheço’ (lit., ‘sei ver’)
- ***-pota*** ‘esforçar-se para fazer algo’: ***aexa pota*** ‘esforcei-me para ver’
- ***-regua*** ‘poder fazer algo’: ***ndaa reguai*** ‘não posso ir’
- ***-xe*** ‘querer fazer algo’: ***aaxe*** ‘quero ir’.[67]

Numa comparação entre os radicais verbais pospostos do guarani mbyá e os verbos auxiliares modais do português, a correspondência funcional é substancial mas não exata. Certos radicais verbais pospostos, tais como ***-pota*** ‘esforçar-se para’, não correspondem a nenhum verbo auxiliar modal do português; e certos verbos auxiliares modais em português, notavelmente *dever*, não correspondem a nenhum radical verbal posposto.

O caso do verbo *dever* é importante porque a obrigação, nas línguas em geral, é a condição no sujeito mais comum nas línguas estudadas por Bybee et al. (1994:181), mas em guarani mbyá a obrigação é problemática a expressar. Existem três maneiras comuns:

- A maneira mais comum na comunicação oral é através da expressão ***teĩ ke*** emprestada do português *tem que* (sem flexão de pessoa). A sintaxe também é emprestada: ***ko'ẽ ramo teĩ ke aa*** ‘amanhã tenho que ir’. Como empréstimo, esta expressão geralmente não fica dentro de material escrito revisado.
- A segunda expressã, ***'rãe*** (veja seção 11.2.1) indica mais necessidade externa do que obrigação interna: ***ko'ẽ ramo aa 'rãe*** ‘amanhã irei mesmo’ seria mais facilmente interpretado no sentido ‘é necessário que eu vá’ ou ‘é (quase) certo que eu vá’, do que ‘sinto uma obrigação de ir’.
- A terceira expressão, uma oração subordinada adverbial com o subordinador ***aguã rami*** mais o verbo ***-iko*** ‘ser’ ou o radical plural ***-kuai*** ‘serem’, é a mais rara das três. Ela também indica uma necessidade ou um dever externo mais do que uma obrigação: ***jakaru aguã rami ma jaiko*** ‘já temos que comer’.

O problema da obrigação, pois, não tem explicação na presente abordagem.

Com a exceção da obrigação, as condições no sujeito são substancialmente representadas em guarani mbyá pelos radicais verbos pospostos. Elas são comumente assinaladas nas orações subordinadas, assim como nas independentes.

12 A locução predicadora

A **LOCUÇÃO PREDICADORA**, formada do predicador junto com sua flexão e elementos modificadores, é um sintagma que constitui o núcleo gramatical da oração. [68] Ela é requerida em todos os tipos de predicação, mas em certos deles ela não é obrigatória (veja, por exemplo, seção 9.6.1; para elementos requeridos e obrigatórios, veja seção 6.2). Sua função comunicativa é predicativa, igual à de um verbo simples. Contudo, a locução predicadora nem sempre contém um verbo; o predicador principal pode ser um nome (veja seção 12.1.1).

Em guarani mbyá, a locução predicadora é frequentemente complexa e extensa. Sua estrutura é apresentada na Figura 24:

Locução predicadora = Conteúdo proposicional (Indicador de tempo, aspecto e modalidade)^{n}
Conteúdo proposicional = Componente principal (Intensificador)^{n}

Figura 24: A locução predicadora

A Figura 24 se entende da seguinte maneira: a locução predicadora é composta do conteúdo proposicional que é obrigatório, seguido facultativamente de um ou mais indicadores de tempo, aspecto e modalidade. (Os parênteses indicam facultatividade, ou seja, que os elementos não são requeridos. A letra *n* indica que o elemento pode ocorrer mais de uma vez, ou seja, em mais de uma forma.) O conteúdo proposicional é composto do componente principal, seguido facultativamente de um ou mais intensificadores. O conteúdo proposicional, em potencial, é o domínio da negação (veja seção 16.2). As outras camadas na estrutura da locução predicadora são apresentadas na seção 12.4.

O componente principal é descrita na seção 12.1; intensificadores são descritos na seção 12.2; indicadores

---

[67] A questão dos espaços na escrita destes elementos é abordada na seção 3.8.

[68] Este uso do termo “núcleo” corresponde ao uso do termo em Van Valin e LaPolla 1997:26.

de tempo, aspecto e modalidade são descritos na seção 12.3. Existe um paralelismo estrutural estreito entre a locução predicadora e sintagmas não-predicadores aumentados (seção 17.1).

Dentro da locução predicadora observamos claramente um fato semântico-sintático chave da língua, a saber: o **ALCANCE SEMÂNTICO** dos elementos modificadores é para a esquerda, ou seja, elementos modificadores tendem a ocorrer após seus respectivos elementos determinados.[69] Este princípio estabelece a ordem de elementos tais como a negação (seção 16.2), radicais verbais pospostos (seção 12.1.2), advérbios (seção 0), intensificadores (seção 12.2), e vários dos indicadores de tempo, aspecto e modalidade (seção 12.3). Esta direção de modificação é o contrário daquela que caracteriza o português.

12.1 O componente principal

O **COMPONENTE PRINCIPAL** forma a parte lexical da locução predicadora; junto com eventuais intensificadores, ele designa o conteúdo proposicional da predicação. Os constituíntes do componente principal são indicados na Figura 25 para um predicador principal verbal, descritivo (seção 9.4) ou nominal de evento (seção 9.5.1) ou de posse (seção 9.5.2):[70]

Componente principal = Predicador principal (Advérbio)^{n} (Radical verbal posposto (Advérbio)^{n})^{n}

Figura 25: O componente principal da locução predicadora

Conforme a Figura 25, o único elemento obrigatório do componente principal é o **PREDICADOR PRINCIPAL** (seção 12.1.1). Ele é seguido facultivamente de um ou mais radicais verbais pospostas (seção 12.1.2); tanto o predicador principal quanto os radicais verbais pospostos podem ser modificados por um ou mais advérbios (seção 0).

12.1.1 O predicador principal

O predicador principal é o domínio mínimo da negação afixal (seção 16.2). Sua estrutura é indicada na Figura 26:

Predicador principal = (Flexão de modo) (Flexão de sujeito) (Flexão de objeto) Radical

Figura 26: O predicador principal

O radical predicador pode ser verbal ou descritivo (seção 9.4), ou predicacão nominal de evento (seção 9.5.1) ou de posse (seção 0). Na maioria das vezes ele é verbal, com um "**VERBO PRINCIPAL**". Ele pode ser um radical simples (com uma só raiz), complexo (com afixos derivacionais) ou composto (com mais de uma raiz; seção 3.8.1). A composição pode ser através da incorporação nominal (seção 14) ou da composição com um advérbio (seção 15.1.1) ou um radical verbal posposto (seção 12.1.2). A flexão de pessoa e número é descrita na seção 5. A flexão de modo é descrita na seção 11.1.

12.1.2 Radicais verbais pospostos

Existem cinco elementos que ocorrem em função de **RADICAL VERBAL POSPOSTO**:

- ***-jepe*** 'conseguir fazer algo, superando uma dificuldade',
- ***-kuaa*** 'saber fazer algo',
- ***-pota*** 'esforçar-se para fazer algo',
- ***-regua*** 'poder fazer algo',
- ***-xe*** 'querer fazer algo',
- ***-pa*** 'terminar de fazer algo'.

Entre eles, ***-kuaa*** 'saber', ***-pota*** 'querer' e ***-pa*** 'terminar' podem ocorrer também como verbos principais. Na semântica, todos são da modalidade deôntica, menos ***-pa*** 'terminar', que é aspectual. Numa determinada locução predicadora, é raro que ocorra mais de um destes elementos, mas nos dados constam sequências de

[69] Na locução predicadorea das línguas indígenas aglutinantes da América do Sul, "é comum que o alcance semântico se extenda para a esquerda..." (D. Payne 1990b:232).

[70] Para o componente principal com predicativos de sujeito, veja seção 0.

até três.[71]

EXEMPLOS:

aexa jepe jagua ‘consegui ver o cachorro’
aexa kuaa jagua ‘reconheço (sei ver) o cachorro’
aexa pota jagua re ‘estou me esforçando para ver o cachorro’[72]
ndaexa reguai jagua ‘não estou podendo ver o cachorro’
aexaxe jagua ‘quero ver o cachorro’
ndaexa kuaa reguai jagua ‘não posso reconhecer (lit., ‘saber ver’) o cachorro’
ndaexa kuaaxei jagua ‘não quero reconhecer (lit., ‘saber ver’) o cachorro’
ndaexa potaxei jagua re ‘não quero me esforçar para ver o cachorro’
ndaexa kuaa potaxei jagua ‘não quero me esforçar para reconhecer (lit., ‘saber ver’) o cachorro’

Radicais verbais pospostos ocorrem com predicadores nominais também (mas não com os predicativos nominais, que não são predicadores; veja seção 9.6.2): ***ndaxera'y reguai*** ‘não consigo ter filhos’, do nome ***xera'y*** ‘meu filho’; ***nda'oky reguai*** ‘não consegue chover’, do nome ***oky*** ‘chuva’. Estes elementos desempenham uma boa parte da função que os verbos auxiliares modais desempenham em português (seção 11.4), mas fazem parte da locução predicadora em vez de levar um complemento não finito: ***quero ir***.[73]

Certas combinações de predicador principal + radical verbal posposto são mais estreitamente ligadas entre si do que outras. As combinações mais estreitas funcionam, através de um tipo de composição, no papel do predicador principal (veja seção 15.1.1); como resultado, nem o sufixo negativo (seção 16.2), nem o sufixo impessoal (seção 13.2.3) ocorre antes do radical verbal posposto.

Quando ocorrer mais de um radical verbal proposto, sua ordem relativa é determinada principalmente pelo alcance semântico pretendido, levando em conta que o alcance de um elemento na locução verbal é para a esquerda.

EXEMPLOS:

omba'eapo kuaapa va'e ‘um que sabe completamente como trabalhar’ (texto 24.6)
nhombotavypa kuaa va'e ‘um que sabe enganar completamente as pessoas’ (texto 22.138)

Contudo, certas ordens relativas ainda podem ser escolhidas por padrão.

12.1.3 Advérbios

Elementos na função de **ADVÉRBIO**, ou na **FUNÇÃO ADVERBIAL**, modificam predicadores (predicadores principais ou radicais verbais pospostos) ou outros modificadores (veja seção 20.8).

Os advérbios, como os adjetivos, modificam o que ocorre antes, de acordo com a alcance semântico direcionado à esquerda (seção 12). Quando dois modificadores ocorrem juntos, como na expressão ***aexa porã vaipa*** ‘vi muito bem’, o segundo (***vaipa*** ‘muito’) geralmente modifica o primeiro (***porã*** ‘bem’), ao contrário do português. Um advérbio que segue logo após o predicador modificará uma de duas coisas:

- ele pode modificar a predicação (a “ação verbal”) em si, indicando:
  - ◊ a maneira da predicação (**ADVÉRBIO DE MANEIRA**),
  - ◊ o grau da predicação (**ADVÉRBIO DE GRAU**) ou
  - ◊ um aspecto temporal da predicação (**ADVÉRBIO DE TEMPO**); alternativamente,
- ele pode modificar um argumento da predicação, indicando a quantidade deste argumento (**ADVÉRBIO DE QUANTIDADE**). Neste caso, o argumento é o sujeito de uma predicação intransitiva ou o objeto direto de uma predicação transitiva direta, ou seja, o argumento absolutivo (seção 7.2.2), pelo menos por padrão.

Numa sequência de advérbios, existe uma ordem padrão: maneira ou quantidade – grau – tempo. O tipo de

---

[71] Em certas línguas peruanas, algo semelhante ao radical verbal posposto tem sido analisado como “pós-base” (in inglês, postbase), que segue o verbo principal e aceita elementos modificadores posteriores (D. Payne 1990b:231-34). Na lógica, o último radical verbal na locução é o predicado mais alto, mas na gramática, o verbo principal é o primeiro, pois ele leva a flexão e determina a valência (o elenco dos argumentos).

[72] Comumente, o radical verbal posposto ***–pota*** muda o objeto direto em objeto indireto com a posposição ***re***.

[73] Na semântica, eles se assemelham aos verbos modais em português tais como ***querer*** e ***precisar*** e aos “verbos light” que Bickel (2004:155-164) descreve para Belhare (kiranti, Nepal).

modificação, portanto, é uma função sintática. Os advérbios podem ser agrupados nos seguintes tipos, conformes a função ou funções que eles desempenham:

ADVÉRBIOS DE MANEIRA (MODIFICANDO A PREDICAÇÃO):
pojava 'rapidamente', ***porã*** 'bem', ***puku*** 'longe', ***(r)atã*** 'intensamente', ***(r)axy*** 'dolorosamente', ***ra'u*** 'em sonho', ***rei*** 'de maneira errada', ***rive*** 'sem razão ou sem esforço', ***vaikue*** 'feio', ***-vai-vai*** 'mal-e-mal', ***pokã*** 'de modo espaçado', ***vai*** 'mal'.

ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE (MODIFICANDO O ARGUMENTO ABSOLUTIVO):
-pa ~ -mba 'tudo, todos', ***(r)eta*** 'muito(s)', ***vaipa*** 'muito, bastante' (modificando um objeto direto não-contável), ***-ve*** 'mais em quantidade'.

ADVÉRBIOS DE GRAU (MODIFICANDO A PREDICAÇÃO OU OUTRO ADVÉRBIO):
guaxu 'aumentativo', ***-pa ~ -mba*** 'completamente', ***raxa*** 'demais, em excesso', ***vaipa*** 'muito, bastante', ***-ve*** 'mais em grau', ***-'i*** 'diminutivo', ***-'i nho*** 'muito mesmo'.

ADVÉRBIOS DE TEMPO:[74]
jepi 'repetidamente', ***jevy ~ ju*** 'de novo' ou 'de volta', ***kuerei*** 'repetidas vezes, em troca', ***mavoi*** 'de antemão, previamente', ***pokã*** 'de tempo em tempo', ***pyau*** 'como novidade', ***ramo*** 'recentemente', ***ranhe*** 'primeiro em ordem', ***riae*** 'sempre', ***-ve*** 'mais no tempo', ***voi*** 'cedo', ***xapy'a*** 'de repente', ***xapy'a'i*** 'por um tempo breve', ***vyvoi*** 'de uma vez', ***ypy*** 'pela primeira vez'.

EXEMPLOS:
aexa porã 'vi bem' (predicador maneira),
ipukuve 'é mais comprido'(predicador grau),
oky jepi 'choveu repetidas vezes' (predicador tempo),
oupa 'vieram todos' (predicador quantidade modificando o sujeito),
aexa vaipa 'vi bastante' (predicador quantidade modificando o objeto direto),
aexa porã vaipa 'vi muito bem' (predicador maneira grau),
ake porãve 'dormi melhor' (lit., 'mais bem') (predicador maneira grau),
ake puku jepi 'repetidas vezes durmo por muito tempo' (predicador grau tempo),
aexa jevy 'vi outra vez' (predicador tempo),
aexa pota porã 'reparei bem' (lit., 'esforcei-me bem para ver') (predicador predicador maneira),
aexa porãxe vaipa 'quero muito ver bem' (predicador maneira predicador grau),
oky vaipa jepi 'choveu bastante repetidas vezes' (predicador grau tempo).

OBS.:
- Certos elementos, tais como ***–ve*** 'mais', ocorrem em mais de uma função adverbial. O advérbio de maneira ***porã*** 'bem' funciona também como partícula modal (***xãjau ijajupa porã ma*** 'as melancias todas já amadureceram, o que é bom'; seção 12.3.3.2) e como intensificador (***hi'ára py porã*** 'no dia certo'; seção 12.2), além de ocorrer como adjetivo e predicador de atributo. Nisto, observamos o multi-funcionalismo acentuado que a língua apresenta (seção 8).
- Advérbios ocorrem com predicadores nominais também..
- Certos tipos de predicação não aceitam certos tipos de advérbios:
  - ◊ a predicação de identificação e classificação não aceita advérbio de qualquer tipo;
  - ◊ a predicação nominal de fenômeno (seção 9.5.1), pela falta de sujeito, não aceita advérbio de quantidade.

O sufixo negativo ***–i*** pode ser classificado entre os advérbios. O alcance da negação é a parte da locução predicadora que ocorre antes desse sufixo (seção 16.2). A negação predicativa aceita certos tipos de advérbios em função de modificador: ***na'iporãive*** 'é mais feio' (lit., 'é mais não bonito'), ***ndaai teri*** 'não fui ainda'. Para uma consequência disso na predicação de identificação e classificação, veja seção 10.2.4.

Algumas combinações de radical predicador + advérbio são mais estreitamente ligadas entre si do que outras. As combinações mais estreitas funcionam, através de um tipo de composição, como um radical (veja

[74] É importante distinguir estes modificadores temporais dos indicadores de tempo, aspecto e modo que ocorrem na última parte da locução predicadora (seção 12.3). Os elementos modificadores temporais são itens lexicais descritivos, enquanto os Indicadores de tempo, aspecto e modo são morfemas gramaticais.

seção 15.1.1). Quando um modificador se associar desta forma com o radical, nem o sufixo negativo (seção 16.2), nem o sufixo impessoal (seção 13.2.3) ocorre antes do advérbio.

12.1.3.1 Advérbios que ocorrem fora da locução predicadora

Certos advérbios, especialmente os advérbios temporais, podem ser transpostos para fora da locução predicadora, em função de intensificador ou de termo adverbial. Nos dois casos, trata-se de um foco de termo na estrutura informacional (seção 24.3.1.2).

- O advérbio pode ocorrer após um termo não-predicador em função de intensificador (fechando e demarcando seu conteúdo; seção 12.2) e também em função de **FOCALIZADOR** (indicando-o como foco de termo na estrutura informacional; seção 24.4.3.1). Neste caso, o advérbio é geralmente seguido de uma partícula de tempo/aspecto (tal como ***'rã*** 'futuro') ou por uma partícula modal (tal como ***teve*** 'infelizmente'):
  - ◊ ***aguata jevy 'rã mokoĩ ára re*** 'vou viajar por mais dois dias' → ***mokoĩ ára re jevy 'rã aguata*** 'é por mais dois dias que vou viajar'
  - ◊ ***xejukaxe jevy teve ri nderegua rejukaague rami?*** 'quer me matar também, lamentavelmente, como matou seu irmão? → ***nderegua rejukaague rami jevy teve xejukaxe ri?*** 'é como matou seu irmão que, lamentavelmente, quer me matar também?'
- O advérbio pode funcionar como um termo adverbial (seção 20.8) que é um foco de termo:
  - ◊ ***aju voive 'rã*** 'virei mais cedo' → ***voive 'rã aju*** 'é mais cedo que virei'
  - ◊ ***hy'a ma ovo 'rã xapy'a*** 'o prato vai partir de repente' → ***hy'a ma xapy'a 'rã ovo*** 'o prato, é de repente que vai partir'

12.2 Intensificadores

INTENSIFICADOR é um tipo especial de modificador que comumente ocorre após o componente principal da locução verbal: ***nhavaẽ ete 'rã*** 'chegaremos mesmo' (veja Figura 24 e C. Jensen 1998a:539). Intensificadores também podem ocorrer após sintagmas não-predicadores essenciais: ***guyra ete*** 'uma ave verdadeira', ***nhandeavyu py ete*** 'em nossa língua mesma' (veja seções 17.1 e 20.4).

Na sua semântica, os intensificadores são "demarcadores", que na locução predicadora indicam o limite do conteúdo proposicional da predicação (cuja parte lexical é designada no componente principal); nos sintagmas não-predicadores, os intensificadores têm uma função demarcadora correspondente. Muitos intensificadores são "excluidores", no sentido de Hall (1963:67): são modificadores que "(1) são atributivos [eles ocorrem em função modificadora, RAD] em vez de predicativos, (2) servem para excluir algo sem, em si, acrescentar algo e (3), conforme o contexto, excluem possibilidades diferentes." A expressão "sem acrescentar algo" sublinha o fato de que intensificadores não designam atributos adicionais, são apenas demarcadores que fecham a designação já feita.

Embora qualquer tipo de sintagma, inclusive a locução predicadora, aceita intensificadores, alguns intensificadores são restritos quanto ao tipo de sintagma com o qual ocorrem (veja as listas abaixo). Já que intensificadores ocorrem com sintagmas nominais além de sintagmas de outros tipos, eles não são advérbios (seções 0 e 20.8) ou adjetivos (seção 18.1.3), mas pertencem à classe-ponte dos modificadores (seção 8.2). Dentro da locução predicadora, um intensificador pode modificar qualquer outro tipo de elemento, inclusive outro intensificador, enquanto advérbios comuns modificam apenas predicadores (predicadores principais ou radicais verbais pospostos; seção 0). Como muitos outros modificadores, o alcance semântico dos intensificadores é para a esquerda, ou seja, eles modificam os elementos anteriores dentro do sintagma.[75] Sua posição dentro da locução predicadora, pois, é determinada por seu alcance semântico, não por regra gramatical; eles comumente ocorrem logo após o componente principal (Figura 24). Nos sintagmas não-predicadores, eles ocorrem logo após o sintagma essencial (Figura 32).

Como o nome "intensificador" implica, o uso desses elementos aumenta a saliência do sintagma na estrutura informacional (seção 24); na fonologia, eles aumentam a intensidade entonacional. Especialmente com termos não-predicadores, os intensificadores facilmente desempenham também o papel pragmático de **FOCALIZADOR**, indicando que o sintagma é foco de termo na estrutura informacional, com características

[75] Esta direção de alcance tem uma exceção, que é o empréstimo ***neĩ*** 'nem'.

fonológicas próprias (seções 24.1, 24.4.3.1).

Os intensificadores incluem:

INTENSIFICADORES QUE OCORREM TANTO DENTRO QUANTO FORA DA LOCUÇÃO PREDICADORA:

ae 'inalteravelmente, mesmo', ***ae ma*** 'inalteravelmente', ***ae ri*** 'exatamente como foi indicado', ***anho*** 'apenas', ***anho rei*** 'sem interrupção, apenas', ***avei ~ avi ~ ave*** 'também', ***ete*** 'realmente', ***meme*** 'sem parar, sem desviar-se' (na locução predicadora) ou 'igualmente' (com termos não-predicadores), ***neĩ*** 'nem (empréstimo, portanto pré-nuclear: ***Pe'u eme, neĩ pepoko eme guive*** 'não comam, nem tampouco toquem'; ***neĩ xapy'a'i nokyrirĩ*** 'nem um pouquinho ficou quieto'), ***nho*** 'a qualquer preço', ***pavẽ*** 'todos', ***rai*** 'quase', ***rei*** 'muito, uniformemente', ***rive*** 'somente, apenas'.

INTENSIFICADORES QUE OCORREM APENAS NA LOCUÇÃO PREDICADORA:

-'i nho 'muito mesmo' (ocorre também em função adverbial de quantidade), ***vai*** 'muito e sem exeção' (ocorre também em função adverbial de maneira).

INTENSIFICADORES QUE OCORREM APENAS COM TERMOS NÃO-PREDICADORES:

ae'i 'sozinho', ***amongue*** 'alguns(algumas)' (ocorre somente com o sintagma nominal; ocorrer também como pronome e determinante), ***ete'i*** 'somente', ***ete rã*** 'não sei', ***eteve*** 'até o próprio', ***guive rã*** 'cada um', ***ha'e javi(ve)*** 'todos' (ocorre somente com o sintagma nominal; ocorrer também como pronome e determinante), ***jevy*** 'por sua vez' (na locução predicadora, ocorre em função adverbial de tempo), ***katuve*** (ma) 'quanto mais', ***-'i*** 'somente, apenas' (na locução predicadora, ocorre em função adverbial de grau), ***ma voi*** 'nem, nem mesmo', ***porã*** 'exatamente, como é certo', ***-ve*** 'mais, o mesmo, algo definido' (na locução predicadora, ocorre em função adverbial de quantidade), ***voi*** 'também, até'.

Em geral, quantificadores podem ocorrer como intensificadores no signtagma nominal, especialmente após o elemento ***regua*** 'tipo, exemplar' (veja seções 18.1.1 e 18.5). Isto implica numa posição diferente, após o núcleo em vez de antes dele, como determinante. Exemplos desses elementos se encontram nos verbetes do léxico.

O elemento negativo ***e'ỹ*** que ocorre em função modificadora pode ser considerado um intensificador também (seção 16). Ele apresentam a mesma sintaxe e entonação como outros intensificadores, seja dentro da locução predicadora ou fora dela.

Não é incomum dois intensificadores ocorrerem juntos: ***ojegui ae e'ỹ ijayvu*** 'não falou de si mesmo': ***anhombojarua rupi ve'ỹ 'rã xeayvu*** 'não falo mais com desrespeito a outros'.

12.3 Indicadores de tempo, aspecto e modalidade

Revisemos a estrutura global da locução predicadora, repetindo aqui Figura 24:

Locução predicadora = Conteúdo proposicional (Indicador de tempo, aspecto e modalidade)^{n}

Figura 24: A locução predicadora

O conteúdo proposicional (e o subsequente alcance da negação) é composto pelo componente principal (lexical) mais eventuais intensificadores. Os elementos que ocorrem depois – os indicadores de tempo, aspecto e modalidade – são todos itens gramaticais, de classes fechadas. Os indicadores de tempo, aspecto e modalidade tendem a ocorrer na seguinte ordem:

Indicadores de tempo, aspecto e modalidade =
(Partícula de tempo/aspecto)^{n} (Verbo suplementar) (Elemento modal)^{n}

Figura 27: Indicadores de tempo, aspecto e modalidade

Na Figura 27, todos os elementos são facultativos: uma ou mais partícula de tempo/aspecto (seção 12.3.1.2), um verbo suplementar (seção 12.3.2), um ou mais elementos modais (seção 12.3.3).

12.3.1 Partículas em geral e partículas de tempo/aspecto

Em guarani mbyá, as partículas têm um papel importante, tanto dentro quanto fora da locução

predicadora.[76]

12.3.1.1 Partículas em geral

Neste trabalho, o termo "partícula" não designa apenas um elemento "que não é facilmente classificada numa das partes do discurso", como diz o Dicionário Aurélio. Em vez de ser uma categoria vaga, em guarani mbyá, as **PARTÍCULAS** têm propriedades bem definidas:

- uma partícula é palavra invariável, átona e tipicamente monomorfêmica;
- partículas que ocorrem dentro da locução predicadora podem, em certas circunstâncias, ser transpostas para ocorrerem fora dela;
- fora da locução predicadora, partículas ocorrem em posição final de um termo que tenha o papel, dentro da estrutura informacional, de tópico (ou ponto de partida) ou foco de termo; neste posição, elas têm o efeito prosódico de "**ESPAÇADOR**", indicando a fronteira entre constituintes na estrutura informacional (seção 24.4.3.2 e Dooley 1982, 1990b).

Nem toda partícula pode ocorrer dentro da locução predicadora: o indicador de fronteira ***ma'***, por exemplo, só ocorre fora dela, no papel pragmático de "espaçador". As partículas que ocorrem dentro da locução predicadora são partículas de tempo/aspecto (seção 12.3.1.2) ou partículas modais (seção 12.3.3.2), que constituem um subtipo dos elementos modais (seção 12.3.3).

12.3.1.2 Partículas de tempo/aspecto

Ao contrário do português, em guaraní mbyá o tempo não é indicado através da flexão verbal. Frequentemente o tempo passado ou presente é inferido através do contexto: ***aguata*** 'viajei' ou 'estou viajando'. É possível, contudo, que ocorram, dentro da locução predicadora ou fora dela, elementos que deixem claro o tempo verbal: ***kuee mboae aguata*** 'anteontem viajei' ou ***aỹ aguata aikovy*** 'agora ando viajando'. Já o tempo futuro é indicado regularmente pelo marcador ***va'erã ~ 'rã*** 'futuro', geralmente na sua forma reduzida ***'rã***: ***aguata 'rã*** 'vou viajar'. Quatro dessas partículas – ***va'erã ~ 'rã*** 'futuro', ***ma 'rã*** 'que será realizado com certeza', ***'rãe*** 'futuro mais intensificador' e ***ra'e*** 'constatação de um fato consumado' (mirativo) – têm funções também na modalidade epistêmica (seção 11.2.1).

PARTÍCULAS DE TEMPO/ASPECTO:

ma completivo, 'já'
mate 'obrigação desagradável'
ma voi 'de antemão, previamente'
ma 'rã 'que será realizado com certeza'
ra'e 'constatação de um fato consumado' (mirativo)
ta ra'aga 'quase (mas sem realização)'
tema 'ação contínua, insistente'
teri 'ainda'
va'erã ~ 'rã 'futuro'[77]
va'erãgue ~ 'rãgue 'o que teria sido'
'rãe 'futuro mais intensificador'

Como as outras partículas, estas são átonas.

O elemento ***ta*** 'presteza, intento, iminência' funciona como uma partícula de tempo/aspecto, mas ocorre na posição dos radicais verbais pospostos, provavelmente devido à sua derivação do verbo ***-pota*** 'querer' que funciona como radical verbal proposto (seção 12.1.2).[78]

---

[76] Para uma discussão das partículas em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 12.

[77] Quando ***va'erã ~ 'rã*** 'futuro' ocorre com outra partícula de tempo/aspecto, ela geralmente ocorre após o verbo: ***aguata tema 'rã*** 'vou viajar continuamente'. O modificador de exatidão ***ae*** 'inalteravelmente' às vezes ocorre após ***va'erã ~ 'rã***, provavelmente porque ele ocorre com sintagmas nominais e o indicador do futuro tem a forma de nominalizador. Quando ***va'erã*** ocorre na função de relativizador com o tempo futuro, ele não é mais uma partícula de tempo e, portanto, sempre ocorre após o verbo: ***eme'ẽ oro'u va'erã*** 'dá-nos a comer' [lit. 'dá o que comeremos'].

[78] Em certos dialetos da língua guarani ***ta*** é descrito como indicador do futuro (predição) imediato. Conforme Bybee et al. (1994:279s), é comúm que indicadores de intenção cheguem a ter o sentido de predição; isso é um passo que

12.3.2 Verbos suplementares

Verbos suplementares, às vezes chamados de "gerúndios" (Rodrigues 1953, Cabral e Rodrigues 2005) ou "verbos seriais dependentes" (C. Jensen 1998a, seção 6.3), acrescentam um elemento semântico que complementa a designação do conteúdo proposicional (Dooley 1991a).

Na sua morfologia, verbos suplementares são semelhantes aos verbos principais: a flexão de pessoa é seguida pelo radical, que pode incluir prefixos derivacionais. Mas há duas diferenças morfológicas marcantes.

- Os verbos suplementares terminam com o sufixo especial ***–vy***. Ele tem quatro variantes (***-py***, ***-my***, ***-ngy***, ***-ny***) devidas à nasalização da raiz ou a uma consonante final que antigamente ocorria na raiz. Este sufixo, sendo tônico, é diferente da conjunção de indexação referencial ("switch reference") ***vy*** 'sujeito igual', que não tem variantes (seção 21.1.3).
- Os verbos suplementares apresentam flexão absolutiva defectiva: os v. t. diretos suplementares não têm flexão do sujeito alguma; no seu lugar ocorre um prefixo, igual ao prefixo de flexão ***xe-*** da 3ª pessoa: ***i-*** com radicais do tipo ***Ø*** e ***h-*** com radicais do tipo ***r-*** (Figura 5). Este prefixo é invariável, seja qual for a pessoa e número do sujeito ou objeto da oração. Já os verbos principais transitivos diretos têm concordância com o objeto direto e (conforme a pessoa gramatical) com o sujeito (veja seção □).[79]

Os verbos suplementares apresentam sete áreas semânticas básicas, todas intransitivas. Para cada área semântica há quatro tipos derivacionais: o radical simples (a raiz da área semântica), o radical causativo (***mbo-*** ~ ***mo-*** 'causativo' + raiz), o radical comitativo (***ero-*** 'comitativo' + raiz), o radical recíproco-comitativo (***jo-*** ~ ***nho-*** 'recíproco' + ***ero-*** 'comitativo' + raiz). Portanto, existem exatamente 28 verbos suplementares:

guarani mbyá ainda não tomou, mas que talvez já foi tomado em outros dialetos.

[79] Para uma discussão da flexão nestes verbos em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 6.3.

Área semântica básica	**Tipo derivacional do radical (com seu sufixo de verbo suplementar)**			
	Radical simples (v. i.)	**Radical causativo** (v. t.)	**Radical comitativo** (v. t.)	**Radical recíproco-comitativo** (v. i. no plural)
'de pé'	***-'amy:*** ***ijayvu ho'amy*** 'falou em pé'	***-mo'amy:*** ***amopu'ã imo'amy*** 'ergui-o, fazendo-o ficar de pé'	***-eno'amy:*** ***ajopy heno'amy*** 'peguei-o fiquei de pé com ele'	***-nhogueno'amy:*** ***opu'ã nhogueno'amy*** 'levantaram-se, ajudando-se um a outro a ficar de pé'
'sentado' ou 'ação contínua'	***-iny:*** ***nhandeayvu nhainy*** 'falamos sentados'	***-moiny:*** ***xemongaru imoiny*** 'alimentou-me, fazendo-me sentar'	***-enoiny:*** ***araa henoiny*** 'levei-o embora sem interrupção'	***-nhoguenoiny:*** ***jogueraapa nhoguenoiny*** 'levaram-se um o outro, indo sem interrupção'
'andando' ou 'ação habitual'	***-ikovy:*** ***oma'ẽ oikovy*** 'ficou olhando'	***-moingovy:*** ***xemoingoaxy imongovy*** 'fazia-me sofrer'	***-erekovy*:*** ***ajopy herekovy*** 'peguei-o e conduzi embora'	***-joguerekovy*:*** ***opu'ã joguerekovy*** 'levantaram-se e conduziram-se embora'
'todos juntos' (argumento absolutivo no plural)	***-kuapy:*** ***rovy'apa rokuapy*** 'estamos todos contentes'	***-mbokuapy:*** ***omboguapypa imbokuapy*** 'fez todos sentarem-se'	***-erokuapy:*** ***araapa herokuapy*** 'levei-os todos embora'	***-joguerokuapy:*** ***opu'ãmba joguerokuapy*** 'todos juntos se levantaram'
'indo'	***-avy ~ -ovy:*** ***nhapu'ã javy*** 'levantamo-nos e fomos embora'	***-mondovy:*** ***xemondyi imondovy*** 'assustou-me, de tal maneira que fui embora'	***-eravy:*** ***ajopy heravy*** 'peguei-o e levei embora'	***-jogueravy:*** ***oje'oi jogueravy*** 'foram-se embora na companhia uns dos outros'
'vindo'	***-(j)uvy:*** ***ojapukai ouvy*** 'veio gritando'	***-mbouvy:*** ***omboaxa imbouvy*** 'passou-o, fazendo com que viesse'	***-eruvy:*** ***ajopy heruvy*** 'peguei –o e trouxe comigo'	***-jogueruvy:*** ***oẽ jogueruvy*** 'saíram, acompanhando-se na vinda'
'deitado'	***-(j)upy:*** ***imba'eaxy oupy*** 'está doente, de cama'	***-nongỹ*:*** ***amonge inongỹ*** 'fi-lo dormir, deitando-o'	***-erupy:*** ***xereity herupy*** **'**derribou-me e caímos juntos'	***-joguerupy:*** ***joity joguerupy*** 'derrubaram –se e caíram juntos'

Figura 28: Os verbos suplementares

*Formas supletivas.

Destas sete áreas semânticas, seis têm a ver com a posição ou a moção ('de pé', 'sentado', 'andando', 'indo', 'vindo', 'deitado'), que pode ser simultânea à ação do verbo principal ou subsequente. Pelo menos quatro destas seis áreas podem ser interpretadas num sentido aspectual ('de pé' → 'sempre fixo', 'sentado' → 'continuamente', 'andando' → 'habitualmente', 'vindo' → 'sem parar'). A sétima área ('todos juntos') modifica o argumento absolutivo (seção 7.2.2). Seja qual for o verbo suplementar, a locuçao predicadora designa um só evento ou atividade, às vezes com duas fases: ***yryru ajopy heravy*** 'peguei o balde e o levei embora'.

Os argumentos do verbo suplementar são correferenciais com os respectivos argumentos do predicador principal, ou seja, os sujeito do verbo suplementar é correferencial com o sujeito do predicador principal e o objeto do verbo suplementar, se houver, é correferencial com o objeto do predicador principal. Mas o verbo suplementar pode autorizar um adjunto que o predicador principal sozinho não autorizaria: ***yryru ajopy heravy xero katy*** 'peguei o balde e o levei embora rumo à minha casa'.

É relativamente raro verbos suplementares ocorrerem nas modalidades manipulativas (a imperativa e a optativa; seção 11.1). Quando ocorrem, eles aceitam a mesma flexão de modalidade que o predicador principal apresenta, seja na imperativa (***earõ eme eikovy*** 'não fique esperando'; seção 11.1.1) ou na optativa (***topena porã toikovy ndere*** 'que fique cuidando bem de você'; seção 11.1.3). Na optativa, contudo, esta marcação é facultativa e mais rara; sua presença ou ausência aparentemente não implica em diferença semântica: ***tokaru okuapy*** ou ***tokaru tokuapy*** 'que comam todos juntos'.

12.3.2.1 Verbos suplementares como advérbios

Quando um verbo suplementar contribuir para o conteúdo proposicional da predicação, ele pode ocorrer mais cedo na locução predicadora, dentro do componente principal. Por exemplo, no exemplo ***nopu'ã ho'amy kuaavei*** 'não sabia mais se levantar e ficar de pé', o verbo suplementar ***ho'amy*** 'ficando de pé' ocorre antes do radical verbal posposto ***-kuaa*** 'saber' e fica dento do alcance da negação, ou seja, antes do sufixo negativo ***–i*** ou o elemento negativo livre ***e'ỹ***. Outros exemplos:

VERBO SUPLEMENTAR ANTES DE ADVÉRBIO DE TEMPO:
okaru okuapy ranhe 'primeiro, comeram todos juntos'.

VERBO SUPLEMENTAR ANTES DE PARTÍCULA DE TEMPO/ASPECTO:
typave ovy 'rã 'irá ficar cada vez mais vazio',
oupi imoiny 'rã 'vai estendê-lo de maneira que fique por cima',
omoatã heravy 'rã 'vai puxá-lo, levando-o embora'.

VERBO SUPLEMENTAR DENTRO DO ALCANCE DA NEGAÇÃO:
ndatuvixave ovyi 'não ficava cada vez maior',
ndojopy heravyi 'não pegou e levou embora',
nomono'õave imbokuapyi 'não mais ajuntava-os para ficarem todos juntos',
ndoke oinyi 'não ficou (sentado) dormindo' (em vez de ***ndokei oiny*** 'ficou sentado sem dormir').[80]

Os verbos suplementares que ocorrem dentro do componente principal tendem a ser
- os que indicam posição ou moção, assim modificando o predicador ('sentado', 'de pé', 'indo', 'vindo'),
- ou os que modificam o argumento absolutivo ('todos juntos').

Em ambos os casos, o verbo suplementar contribui ao conteúdo proposicional da predicação. Seria plausível, pois, que tais verbos suplementares desempenham uma função adverbial. Os que apenas designam informação aspectual ou ação posterior ocorrem após o conteúdo proposicional, entre os indicadores de tempo/aspecto (Figura 24).

12.3.2.2 Verbos suplementares e orações subordinadas adverbiais com sujeito correferencial com o sujeito da oração principal

Em outras línguas da família tupi-guarani, parece não haver uma diferença entre verbos suplementares e certas orações subordinadas adverbiais cujo sujeito é correferencial com o da oração principal (Cabral e Rodrigues 2005). Em guarani mbyá as diferenças são grandes, tanto na sintaxe quanto na morfologia:
- Enquanto um verbo suplementar ocorre na locução predicadora em posição mais ou menos fixa como um dos indicadores de tempo, aspecto e modalidade (Figura 27) ou, excepcionalmente, como advérbio (seção 12.3.2.1), uma oração subordinada adverbial ocorre fora da locução predicadora, como um termo adverbial adjunto à oração matriz (seção 21.1).
- A ordem relativa entre uma oração subordinada adverbial e o predicador principal é flexível, sendo regido por critérios semânticos (seção 21.3) e da estrutura informacional. Por exemplo, uma oração subordinada pode ocorrer destacada para a esquerda como um ponto de partida (seção 24.3.2.2). Um verbo suplementar tem pouca flexibilidade de posição; ela nunca ocorre fora da locução predicadora como um termo da oração, nem tem papel próprio na estrutura informacional.
- O verbo suplementar não introduz argumentos novos, mas uma oração subordinada adverbial não é restrita nesse sentido. O sujeito do verbo suplementar é correferencial com o sujeito do predicador principal e, se for transitivo, seu objeto direto também precisa ser correferencial com o objeto direto do predicador principal. Nas orações subordinadas adverbiais, a estrutura dos argumentos é independente da oração matriz: uma oração subordinada adverbial transitiva pode ocorrer com uma oração matriz com verbo intransitivo: ***mba'emo pendu vy peje'oi voi ke*** 'se ouvirem alguma coisa, saiam logo'.
- O sufixo ***–vy*** do verbo suplementar ocorre logo após o radical verbal, enquanto a conjunção ***vy*** 'sujeito igual' de orações subordinadas adverbiais é um enclítico à oração, comumente ocorrendo após advérbios, negação e outros indicadores de tempo, aspecto e modalidade: ***avy'a riae aikovy*** 'sempre ando contente',

[80] Às vezes ocorrem exemplos do modelo ***ndoke porãi noinyi*** 'não ficou (sentado) dormindo', mas depois de revisados eles se conformam ao padrão acima.

ndokei ojupy ‘ficou deitado sem dormir’, ***nhanderete rekoaxy rei ae ma jaikovy*** ‘andamos sempre e inalteravelmente com nossos corpos aflitos’, ***opu'ã ta ra'u-ra'u ranhe oikovy*** ‘em sonho, primeiro estava se esforçando várias vezes para se levantar’, ***onhemboxi guive ovy*** ‘também ia lançando raios’.

Observa-se, pois, que de uma construção da proto-língua, cujo subordinador indicava sujeito igual, surgiu em guarani mbyá duas construções distintas: os verbos suplementares, altamente gramaticalizados, que fazem parte da locução verbal, e as orações subordinadas adverbiais com conjunção de indexação referencial (“switch reference”) que indica correferência, funcionando como adjunto oracional (seção 21.1.3).

12.3.2.3 Verbos suplementares e verbos seriais

Em certos aspectos, os verbos suplementares do guarani mbyá são semelhantes a verbos seriais que ocorrem em certas outras línguas, especialmente na África e na ilha de Nova Guiné. Os verbos seriais “prototípicos” (T. Payne 1997:404) têm características como as seguintes:

- a construção é interpretada como designando um só evento ou atividade (op. cit., 402);
- a entonação da construção é característica de uma oração simples, tendo um só contorno (op. cit., 403);
- é comum que verbos seriais indiquem aspecto (op. cit., 406);
- se um verbo não-inicial tiver marcação de sujeito, ela não é independente do verbo inicial (op. cit., 403);
- se um verbo não-inicial tiver marcação do tempo, aspecto ou modalidade, ela não é independente do verbo inicial (op. cit., 403);
- se o sujeito de um verbo não-inicial não for correferencial com o sujeito do verbo anterior, ele é correferencial com o objeto do verbo anterior (exemplos em T. Payne 1997:405);

Os verbos suplementares do guarani mbyá são sujeitos a todas as restrições citadas acima, e a outras mais estreitas ainda (veja acima e em Dooley 1991a):

- os argumentos do verbo suplementar são correferenciais com os respectivos argumentos do predicador principal;
- não ocorre mais de um verbo suplementar em cada locução predicadora;.
- verbos suplementares pertencem a uma classe fechada.

Somente na negação o verbo suplementar apresenta mais independência do que um verbo serial típico. Como já observamos (seção 12.3.2.1), um verbo suplementar pode ficar fora da negação do predicador principal, o que não acontece com verbos seriais (T. Payne 1997:403, Van Valin e LaPolla 1997:455ss). Isso reflete uma característica importante da negação em guarani mbyá, especialmente a negação afixal: certos advérbios na locução predicadora podem ser excluídos do seu alcance, e certos verbos suplementares podem, neste sentido, funcionar como advérbios, sendo indicados como dentro ou fora da negação.

Os v. t. diretos suplementares têm flexão invariável 3ª pessoa do objeto direto. Quando isso ocorrer numa construção de verbos seriais, é atípico, sendo conhecido como “serialização ambiental” (Kroeger 2004:241s).

Enquanto, com verbos seriais típicos, “cada verbo tem status gramatical igual aos outros, nenhum é gramaticalmente dependente do outro de uma maneira clara” (T. Payne 1997:406), os verbos suplementares do guarani mbyá têm um sufixo ***–vy*** que claramente indica sua dependência. Tudo indica, pois, um grau de integração gramatical dentro da locução predicadora que é bem maior daquele apresentado por verbos seriais. Nos termos de Van Valin e LaPolla (1997:455ss), pois, o verbo suplementar do guarani mbyá apresenta subordinação nuclear, enquanto um verbo serial mais típico apresenta co-subordinação nuclear (o nucleo oracional de Van Valin e LaPolla é igual a locução predicadora no presente trabalho; seção 12).

12.3.3 Elementos modais

Com os **ELEMENTOS MODAIS** se dá um comentário final sobre a locução predicadora, do ponto de vista do falante. Eles ficam fora do alcance da negação (seção 12). Esses elementos são de dois tipos:

Elementos modais = (Elemento modal de tempo/aspecto) (Partícula modal)^{n}

Figura 29: Elementos modais

Não haverá mais de um elemento modal de tempo/aspecto na locução predicadora, mas podem ocorrer pelo menos duas partículas modais. Nos casos raros quando ocorrem elementos dos dois tipos, o elemento modal

de tempo/aspecto ocorre antes.[81]

12.3.3.1 Elementos modais de tempo/aspecto

ELEMENTOS MODAIS DE TEMPO/ASPECTO indicam, não apenas o tempo verbal em relação ao momento da fala, mas também indicam se o falante presenciou a ação verbal ou não. Portanto, eles são estreitamente ligados ao ponto de vista do falante e à modalidade epistêmica (seção 11.2.2).

ELEMENTOS MODAIS DE TEMPO/ASPECTO:

araka'e ~ ***raka'e*** 'acontecimento no tempo passado, não presenciado pelo falante',
karamboae 'acontecimento no tempo passado, presenciado pelo falante',
kuri 'hoje mais cedo ou mais tarde (ação presenciada pelo falante)'.

12.3.3.2 Partículas modais

PARTÍCULAS MODAIS indicam uma finalidade, opinião ou atitude que o falante pode ter em relação ao conteúdo do seu enunciado, nas dimensões instrumental, epistêmica e afetiva; portanto, elas têm a ver com a modalidade toda (seção 11). Certas dessas partículas (seção 12.3.1) são restritas a uma só construção modal (veja seção 11.2.3). As partículas modais não ocorrem em orações subordinadas adverbiais ou nominalizadas.

PARTÍCULAS MODAIS:

ha'vy 'então',
je 'por ouvir dizer',
katu ~ ka ~ tu 'sem mais nada',
ke 'imperativo',
ko 'na opinião do falante',
mate 'obrigação, necessidade',
ma'vy 'já ... então',
mba'e 'que tal',
mburu 'não faz mal' (no optativo),
minha 'indica comparação',
mburu 'já', 'com urgência' (no imperativo ou optativo),
nda 'indica constatação de um fato duvidoso',
nda'u 'será que?',
nhi'ã 'talvez',
pa 'indica pergunta',
po 'indica uma impressão inicial de algo',
porã(mba) 'indica uma avaliação afetiva (muito) positiva',
porei ma 'pode ser que',
rako 'deve de',
rã nda'u 'parece que',
ra'a 'indica perplexidade',
ra'aga 'expectativa frustrada',
ri ~ rima 'alusão a algo no contexto',
ri ~ ri jepe 'pelo menos',
ri nhi'ã 'indica um suposto baseado no contexto',
ri ty ~ ri ty'y 'indica espanto',
ri vyvyi 'indica vagueza',
ta mo ra'e 'de qualquer maneira (ainda não realizada)',
ta'vy 'irritação do falante',
teĩ 'expectativa não realizada',
teĩ anga 'expectativa não realizada mais "que pena"',
teve 'lamentavelmente',
ty ~ ty'y 'indica espanto',

---

[81] Uma partícula modal pode ocorrer antes do verbo suplementar: ***ho'upa je oiny*** 'diz que, sentado, comeu tudo'. Este fenômeno ainda não tem explicação; possivelmente ele tem a ver com os padrões rítmicos de sintagmas.

vi ‘indica brusquidão’ (no imperativo ou optativo).

12.4 Camadas de estrutura na locução predicadora

Muitas das línguas indígenas aglutinantes da América do Sul, inclusive guarani mbyá, têm uma estrutura distintiva na locução predicadora. “Para estas línguas, a estrutura verbal é melhor vista em termos de camadas de estrutura morfológico-semântica que são sucessivamente embutidas. ... O que distingue as diferentes camadas não é a semântica simplesmente,” mas também a ocorrência de elementos gramaticais – operadores – que têm uma certa camada como seu domínio (D. Payne 1990b:231). Em guarani mbyá, as camadas de estrutura para uma locução predicadora flexionada tomam a forma seguinte (elementos facultativos aparecem em caixas pontilhadas):

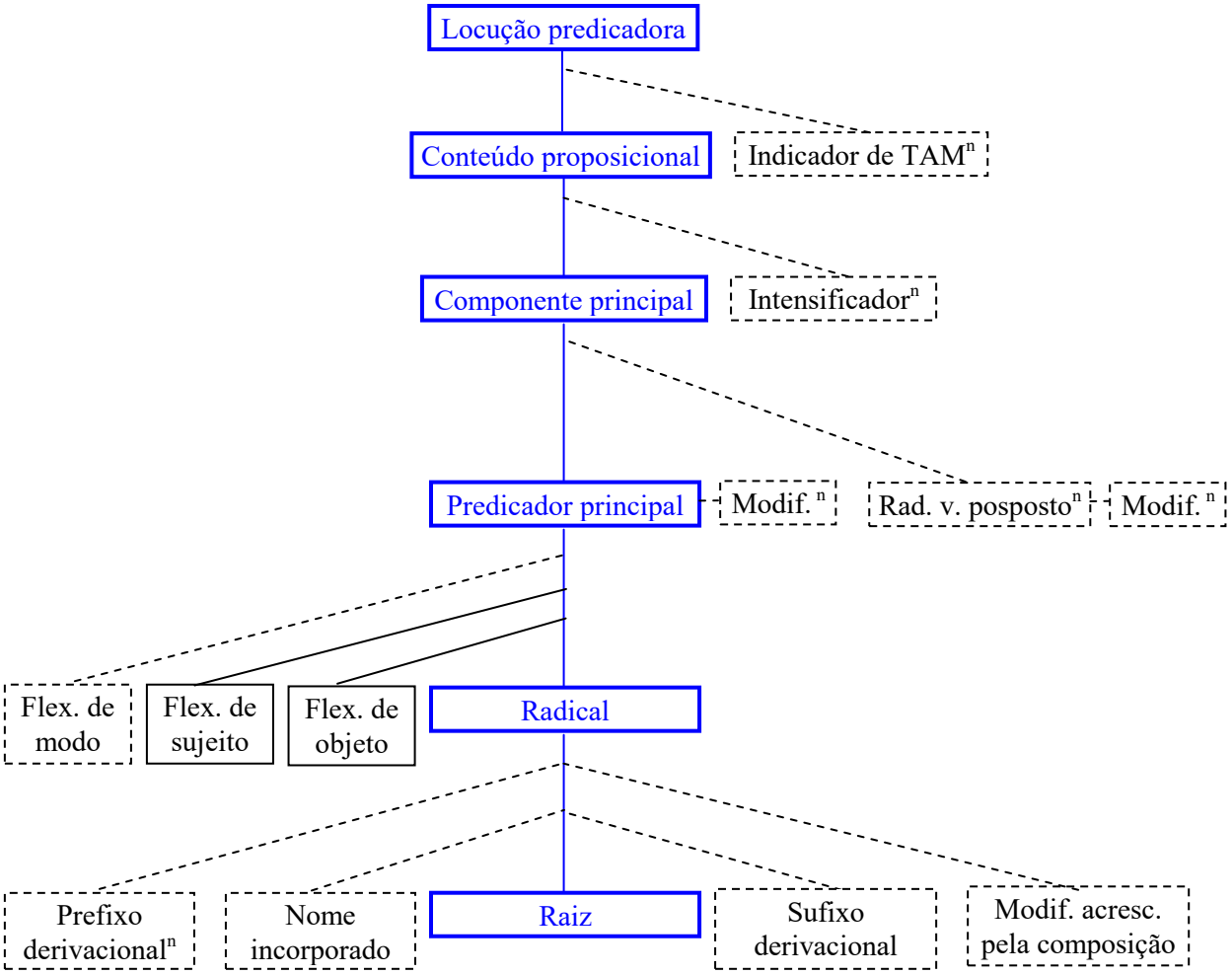

Figura 30: Camadas de estrutura na locução predicadora

De cima para baixo, as camadas são:

- *a locução predicadora* (Figura 24) = *o conteúdo proposicional* + possíveis indicadores de tempo, aspecto e modalidade (que inclui partículas de tempo/aspecto, verbos suplementares, elementos modais de tempo/aspecto e partículas modais; seção 12.3). A locução predicadora é um sintagma cuja estrutura corresponde, na suas linhas gerais, à estrutura dos sintagmas não-predicadores aumentados (seção 17.1).
- *o conteúdo proposicional* (Figura 24) = *o componente principal* + possíveis intensificadores (seção 12.2). Esta camada constitui o domínio máximo da negação afixal (seção 16.2).
- *o componente principal* (Figura 25) = *o predicador principal* + possível radicais verbais pospostos (seção 12.1.2), cada um destes elementos com possíveis advérbios (seção **Error! Reference source not found.**). O componente principal é a parte lexical da locução predicadora.

- *o predicador principal* (Figura 26) = possível flexão de modo (seção 11.1) + flexão de sujeito e objeto (conforme seções 5.1 e **Error! Reference source not found.**) + *o radical*. O predicador principal é o domínio mínimo da negação afixal: o prefixo da negação afixal ocorre no início do predicador principal e sufixo negativo ocorre no final do predicador principal até o final do conteúdo proposicional (seção 16.2).
- *o radical* = possíveis prefixos derivacionais de voz (seção 13.2) + possível nome incorporado (seção 14) + *a raiz* + possível sufixo derivacional causal (seção 13.2.5.2) + possível advérbio ou verbo suplementar que é acrescentado pela composição (seção 15.1.1). O radical determina o tipo de flexão de sujeito ou objeto que o predicador tem. É relevante como base para certos tipos de nominalização (seção 19). Na sua fronteira inicial é a posição do morfema ***r-***^{1} (seção 3.8.1.1); na fronteira final é a posição do sufixo da voz impessoal (seções 3.8.1.2 e 13.2.3). Quando um nome ocorrer em função predicativa (seções 9.5.1 e 9.5.2), ele é inserido na locução predicativa desempenhando o papel do radical; a resposta negativa (seção 16.6) também desempenha o papel do radical.
- *a raiz*.

13 A voz e a valência predicativa

Como vimos na seção 6.2, a valência de uma expressão lexical tem a ver com as entidades cuja referência a expressão em questão necessariamente efetua no processo da sua própria conceituação. Todas as expressões verbais (e a grande maioria dos predicadores em geral) utilizam uma ou mais dessas entidades intermediárias — são os argumentos verbais. A **VALÊNCIA PREDICATIVA** se refere, portanto, em primeiro lugar, ao número dos argumentos que um determinado predicador tem; num sentido mais largo, a valência tem a ver com a **ESTRUTURA DOS ARGUMENTOS** (também chamada da "subcategorização"; Crystal 2000), que se refere, não apenas ao número dos argumentos, mas ao papel que cada um desempenha em relação à ação ou situação sendo descrita. Todos as expressões verbais, portanto, têm uma valência positiva; os únicos predicadores com valência zero são nomes não-relacionais que designam fenômenos (seção 9.5.1).

A valência de um verbo no sentido mais largo, estrutura dos argumentos, pode mudar, com ou sem sinal morfossintático que indique a mudança. Primeiro examinamos a variação na valência predicativa devida ao contexto do seu uso, e depois passamos a examinar a mudança de valência assinalada linguisticamente (a voz).

13.1 Valência variável devida ao contexto de uso

Em geral, a valência de um verbo é determinada através de uma combinação de três fatores:

- as possibilidades que o verbo tem como item lexical,
- eventuais sinais morfêmicos de voz (seção 13.2),
- o contexto do seu uso.

Para cada verbo, o léxico indica suas valências possíveis, a gramática indica o efeito dos sinais de voz e, em cada contexto do seu uso, a valência específica, dentro das possibilidades lexicais, é determinada levando em conta os referentes que poderiam ser argumentos e que estão ativos no contexto ou estão sendo ativados na própria oração (veja os estados de ativação na seção 24.2; veja também Croft 2001, seção 7.7).

Em português e inglês, é comum um verbo ter valência variável:

- No enunciado *fritei um bife, comi e saí*, o verbo *comi* é transitivo, pois o léxico permite um objeto direto, e nesse contexto um objeto direto plausível, o bife, é ativo.
- Já no enunciado *Li o jornal, comi e saí*, não há objeto direto plausível ativado no contexto, portanto o verbo *comi* é intransitivo.[82]

Em guarani mbyá, os verbos com este tipo de valência variável – entre v. i. e v. t. direto – são poucos:

- ***-mbojevy*** 'fazer (alguém ou alguma coisa) voltar' (como v. t. direto) ou 'vomitar' (como v. i.);
- ***-japo*** 'fazer (alguma coisa)' (como v. t. direto) ou 'agir (de uma certa maneira)' (como v. t. indireto; um portuguesismo semântico: 'fazer assim'), e talvez poucos mais.

Pela número pequeno desses verbos, guarani mbyá é bem diferente do português ou inglês. Contudo, como muitas outras línguas, guarani mbyá apresenta muitos casos de argumentos oblíquos variáveis. O verbo

[82] Num enunciado tal como ***comi o jornal***, a sintaxe impõe um objeto direto que é semanticamente implausível (o jornal).

reflexivo ***-jeapi*** ‘atirar em si’, por exemplo, apresenta três possibilidades:

- com um sujeito humano, ele ocorre como v. t. indireto cujo objeto indireto é um instrumento: ***ava ojeapi mboka py*** ‘o homem atirou em si com a espingarda’;
- com um sujeito que é uma arma, ele é v. i.: ***mboka ojeapi xapy'a*** ‘a espingarda disparou de repente’;
- com certos outros sujeitos inanimados, ele é um v. t. indireto cujo objeto indireto é um objeto físico contra o qual se bate: ***caminhão ojeapi yvyra re*** ‘o caminhão bateu numa árvore’.

No léxico que acompanha este esboço gramatical, o alvo é indicar pelo menos as valências mais comuns. Um léxico completo neste aspecto seria muito grande, e provavelmente não existe em nenhuma língua. No caso das expressões oblíquas, a diferença entre argumento e adjunto é frequentemente vaga (seção 6.2).

13.2 A voz

A **VOZ** de um verbo se refere às modificações que podem ser efetuadas na sua valência, ou seja, na sua estrutura de argumentos, através de sinais morfêmicos específicos.[83] As distinções da voz somente se aplicam à predicação relacional de processo (seção 10.2). A **VOZ ATIVA** é sempre tida como a básica. Em guarani mbyá, a partir da voz ativa, existem seis vozes:

- quatro vozes reduzem a valência (reflexiva, passiva, impessoal, recíproca), derivando um predicador intransitivo de um transitivo direto;
- duas vozes aumentam a valência (causativa, comitativa), derivando um predicador transitivo direto de um intransitivo.

Estes ajustes se realizam em guarani mbyá através de afixos verbais derivacionais no predicador principal, quase todos sendo prefixos que ocorrem após a flexão verbal, no início do radical.

Há mais dois fenômenos que mudam a valência, os quais geralmente não são considerados como voz:

- a incorporação de nomes no radical verbal (seção 14; veja especialmente Figura 31), que reduz a valência no caso de nomes não-relacionais e muda a estrutura dos argumentos sem redução de valência no caso de nomes relacionais;
- o acréscimo ou eliminação de um objeto indireto, ou a substituição de um tipo de objeto indireto por outro (seção 9.1.1), que constitui o processo mais produtivo na mudança da estrutura dos argumentos em guarani mbyá e em muitas outras línguas.

13.2.1 A voz reflexiva

Na **VOZ REFLEXIVA**, o sujeito gramatical realiza uma ação transitiva a si mesmo, ou seja, o mesmo participante é o sujeito e objeto direto. Isso é indicado em guarani pelo prefixo reflexivo ***je- ~ nhe-***. Visto que os prefixos da flexão de pessoa e número ocorrem antes do radical transitivo na ordem sujeito-objeto (seção 5), o prefixo reflexivo ocorre em posição do objeto, ou seja, entre o prefixo do sujeito e o radical:

Verbo na voz ativa	**Verbo na voz reflexiva**
`ava o-j-api ka'i`	`ava o-`**`je`**`-api mboka py`
`homem 3-3-atirar macaco`	`onda 3-`**`REFL`**`-atirar espingarda em`
‘o homem atirou no macaco’	‘o homem se atirou com a espingarda’
`ava o-exa ka'i`	`ava o-`**`je`**`-exa epéko py`
`homem 3-ver macaco`	`homem 3-`**`REFL`**`-ver espelho em`
‘o homem viu o macaco’	‘o homem se viu no espelho’

Frequentemente, um verbo na voz reflexiva tem um sentido especial:

[83] Para uma discussão de elementos que mudam a valência em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 7.

Verbo na voz ativa	**Verbo na voz reflexiva**
`ava o-javy tape`	`ava o-`**`je`**`-javy`
`homem 3-errar caminho`	`homem 3-`**`REFL`**`-errar`
‘o homem errou o caminho’	‘o homem pecou’ (lit., ‘errou-se a si mesmo’)
`ava o-mbo'e gu-a'y`	`ava o-`**`nhe`**`-mbo'e`
`homem 3-ensinar 3REFL-filho`	`homem 3-`**`REFL`**`-ensinar`
‘o homem ensinou seu filho’	‘o homem estudou’ (lit., ‘ensinou-se’)

13.2.2 A voz passiva

Na **VOZ PASSIVA**, o sujeito gramatical recebe a ação do verbo, mas um outro participante a efetua. No português, certos verbos que são formalmente idênticos a verbos reflexivos são interpretados num sentido passivo, e o pronome reflexivo é chamado do “pronome apassivador”: ***consertou-se o carro, vende-se este terreno***. A voz passiva que existe em guarani tem a forma de um verbo reflexivo que é interpretado num sentido passivo, o sujeito não sendo capaz de efetuar a ação.

Verbo na voz ativa	**Verbo na voz passiva**
`ava o-i-pe'a okẽ`	`okẽ o-`**`je`**`-pe'a`
`homem 3-3-abrir porta`	`porta 3-`**`REFL`**`-abrir`
‘o homem abriu a porta’	‘a porta está aberta (lit., ‘abriu-se’)
`ava o-mboty okẽ`	`okẽ o-`**`nhe`**`-mboty`
`homem 3-fechar porta`	`porta 3-`**`REFL`**`-fechar`
‘o homem fechou a porta’	‘a porta está fechada (lit., ‘fechou-se’)
`ava o-i-poru haxa`	`haxa o-`**`je`**`-poru-ve va'e`
`homem 3-3-usar machado`	`machado 3-`**`REFL`**`-usar-mais NOMIN`
‘o homem usou o machado’	‘o machado mais usado’ (lit., ‘usar-se’)
`ava o-j-aty kyxe`	`kyxe o-`**`je`**`-aty`
`homem 3-3-enterrar faca`	`faca 3-`**`REFL`**`-enterrar`
‘o homem enterrou a faca’	‘a faca ficou enterrada’ (lit., ‘enterrou-se’)
`ava o-i-poano ava-'i`	`ava-'i o-`**`nhe`**`-poano`
`homem 3-3-medicar homem-DIM`	`homem-DIM 3-`**`REFL`**`-medicar`
‘o homem medicou o menino’	‘o menino foi medicado’ (lit., ‘medicou-se’)

Em guarani, esta é a única maneira de se formar a voz passiva. É um processo pouco produtivo, ocorrendo com poucos verbos. Além dos que ocorrem nos exemplos acima, os seguintes também podem ocorrer na voz passiva: ***-jeapo*** ‘ser feito’ (lit., ‘fazer-se’), ***-jekuaa*** ‘ser visto’ (lit., ‘conhecer-se’), ***-nhendu*** ‘ser ouvido’ (lit., ‘ouvir-se’).

13.2.3 A voz impessoal

Enquanto a voz passiva é pouco produtiva, a voz impessoal poderá ser indicada em qualquer predicador, seja transitivo ou intransitivo, desde que seja relacional (veja seção **Error! Reference source not found.**), designe um processo (seção 6.3.1) e tenha sujeito da 3ª pessoa (veja seção 10.2). Na **VOZ IMPESSOAL**, o sujeito passa a ser não-referido; apenas a ação e o objeto direto estão em vista. O verbo continua com sua flexão de sujeito normal, da 3ª pessoa. Se o verbo tiver um objeto direto, ele permanece nesse papel gramatical, não sendo promovido ao sujeito, como ocorre na voz passiva. A voz impessoal é assinalada através do sufixo ***-a***[3] ‘impessoal’, que ocorre no fim do radical verbal.

Verbo na voz ativa	**Verbo na voz impessoal**
ava o-j-apo guyrapa	o-j-apo-**a** guyrapa
homem 3-3-fazer arco	3-3-fazer-**IMPESS** arco
‘o homem fez um arco’	‘foi feito um arco’
ava xe-mbo'e	xe-mbo'e-**a**
homem 1SG-ensinar	1SG-ensinar-**IMPESS**
‘o homem me ensinou’	‘fui ensinado’
ava o-u	o-u-**a**
homem 3-vir	3-vir-**IMPESS**
‘o homem vem/veio’	‘vem/veio alguém/gente’

Como se vê nos primeiros dois exemplos acima, o efeito da voz impessoal com verbos transitivos é semelhante o da voz passiva em português. Em português, contudo, ‘arco’ e ‘me’ se tornam o sujeito na voz passiva; em guaraní mbyá, estes elementos ficam como objeto direto (como indicado pela flexão de objeto, ***j-*** ‘objeto direto da 3ª pessoa’ e ***xe-*** ‘1SG’). No terceiro exemplo com o verbo ‘vir’, a voz passiva do português não consta na tradução, pois a passiva só tem a ver com verbos transitivos. Em guaraní, a voz impessoal tem o mesmo efeito com verbos transitivos e intransitivos, ou seja, não se faz referência ao sujeito.

Para um objeto direto da 3ª pessoa, a flexão varia com o tipo de v. t.:

- Quando ocorrer a voz impessoal com um v. t. direto comitativo (seção 13.2.6), que é da classe ***r-***, tal como ***–eru*** ‘trazer’ nos exemplos abaixo, a flexão do sujeito não ocorre, deixando apenas o indicador do objeto na forma ***h-***. Este tipo de v. t. sempre tem um indicador de objeto direto (seção 5.5.2).
- Os v. t. diretos da classe ***Ø*** que sempre têm um indicador de objeto direto (veja ***–pe'a*** ‘abrir’ em baixo); na mesma situação, não dispensam a flexão do sujeito, mas o indicador do objeto ocorre também.
- Os v. t. diretos que nem sempre têm um indicador de objeto direto, tanto da classe ***Ø*** (veja ***–mondouka*** ‘enviar’ em baixo) quanto da classe ***r-*** (os não-comitativos; veja ***–apy*** ‘queimar’ em baixo), nesta situação tem a flexão do sujeito, mas não um indicador do objeto.

Verbo na voz ativa	**Verbo na voz impessoal**
ava o-guer-u guyrapa	guyrapa h-er-u-**a**
homem 3-comit-vir arco	arco 3-comit-vir-**IMPESS**
‘o homem trouxe um arco’	‘foi trazido o arco’
ava o-i-pe'a okẽ	okẽ o-i-pe'a-a
homem 3-3-abrir porta	porta 3-3-abrir-**IMPESS**
‘o homem abriu a porta’	‘a porta foi aberta’
ava o-mondouka kuaxia	kuaxia o-mondouka-a
homem 3-enviar papel	papel 3-enviar-**IMPESS**
‘o homem enviou o papel’	‘o papel foi enviado’
ava o-apy kuaxia	kuaxia o-apy-a
homem 3-queimar papel	papel 3-queimar-**IMPESS**
‘o homem queimou o papel’	‘o papel foi queimado’

Existem outros sufixos verbais com a mesma forma, os nominalizadores ***-a[1]*** (seções 19.2 e 0) e ***-a[4]*** (seção 19.4). A diferença entre esses nominalizadores e o sufixo impessoal se vê na semântica e também na sua posição na locução predicadora: enquanto os nominalizadores ocorrem no fim da locução predicadora (***ndee reikuaa xembo'e porãvea*** ‘você sabe que está me ensinando melhor’), o sufixo impessoal ocorre no fim do radical do verbo principal: ***xembo'ea porãve*** ‘fui ensinado melhor’. Às vezes o sufixo impessoal co-ocorre com o nominalizador ***-a[1]***: ***ndee reikuaa xembo'ea porãvea*** ‘você sabe que estou sendo ensinado melhor’.[84]

[84] Com certos verbos, um advérbio faz parte do radical verbal, num sentido idiomático: ***-jou porã*** ‘achar bom, aprovar’. Nessas circunstâncias, o sufixo impessoal ocorre após o modificador: ***xejou porãa*** ‘fui aprovado’.

13.2.4 A voz recíproca

A **VOZ RECÍPROCA** começa com um verbo transitivo com sujeito no plural; os participantes agem mutuamente entre si, realizando a ação "um ao outro" ou "uns aos outros". No português, não existe forma verbal específica no sentido recíproco; utiliza-se a forma reflexiva com pronomes recíprocos: ***encontraram-se uns aos outros***. Em guarani mbyá, ocorre o prefixo recíproco específico ***jo-***[2] ~ ***nho-***[2], com o qual a flexão do sujeito é Ø na 3ª pessoa.[85]

Verbo na voz ativa

```
ava   o-juka  ka'i
homem 3-matar macaco
```
'o homem matou o macaco'

Verbo na voz recíproca

```
ava-kue  jo-juka
homem-PL RECÍP-matar
```
'os homens se mataram uns aos outros'

```
peẽ pe-r-aa     voxa
2PL 2PL-COMIT-ir bolsa
```
'vocês levaram a bolsa'

```
peẽ pe-jo-guer-aa      tekoa   katy
2PL 2PL-RECÍP-COMIT-ir povoado para
```
'vocês se levaram uns aos outros ao povoado'

13.2.5 A voz causativa

Na **VOZ CAUSATIVA**, o sujeito faz com que algo aconteça, acrescentando um afixo causativo. Em guarani mbyá, a voz causativa tem duas formas distintas, dependendo do tipo de elemento do qual ela é derivada.

13.2.5.1 A voz causativa de elementos de valência direta 1

Começando com um Processo relacional –O, ou seja, com um v. i. ou v. t. indireto (seção 10.1 e Figura 22) ou com um nome relational, o prefixo causativo ***mbo-*** ~ ***mo-*** deriva um v. t. direto (ou v. t. direto e indireto). Em outros termos, a entrada é um elemento verbal ou nominal de valência direta 1 (seção 6.3); o objeto direto do verbo resultante é correferencial com o argumento direto do elemento da entrada.

Elementos de valência direta 1

v. i. de evento/atividade:

```
hogue o-veve
folha 3-voar
```
'a folha voou'

V. t. direto na voz causativa

```
yvytu o-mbo-veve  hogue
vento 3-CAUS-voar folha
```
'o vento fez a folha voar'

v. t. indireto:

```
a-pena     oo   re
1SG-cuidar casa relação
```
'cuidei da casa'

```
ava   a-mo-pena       oo   re
homem 1SG-CAUS-cuidar casa relação
```
'fiz o homem cuidar da casa'

predicação de existência:

```
tapixi i-iko koropi
lebre  3-ser por.aqui
```
'existe(m) lebre(s) por aqui'

```
nhande-ru    o-mo-ingo  tapixi
1PL.incl-pai 3-CAUS-ser lebre
```
'nosso pai criou a lebre'

predicação de localização:

```
pakova o-ĩ     varai py
banana 3-estar cesto em
```
'a banana está no cesto'

```
a-mo-ĩ         pakova varai py
1SG-CAUS-estar banana cesto em
```
'coloquei a banana no cesto'

predicação de atributo:

```
xe-yvyĩ
1SG-estar.baixo
```
'sou baixo'

```
huvixa xe-mo-yvyĩ
líder  1SG-CAUS-estar.baixo
```
'o lider me rebaixou'

predicação nominal de posse:

```
xe-py'a    guaxu
1SG-fígado grande
```
'tenho coragem'

```
huvixa xe-mbo-py'a     guaxu
líder  1SG-CAUS-fígado grande
```
'o líder me encorajou'

---

[85] Este prefixo não deve ser confundido com o prefixo transitivador ***jo-***[1] ~ ***nho-***[1].

nome relacional:[86]

```
xe-r-a'y                    ava   o-mbo-a'y    yvyra
1SG-r-filho                 homem 3-CAUS-filho madeira
'meu filho'                 'o homem rachou a madeira'
```

Nos dados disponíveis, o causativo não ocorre com adjetivos que não funcionam também como verbos atributivos.

Certos elementos, quando precedidos pelo prefixo causativo, sofrem uma alteração fonológico: a primeira consoante é sonorizada: *k* muda para *ng*, *ku* para *ngu*, *p* para *mb*, *t* ou *x* para *nd*:

Elementos de valência direta 1	**V. t. direto na voz causativa**
v. i.:	
xee a-pytu'u 1SG 1SG-parar 'eu parei'	ava xe-**mo**-mbytu'u homem 1SG-**CAUS**-parar 'o homem me fez parar'
yy o-tyky água 3-pingar 'a água pingou'	a-**mo**-ndyky yy 1SG-**CAUS**-pingar água 'fiz a água pingar'
kamixa o-xoro camisa 3-rasgar 'a camisa rasgou'	a-**mo**-ndoro kamixa 1SG-**CAUS**-rasgar camisa 'rasguei a camisa'
v. t. indireto:	
jagua o-ike oo py cachorro 3-entrar casa em 'o cachorro entrou na casa'	a-**mo**-inge jagua oo py 1SG-**CAUS**-entrar cachorro casa em 'fiz o cachorro entrar na casa'
nome:	
avaxi ku'i milho pó 'farinha de milho'	ava o-**mo**-ngu'i avaxi homem 3-**CAUS**-pó milho 'o homem moeu o milho'

13.2.5.2 A voz causativa de elementos de valência 2

Começando com um v. t. direto ou indireto, o sufixo causativo ***-uka*** produz um v. t. direto e indireto ou v. t. direto e indireto duplo, indicando que a ação é para ser efetuada através de um agente intermediário, que pode ser indicado num sintagma oblíquo com a posposição dativa ***pe***. Por razões explicadas na seção 3.8, na escrita este sufixo é geralmente precedido de um espaço, como se fosse uma palavra completa.

V. t. direto ou v. t. indireto	**V. t. direto e indireto ou v. t. indireto duplo**
v. t. direto:	
a-exa kuaxia 1SG-ver papel 'vi o papel'	a-exa **uka** kuaxia ava pe 1SG-ver **CAUS** papel homem a 'mostrei o papel ao homem'
v. t. indireto:	
a-pena oo re 1SG-cuidar casa relação 'cuidei da casa'	huvixa pe a-pena **uka** oo re cacique a 1SG-cuidar **CAUS** casa relação 'mandei que o homem cuidasse da casa'

Certos v. t. indiretos, tais como ***–pena*** 'cuidar', podem formar o causativo através do prefixo causativo ***mbo-*** (seção 13.2.5.1) ou do prefixo causativo ***–uka*** (acima). Em geral, o causativo com ***mbo-*** indica um grau de controle maior da parte do sujeito. É ainda possível aplicar os dois sufixos sucessivamente, resultando num

[86] Até um sintagma nominal relacional maior pode servir de entrada: ***kupe arygua*** 'sela' (lit., 'o que fica em cima das costas'), ***ava ombokupe arygua kavaju*** 'o homem selou o cavalo'. Não há exemplo claro de um adjetivo que sirva de entrada.

v. t. direto e indireto duplo: ***huvixa pe amopena uka xeryvy oo re*** ‘pedi o cacique fazer meu irmão mais novo cuidar da casa’.

13.2.6 A voz comitativa

Na **VOZ COMITAVA**, o sujeito participa na mesma ação que ele faz o objeto realizar. Ele começa com um verbo do tipo processo relacional –O de evento/atividade (Figura 22) e acrescenta um objeto direto que é correferencial com o sujeito do verbo original. Frequentemente, o verbo comitativo tem um sentido imprevisível. O prefixo comitativo ***ero-*** tem números variantes que dependem do ambiente fonológico do seu uso (veja no léxico).

V. i. ou v. t. indireto	**Verbo na voz comitativa**
v. i.:	
kavaju o-po cavalo 3-pular ‘o cavalo pulou’	ava o-**guero**-po kavaju homem 3-**COMIT**-pular cavalo ‘o homem (montado) fez o cavalo pular’
xee a-vy'a kyxe re 1SG 1SG-alegrar.se faca por ‘eu fiquei alegre por causa da faca’	xee a-**ro**-vy'a kyxe 1SG 1SG-**COMIT**-alegrar.se faca ‘tenho muito prazer na faca’
v. t. indireto:	
ava pe a-japukai homem a 1SG-gritar ‘gritei ao homem’	ava pe a-**ro**-japukai mboi homem a 1SG-**COMIT**-gritar cobra ‘gritei ao homem advertindo-o da cobra’

Quando ocorrer a voz impessoal com um v. t. direto comitativo, a flexão do sujeito não ocorre, deixando apenas o indicador do objeto na forma ***h-*** (Figura 5). Este tipo de v. t. sempre tem um indicador de objeto direto (seção 5.5.2).

14 A incorporação nominal em verbos

Em guarani mbyá e outra línguas da família tupi-guarani (Rodrigues 1951b, Mithun 1984, C. Jensen 1998a:535s), nomes comumente ocorrem incorporados no radical verbal, tanto na posição de sujeito de v. i. quanto na posição de objeto de v. t.; estas duas relações gramaticais constituem o absolutivo (seção 7 e Crystal 2000). Nas línguas tupi-guarani, a posição da flexão absolutiva é logo antes do radical verbal (veja Figura 26). Portanto, em guarani mbyá, trata-se da incorporação, no radical verbal, do argumento absolutivo na posição absolutiva.

O radical resultante pode ter função predicativa ou nominal; sua valência (seção 6.3.1) é determinada pela valência do verbo original e do nome incorporado (seção 14.3).

Na incorporação, a distinção entre nomes relacionais e não-relacionais é crucial (seção 6.3.1). Primeiro consideramos a incorporação de nomes não-relacionais e de elementos pronominais (seção 14.1) e depois, a incorporação de nomes relacionais (seção 14.2).

14.1 A incorporação de nomes não-relacionais ou pronomes

Quando nomes não-relacionais ou pronomes não-específicos são incorporados na posição do argumento absolutivo, eles eliminam este argumento, reduzindo a valência em um. A incorporação de nomes não-relacionais não é muito comum; os dados disponíveis são quase todos na posição de objeto de v. t.

14.1.1 A incorporação de um nome não-relacional ou pronome na posição de objeto de v. t.

Um radical de v. t. com a incorporação de um nome não-relacional, não-específico, na posição de objeto, torna-se em um v. i. (de valência 1) que relata uma atividade (Mithun 1984, tipo I; Van Valin e LaPolla 1997:92,149). Neste padrão há poucos exemplos que ocorrem na oração principal:

v. i. (flexão ***a-***) ***-pytu'u*** ‘parar para descansar’, de ***pytu*** ‘fôlego’ + v. t. ***-'u*** ‘comer’ (classe ***Ø***)

Neste padrão participam certos elementos pronominais, não-específicos: um elemento (***mba'e*** ~ ***ma'e*** ‘coisa’) que designa algo não-humano, não-específico, e três elementos (***jo-*** ~ ***nho-***, ***po-***, ***poro-***) que designam pessoas não-específicas. ***mba'e*** ~ ***ma'e*** é de produtividade média, ***jo-*** ~ ***nho-*** é altamente produtivo, ***po-*** e ***poro-*** são bem raros. Todos estes elementos se encontram incorporados num v. t., tornando-o um v. i.:

v. i. (flexão ***a-***) ***-mba'eapo*** ‘trabalhar’, de ***mba'e*** + v. t. ***-apo*** ‘fazer’ (classe ***Ø***)

v. i. (flexão ***a-***) ***-ma'etỹ*** ‘plantar’, de ***ma'e*** + v. t. ***-tỹ*** ‘plantar’ (classe ***Ø***)

v. i. (flexão ***a-***) ***-joayvu*** ‘amar pessoas’, de ***jo-*** + v. t. ***–ayvu*** ‘amar’ (classe ***r-***)
v. i. (flexão ***a-***) ***-nhombo'e*** ‘ensinar pessoas’, de ***nho-*** + v. t. ***–mbo'e*** ‘ensinar’ (classe ***Ø***)
v. i. (flexão ***xe-*** + ***Ø***) ***-porayvu*** ‘amar pessoas (habitualmente)’, de ***po-*** + v. t. ***–ayvu*** ‘amar’ (classe ***r-***)
v. i. (flexão ***xe-*** + ***Ø***) ***-porayvu*** ‘amar pessoas (habitualmente)’, de ***po-*** + v. t. ***–a'ã*** ‘imitar’ (classe ***r-***)
v. i. (flexão ***xe-*** + ***Ø***) ***-porojojai*** ‘escarnecer pessoas (habitual)’, de ***poro-*** + v. t. ***–jojai*** ‘escarnecer’ (classe ***Ø***)
v. i. (flexão ***xe-*** + ***Ø***) ***-poropoano*** ‘medicar pessoas (habitual)’, de ***poro-*** + v. t. ***–poano*** ‘medicar’ (classe ***Ø***)
v. i. (flexão ***xe-*** + ***r-,*** apenas na 3ª pessoa: ***typa***) ***-ypa*** ‘ficar vazia (de água)’, de ***-y*** ‘água’ + v. i. ***-pa*** ‘terminar’

Nas orações subordinadas ocorrem, com produtividade e frequência medianas, radicais v. t. diretos com nomes incorporados e sem flexão de sujeito, que são apresentadas com a conjunção ***vy*** ‘sujeito igual’ (seção 21.1.3). São orações transitivas reduzidas, semelhantes a certas orações reduzidas de gerúndio em português:
v. i. ***guyra'i avy vy*** ‘caçando passarinhos’, de ***guyra'i*** ‘passarinho’ + v. t. ***-avy*** ‘errar’ (classe ***Ø***)
v. i. ***kumanda moa'yĩ vy*** ‘trilhando feijão’, de ***kumanda*** ‘feijão’ + v. t. ***-moa'yĩ*** ‘trilhar’ (classe ***Ø***)

14.1.2 A incorporação de um nome não-relacional na posição de sujeito de v. i.

No exemplo seguinte, o resultado é um nome não-relacional:
nome ***yxyry*** ‘correnteza’, de ***y*** ‘água’ + v. i. ***-xyry*** ‘correr (líquido)’ (flexão ***a-***)

Há outro caminho de análise que resulta no mesmo nome: o empréstimo do radical v. i. em função adjetiva (seção 8.2). As duas análises são comparadas na seção 9.7.2.3.

14.2 A incorporação de nomes relacionais

A incorporação de nomes relacionais é bem mais comum do que a incorporação de nomes não-relacionais, tanto em posição do objeto de um v. t. quanto em posição do sujeito de um v. i. Além de nomes de partes do corpo, encontram-se incorporados nomes de coisas (roupa, casa, ninho) e até abstrações (maneira de viver, espaço na frente, espaço atrás). Este processo não reduz a valência do verbo: ele substitui o participante no argumento absolutivo, assim modificando sua estrutura de argumento (seção 13): o participante anterior é dispensado pelo nome, mas o “possuidor” do nome fica no seu lugar.

14.2.1 A incorporação de um nome relacional na posição de objeto de v. t.

Um radical de v. t. com a incorporação de um nome relacional na posição de objeto, torna-se em outro v. t. cujo novo objeto direto é o “possuidor” do nome relacional incorporado:[87]
v. t. (classe ***Ø***) ***-aka'ỏ*** ‘decapitar’, de ***-akã*** ‘cabeça’ (classe ***Ø***) + v. t. ***-'o*** ‘tirar’ (classe ***Ø***)
v. t. (classe ***r-***) ***-akykue monha*** ‘afugentar’, de ***-akykue*** ‘espaço atrás’ (classe ***r-***) + v. i. ***-monha*** ‘fazer correr’ (classe ***Ø***)
v. t. (classe ***r-***) ***–ova rayvu*** ‘beijar’, de ***-ova*** ‘face’ (classe ***r-***) + v. t. ***-ayvu*** ‘amar’ (classe ***r-***)
v. t. (classe ***r-***) ***–eko mbo'e*** ‘ensinar como viver’, de ***-eko*** ‘maneira de viver’ (classe ***r-***) + v. t. ***-mbo'e*** ‘ensinar’ (classe ***Ø***)

O radical v. t. direto resultante tem a mesma classe (***Ø*** ou ***r-***) que o nome incorporado.

Quando o “possuidor” do objeto incorporado for o próprio sujeito do v. t., ocorre o prefixo reflexivo ***je-*** ~ ***nhe-***, tornando o verbo em v. i.:
v. i. ***–jeao joi*** ‘lavar a própria roupa’, de ***je-*** + ***ao*** ‘roupa’ + v. t. ***-joi*** ‘lavar’ (classe ***Ø***)
v. i. ***–jekupe rerova*** ‘virar as costas’, de ***je-*** + ***kupe*** ‘costas’ + v. t. ***-erova*** ‘lavar’ (classe ***r-***)

Comumente o prefixo reflexivo é acompanhado pelo sufixo causativo ***-uka*** (seção 13.2.5.2), que torna o verbo outra vez em v. t.:
v. i. ***–jeoapo uka*** ‘mandar construir a própria casa’, de ***je-*** + ***o*** ‘casa’ + v. t. ***-apo*** ‘fazer’ (classe ***Ø***) + ***-uka***

14.2.2 A incorporação de um nome relacional na posição de sujeito de v. i.

Um radical de v. i. com a incorporação de um nome relacional na posição de sujeito, torna-se em outro v.

---

[87] Exceção: o v. t. ***–poano*** ‘medicar (alguém)’, de ***–poã*** ‘remédio’ + ***-no*** ‘pôr’. O objeto direto não é o “possuidor” de ***–poã*** (que seria o mal que o remédio cura), mas a pessoa com o mal.

i. cujo novo sujeito é o "possuidor" do nome relacional incorporado. O v. i. resultante tem flexão ***xe-***:

v. i. ***–akã raxy*** 'ter dor de cabeça', de ***-akã*** 'cabeça' + v. i. ***-axy*** 'doer' (flexão ***xe-***, classe ***r-***)

v. i. ***–eko porã*** 'viver corretamente', de ***-eko*** 'maneira de viver' + v. i. ***-porã*** 'ser bom' (flexão ***xe-***, classe ***Ø***)

v. i. ***–ekopa*** 'morrer', de ***-eko*** 'maneira de viver' + v. i. ***-pa*** 'terminar' (flexão ***a-***)

v. i. ***–kãne'õ*** 'estar cansada', de ***-kã*** 'osso' + v. i. ***–e'õ*** 'estar mole' (flexão ***xe-***, classe ***r-***)

Certos v. i. nos exemplos acima, que são v. i. de atributo tais como ***-axy*** 'doer' e ***-porã*** 'ser bom', são predicadores-adjetivos, que funcionam tanto como v. i. de atributo quanto como adjetivo (seção 8.2). Isso dá um caminho alternativo de análise: um sintagma nominal, composto de nome relacional (***-eko*** 'maneira de viver') + adjetivo (***-porã*** 'ser bom'; seção 18.1), sintagma que ocorre na predicação nominal de posse (***–eko porã*** 'ter vida boa'; seção 9.5.2). Esta análise é favorecida em certos exemplos nos quais o segundo elemento funciona como adjetivo apenas, sem função predicativa: ***-py'a guaxu*** 'ter coragem' (lit., 'ter fígado grande'), ***-yguaxu*** 'ter muita água'. Os exemplos cujo v. t. é um descritivo, "análises múltiplas" poderiam ser sustentáveis (seção 9.7.2). Outros v. i. nesses exemplos, tais como ***-pa*** 'terminar', não ocorrem em função adjetiva; portanto, não admitem esse caminho de análise alternativa.

14.3 O cálculo da valência

Quando um nome for incorporado num verbo, a valência da forma resultante pode ser calculada usando a valência verbal original e a valência nominal. O processo da incorporação em si reduz a valência em um, pois o argumento absolutivo é substituído dentro do radical verbal. Mas o nome sendo incorporado acrescenta sua valência própria:

Valência resultante = Valência verbal original – 1 + Valência nominal

Figura 31: Valência de um radical verbal com nome incorporado

A valência verbal original pode ser 2 (de v. t. direto) ou 1 (de v. i.). Desconsideramos os argumentos oblíquos, que são constantes no processo de incorporação.[88] A valência nominal pode ser 1 (de um nome relacional) ou 0 (de um nome não-relacional; seção 6.3.1). O radical resultante pode ter função predicativa ou referencial; sua valência pode ser 2 (v. t. direto), 1 (v. i. ou nome relacional) ou 0 (um predicador não-relacional ou um nome não-relacional). Nem todas essas possibilidades ocorrem em guarani mbyá: nomes relacionais e predicadores não-relacionais não se derivam através da incorporação.

15 A composição

Na formação de palavras, a **COMPOSIÇÃO** se refere à ocorrência de duas raízes dentro de um só radical (Fabb 1998:66). Na sua semântica, a composição é geralmente idiomática: seu significado não é uma simples soma dos significados das suas raízes componentes (Nunberg et al. 1994:492s). Nas línguas tupi-guarani, vários tipos de composição são altamente produtivos (Rodrigues 1951b).

15.1 Tipos de composição

A incorporação nominal em verbos (nome + verbo; seção 14) constitui um caso especial do processo de composição, na qual duas raízes se juntam produzindo um novo radical verbal, seguindo padrões da morfologia verbal, ou seja, a ocorrência de nomes no lugar da flexão do sujeito ou do objeto. Na presente seção, examinamos mais seis tipos de composição que provêm de padrões sintáticas em vez de morfológicas: predicador + advérbio, verbo + radical verbal posposto, nome + adjetivo (de três tipos) e possuidor + nome. Para o uso de espaços na escrita, veja seção 3.8.1; para o hífen, veja seção 3.9; para o morfema ***r-***, veja seção 3.8.1.1.

15.1.1 Composição tipo predicador + advérbio

Algumas combinações de predicador + advérbio são mais estreitamente ligadas entre si do que outras. As combinações mais ligadas funcionam como composição que se reconhece através de características idiossincráticas semânticas e morfossintáticas (veja seção 0). Este tipo de composição é bastante produtivo;

[88] Predicadores de valência zero original, que são nomes não-relacionais em função predicativa (seção **Error! Reference source not found.**), não aceitam nomes incorporados no radical predicativo.

aqui observamos alguns exemplos de três raízes verbais.

- ***-jou porã*** ‘dar aprovação a, achar bom’ (portuguesismo semântico), de ***-jou*** ‘achar’ + ***porã*** ‘bem’
- ***-jou vai*** ‘achar mau’ (portuguesismo semântico), de ***-jou*** ‘achar’ + ***vai*** ‘mal’
- ***-ĩ atã*** ‘perseverar’, de ***-ĩ*** ‘estar localizado’ + ***atã*** ‘duro’
- ***-moĩ porã*** ‘guardar’, de ***-moĩ*** ‘colocar’ + ***porã*** ‘bem’
- ***-moĩ vai*** ‘colocar alguém numa posição difícil’, de ***-moĩ*** ‘colocar’ + ***vai*** ‘vai’
- ***-iko atã*** ‘caminhar intensamente’, de ***-iko*** ‘caminhar, viver, ser’ + ***atã*** ‘duro’
- ***-iko eta*** ‘viver com preocupações’, de ***-iko*** ‘caminhar, viver, ser’ + ***eta*** ‘muito(s)’
- ***-iko marã*** ‘ficar sem saber o que fazer’, de ***-iko*** ‘caminhar, viver, ser’ + ***marã*** ‘de que maneira’
- ***-iko vai*** ‘morrer acidentado’, de ***-iko*** ‘caminhar, viver, ser’ + ***vai*** ‘mal’
- ***-moingo axy*** ‘fazer alguém sofrer’, de ***-moingo*** ‘fazer viver’ + ***axy*** ‘dificilmente’

Como evidência morfossintática da composição, este tipo de composição não pode ser interrompido por sinais da negação ou da voz impessoal (veja seção 13.2.3). Exemplos com negação e voz impessoal são: ***avave rei ndojou porãai 'rã*** ‘ninguém achará bom’, ***napenemoingo axyai 'rã*** ‘ninguém fará vocês sofrer’.

15.1.2 Composição tipo verbo + radical verbal posposto

Este tipo de composição não é muito produtivo; a semântica tende a ser combinatória, conforme às normas gerais da língua (veja seção 12.1.2).

- ***-o jepe*** ‘escapar’ (lit., ‘conseguir ir’), de ***-o*** ‘ir’ + ***jepe*** ‘conseguir fazer algo, superando uma dificuldade’
- ***-endu pota*** ‘prestar atenção’ (lit., ‘esforçar-se para ouvir’), de ***-endu*** ‘ouvir’ + ***pota*** ‘esforçar-se para fazer algo’; a semântica contém um elemento idiossincrático, o de tentar chegar a uma conclusão; a sintaxe também foge da esperada, pois às vezes ocorre um objeto indireto em vez de direto: ***pendu pota ke xeayvua re*** ‘prestem atenção à minha fala’

Como evidência morfossintática, este tipo de composição não pode ser interrompido por elementos da negação ou da voz impessoal (veja seção 13.2.3). Exemplos com negação e voz impessoal são: ***avave rei ndoo jepeai 'rã*** ‘ninguém escapará’, ***pejapukai rã noendu potaai 'rã*** ‘quando vocês gritarem ninguém prestará atenção’.

15.1.3 Composição tipo nome + adjetivo

Este tipo é extremamente produtivo (veja seção 18.1).

- ***yaku*** ‘chá, café’, de ***y*** ‘água’ + ***-aku*** ‘quente’
- ***yvyra-ro*** ‘peroba’, de ***yvyra*** ‘madeira’ + ***ro*** ‘amargo’
- ***yvyra-vevui*** ‘leiteiro (árvore)’, de ***yvyra*** ‘madeira’ + ***vevui*** ‘leve’
- ***tuguai-ratã*** ‘tatu’ (designação expressiva), de ***tuguai*** ‘rabo’ + ***r-*** + ***-atã*** ‘duro’
- ***tuguai-pe*** ‘caxinguelê (rato de palmeira)’, de ***tuguai*** ‘rabo’ + ***pe*** ‘achatado’
- ***tuguai-pe'i*** ‘esquilo’, de ***tuguai*** ‘rabo’ + ***pe*** ‘achatado’ + ***-'i*** ‘diminutivo’
- ***tataendy*** ‘lampião, lanterna’, de ***tata*** ‘fogo’ + ***endy*** ‘brilhante’
- ***mba'eaxy*** ‘doença, aflição física’, de ***mba'e*** ‘coisa’ + ***-axy*** ‘difícil, doloroso’
- ***-ekoaxy*** ‘sofrimento’, de ***-eko*** ‘vida’ + ***-axy*** ‘difícil, doloroso’
- ***avaxi-atã-e'ỹ*** ‘milho molinho, uma variedade de milho branco’, de ***avaxi*** ‘milho’ + ***atã*** ‘duro’ + ***e'ỹ*** ‘negativo’; o modificador é a locução adjetiva ***atã e'ỹ*** ‘não duro’
- ***avaxi-ju-hatã'i*** ‘uma variedade de milho amarelo’, de ***avaxi*** ‘milho’ + ***ju*** ‘amarelo’ + ***atã*** ‘duro’ + ***-'i*** ‘diminutivo’; há dois modificadores, ***ju*** ‘amarelo’ e ***atã'i*** ‘durinho’, que por si é uma locução adjetiva
- ***mboi-yma'i*** ‘urutuzinho’, de ***mboi*** ‘cobra’ + ***yma*** ‘antigo’ + ***-'i*** ‘diminutivo’

15.1.4 Composição tipo nome + nome não-atributivo em função adjetiva

Este tipo de composição é altamente produtivo também. (Para nomes não-relacionais que ocorrem em função adjetiva, veja seções 8.2 e 18.1.3.)

- ***teju-jagua*** ‘dragão’, de ***teju*** ‘lagarto’ + ***jagua*** ‘onça’ no seu significado antigo
- ***teju-retovape*** ‘lagarto-branco’, de ***teju*** ‘lagarto’ + ***r-*** + ***etovape*** ‘bochecha’
- ***mboi-mbaraka*** ‘cascavel’, de ***mboi*** ‘cobra’ + ***mbaraka*** ‘chocalho’
- ***mboi-tuvy*** ‘urutu’, de ***mboi*** ‘cobra’ + ***tuvy*** ‘padrasto’
- ***jaxy-tata*** ‘estrela’, de ***jaxy*** ‘lua’ + ***tata*** ‘fogo’

- ***andai-aju'y*** ‘certo tipo de abóbora’, de ***andai*** ‘abóbora’ + ***aju'y*** ‘pescoço’
- ***anguja-kua*** ‘certo tipo de rato’, de ***andai*** ‘rato’ + ***kua*** ‘buraco’
- ***tupi-uguai*** ‘índio mítico bravo, rabudo’, de ***tupi*** ‘índio alheio’ + ***uguai*** ‘rabo’
- ***kuxa-rakua*** ‘garfo’, de ***kuxa*** ‘colher’ + ***r-*** + ***-akua*** ‘ponta, chifre’
- ***angu'a-pu*** ‘tambor’ (instrumento musical), de ***angu'a*** ‘pilão’ + ***pu*** ‘estalo’
- ***avaxi-hi'y-pe*** ‘certo tipo de milho’, de ***avaxi*** ‘milho’ + ***hi'y*** ‘seu caule’ + ***pe*** ‘achatado’; o adjetivo é o sintagma nominal ***hi'y pe*** ‘seu caule achatado’
- ***ei-rakuaĩ-axĩ*** ‘abelha-irati’, de ***ei*** ‘abelha, mel’ + ***r-*** + ***-akuaĩ*** ‘bico’ + ***axĩ*** ‘agudo’; o adjetivo é o sintagma nominal ***rakuaĩ axĩ*** ‘de bico agudo’
- ***tatu-po-ju*** ‘tatu-paulista’ (lit., ‘tatu de mão amarela’), de ***tatu*** ‘tatu’ + ***po*** ‘mão’ + ***ju*** ‘amarelo’; o adjetivo é o sintagma nominal ***po ju*** ‘de mão amarela’

15.1.5 Composição tipo nome + radical verbal em função adjetiva

Este tipo de composição é de produtividade mediana. Em cada caso, o radical verbal é um v. i. de evento/atividade, a maioria sendo da flexão ***a-***:

- ***yvy'ã*** ‘serra’, de ***yvy*** ‘terra’ + v. i. ***-'ã*** ‘ficar de pé’
- ***yvytu-jere*** ‘redemoinho’, de ***yvytu*** ‘vento’ + v. i. ***-jere*** ‘girar’
- ***yvy-ryryi*** ‘terremoto’, de ***yvy*** ‘terra’ + v. i. ***-ryryi*** ‘tremer’
- ***tape-jeporu*** ‘caminho frequentado’, de ***tape*** ‘caminho’ + v. i. ***-jeporu*** ‘usar-se’
- ***uruvu*** ‘urubu’, de ***uru*** ‘galinha’ + ***-vu*** ‘boiar’
- ***tuku-karu*** ‘gafanhoto devorador’, de ***tuku*** ‘gafanhoto’ + ***-karu*** ‘comer’
- ***-embo-rike*** ‘gavinha de planta que entra na terra’, de ***-embo*** ‘gavinha’ + ***r-*** + ***-ike*** ‘entrar’
- ***jagua-tuvy-nhe'ẽ*** ‘chacal’, de ***jagua*** ‘cachorro’ ou ‘onça’ + ***-tuvy nhe'ẽ*** ‘assobiar’; o v. i. ***-tuvy nhe'ẽ*** parece ter a derivação ***-tuvy*** ‘padrasto’ + ***nhe'ẽ*** ‘emitir som’, ou seja, ele pode ser o resultado de composição anterior. Se for, este exemplo pode ser de composição recursiva, que é rara (Fabb 1998:72).
- ***mboi-rexa-pyxo-e'ỹ*** ‘cobra-cega’, de ***mboi*** ‘cobra’ + ***r-*** + ***-exa*** ‘olho’ + ***-pyxo*** ‘sobressair’ + ***e'ỹ*** ‘negativo’; o modificador ***–exa pyxo e'ỹ*** geralmente ocorre como predicador ‘não ver bem’, e não refere aos olhos da cobra, que ele não tem
- ***yvy-jau*** ‘ibijaú’, de ***yvy*** ‘terra’ + ***-jau*** ‘banhar-se’

Veja, na seção 14.1.2, uma análise desta construção utilizando a incorporação de um nome não-relacional na posição de sujeito de v. i. As duas análises são comparadas na seção 9.7.2.3.

15.1.6 Composição tipo possuidor + nome

Há um número mediano de exemplos deste tipo. A semântica tende a seguir as normas para posse (seção 18.1.2).

- ***-poapẽ*** ‘unha de mão’, de ***po*** ‘mão’ + ***apẽ*** ‘unha’; a composição é indicada, não na semântica, mas pela nasalização da primeira raiz, devida à nasalização da segunda que se estende regressivamente dentro da palavra (veja seção 3.8.1.4)
- ***-poapĩ*** ‘cotovelo’ (lit., ‘pedaço de mão’), de ***po*** ‘mão’ + ***apĩ*** ‘pedacinho’; a composição é indicada tanto pela semântica quanto pela nasalização da primeira raiz, devida à nasalização da segunda que se estende regressivamente dentro da palavra (veja seção 3.8.1.4)
- ***mba'epu*** ‘música’ (lit., ‘estalo de algo’), de ***mba'e*** ‘coisa’ + ***pu*** ‘estalo’
- ***mba'eyru*** ‘veículo’ (lit., ‘recipiente de algo’), de ***mba'e*** ‘coisa’ + ***-yru*** ‘recipiente’
- ***tapixi-kumanda'i*** ‘feijão-arroz’ (lit., ‘pequeno feijão de lebre’), de ***tapixi*** ‘lebre’ + ***kumanda*** ‘feijão’ + ***-'i*** ‘diminutivo’
- ***xeramoĩ-tatu*** ‘certa borboleta grande’ (lit., ‘tatu do meu avô’), de ***xeramoĩ*** ‘meu avô’ + ***tatu*** ‘tatu’
- ***xy-rakua*** ‘rato’ (designação expressiva ; lit., ‘chifre de mãe’), de ***xy*** ‘mãe’ + ***r-*** + ***-akua*** ‘chifre’
- ***yvy-ei*** ‘abelha-da-terra’ (lit., ‘abelha da terra’), de ***yvy*** ‘terra’ + ***ei*** ‘abelha, mel’

15.2 A composição endocêntrica, exocêntrica e coordenada

Todas as sequências de elementos ilustradas acima já existem na sintaxe, ou da locução predicadora (Figura 24) ou do sintagma nominal (Figura 34). Para cada exemplo, a composição tem um núcleo e um elemente periférico que pode ser um radical ou até um sintagma completo, como é comum nas línguas (Van Valin e Lapolla 1997:57); a forma resultante tem a mesma função que o núcleo. Neste sentido, a composição

é **ENDOCÊNTRICA** (Fabb 1998:66). Dependendo da estrutura do sintagma original, a composição endocêntrica pode ocorrer na ordem núcleo + periferia ou periferia + núcleo:

NÚCLEO + PERIFERIA:

verbo + advérbio, **verbo** + radical verbal posposto, **nome** + adjetivo

PERIFERIA + **NÚCLEO**:

genitivo + **nome**, nome incorporado + **verbo**

Estas sequências de elementos, portanto, fazem parte de uma construção produtiva na gramática da língua; na terminologica de Fillmore et al. 1988, a composição em guarani é do tipo "idiomatismo gramatical". Por isso, precisa-se de evidência adicional para suster a hipótese de que, em cada caso, os dois elementos são integrados no nível lexical, ou seja, que eles se tornam uma só palavra. Essa evidência é principalmente fonológica ou morfológica (veja seção 3.8.1), mas é geralmente confirmada por evidência semântica (o fato de idiomatismo).[89]

Em certas línguas, ocorre também a composição **EXOCÊNTRICA** (na qual nenhum elemento é o núcleo) e a composição **COORDENADA** (na qual ambos os radicais são nucleares; Fabb 1998:67). Se existirem estes outros tipos de composição em guarani mbyá, eles são bem menos produtivos que a composição endocêntrica. Examinamos dois exemplos:

- ***tape-reka*** 'certo tipo de borboleta' (lit., 'procura-caminho', de ***tape*** 'caminho' + ***r-*** + ***-eka*** 'procurar'). É obviamente um exemplo de incorporação do nome não-relacional ***tape*** 'caminho' na posição de objeto direto do v. t. direto ***-eka*** 'procurar'. Contudo, este tipo de incorporação não é comum (veja seção 14.1.1), e no presente caso não resulta num v. i., mas no nome de uma borboleta. É possível que esse nome se derive da forma nominalizada ***tape rekaa*** 'procurador de caminho', com a perda subsequente do sufixo ***–a***^{4} nominalizador de radical v. t. direto (seção 19.4), mas essa possibilidade não pode ser confirmada. Se ***tape-reka*** for analisado como composição sem incorporação, seria do tipo exocêntrico.
- ***jaxy-tata*** 'estrela' (lit., 'lua-fogo', de ***jaxy*** 'lua' + ***tata*** 'fogo'). Possívelmente, esta composição tem a forma possuidor + nome: 'fogo da lua'. Contudo, o radical ***-ata*** 'fogo' é um nome relacional que, em outros lugares, leva o segmento *r-* quando é possuído (por uma pessoa): ***xeru rata*** 'o fogo do meu pai'. Se ***jaxy-tata*** for analisado como composição sem noção de posse, poderia ser do tipo coordenado ou exocêntrico.

16 A negação

Há várias formas de negação. A **NEGAÇÃO AFIXAL** é realizada através de uma combinação de um prefixo (***nda-***, com variantes; veja o léxico) e um sufixo (***-i***, sujeito à perda vocálica ou à ditongação; seção 3.5).[90] Outras formas de negação são palavras livres.

A negação afixal ocorre num predicador no modo indicativo; numa oração subordinada ela ocorre, por padrão, com o aspecto perfectivo. As formas livres ocorrem em outros contextos: ***eme*** com um predicador não-indicativo (imperativo ou optativo; seção 11), ***e'ỹ*** com elementos em não-predicadores e nas orações subordinadas com aspecto imperfectivo. Dos elementos negativos que ocorrem no modo indicativo, portanto, a negação afixal ocorre com dinamismo maior enquanto ***e'ỹ*** ocorre com dinamismo menor (veja seção 10.3). Examinamos esses fatos em mais detalhe agora.[91]

16.1 A negação com elementos não-predicadores

Com termos não-predicadores ocorre a forma livre, tônica ***e'ỹ***:[92]

---

[89] Fabb (1998:76) menciona um possível critério sintático, que palavras compostas são difíceis de modificação. Este critério é problemático em guarani mbyá, pois certas palavras compostas, tais como ***tuguai-pe*** 'caxinguelê (rato de palmeira)' aceitam o modificador diminutivo: ***tuguai-pe'i*** 'esquilo'.

[90] Em certos contextos, o prefixo ***nda-*** pode ser substituído pela resposta negativa ***any*** (seção 16.6).

[91] Para uma discussão da negação em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 10.

[92] Esta distinção é semelhante à distinção entre "a negação sentencial (ou oracional)" e "a negação de constituinte" (Givón 1984, seção 9.5; J. Payne 1985, seção 1.0; T. Payne 1997, seção 10.2). Às vezes ocorre a forma negativa do verbo ***ha'e*** 'digo': ***nda'ei*** 'não digo' (veja seção 16.10).

- *sujeito:* ***ha'e e'ỹ rima ojuka ava*** ‘não foi ele que matou o homem’, ***peteĩ ára revegua e'ỹ ou*** ‘veio um cego’
- *objeto direto:* ***orovende va'erã e'ỹ oroguereko*** ‘não é o que poderemos vender que temos’
- *oblíquo:* ***are vaipa e'ỹ ko nhandereraarã ou va'erã*** ‘é sem muita demora que virá aquele que nos levará’ (***e'ỹ*** é seguido pela partícula modal ***ko***; seção 12.3.3.2)
- *oração subordinada adverbial:* ***oky vy e'ỹ yvytu*** ‘foi sem chover que ventou’

Um termo não-predicador, quando negado, tende a ser um foco de termo, especialmente quando ele ocorre no início da frase (seção 24.3.1.2; veja também Givón 1984, ch. 9; T. Payne 1997, seção 10.2). Assim, a negação funciona de forma paralela aos intensificadores/modificadores cuja posição padrão é na locução predicadora, mas quando são deslocados para ocorrerem com um termo não-predicador, eles assumem a função de focalizador (seção 12.2).

Dentro do sintagma nominal, a negação de adjetivos é também realizada com ***e'ỹ***: ***yy porã e'ỹ*** ‘água ruim’ (lit., ‘não boa’), ***yvy marã e'ỹ*** ‘a terra sem males’ (lit., ‘não acabável’).

Com um predicativo nominal do sujeito, na predicação de identificação e de classificação, a negação se realiza através da forma livre ***e'ỹ***, seja o predicativo nominal um nome relacional ou não-relacional, um pronome ou qualquer outra expressão nominal (seção 9.6.2):

- *nome relacional:* ***peva'e ma xera'y e'ỹ*** ‘aquele não é um filho meu/não é meu filho’
- *nome não-relacional:* ***peva'e ma oky e'ỹ*** ‘aquilo não é a chuva/chuva’
- *pronome:* ***peva'e ma ha'e e'ỹ*** ‘aquilo não é ele’
- *nominalização:* ***ha'e va'e mboapy ma ijypy va'ekue e'ỹ*** ‘aqueles três não foram os primeiros’

Os predicativos nominais são complementos e não predicadores (seção 9.6.2).

16.2 A negação com predicadores; alcance semântico

A negação afixal ocorre dentro da locução predicadora de uma oração independente no modo indicativo:

- *com predicação de processo temporal* (seção 10.2.4): ***xee ma ndaai 'rã*** ‘eu não irei’
- *com predicação de localização* (seção 9.3): ***nderu noĩvei ngoo py*** ‘seu pai não está mais em casa’
- *com predicação de existência ou apresentação* (seção **Error! Reference source not found.**): ***koropi ha'e nunga ndoikoi*** ‘por aqui aquilo não existe’
- *com predicação de atributo* (seção 9.4): ***kova'e yy ma na'iporãi*** ‘esta água não é boa’
- *com predicação nominal de fenômeno* (seção 9.5.1): ***kuee ma nda'oky vaipai*** ‘ontem não choveu muito’
- *com predicação nominal de posse* (seção 9.5.1): ***ava'i ndaeryi teri*** ‘o menino ainda não tem/ganhou nome’

O prefixo ***nda-*** da negação afixal ocorre na posição inicial do componente principal da locução predicadora (seção 12.1 e Figura 25). O sufixo ***–i*** não tem posição fixa, mas pode ocorrer entre o final do predicador principal e o final do conteúdo proposicional; seu posicionamento indica a parte da locução predicadora que o falante quer negar, ou seja, ele indica o **ALCANCE SEMÂNTICO** da negação.

- No exemplo acima ***kuee ma nda'oky vaipai*** ‘ontem não choveu muito’, o advérbio ***vaipa*** ‘muito’ está dentro da alcance da negação: ‘não ... muito’.
- No exemplo ***ava'i ndaeryi teri*** ‘o menino ainda não tem/ganhou nome’, o elemento ***teri*** ‘ainda’ fica fora do alcance da negação: ainda vigora o fato de que ‘o menino não tem/ganhou nome’. De fato, ***teri*** nunca ocorre dentro do alcance da negação, pois é uma partícula de tempo/aspecto que ocorre após o conteúdo proposicional; seção 12.3.1.2.
- Enquanto ***nda'eve ranhei*** significa ‘não há mais possibilidade’ (sendo a negação de ***(h)a'eve*** ‘tem possibilidade’ mais ***ranhe*** ‘inicialmente, por enquanto’), ***nda'evei ranhe*** significa ‘por enquanto não há possibilidade’; a diferença é o alcance da negação.

O alcance da negação sempre inclui o predicador principal (Figura 25). Quando, através da composição, um advérbio faz parte do predicador principal, a negação o inclui também (seção 15.1.1). Isso concorda com o princípio mencionado antes, de que o alcance semântico dos elementos modificadores é para a esquerda, ou seja, elementos modificadores tendem a ocorrer após seus respectivos elementos determinados (seção 11.2). O sufixo negativo ***–i***, portanto, funciona como qualquer outro advérbio quanto ao seu posicionamento e seu alcance (seção 0).

16.3 A negação nos modos não-indicativos

Nos modos não-indicativos, a negação utiliza a forma ***eme***:

- *no modo imperativo* (seção 11.1.1): ***eipe'a eme okẽ*** 'não abre a porta'
- *no modo optativo* (seção 11.1.3): ***tou eme Raul*** 'que Raul não chegue'

Na modalidade exclamativa a negação não consta nos dados disponíveis (seção 11.1.5).

16.4 A negação nas orações subordinadas

Nas orações subordinadas (seção 21), inclusive nas nominalizações (seção 19), a forma da negação depende de uma distinção entre o aspecto semântico **PERFECTIVO** (uma ação é apresentada tanto como temporalmente fechada quanto percebida de um ponto de vista externo, como no caso das ações pontuais ou concluídas) e o aspecto semântico **IMPERFECTIVO** (uma situação é apresentada como durando ou em progresso, como se estivesse percebida de um ponto de vista interno; Comrie 1976:6f; Bybee et al. 1998, caps. 3 e 5; Crystal 2000:33). Observamos o seguinte:

- Nas orações subordinadas a negação afixal é tida como padrão, pois ela ocorre com o aspecto semântico perfectivo ou com um aspecto não-marcado, não salientado:
  oração subordinada adverbial, aspecto perfectivo com um evento pontual ou concluído: ***oo py gua'y ndojoui vy oo oeka*** 'não achando o filho na casa, foi procurá-lo' (procurou por bem pouco tempo);
  nominalização, aspecto perfectivo com uma situação durativa: ***amongue guyrapa ndojapo kuaai va'e*** 'alguém que não sabe fazer um arco' (uma situação vista como possivelmente remediável).
- Quando a forma marcada ***e'ỹ*** ocorrer, é sempre com uma situação que é apresentada como durativa:
  oração subordinada adverbial: ***ei ojou e'ỹ vy ojevy ju ngoo katy*** 'não tendo achado mel, voltou para casa' (o sujeito procurava o mel durante um tempo longo e não o achava);
  nominalização: ***juky oikuaa e'ỹ va'e*** 'quem não conhece o sal' (uma situação vista como fixa).
- Nas orações subordinadas e nominalizações com a predicação de atributo (seção 9.4), porém, tanto o aspecto imperfectivo quanto a forma ***e'ỹ*** ocorrem por padrão:
  oração subordinada adverbial: ***yy iporã e'ỹ ramo xee nday'ui 'rã*** 'já que esta água não é boa, não vou tomar';
  nominalização: ***yy iporã e'ỹ va'e*** 'água que não é boa'.
  É só com uma predicação de atributo com dinamismo maior (seção 9.4) que pode ocorrer a negação afixal: ***nda'ika'aru porãi va'e*** 'quem não passe bem a tarde'.

Nas orações independentes e subordinadas, pois, a negação da predicação de atributo é efetuada de maneiras bem distintas: nas orações independentes ela sempre tem a negação afixal sendo predicativa (***na'iporãi*** 'não é boa', 'não está boa'), enquanto nas orações subordinadas ela sempre tem a forma ***e'ỹ*** sendo predicação de estado (***iporã e'ỹ vy*** 'não sendo boa', ***iporã e'ỹ va'e*** 'o que não é boa').

O aspecto semântico imperfectivo é comumente associado com informação de segundo plano ("pano de fundo") no discurso, que geralmente apresenta informação com menos dinamismo (Hopper e Thompson 1980:283, 285; Dooley e Levinsohn 2003, seção 12.4.1). Nas orações subordinadas como nas independentes, portanto, a forma livre ***e'ỹ*** ocorre com elementos de dinamismo menor (seção 10.3).

16.5 A negação dupla justaposta

Com qualquer tipo de predicador podem ocorrer dois elementos negativos justapostos. O primeiro destes elemento é sempre a forma livre ***e'ỹ***. No modo indicativo, o segundo elemento é o sufixo ***-i*** da negação afixal; nos modos não-indicativos, é a forma ***eme***. O resultado semântico é semelhante ao português "não recusar de" ou "não deixar de":

- *modo indicativo:* ***neĩ peteĩ ara ma voi ndoo e'ỹi ka'aguy re*** 'em nenhum dia não recusou de ir à mata'
- *modo imperativo:* ***peka porã e'ỹ eme kyxe*** 'não deixem de procurar a faca'

16.6 Respostas negativas

A resposta negativa ***any*** 'não' é um tipo de "pró-predicador", que substitui o predicador principal dentro da locução predicadora de uma sentença indicativa. Se ocorrer dentro do alcance da negação um radical verbal posposto (seção 12.1.2) ou um advérbio (seção 0), tal elemento é seguido do sufixo negativo ***-i***. Em resposta a uma pergunta tal como 'Choveu?', pode ocorrer respostas como as seguintes:

any 'não', ***anyvei*** 'não mais', ***any reguai*** 'não podia', ***any reguavei*** 'não podia mais', etc.

Em resposta a uma pergunta tal como 'Você vai à cidade?', pode ocorrer a resposta com sujeito explicitado, ou talvez melhor, como um tópico externo (seção 24.3.2.1):

xee any 'eu não', ***xee any reguai*** 'eu não posso', etc.

A resposta positiva correspondente é geralmente ***ta*** 'sim', emprestado do português ***tá***; às vezes ocorre ***ha'e***, o verbo 'digo', no mesmo sentido.

16.7 Pronomes negativos

Os pronomes negativos, formado de outros pronomes com o acréscimo do sufixo negativo ***-ve***, são os seguintes (aqui no papel do sujeito gramatical):

- ***avave*** 'ninguém' (sentido absoluto): ***avave rei ndojukai 'rã nerymba poryko*** 'ninguém vai matar seu porco' (***rei*** é um intensificador e focalizador; seção 12.2)
- ***mba'eve*** 'nada' (sentido absoluto): ***ore rokyje teĩ mba'eve ndoikoi*** 'estávamos com medo mas nada aconteceu'
- ***mava'eve*** 'nenhum deles' (sentido relativo): ***mava'eve ndojukai 'rã nerymba poryko*** 'nenhum deles vai matar seu porco'
- ***peteĩve*** 'nem um deles' (sentido relativo): ***gua'y kuery re oikuaa pota vy peteĩve ndoatai*** quando reparou os seus filhos, nem um deles faltava'

Com se vê nos exemplos acima, quando um pronome negativo ocorre como sujeito gramatical, o verbo fica no negativo, ao contrário do português.

Pronomes negativos podem ocorrer em qualquer relação gramatical que combine com o sintagma nominal:

- *objeto direto:* ***ndaexai avave rei*** 'não vi ninguém', ***ndaexai mava'eve*** 'não vi nenhum deles'
- *complemento de posposição:* ***ndakyjei mba'eve gui*** 'não tenho medo de nada', ***ndakyjei peteĩve gui*** 'não tenho medo de nem um deles'

16.8 Termos adverbiais negativos

O sufixo negativo ***-ve*** que ocorre com pronomes negativos (seção 16.7) ocorre também com termos adverbiais:

mamove 'em nenhum lugar': ***mamove ndaexai kyxe okanhy va'ekue*** 'em nenhum lugar vi a faca perdida'
peteĩgueve 'nenhuma vez': ***peteĩgueve ndorokyjei*** 'não ficamos com medo nenhuma vez'

Também a modelo dos pronomes negativos, quando ocorrer um termo adverbial negativo, o verbo permanece no negativo. Não há restrição na co-ocorrência de elementos negativos dentro de uma oração.

16.9 Outras construções negativas

Outras construções negativas incluem as seguintes:

- *termo não-predicador ou oração subordinada* + ***e'ỹ re*** 'sem': ***oo py nhavaẽ e'ỹ re nekane'õmba*** 'sem termos chegado na casa, cansamos completeamente'
- *oração subordinada* + ***e'ỹ mbove*** 'antes de': ***oo py nhavaẽ e'ỹ mbove jaexa guaxu*** 'antes de chegarmos na casa, vimos um veado'
- *termo não-predicador* + ***e'ỹ vy*** 'senão': ***ko'ẽ rã e'ỹ vy ko'ẽ mboae rã aguata 'rã*** 'senão amanhã, depois de amanhã vou viajar'
- *frase, termo substituto* + ***nda'ei*** 'não' (lit., 'não digo'): ***xee aju roguerovy'a aguã, rojojai rei aguã nda'ei*** 'eu vim para agradar vocês, não para judiá-los'
- *predicativo nominal de classificação*: ***mba'e'ỹ*** 'não é nada': ***mba'e'ỹ*** 'não foi nada' (indica que nenhum dano foi feito, nenhuma ofensa tida, etc.)
- *intensificador (pré-nuclear)*: ***neĩ*** 'nem' (empréstimo) + sintagma: ***neĩ xapy'a'i nokyrirĩ*** 'não ficou quieto nem um pouquinho'
- *termo não-predicador* + *intensificador* ***ma voi*** 'nem mesmo': ***(neĩ) oo py ma voi ndojoui oxy*** 'nem mesmo dentro da casa achou sua mãe' (frequentemente ocorre em combinação com ***neĩ***)
- *termo não-predicador* + ***ae ta ma*** 'será que?!': ***xee ae ta ma xemonda*** 'será que eu próprio sou ladrão?!' (sem ocorrer nenhum elemento explicitamente negativo, esta construção dá o sentido de indignação por causa de uma acusação, etc.)

16.10 A ordem positivo-negativo

Quando ocorrerem duas orações, uma positiva e a outra negando o sentido contrário, a ordem padrão é positivo-negativo: ***ha'e kuery ma São Paulo pygua meme, apygua e'ỹ*** 'eles são todos habitantes de São Paulo, não habitantes daqui'. Como se vê no exemplo acima, é geralmente um sintagma que é negado, não a oração toda. Quando ocorrer o negativo primeiro, comumente ocorre a conjunção coordenativa ***ha'e rã*** 'mas

(em contraste)' (seção 21.1.1): ***kova'e ajaka ma xemba'e'ỹ, ha'e rã xeru mba'e*** 'este cesto não é meu, mas é do meu pai'. Comumente o negativo livre ***e'ỹ*** é utilizado para negar termos (seção 16.1), mas às vezes se utiliza a forma negativa do verbo ***ha'e*** 'digo': ***nda'ei*** 'não digo': ***pevaẽ jepi 'rã apy pejopou aguã, peka'u aguã nda'ei*** 'chegem aqui frequentemente para fazer visitas, não digo para beber'.

17 Sintagmas não-predicadores em geral

Os sintagmas não-predicadores têm certos elementos estruturais em comum. Certos destes elementos e processos se encontram nas locuções predicadoras também, como será indicado mais adiante na Figura 33.

17.1 Sintagmas essenciais e sintagmas aumentados

Em geral, os sintagmas não-predicadores têm três camadas possíveis de estrutura:

- o **SINTAGMA AUMENTADO**: a expressão máxima do sintagma;
- o **CONTEÚDO SENDO DESIGNADO**: a camada que contém toda a designação semântica do sintagma;
- o **SINTAGMA ESSENCIAL**: a forma do sintagma que ocorre quando não é foco de termo.

Vejamos dois exemplos: um sintagma posposicionado e um sintagma nominal.

	sintagma aumentado				**contexto**
	o conteúdo sendo designado			**partículas espaçadoras**	
	sintagma essencial		**intensificadores**		
sintagma posposicionado	**xero** **minha.casa**	**py** **em**	**ae** **mesmo**	**'rã** **FUT**	**apyta** **fico**
	'Ficarei na minha casa mesma.'				
sintagma nominal	**hovaigua** **seu.inimigo**	**kuery** **PL**	**ha'e javi** **todos**	**ma** **FRONTEIRA**	**oje'oi** **foram**
	'Todos os seus inimigos foram embora.'				

Com sintagmas não-predicadores, os elementos que ocorrem após o sintagma essencial – os intensificadores e as partículas – funcionam principalmente para indicar seu papel pragmático na estrutura informacional (seção 24.4.3):

Sintagma aumentado = Contéudo sendo designado (Partícula espaçadora)^{n}

Contéudo sendo designado = Sintagma essencial (Intensificador)^{n}

Figura 32: O sintagma aumentado

Com os sintagmas não-predicadores, intensificadores têm duas funções:

- quanto à semântica, eles fecham o conteúdo designado pelo sintagma (veja seções 12.2 e 20.4);
- na estrutura informacional, eles são **FOCALIZADORES**, marcando o sintagma como foco de termo (seção 24.4.3.1);
- a negação de forma livre ***e'ỹ*** que ocorre com sintagmas não-predicadores é um intensificador (seção 16.1): ***xero py e'ỹ 'rã aiko*** 'não é na minha casa que estou morando'.

As partículas, em função de espaçador, podem ocorrer tanto com um foco de termo quanto com um tópico ou ponto de partida (seções 12.3.1.1, 24.4.3.2).

Sintagmas não-predicadores não aceitam intensificadores nem partículas espaçadoras, a não ser que desempenhem o papel pragmático na estrutura informacional; para aceitarem intensificadores, o papel precisa ser foco de termo (veja seção 24.3.1.2). Os sintagmas não-predicadores negados têm o papel pragmático de foco de termo.

Comparando Figura 24 com Figura 32, observamos um paralelismo estrutural estreito entre a locução predicadora e sintagmas não-predicadores aumentados:

Locução predicadora ⟷ **Sintagma não-predicador aumentado**

Contéudo proposicional ⟷ Contéudo sendo designado

Indicadores de tempo, aspecto e modalidade ⟷ Partículas espaçadoras

Figura 33: Correspondências entre a locução predicadora e o sintagma não-predicador aumentado

A diferença estrutural é principalmente a seguinte:

- com sintagmas não-predicadores, intensificadores e partículas sempre têm uma função discursivo-pragmática, indicando papéis na estrutura informacional (veja seção 24.3); além disso, os intensificadores desempenham uma função semântica em relação ao sintagma em si;
- nas locuções predicadoras, intensificadores e indicadores de tempo, aspecto e modalidade sempre têm uma função semântica em relação à locução predicadora em si; além disso, os intensificadores comumente desempenham uma função de saliência na estrutura informacional.

17.2 Coordenação e aposição

Os sintagmas participam nos processos sintáticos de coordenação e aposição. Esses processos ocorrem a nível da oração também (seção 23).

17.2.1 A coordenação

Em geral, sintagmas do mesmo tipo podem occorrer em forma coordenada, utilizando a justaposição ou a conjunção ***ha'e*** (seção 21.1.1). Neste caso, é o sintagma coordenado que aceita intensificadores e partículas: [[***jagua kuery ha'e poroko kuery***]$_{\text{SN essencial coordenado}}$ ***rive ma***]$_{\text{SN aumentado}}$ ***hevovo okuapy oo rupi*** 'foi apenas os cachorros e os porcos que estavam levantando ruídos em redor da casa'. Não é claro que exista coordenação a nível do núcleo de sintagma, semelhante ao português: [[***jovens e adultos***]$_{\text{Núcleo}}$ ***estrangeiros***]$_{\text{SN}}$.

A conjunção coordenativa que ocorre na interrogação disjuntiva é ***terã ~ tyrã*** 'ou': ***Oo ka'aguy re terã pa posto katy?*** 'Foi à floresta ou ao posto?'.

Em geral, a coordenação de dois membros leva um só contorno de entonação se tiver conjunção; com três ou mais membros ou com dois membros justapostos, cada membro tende a levar um contorno.

17.2.2 A aposição

Sintagmas do mesmo tipo sintático e com o mesmo designado podem ocorrem em aposição: ***tujakueve, jypy'i ou va'ekue*** 'os mais idosos, os que vieram no começo'. Neste exemplo, ambas as expressões ***tujakueve*** 'os mais idosos' e ***jypy'i ou va'ekue*** 'os que vieram no começo' são sintagmas nominais e designam as mesmas pessoas.

A aposição geralmente apresenta dois contornos de entonação mais ou menos iguais. No exemplo acima, a fronteira entre os contornos é indicada na escrita pela vírgula. Se tiver um só contorno, provavelmente não seja aposição, mas um sintagma único com núcleo + modificador: ***tujakueve jypy'i ou va'ekue*** 'os mais idosos que vieram no começo'. Neste caso, as duas partes separadamente não são suficientes para designar as pessoas sendo referidas.

A sequência de nome próprio + nome comum é de análise mais duvidosa. Há possibilidades além da aposição:

- Num exemplo tal como ***São Paulo tetã*** 'a cidade de São Paulo', é possível que o nome próprio funcione como um determinante (seção 18.1.1).
- Num exemplo tal como ***Roberto tuja'i*** 'Roberto velhinho', é possível que o nome comum funcione como modificador (adjetivo), especialmente se houver contraste (seção 18.1.3).

18 O sintagma nominal

Na presente seção, examinamos o sintagma nominal essencial, sem considerar os intensificadores e as partículas espaçadoras (Figura 32) que poderão ocorrer. Já que os intensificadores contribuem ao conteúdo sendo designado, notamos aqui certos intensificadores que comumente ocorrem com sintagmas nominais, alguns dos quais ocorrem em outras funções também (para listas mais amplas, veja seção 12.2).

INTENSIFICADORES QUE COMUMENTE OCORREM COM SINTAGMAS NOMINAIS:

ae 'inalteravelmente, mesmo'

ae'i ‘sozinho’,
amongue ‘alguns(algumas)’,
anho ‘apenas’,
avei ~ avi ~ ave ‘também’,
ete ‘realmente’,
eteve ‘até o próprio’,
ete'i ‘somente’,
guive rã ‘cada um’,
ha'e javi(ve) ‘todos’
katuve (ma) ‘quanto mais’,
ma voi ‘nem, nem mesmo’,
meme ‘igualmente’,
neĩ ‘nem (empréstimo, portanto pré-nuclear:
pavẽ ‘todos’,
rive ‘somente, apenas’.
-ve ‘mais, o mesmo, algo definido’ (na locução predicadora, ocorre em função adverbial de quantidade),
voi ‘também, até’;
-'i ‘somente, apenas’.

18.1 A estrutura geral

Dentro do sintagma nominal essencial, as funções principais são:

- **DETERMINANTE** ou **POSSUIDOR**,
- **NÚCLEO REFERENCIAL**,
- **ADJETIVO**.

Cada função pode ser desempenhada por uma variedade de elementos.

A estrutura do sintagma nominal pode ser apresentada em quatro formas, conforme o tipo de elemento que desempenha a função núclear: (a) um radical nominal lexical, (b) uma expressão nominalizada, (c) um pronome ou (d) nome próprio:

(a) Sintagma nominal = (Determinante) (Possuidor) Radical nominal (Adjetivo) (Flexão de tempo) (Marcação de coletivo)
(b) Sintagma nominal = Expressão + Nominalizador (Flexão de tempo) (Marcação de coletivo)
(c) Sintagma nominal = Pronome (Marcação de coletivo/pluralidade)
(d) Sintagma nominal = Nome próprio (Marcação de coletivo/Nome)

Figura 34: O sintagma nominal

Os elementos que desempenham a função de determinante são descritos na seção 18.1.1, os possuidores na seção 18.1.2 e os adjetivos na seção 18.1.3.

Geralmente, o sintagma nominal contém não mais que três elementos, ou seja, dois fora do núcleo: ***kova'e oo guaxu*** ‘esta casa grande’, ***kova'e tape oĩ va'e*** ‘este caminho que está’. Às vezes ocorrem mais elementos: ***kova'e mokoĩ avakue ovaẽ va'ekue*** ‘estes dois homens que chegaram’.

Dos elementos não-nucleares que podem ocorrer dentro do sintagma nominal conforme Figura 34, a flexão de tempo é descrita na seção 18.2 e a marcação de coletivo/pluralidade na seção 18.3.

Em relação à linha (b), as nominalizações, que incluem os nomes deverbais, são descritas na seção 19.

Em relação à linha (c), os pronomes são pronomes pessoais (seção 5.2) ou elementos que funcionam como determinantes – quantificadores não-numéricos, demonstrativos, numerais – podem ocorrer em função referencial, ou seja, como pronomes na linha (3). Para uma descrição mais ampla de pronomes, veja seção 20.2.

Em relação à linha (d), **NOMES PRÓPRIOS** com marcação de coletivo são descritas na seção 18.3. Certos nomes próprios ocorrem seguidos de outro nome comum: ***São Paulo tetã*** ‘a cidade de São Paulo’, ***Roberto tuja'i*** ‘Roberto velhinho’, ***Tapixi tekoa*** ‘aldeia Tapixi’, ***Yguaxu yakã*** ‘rio Iguaçu’. Para análises possíveis, veja seção 17.2.2.

18.1.1 Determinantes

Um **DETERMINANTE** é um ponteiro cognitivo: ele dá uma indicação inicial da direção onde o ouvinte deve "olhar" no seu espaço conceptual para procurar o referente:

- dentro dos seus conceitos ativos ou accessíveis;
- se o referente ainda não se encontra no espaço conceptual do ouvinte, o determinante indica sua categoria numérica (um, dois, muitos, etc.) ou cognitiva (específico ou não).

Existem três tipos de determinantes:

- **DEMONSTRATIVOS** (***peva'e avakue*** 'aqueles homens'),
- **QUANTIFICADORES NÃO-NUMÉRICOS** (***amongue avakue*** 'certos homens'),
- **NUMERAIS** (***mokoĩ avakue*** 'dois homens').

Pode ocorrer também a combinação demonstrativo + numeral (***peva'e mokoĩ avakue*** 'aqueles dois homens'). Enquanto um demonstrativo indica referência definida, um determinante sem demonstrativo – ou seja, um numeral ou um quantificador não-numérico – comumente indica referência indefinida (seção 18.4), a não ser que ocorra o sufixo ***–ve*** 'definido': ***mokoĩve avakue*** 'ambos os homens'.

Todos os elementos que funcionam como determinantes podem ocorrer também em função referencial, ou seja, como pronomes na parte (c) da Figura 34.

DEMONSTRATIVOS:

kova'e ~ ***ko*** 'este(a) que fica próximo do falante, o lugar onde ele está, ou algo associado com ele',
peva'e ~ ***pe*** 'aquele(a) que fica fora do lugar onde estão o falante e o ouvinte, mais ou menos em sua vista',
pova'e ~ ***po*** 'esse(a) coisa ouvida',
upe va'e ~ ***upe*** 'esse(a) que fica perto do ouvinte',
ki 'aquele(a) que fica longe do falante e ouvinte, que não pode ser visto de onde eles estão',
ha'e va'e 'este(a) que acabei de mencionar',
kuegua 'o que aconteceu no passado' (seção 19.7),
kuevegua 'o que aconteceu mais no passado', etc.[93]

QUANTIFICADORES NÃO-NUMÉRICOS:

amboae 'outro(a)',
amongue 'algum(a), alguns(mas)',
ha'e javi 'todo(a)(s)',
heta 'muito(a)(s)',
mboapy'i 'pouco(a)(s)',
pavẽ 'todos',
peteĩ-teĩ 'cada um(a)'.

NUMERAIS:

peteĩ 'um',
mokoĩ 'dois',
mboapy 'três',
irundy 'quatro',
peteĩ nhiruĩ 'cinco',
mboapy meme 'seis'.[94]

Para certas finalidades, os quantificadores não-numéricos e os numerais podem ser considerados como compondo uma categoria maior: a dos **QUANTIFICADORES**. A categoria de quantificador é relevante em várias construções:

- possuidores (seção 18.1.2),

---

[93] Para uma discussão dos demonstrativos em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 11.

[94] Geralmente, o uso dos números na língua não passa destes seis. Num sintagma onde ocorrem outros elementos do português, é comum usar numerais do português: ***cinco quilos***, etc. Para uma discussão dos numerais em proto-tupi-guarani, veja C. Jensen 1998a, seção 14.

- pluralidade (seção 18.3),
- a qualidade de indefinido (seção 18.4),
- intensificadores (seção 18.5),
- pronomes indefinidos (seção 20.2.3)
- nomes ou termos adverbiais indicando número de vezes (seção 19.8).

Expressões de peso (***meio quilo ka'a*** 'um meio quilo de chimarrão') ou de volume (***peteĩ voxa avaxi*** 'uma bolsa de milho') podem também ocorrer como quantificadores. Tais expressões são sintagmas nominais embutidos.

Os "pronomes interrogativos" (seção 11.1.4.2) podem ser considerados como um subtipo especial dos determinantes, os quais ocorrem apenas em construções interrogativas (diretas e indiretas). Como os demais elementos mencionados acima, eles podem ocorrer tanto em função referencial quanto em função de determinante: ***mava'e ou?*** 'quem veio?', ***mava'e ava ou?*** 'qual homem veio?'.

18.1.2 Possuidores

POSSUIDORES só ocorrem se o núcleo for um nome (radical nominal) relacional, nos sintagmas nominais do tipo (a) na Figura 34. Os possuidores têm em comum com os determinantes a função de indicar uma região no espaço mental do ouvinte onde ele deve "olhar" para começar a procurar o referente; há evidência sintática também indicando que possuidores sejam um tipo de determinante (Radford 1993:92-94). Mas enquanto um determinante aponta uma região conceitual abstrata (um "cache" onde se encontram referentes ativos ou de outro estado de ativação), um possuidor aponta uma região referencial concreta – por exemplo, um referente já estabelecido – dentro da qual ou ligado ao qual o referente deve se encontrar (Langacker 1998 e 2000, cap. 6).

Possuidores são realizados por sintagmas nominais (***mbojape pẽgue*** 'um pedaço de pão') ou prefixos de flexão de pessoa e número (***ipẽgue*** 'um pedaço dele'; Figura 7 e seção 5.4); prefixos que indicam que o nome é apresentado como não-relacional ocorrem em posição de possuidor também (***ta'yĩ*** 'semente'). Não é comum que determinantes ocorram com possuidores (provavelmente porque eles têm uma função semelhante). Além disso, um possuidor que é um sintagma nominal pode gerar ambiguidade em relação ao domínio do determinante. A língua tende a evitar esta possibilidade de várias maneiras:

- geralmente não ocorre um possuidor que é um sintagma nominal após um demonstrativo ou numeral;
- às vezes ocorre demonstrativo + possuidor flexional: ***kova'e xerajy*** 'esta minha filha';
- às vezes ocorre numeral + possuidor flexional: ***mokoĩ xerajy areko xero py*** 'tenho duas filhas na minha casa';
- num sintagma nominal com possuidor, quantificadores não-numéricos tendem a ocorrer como intensificadores e não determinantes: ***xera'y kuery (regua) amogue*** 'alguns dos meus filhos';
- numerais tendem a ocorrer em função referencial, como pronomes, dentro de uma nominalização, e não como determinantes: ***xera'y kuery mboapy ikuai va'e*** 'meus filhos que são três'.

18.1.3 Adjetivos; orações subordinadas adjetivas ("orações relativas")

A função adjetiva é desempenhada de uma classe aberta de elementos. Alguns deles ocorrem apenas nesta função (***oo guaxu*** 'casa grande'); seriam os "adjetivos puros" (seção 8). A grande maioria ocorre em outras funções também (veja seções 8.2 e 15.1.4):

- os predicadores-adjetivos ocorrem tanto em função predicativa (***iporã*** 'é bonita') quanto em função adjetiva (***oo porã*** 'casa bonita'),
- os modificadores ocorrem também em função adverbial (***oguata porã*** 'viajou bem'),
- certos nomes não-relacionais que são estreitamente ligados com um atributo ocorrem função adjetiva: ***ava*** 'homem': ***uru ava*** 'galo, galinha masculino'.

Nada na língua impede que qualquer expressão nominal não-relacional funcione como modificador nominal. Portanto, as nominalizações de orações, tal como ***xee ajapo va'ekue*** 'o que eu fiz', podem também ocorrer em função modificadora nominal: ***oo xee ajapo va'ekue*** 'a casa que eu fiz'. Nessa função, as nominalizações se tornam **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS** ("**ORAÇÕES RELATIVAS**"). Essas nominalizações, portanto, podem ocorrer em função referencial ou em função modificadora nominal. O nominalizador ***va'e***, além de nominalizar orações por si mesmo (seção 19.10), pode servir de **RELATIVIZADOR** para indicar que uma expressão nominal esteja ocorrendo em função adjetiva. No sintagma

nominal ***oo xee akeague va'e*** ‘a casa onde eu dormi’, o oração ***xee ake*** ‘eu dormi’ é primeiro nominalizada através do sufixo ***–a***[1] com flexão do passado (***xee akeague*** ‘onde eu dormi’; seção 19.2); depois, o elemento ***va'e*** é acrescentado para indicar que essa nominalização tem função modificadora.

Quase todas as orações subordinadas adjetivas (“orações relativas”) são restritivas, sendo necessárias para a identificação do nome nuclear: ***guyrapa xee ajapo va'ekue*** ‘o arco que eu fiz’. Excepcionalmente, porém, ocorrem orações não-restritivas, que fazem um comentário adicional em cima do referente já identificado: ***huvixa va'e imba'e kuaapa va'e, ipy'a guaxu guive va'e*** ‘aquele que era o líder, que era muito sábio e corajoso também’.

18.2 A flexão de tempo

A flexão de tempo utiliza os seguintes sufixos (melhor, enclíticos) que ocorrem no nome nuclear ou, se tiver adjetivo, no modificador: ***-kue***[1] ~ ***-gue***[2] ‘passado’, ***Ø*** ‘presente’, ***-rã*** ‘futuro’. (O sufixo do passado ***-re*** ocorre com os nominalizadores ***–a***[4] e ***–gua***; seções 19.4 e 19.7.) A semântica destes elementos parece depender do tipo sintático do seu “hospedeiro” morfológico:

- com nomes comuns, a flexão do tempo geralmente indica um papel semântico (seção 18.2.1);
- com pronomes, nominalizações e particípios (derivados do radical de um v. i. dinâmico), a flexão do tempo geralmente indica tempo simples (seção 18.2.2).

Contudo, a flexão do tempo é uma área complexa que apresenta certas questões que, no presente trabalho, não são completamente resolvidas.

18.2.1 A flexão do tempo como indicador de papel semântico

Com nomes, o flexão de tempo indica um papel semântico. Com nomes relacionais, o papel inclui a relação de posse; com nomes não-relacionais, o papel é absoluto.

18.2.1.1 O futuro; termos “essivos”

Com a flexão do futuro, o nome designa o papel semântico ‘propositado’, algo que é propositado pelo sujeito; este papel às vezes é chamado do “**ESSIVO**” (Crystal 2000). O nome pode ser relacional ou não-relacional e pode ser um argumento da oração ou um adjunto.

Com nomes relacionais, o que é propositado é a própria relação de posse: o sujeito quer que o referente pertença ao possuidor indicado.

NOMES RELACIONAIS COMO ARGUMENTOS (VEJA SEÇÃO 6.3.1):

xee ajapoxe xerorã ‘eu quero fazer o que será minha casa’, do nome relacional ***xero*** ‘minha casa’;
xeryvy ojapo ngoorã ‘meu irmão mais novo fez o que será sua casa’, do nome relacional ***ngoo*** ‘a casa dele próprio’.

NOMES RELACIONAIS COMO ADJUNTOS (VEJA SEÇÃO 6.3.1):

kova'e oo ma xeryvy ojapo xerorã ‘esta casa, meu irmão mais novo fez para ser minha casa’;
anguja ojou caixa ngoorã ‘o rato achou uma caixa para ser sua casa’.

Com nomes não-relacionais, o que é propositado é um estado ontológico: o sujeito quer que o referente desempenhe o modo de ser designado pelo nome:

NOMES NÃO-RELACIONAIS COMO ARGUMENTOS (VEJA SEÇÃO 6.3.1):

jaxyrã ojekuaa ‘apareceu para ser a lua’, de ***jaxy*** ‘lua’;
janeiro re avaxi jevyrã nhanhotỹ ‘em janeiro plantamos o que será o segundo milho’, de ***avaxi jevy*** ‘o segundo milho’.

NOMES NÃO-RELACIONAIS COMO ADJUNTOS (VEJA SEÇÃO 6.3.1):

kuxa araa kyxerã ‘levei uma colher para ser uma faca’;
ajukue ajogua kamixarã ‘comprei tecido para ser uma camisa’.

18.2.1.2 O passado

Com a flexão do passado, o nome designa um papel semântico que é um estado anterior, ou seja, algo que antes vigorava, mas não vigora mais. Neste caso, o nome só pode ser relacional, e a flexão em si não é suficiente para indicá-lo como sendo um adjunto.

Com nomes relacionais, o estado anterior é a relação de posse: o referente antes pertencia ao possuidor mas não lhe pertence mais.

kova'e oo ma xerogue ‘esta casa era minha casa (mas não é mais agora)’;
avaxi tygue ‘o que era um milharal (mas não é mais agora)’.

Se seguíssemos este mesmo padrão com nomes não-relacionais, o estado anterior seria um estado ontológico: antes, o referente teria sido algo que não é mais. Mas isso não seria diferente do tempo nominal simples, que passamos a examinar agora.

18.2.2 O tempo nominal simples

Com pronomes, nominalizações e particípios (derivados do radical de um v. i. dinâmico), a flexão do tempo geralmente indica o tempo simples. Todas estas formas nominais são não-relacionais, e mesmo com nomes comuns não-relacionais (seção 18.2.1.2), a flexão do passado indica apenas tempo simples.

FLEXÃO COM PRONOMES (PASSADO E PRESENTE):
ha'ekue ‘aquilo que havia no passado’,
ha'e ‘aquilo que há no presente’.

FLEXÃO COM NOMINALIZAÇÕES (PASSADO, PRESENTE E FUTURO):
ovaẽ va'ekue ‘quem chegou no passado’,
ovaẽ va'e ‘quem está chegando no presente’,
ovaẽ va'erã ‘quem estará chegando no futuro’.

FLEXÃO COM PARTICÍPIOS (PASSADO; SEÇÃO 19.8):
yvy jykue ‘tijolo’ lit., (‘terra assada’),
kamby kekue ‘leite coalhado’,
ao mondakue ‘roupa roubada’.

Se no sintagma ocorrer um nome nuclear seguido de uma nominalização em função modificadora, a marcação de tempo na nominalização é, em grande parte, independente da marcação no nome nuclear:

COM FLEXÃO DO PASSADO NO NOME NUCLEAR:
ajou peteĩ xero katy'i guare xevy omba'eapo va'ekue ‘achei um ex-vizinho meu que trabalhava para mim’;
ajou peteĩ xero katy'i guare xevy omba'eapo va'e ‘achei um ex-vizinho meu que trabalha para mim’;
ajou peteĩ xero katy'i guare xevy omba'eapo va'erã ‘achei um ex-vizinho meu que iria/irá trabalhar para mim’, ou ‘achei um ex-vizinho meu para trabalhar para mim’.

COM FLEXÃO DO PRESENTE (Ø) NO NOME NUCLEAR:
ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'ekue ‘achei um companheiro meu que trabalhava para mim’;
ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'e ‘achei o companheiro meu que trabalha para mim’;
ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'erã ‘achei um companheiro meu que iria/irá trabalhar para mim’, ou ‘achei um companheiro meu para trabalhar para mim’.

COM FLEXÃO DO FUTURO NO NOME NUCLEAR:
ajou peteĩ xeirũrã xevy omba'eapo va'ekue ‘achei um para ser meu companheiro que trabalhava para mim’;
ajou peteĩ xeirũrã xevy omba'eapo va'e ‘achei um para ser meu companheiro que trabalha para mim’;
ajou peteĩ xeirũrã xevy omba'eapo va'erã ‘achei um para ser meu companheiro, que iria/irá trabalhar para mim’, ou ‘achei um para ser meu companheiro, ou seja, um para trabalhar para mim’.

O tempo marcado no nome nuclear é relativo ao tempo-base da locução predicadora: em ***ajou peteĩ xeirũrã*** ‘achei um para ser meu companheiro’, o papel de companheiro é subsequente ao ato de achar. Já o tempo marcado na nominalização (em ***ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'erã***) pode ser relativa ao tempo-base da locução predicadora (‘achei um companheiro meu para trabalhar para mim’ ou ‘achei um companheiro meu que iria trabalhar para mim’) ou ao tempo-base do ato de fala (‘achei um companheiro meu que irá trabalhar para mim’). Em certas situações, portanto, o tempo marcado na nominalização não pode ser o futuro: ***ajapo xerorã tuvixa va'e*** ‘fiz o que seria minha casa grande’, o ser grande não pode ser subsequente ao ato de fazer.

Em certas situações ocorre a marcação dupla de tempo no nome nuclear: ***ndojapovei oorã va'ekue*** ‘não fez mais a casa que ia fazer’.

Mesmo com nominalizações e partícipios, em certas situações o tempo futuro pode indicar um papel propositado, o “essivo” (seção 18.2.1.1):
ajou peteĩ xeirũ xevy omba'eapo va'erã ‘achei um companheiro meu para trabalhar para mim’;

jajapo yvy jykuerã ‘vamos fazer o que serviria para tijolos’.

18.3 A marcação de coletivo/pluralidade; nomes contáveis e não-contáveis, elementos nominais pessoais

O coletivo ou pluralidade só se aplica aos **NOMES CONTÁVEIS**. Além da marcação a ser descrita mais adiante, somente nomes contáveis podem ocorrer com os seguintes elementos:

VERBOS NO PLURAL:

-kuai ‘serem’, ***-je'oi*** ‘partirem’ e verbos recíprocos (seção 13.2.4).

Comumente verbos no plural não apresentam concordância com o sujeito gramatical apenas, mas também com participantes que acompanham o sujeito na ação, que produz concordância semântica num sentido cumulativo: ***tuu oje'oi gua'y kuery reve*** ‘o pai partiu (lit., ‘partiram’) com seus filhos’.

NUMERAIS:

peteĩ ‘um’, ***mokoĩ*** ‘dois’, etc., e certos quantificadores não-numéricos: ***peteĩ-teĩ*** ‘cada um’, ***peteĩve*** ‘nenhum’ (seção 18.1.1).

ADVÉRBIOS DE QUANTIDADE DESCREVENDO UM OBJETO DIRETO:

reta ‘muitos(as)’ ocorre principalmente com referentes contáveis: ***guyrapa avende reta*** ‘vendi muitos arcos’;

vaipa ‘muito(a)’ só ocorre com referentes não-contáveis: ***avaxi ame'ẽ vaipa*** ‘dei muito milho’.

A maração de coletivo ou pluralidade em nomes só ocorre com **ELEMENTOS NOMINAIS PESSOAIS**, que designam pessoas, animais domésticos (que se aderem às pessoas) ou animais que são vistos como tendo características de pessoas. Os elementos nominais pessoais incluem certos nomes comuns não-contáveis, nomes próprios, pronomes e sintagmas nominais de outros tipos, especialmente nominalizações.

A marcação de coletivo ou pluralidade ocorre no fim do elemento nominal pessoal. No singular, a marcação de coletivo ou pluralidade não existe (ou é Ø). No plural ou coletiva, a forma da marcação depende de seu “hospedeiro” ser atributivo ou não. Nomes atributivos são nomes cujo significado é estreitamente ligado com um atributo (seção 8.2); predicadores de atributo são descritos na seção 9.4.

COM NOMES ATRIBUTIVOS E PREDICADORES DE ATRIBUTO FLEXIONADOS OCORRE O SUFIXO DO PLURAL **-KUE**[2] ~ **-GUE**[3] (SEÇÃO 19.8.1):

avakue ‘homens’, de nome atributivo ***ava*** ‘homem’,

imbaraetekue ‘os fortes’, do v. i. de atributo ***-mbaraete*** ‘ser forte’.

◊ O sufixo ***-ve*** ‘mais’ ocorre após o sufixo do plural: ***imbaraetekueve*** ‘os mais fortes’.

COM NOMES, PRONOMES OU NOMINALIZAÇÕES PESSOAIS NÃO-ATRIBUTIVOS, OCORRE A PALAVRA PAROXÍTONA **KUERY** ‘COLETIVO’, QUE INDICA UM CONJUNTO MAIS OU MENOS COESO DE PESSOAS OU ANIMAIS:

xeretarã kuery ‘o grupo que consiste dos meus parentes’,
xaryi kuery ‘a vovó e o grupo de pessoas associadas a ela’,
poryko kuery ‘um determinado grupo de porcos’,
nhande kuery ‘o grupo que consiste de nós (os guarani)’,
guarani kuery ‘os guarani’,
apy ovaẽ va'erã kuery ‘os que irão chegar aqui’.

◊ O marcador ***kuery*** ocorre também com nomes que designam pessoas únicas, tais como nomes próprios (***João kuery*** ‘João e as pessoas associadas com ele’ ou ‘o grupo de pessoas das quais João é representativo’) ou em expressões tais como ***ixy kuery*** ‘sua mãe e outras pessoas associadas com ela’ (avó, tia, etc.), como ocorre em japonês também (Nevins et al. 2009:387, nota 46). Com estes elementos, ***kuery*** obviamente não indica o plural simples.

◊ É somente com certos pronomes que este elemento indica o plural simples, referindo a dois ou mais indivíduos: ***ha'e kuery*** ‘eles ou elas’, ***kova'e kuery*** ‘estes(as)’ (seção 5.1). O pronome ***amboae*** ‘o outro’ ocorre com ambos os marcadores, dependendo do idioleto, sem diferença semântica aparente: ***amboaekue*** ‘os outros’, ***amboae kuery*** ‘o grupo que consiste dos outros’.

Com os nomes comuns não-pessoais não há marcação da pluralidade: ***ita*** ‘pedra(s)’, ***oo*** ‘casa(s)’, ***yvyra*** ‘árvore(s)’, ***mboi*** ‘cobra(s)’, etc. Às vezes, isto, que se chama *número geral* (loc. cit.), resulta em ambiguidade quanto ao número. Os seguintes fatores reduzem o problema que isso causaria para o ouvinte:

- Comumente, o ouvinte sabe do contexto se a referência é singular ou plural, como acontece em português

para a distinção entre a 1ª pessoa do plural inclusiva e exclusiva: ***nós***.

- Na referência genérica a distinção entre singular e plural é de pouca consequência: ***yvyra rakã rupi guyra onhemboaity*** ‘os pássaros fazem seus ninhos nos galhos de árvores/o pássaro (genérico) faz seu ninho no galho de árvore’.
- Há meios de assinalar a distinção fora dos marcadores apresentados acima:
  - ◊ *quantificadores:* ***peteĩ yvyra*** ‘uma árvore’, ***heta yvyra*** ‘muitas árvores’;
  - ◊ *verbos cuja raiz indica singular ou plural:* ***yvyra hi'aĩ va'e*** ‘a árvore que estava de pé’, ***yvyra ikuai va'e*** ‘as árvores que existiam’;
  - ◊ *modificadores que aceitam flexão do plural:* ***yvyra porãgue*** ‘árvores bonitas’, ***ita poyikue*** ‘pedras pesadas’ (seção 19.8.1).

Em guarani mbyá, com pouquíssimas exceções, as posposições não aceitam marcação de coletivo/pluralidade; ela ocorre apenas no sintagma nominal: ***ha'e kuery pe*** ‘a eles (elas)’ em vez de ***ixupe kuéra*** como ocorre em avanhe'em (guarani paraguaio) e certos outros dialetos do guarani. Isso indica que em guarani mbyá, expressões tais como ***ixupe*** ‘a ele(ela)’ seriam melhor consideradas como posposições flexionadas em vez de pronomes oblíquos (seção 5.4).

18.4 Onde não há artigo: referências definidas e indefinidas

No sintagma nominal do guarani o falante do português poderá sentir a falta do artigo definido e indefinido. Os artigos, nas línguas que as têm, assinalam uma distinção discursivo-pragmática: a referência definida indica que o referente é acessível, ou seja, o ouvinte deverá poder identificá-lo, enquanto numa referência indefinida só o falante pode identificá-lo, o ouvinte não. Os artigos, pois, assinalam o estado de acessível do referente (veja seção 24.2). Mas o estado de acessível em si não depende do artigo, só no contexto discursivo ou situacional, junto com conhecimentos gerais que o ouvinte deve ter. Assim, dentro do contexto discursivo, um nome tal como ***ava*** ‘homem’ será corretamente interpretado como definido ou indefinido, sem a ocorrência de um artigo. Uma determinada língua não precisa de artigos para a comunicação efetiva; o latim, por exemplo, não os tinha:

- a referência definida *ecce homo* ‘eis o homem’ na Vulgata, João 19.5;
- a referência indefinida *habemos papam* ‘temos um papa’ no aviso tradicional do Sacro Colégio pontífico.

Mesmo que não existam artigos, certos dispositivos linguísticos podem ajudar a assinalar que a referência seja definida ou indefinida. Os determinantes comumente têm este papel (seção 18.1.1).

- Os demonstrativos indicam uma referência definida: ***kova'e ava*** ‘este homem’, ***ha'e va'e ava*** ‘esse homem’.
- Os quantificadores (os numerais e os quantificadores não-numericos) geralmente indicam uma referência indefinida: ***mboapy ita*** ‘três pedras’, ***amboae ava*** ‘outro homem’, ***amogue ava*** ‘algum homem’.
- O sufixo ***–ve*** ‘definido’, contudo, indica uma referência definida mesmo com quantificadores: ***mboapyve ita*** ‘as três pedras’.
- O nominalizador ***va'e*** indica uma referência definida: ***ava va'e*** ‘o homem’ (lit., ‘aquele que é homem’).
- Um nome relacional com um possuidor acessível é acessível também (uma referência definida): ***xero*** ‘minha casa’, ***ava va'e ro*** ‘a casa do homem’.
- Um nome com uma nominalização na qual todos os termos são acessíveis é geralmente acessível também: ***ava xero py ovaẽ va'ekue*** ‘o homem que chegou na minha casa’.

Na ausência de sinais linguísticos, os sintagmas nominais sem determinantes são interpretados como definidos ou indefinidos conforme os conhecimentos gerais e textuais do ouvinte e a preferência que ouvintes dão aos conceitos definidos. Por exemplo:

- Um nome tal como ***kuaray*** ‘sol’, mesmo se não for mencionado anteriormente (se não for um conceito ativo; seção 24.2) é geralmente tido como definido pelo conhecimento geral que os ouvintes têm.
- Um nome tal como ***jaxy-tata*** ‘estrela’ pode ser tido como genérico (‘as estrelas’) de conhecimento geral, a não ser que, no contexto de fala, uma estrela específica já foi ativada (ou estrelas específicas já foram ativadas); neste caso, seria uma referência definida.
- Um nome tal como ***kamixa*** ‘camisa’, quando ocorrer pela primeira vez num texto, deve ser indicado como indefinido através de um dos dispositivos mencionados acima (***peteĩ kamixa*** ‘uma camisa’, ***okamixa*** ‘a própria camisa dele’, etc.). Senão, o referente deve ser identificável (acessível) através do seu papel numa situação já estabelecida. Por exemplo, num texto que fala de um homem andando na floresta se ocorrer a

frase ***yvyra rakã re kamixa ojepo'oi*** ‘a camisa prendeu-se no galho de árvore’, o ouvinte provavelmente irá identificar a camisa como pertencendo ao homem, pois já tinha um papel, mesmo oculto, na situação sendo relatada; seria, então, uma referência definida. Se uma camisa for referida posteriormente, ela será identificada com a camisa original, se for plausível, ou seja, se ela não tiver um indicador ao contrário (***kamixa mboae*** ‘outra camisa’, etc.), se não pertencer a outra pessoa, etc. (seção 24.2).

Nisso, observamos que os artigos não são em nada indispensáveis. Sua função pode ser preenchida, em grande parte, através dos processos normais da referência e identificação, como acontece em muitas línguas.

18.5 Quantificadores como intensificadores

É comum quantificadores (seção 18.1.1) ocorrerem como intensificadores no signtagma nominal: ***ha'e kuery ha'e javi*** ‘eles todos’. Isso é especialmente comum após o elemento ***regua*** ‘tipo ou exemplar’:

ha'e kuery va'e regua heta ‘muitos deles’,
omba'eapo va'e kuery regua peteĩ ‘um dos trabalhadores’,
reme'ẽ va'ekue regua neĩ peteĩve ‘nenhuma das coisas que você deu’.

Como se observa nestes exemplos, ***regua*** não é obrigatório antes de ***ha'e javi*** ‘todos’; quando ***regua*** ocorre como núcleo de sintagma nominal, ele é frequentemente precedido pelo nominalizador ***va'e***, a não ser que ***va'e*** ocorra anteriormente no sintagma (***va'e*** não ocorre mais de uma vez no sintagma).

18.6 Sintagmas nominais descontínuos

O sintagma nominal pode ocorrer em forma descontínuo, geralmente porque as partes têm papeis distintos na estrutura informacional, tais como foco de termo e cauda (seção 24.3; Croft 2001:187s). A oração ***ajou peteĩ ava oo apoa*** ‘achei um homem que é construtor de casas’ pode ser re-estruturada para o verbo ocorrer dentro do sintagma nominal:

peteĩ ava ajou oo apoa ‘um homem achei construtor de casas’,
peteĩ ajou ava oo apoa ‘um achei homem construtor de casas’.

Sintagmas nominais descontínuos parecem obedecer a mesma restrição que os modificadores não-restritivos: deve ser possível interpretar cada parte como se fosse um sintagma nominal. Não seria possível, por exemplo, dividir um sintagma tal como ***tekoa porã*** ‘aldeia bonita’, pois o adjetivo ***porã*** sozinho não pode ser interpretado como um sintagma nominal. Isso abre a possibilidade das duas partes de um sintagma nominal descontínuo serem sintagmas nominais separados, talvez com a segunda parte sendo um apositivo ou um predicativo nominal com sujeito oculto (seções 9.4): ***peteĩ ava ajou oo apoa*** ‘achei um homem, um construtor de casas’ ou ‘achei um homem, que era construtor de casas’.

19 A nominalização; nomes deverbais

Como nas outras línguas tupi-guarani (C. Jensen 1998a, seção 9), em guarani mbyá a nominalização é um processo altamente produtivo, com muitas formas de realização. As variantes e outros detalhes referentes aos nominalizadores são descritos no léxico, na parte guarani-português.

- A nominalização pode ocorrer em vários níveis:
  - ◊ radical verbal (seções 19.1, 0, 19.4, 19.6),
  - ◊ palavra verbal (seção 19.9),
  - ◊ termo adverbial (seção 19.7),
  - ◊ oração inteira (seções 19.2, 19.5, 19.10).
- Os nomes que são derivados de radicais verbais, com morfema derivacional ou não, são chamados de **NOMES DEVERBAIS**. Eles são de cinco tipos:
  - ◊ **NOMES DEVERBAIS INTRANSITIVOS SIMPLES** (seção 19.1),
  - ◊ **NOMES DEVERBAIS INTRANSITIVOS SUFIXADOS** (seção 0),
  - ◊ **NOMES DEVERBAIS DE AGENTE** (seção 19.4),
  - ◊ **NOMES DEVERBAIS RELACIONAIS DE PACIENTE** (seção 19.6).
  - ◊ **NOMES DEVERBAIS NÃO-RELACIONAIS DE PACIENTE** (seção 19.9).

Os radicais verbais que geram nomes deverbais são da predicação relacional de evento/atividade (veja Figura 22 e seção 10.2.1).

19.1 Nomes deverbais intransitivos simples

Nesta derivação, um radical v. i. de evento/atividade (Figura 22 e seção 10.2.1) é emprestado para ocorrer

em função referencial, produzindo um **NOME DEVERBAL INTRANSITIVO SIMPLES**. Os nomes deverbais intransitivos simples muitas vezes designam um objeto, evento/atividade ou estado resultante.

DESIGNANDO UM OBJETO:

jegua 'enfeite', de ***-jegua*** 'adornar-se' (flexão ***a-***)
nhemboarai 'brinquedo' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-nhemboarai*** 'brincar' (flexão ***a-***)
voyi 'carga', de ***-voyi*** 'ir carregado' (flexão ***a-***)

DESIGNANDO UM EVENTO/ATIVIDADE:

jeroky 'dança' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-jeroky*** 'dançar' (flexão ***a-***)
-karu ~ ngaru 'refeição' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-karu*** 'comer' (flexão ***a-***)
-ke ~ nge 'sono', de ***-ke*** 'dormir' (flexão ***a-***)
nhemboaty 'reunião' (apenas consta na forma não-relacional), de ***–nhemboaty*** 'reunir-se' (flexão ***a-***)
nhemongarai 'batismo' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-nhemongarai*** 'batizar-se' (flexão ***a-***)

DESIGNANDO UM ESTADO RESULTANTE OU OUTRO RESULTADO:

mboraei 'canção' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-poraei*** 'cantar' (flexão ***a-***)
ngyje 'medo' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-kyje*** 'ter medo' (flexão ***a-***)
nhemondyi 'susto' (apenas consta na forma não-relacional), de ***-nhemondyi*** 'assustar-se' (flexão ***a-***)
nhe'ẽ 'som' , de ***-nhe'ẽ*** 'emitir som' (flexão ***a-***)
-porayvu ~ mborayvu 'amor pelas pessoas', de ***-porayvu*** 'amar as pessoas' (flexão ***xe-***)
vy'a 'alegria, contentamento', de ***–vy'a*** 'estar alegre, contente' (flexão ***a-***)

Em certos casos, o nome aceita flexão de posse (***xeke*** 'meu sono'); comumente, ele ocorre na forma não-relacional (Figura 7). Com radicais que começam com *k* ou *p* em ambiente oral, a forma não-relacional é formada pela sonorização da consoante inicial, o que segue a regra para certos outros radicais nominais (seção 5.4).

Quase todos dos radicais v. i. citados acima são da flexão ***a-***. Há muitos exemplos de formas nominais associados com radicais v. i. da flexão ***xe-***:

ate'ỹ 'preguiça' (apenas consta na forma não-relacional), de ***–ate'ỹ*** 'ter preguiça' (flexão ***xe-***)
mby'a guaxu 'coragem' (apenas consta na forma não-relacional), de ***–py'a guaxu*** 'ter coragem' (flexão ***xe-***)
mby'a porã 'consolo' (apenas consta na forma não-relacional), de ***–py'a porã*** 'ter consolo' (flexão ***xe-***)
mby'a tyty 'palpitação do coração' (apenas consta na forma não-relacional), de ***–py'a tyty*** 'ter palpitação do coração' (flexão ***xe-***)
toryai 'divertimento' (apenas consta na forma não-relacional), de ***–oryai*** 'alegrar-se' (flexão ***xe-*** + ***r-***)

Contudo, existe outra maneira de dar conta dessas formas nominais, pois em cada caso acima o v. i. da flexão ***xe-*** é uma predicação nominal de posse, que por sua vez provém de um nome relacional (seção 9.5.1); este nome relacional, na sua forma não-relacional (Figura 7), daria as formas citadas acima. Comumente nestes casos, a forma não-relacional é a única que ocorre em função referencial, pois as formas relacionais referenciais teriam pouca utilidade na língua e seriam homófonas com a v. i. As duas maneiras de dar conta da forma não-relacional são "análises múltiplas" (seção 9.7.2).

A analise proposta aqui é a do empréstimo do radical verbal para ocorrer em função referencial. Outra análise seria simplesmente considerar que o radical tem duas funções sintáticas paralelas, a predicativa e a referencial, sem derivação deverbal. Contudo, existem vários exemplos de nomes que contêm elementos derivacionais verbais: ***nhemboaty*** 'reunião' e ***nhemondyi*** 'susto' contêm os prefixos derivacionais verbais ***je-*** ~ ***nhe-*** 'reflexivo' (seção 13.2.1) e ***mbo-*** ~ ***mo-*** 'causativo' (seção 13.2.5.1), indicando sua "história" como um radical verbal. Além disso, todos os radicais, na sua semântica, designam um evento ou atividade. A análise deverbal, portanto, é indicada. Veja, na seção 8.2, uma análise com a mesma conclusão, do ponto de vista de um modelo gramatical baseado no uso da linguagem.

19.2 O sufixo *–a*[1] nominalizador de orações

Através deste sufixo a oração toda é nominalizada, não apenas o predicador, pois ela pode conter vários argumentos e adjuntos. O sufixo, porém, ocorre no predicador, que por sua vez ocorre em posição final na oração. O nome resultante designa a ação verbal ou uma circunstância (lugar, tempo ou termo oblíquo); ele não é relacional. O nominalizador comumente aceita flexão de aspecto (***-ty*** 'repetidas vezes') e de tempo (***-gue***[2] 'passado', ***-rã*** 'futuro'; seção 18.2).

designando a ação verbal: ***aikuaa ma kamixa xeru ojoguaague*** ‘já sei que meu pai comprou uma camisa’ (com a flexão ***-gue***^{2} ‘passado’);
designando o lugar: ***aa ta kamixa xeru ojoguaague py*** ‘vou ao lugar onde meu pai comprou uma camisa’;
designando o tempo: ***kamixa xeru ojoguaague ára*** ‘o dia quando meu pai comprou uma camisa’;
designando um termo oblíquo: ***kamixa re xeru onhemondea*** ‘a camisa com a qual meu pai se veste’.

O predicador da oração não precisa ser verbal, mas pode ser descritivo de atributo (seção 9.4) ou nominal de evento (seção 9.5.1) ou de posse (seção 0):
predicação de atributo: ***ha'eveague ara*** ‘dia quando der certo’;
predicação nominal de evento: ***iporayvua ma ára pyau py okyague rami*** ‘sua bondade é como quando chove na primavera’;
predicação nominal de posse: ***oreru tuja'i ma vy ta'yague*** ‘o que nosso pai gerou quando já velhinho’.

19.3 O sufixo *–a*^{1} nominalizador de radicais v. i. de evento/atividade; nomes deverbais intransitivos sufixados

O mesmo sufixo ***–a***^{1} deriva um **NOME DEVERBAL INTRANSITIVO SUFIXADO** de um radical v. i. de evento/atividade (veja Figura 22 e seção 10.2.1). Comumente o nome resultante ocorre em forma não-relacional (Figura 7), mas, assim como o infinitivo pessoal em português, às vezes ele aceita flexão de posse (flexão ***xe-***). Raramente, ele aceita flexão de aspecto (***-ty*** ‘repetidas vezes’) e de tempo (***-gue***^{2} ‘passado’, ***-rã*** ‘futuro’; seção 18.2).

Na semântica, o nome resultante designa principalmente uma experiência ou sensação da ação verbal ou, mais raramente, uma circunstância dela (tempo, lugar ou termo oblíquo). Outro categoria semântica, a medida, pode ser vista como um subtipo de experiência ou sensação. Portanto, os nomes deverbais intransitivos sufixados apresentam as mesmas dimensões semânticas que uma oração nominalizada através do mesmo sufixo ***–a***^{1} (seção 19.2). Devida estas dimensões múltiplas deste tipo de derivação, a polissemia é comum. Na lista em baixo, as formas com hífen ocorrem com flexão de posse nos dados disponíveis:

DESIGNANDO UMA EXPERIÊNCIA OU SENSAÇÃO DA AÇÃO VERBAL:
-jexavaia ‘uma experiência de sofrimento’, de ***-jexavai*** ‘sofrer’ (flexão ***a-***),
kueraia ‘uma experiência de aborrecimento’, de ***-kuerai*** ‘ficar aborrecido’ (flexão ***xe-***),
kuerai e'ỹa ‘uma experiência de paciência, garra’, de ***-kuerai e'ỹ*** ‘ter paciência, garra’ (flexão ***xe-***),
manoa ‘uma experiência de morte’, de ***-mano*** ‘morrer’ (flexão ***a-***),
-porayvua ‘uma experiência de amor pelas pessoas’, de ***-porayvu*** ‘amar as pessoas’ (flexão ***xe-***),
poraeia ‘o cantar’ (lit., ‘uma experiência de cantar’), de ***-poraei*** ‘cantar’ (flexão ***a-***),
poriaua ‘uma experiência de tristeza’, de ***-poriau*** ‘estar triste’ (flexão ***xe-***),
poxya ‘uma demonstração de brabeza’, de ***- poxy*** ‘estar bravo’ (flexão ***xe-***),
vy'aa ‘uma sensação de alegria’, de ***-vy'a*** ‘estar alegre’ (flexão ***a-***).

DESIGNANDO O TEMPO:
ma'etỹa ‘ano’ (lit., ‘tempo de plantar’), de ***-ma'etỹ*** ‘plantar algo’ (flexão ***a-***).

DESIGNANDO O LUGAR:
guapya ‘assento’ (lit., ‘lugar de se sentar’), de ***-guapy*** ‘sentar-se’ (flexão ***a-***),
kambua ‘seio, mamadeira’ (lit., ‘lugar de mamar’), de ***-kambu*** ‘mamar’ (flexão ***a-***),
karua ‘lugar de comer’, de ***-karu*** ‘comer’ (flexão ***a-***),
manoa ‘um lugar de morte’, de ***-mano*** ‘morrer’ (flexão ***a-***),
pyrõa ‘piso’ (lit., ‘lugar de pisar’), de ***-pyrõ*** ‘pisar’ (flexão ***a-***),
vy'aa ‘baile’ (lit., ‘lugar de se alegrar’), de ***-vy'a*** ‘estar alegre’ (flexão ***a-***).

DESIGNANDO UM TERMO OBLÍQUO (INSTRUMENTO):
nheovãa ‘cobertor’, de ***-nheovã*** ‘embrulhar-se’ (flexão ***a-***).

DESIGNANDO UMA MEDIDA:
-po guaxua ‘grossura’, de ***-po guaxu*** ‘ser grosso’ (flexão ***xe-***),
-poyia ‘peso’, de ***-poyi*** ‘ser pesado’ (flexão ***xe-***),
-puku-a ‘comprimento’, de ***-puku*** ‘ser comprido’ (flexão ***xe-***),
-pya ‘largura’, de ***-py*** ‘ser largo’ (flexão ***xe-***),
-py puku-a ‘profundeza’, de ***-py puku*** ‘ser profundo’ (flexão ***xe-***).

Certos radicais v. i. sofrem derivação deverbal tanto simples quanto sufixado:

nomes deverbais intransitivos simples	nomes deverbais intransitivos sufixados
-karu **~** ***ngaru*** ‘refeição’	***karua*** ‘lugar de comer’
-porayvu **~** ***mborayvu*** ‘amor pelas pessoas’	***-porayvua*** ‘uma experiência de amor pelas pessoas’
mboraei ‘uma canção’	***poraeia*** ‘um ato de cantar’
vy'a ‘alegria, contentamento’	***vy'aa*** ‘uma sensação de alegria; baile’

Figura 35: Nomes deverbais intransitivos simples e sufixados do mesmo radical verbal

Os nomes deverbais intransitivos sufixados, quando designam uma experiência ou sensação da ação verbal, têm a semântica dos chamados “nominais de processo” (Nunes 1993:376-79). Em geral, eles são mais dinâmicos que os nomes deverbais intransitivos simples, que tendem a ser “nominais de resultado” (loc. cit.), o que observamos comparando as duas colunas da Figura 35.

19.4 O sufixo *–a*^{4} nominalizador de radicais v. t. diretos; nomes deverbais agentivos

O sufixo ***–a***^{4} combina com um radical v. t. direto (da predicação de evento/atividade) para derivar um nome da classe ***Ø*** ou ***r-***, conforme o tipo flexional do radical verbal. O nome resultante, um **NOME DEVERBAL AGENTIVO**, é correferencial com o sujeito gramatical (agente ou instrumento) do v. t. direto; ele comumente aceita flexão de tempo (***-re*** ‘passado’, ***-rã*** ‘futuro’) e de aspecto (***-ty*** ‘repetidas vezes’; seção 18.2).

Quase sempre o nome deverbal agentivo é relacional e seu “possuidor” corresponde ao objeto direto (paciente) do v. t. direto. Como outros possuidores no sintagma nominal (seção 18.1.2), este também pode ser um sintagma nominal ou um prefixo de flexão de pessoa. O possuidor pode também ser um elemento pronominal derivacional do tipo que ocorre em radicais v. t. diretos (***je-*** **~** ***nhe-*** ‘reflexivo’, ***jo-*** **~** ***nho-*** ‘alheio’; seções 13.2.1 e 13.2.4):

COM POSSUIDOR PACIENTE QUE É UM SINTAGMA NOMINAL:

mymba kuery rerekoarã ‘aquele que cuidará dos animais’, do v. t. direto ***-ereko*** ‘cuidar de’;
imonda va'e rarõare ‘aquele que esperou o ladrão’, do v. t. direto ***–arõ*** ‘esperar’;
typeia ‘vassoura’ (lit., ‘varredor de cisco’), do nome não`relacional ***ty***^{4} ‘cisco’ e v. t. direto ***-pei*** ‘varrer’;
Neste exemplo, o sujeito do v. t. direto é um **INSTRUMENTO** (não-volicional, sem volição) em vez de **AGENTE** (volicional, com volição).

COM POSSUIDOR PACIENTE QUE É FLEXÃO DE PESSOA:

xembo'ea ‘quem me ensina’, do v. t. direto ***–mbo'e*** ‘ensinar’;
ndereruare ‘quem trouxe você’, do v. t. direto ***-eru*** ‘trazer’.

COM POSSUIDOR PACIENTE QUE É UM PRONOME DERIVACIONAL:

jepejua ‘ventarola’ (lit., ‘o que sopra em si’), do v. t. direto ***-peju*** ‘soprar em’;
jopyaty ‘quem sempre pega pessoas’, do v. t. direto ***-py*** ‘pegar em’.

Às vezes, contudo, o nome deverbal agentivo ocorre sem possuidor indicado nem por flexão. Nestas circunstâncias, o sentido semântico do nome é de um instrumento:

juraa ‘laço’, do v. t. direto ***-jura*** ‘enlaçar, prender’;
mondea ‘pano para carregar nenê’, do v. t. direto ***-monde*** ‘vestir’;
pyvua ‘instrumento para misturar líquidos’, do v. t. direto ***-pyvu*** ‘misturar (líquido, etc.)’.

Um instrumento é semelhante a um agente em poder efetuar uma ação; os dois podem desempenhar o mesmo papel morfossintático numa construção, como em português:

este homem (agente) *matou o menino*,
este revólver (instrumento) *matou o menino*.

19.5 O enclítico *aguã* nominalizador de orações

Este elemento ocorre com frequência maior como conjunção subordinativa de propósito (seção 0), mas ele ocorre também como nominalizador. Nos termos mais gerais, ele é um subordinador da modalidade manipulativa ou potencial (seção 11). O nome resultante designa a ação (como os complementizadores da seção 22.1) ou uma circunstância (lugar, tempo) futura ou potencial. Ele não é relacional e não aceita flexão.

como complementizador (nominalizador da ação): ***ndaikuaai anhombo'e aguã*** ‘não sei ensinar’, ***narõi ereju aguã*** ‘eu não esperava que você viesse’.

como nominalizador de circunstância: ***oo ouga aguã py*** ‘foi para onde iria jogar’, ***ouga aguã ára*** ‘o dia quando iria jogar’.

Para maiores detalhes sobre ***aguã*** como complementizador, veja seções 22.2 e 22.5.2.

19.6 O prefixo *embi- ~ emi-* nominalizador de radicais v. t. diretos; nomes deverbais relacionais de paciente

O prefixo ***embi- ~ emi-*** combina com um radical v. t. direto (da predicação de evento/atividade) para formar um **NOME DEVERBAL RELACIONAL DE PACIENTE**, que é correferencial com o objeto direto (paciente) do v. t. direto. O nome deverbal relacional de paciente, da classe ***r-***, aceita “possuidores” como ocorre em outros sintagmas nominais (seção 18.1.2) ou, na forma não-relacional, ele tem o prefixo ***t-*** (Figura 7). O possuidor é correferencial com o sujeito (agente) do v. t. direto:

COM POSSUIDOR AGENTE QUE É UM SINTAGMA NOMINAL:

poryko kuery rembi'urã ‘o que será comida pelos porcos’, do v. t. direto ***-'u*** ‘comer’;
nhande kuery rembiapo ‘o feitio da nossa gente’, do v. t. direto ***-apo*** ‘fazer’.

COM POSSUIDOR AGENTE QUE É FLEXÃO DE PESSOA:

xerembiapo ‘aquilo que faço’, do v. t. direto ***-apo*** ‘fazer’;
nerembiayu ‘aquele que é predileto de você’, do v. t. direto ***-ayvu*** ‘amar’.

SEM POSSUIDOR, NA FORMA NÃO-RELACIONAL:

tembiguai ‘servo, empregado’, do v. t. direto ***–kuai²~ -guai*** ‘mandar’;
tembiporu ‘instrumento (arma, utensílio)’, do v. t. direto ***-poru*** ‘utilizar’.

O nome deverbal aceita flexão de tempo (***-kue²*** ***~ -gue³*** ‘passado’, ***-rã*** ‘futuro’; seção 18.2): ***hembiapokue*** ‘aquilo que ele fez’, ***nhoembi'urã*** ‘o que será comida por outras pessoas’.

Os nomes deverbais relacionais de paciente são os únicos assinalados por um prefixo. Esse prefixo ocorre na posição de objeto direto (paciente) no radical v. t. direto.

19.7 O enclítico *-gua¹* nominalizador de termos adverbiais

Este enclítico nominaliza termos adverbiais, inclusive termos oblíquos e orações subordinadas. O nome resultante designa um referente associado com o termo. Ele não é relacional e aceita flexão de tempo (***-re*** ‘passado’, ***-rã*** ‘futuro’; seção 18.2).

COM TERMOS OBLÍQUOS:

kuegua ‘algo que pertencia a ontém ou a outra ocasião anterior’,
tetã pygua ‘habitante da cidade’,
mombyry guigua ‘alguém que vem de longe’.

COM ORAÇÕES SUBORDINADAS:

xekyrĩ javegua ‘algo que aconteceu quando eu era jovem’ ou ‘alguém da época da minha mocidade’,
ko'ẽ ramo guarã ‘algo que é para amanhã’ (lit., ‘para o amanhecer’).

Certas formas derivadas desta maneira têm uma função de determinante além da função referencial:
kuegua jaxy ‘o mês passado’,
kuevegua semana ‘a semana retrasada’.

19.8 O sufixo *–kue² ~ -gue³* redutor de dinamismo de radicais

Este sufixo ocorre com uma variedade de tipos de radicais. Em cada caso, ele reduz o dinamismo do radical (veja Figura 22 e seção 10.3):

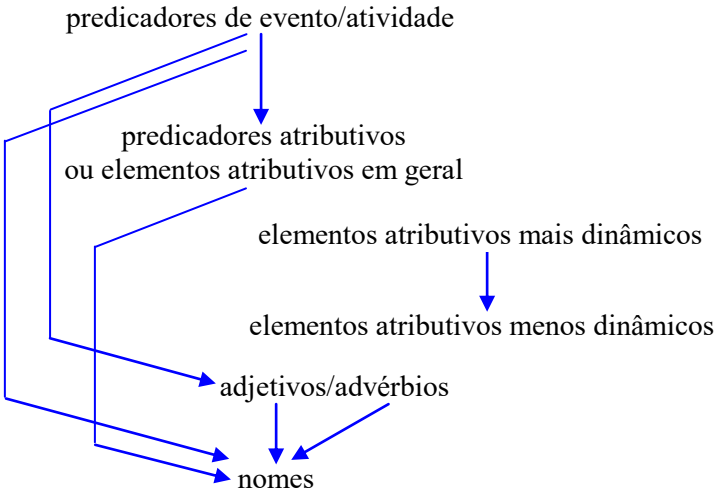

Figura 36: A redução de dinamismo efetuada pelo sufixo *-kue*^{2} ~ *-gue*^{3}

Em detalhe, os resultados do sufixo são os seguintes (a pluralização nominal, descrita na seção 19.8.1, reduz o dinamismo também, mas de uma maneira menos óbvia):

DE UM V. I. FLEXIONADO DE EVENTO/ATIVIDADE (DA FLEXÃO **A-**), ELE DERIVA UM NOME NÃO-RELACIONAL, ABSTRATO QUE SOFREU A AÇÃO VERBAL:

O efeito semântico é quase idêntico do nominalizador ***va'ekue***, mas os exemplos são poucos e infrequentes no uso:

omanogue 'o que morreu', de ***-mano*** 'morrer';
oxorokue 'o que rasgou-se', de ***-xoro*** 'rasgar-se';
okanhygue 'o que sumiu', de ***-kanhy*** 'sumir'.

DE UM RADICAL V. I. DE EVENTO/ATIVIDADE (DA FLEXÃO **A-**), ELE DERIVA UM ADJETIVO SEMELHANTE AO PARTICÍPIO:

A semântico do particípio tem a ver com um resultado de uma ação no passado (seção 18.2):
xo'o jykue 'carne cozida', do v. i. ***-jy*** 'cozinhar-se';
mburika'i kanhygue 'o burro sumido', do v. i. ***-kanhy*** 'sumir';
kamby kekue 'leite coalhado ou azedo', do v. i. ***-ke*** 'azedar-se';
ipy xogue 'tem falta de pé', do v. i. ***-xo*** 'arrebentar-se'.

Nestes exemplos e nos da categoria anterior se nota um traço do tempo passado. Isto levanta a questão se o sufixo ***–kue***^{2} ~ ***-gue***^{3} 'redutor de dinamismo' é distinto do sufixo ***–kue***^{1} ~ ***-gue***^{2} 'passado'. Esta questão fica em aberto.

DE UM MODIFICADOR OU PREDICADOR DE ATRIBUTO MAIS DINÂMICO, ELE DERIVA UM MODIFICADOR OU PREDICADOR DE ATRIBUTO MENOS DINÂMICO (OS PREDICADORES SÃO DA FLEXÃO **XE-**):

yvyra vaikue 'árvore feia', ***xevaikue*** 'sou feio', de ***-vai*** 'mau', 'estar irritado';
vaka aingaikue 'vaca magra', ***xeaingaikue*** 'sou magro', de ***-angai*** '(estar) magro';
yvyra rogue pirukue 'folhas de árvore ressecadas', ***xepirukue'i*** 'sou definhado', de ***-piru*** '(estar) seco';
kunumi poriaukue'i 'moço pobrezinho', ***xeporiaukue*** 'sou pobre', de ***-poriau*** 'estar triste';
mburika re'õgue 'cadáver de burro' (lit., 'burro amolecido'), ***xere'õgue*** 'sou fraco', de ***-e'õ*** '(estar) mole'.

DE UM PREDICADOR DE ATRIBUTO, ELE DERIVA UM NOME NÃO-RELACIONAL:

ajukue 'tecido (originalmente, de algodão)' (lit., 'produtos maduros'), de ***-aju*** 'estar maduro';
ka'arukue 'a parte da tarde', de ***ka'aru*** 'ser tarde';
tuvixakue 'grandeza', de ***tuvixa*** 'ser grande'.

Este sufixo ocorre também em certas expressões fixas que contêm um v. i. de evento/atividade da flexão ***a-*** (mas com uma associação estreita com um atributo) e a posposição ***py*** 'em':

omotare'ỹ-e'ỹkue py 'sem ódio ou hostilidade', de ***-motare'ỹ*** 'ser hostil a alguém';
ndojeayvuveikue py, ojeayvukue py e'ỹ, ojeayvu ve'ỹkue py 'sem mais medo de ariscar a vida', de ***-jeayvu***

'temer pela própria vida'.

DE UM ADJETIVO OU UM TERMO ADVERBIAL DE CONFIGURAÇÃO OU EXTENSÃO ESPACIAL OU TEMPORAL, OU AINDA DE PESO, ELE DERIVA UM NOME NÃO-RELACIONAL, ABSTRATO:

- De adjetivos:

ára pukukue re 'durante o dia todo', de ***-puku*** 'comprido';
poyikue 'peso', de ***-poyi*** 'pesado'.

- De termos adverbiais:

aje'ivekue 'a parte da manhã', de ***aje'ive*** 'cedo';
mesa árykue 'a superfície da mesa', de ***mesa áry*** 'em cima da mesa';
tekoa yvýrykue 'a área que fica perto da aldeia', de ***tekoa yvýry*** 'perto da aldeia'.

DE UM QUANTIFICADOR, ELE DERIVA UM TERMO ADVERBIAL OU NOME QUE INDICA UMA QUANTIDADE DE VEZES:

Não é certo se a forma resultante é um termo adverbial ou um nome que comumente, ou sempre, ocorre em função de termo adverbial, como faz a expressão ***uma vez*** em português.
mboapykue 'três vezes', do numeral ***mboapy*** 'três';
mbovykue 'quantas vezes', do quantificador não-numérico ***mbovy*** 'quantos';
hetakue 'muitas vezes', do quantificador não-numérico ***heta*** 'muitos'.

19.8.1 Este sufixo na flexão do plural

O sufixo ***–kue²*** ~ ***-gue³*** funciona também como um sufixo ou enclítico de flexão do plural (seção 18.3). Seu "hospedeiro" é sempre um elemento atributivo, ou seja, um nome, predicador ou adjetivo que designa um atributo (seção 8.2).[95] O resultado do processo é um sintagma nominal não-relacional no plural.

(a) nome + *-kue* = nome no plural
(b) predicador atributivo flexionado + *-kue* = nome não-relacional no plural
(c) nome + adjetivo + *-kue* = nome modificado não-relacional no plural

Figura 37: O sufixo *–kue²* ~ *-gue³* na flexão do plural

(A) COM NOMES PESSOAIS ATRIBUTIVOS (SEÇÃO 8.2):

Os nomes que aceitam esta flexão são nomes pessoais atributivos. Nos dados disponíveis, todos os nomes pessoais atributivos são não-relacionais e todos ocorrem em função adjetiva: ***uru ava*** 'galo' (lit., 'galinha masculina'), ***karai kunha*** 'líder religioso feminino', etc.

avakue 'homens', de ***ava*** 'homem, masculino';
kunhague 'mulheres', de ***kunha*** 'mulher';
kunhataĩgue 'moças', de ***kunhataĩ*** 'moça';
kunumigue 'moços', de ***kunumi*** 'moço';
kunhataĩgue 'moças', de ***kunhataĩ*** 'moça'.

Para certos falantes, existe um pronome que participa nesta derivação:

amboaekue 'os outros', de ***amboae*** 'um outro'.

(B) COM PREDICADORES DE ATRIBUTO FLEXIONADOS:

Os exemplos seguintes são predicadores de atributo da flexão ***xe-*** (seção 9.4) (certos deles têm flexão Ø na 3ª pessoa):

ikangykue '(pessoas ou coisas) fracas', de ***-kangy*** 'ser fraco';
kyrĩgue 'crianças', de ***kyrĩ*** 'ser pequeno' (flexão Ø na 3ª pessoa);
imbaraetekue '(pessoas ou coisas) fortes', de ***-mbaraete*** 'ser forte';
iporãgue '(coisas) bonitas', de ***-porã*** 'ser bonito';

---

[95] Nem todos os nomes que ocorrem em função adjetiva designam um atributo: em ***jaxy-tata*** 'estrela' (lit., 'lua fogo') ***teju-jagua*** 'iguano, dragão' (lit., 'lagarto onça'), os elementos sublinhados são adjetivos que, pelo menos na sua função referencial, não comunicam um atributo e não aceitam a flexão ***–kue²*** ~ ***-gue³*** (seção 15.1.4). Nem todo elemento que designa um atributo e aceita a flexão ***–kue²*** ~ ***-gue³*** ocorre em função adjetiva: o v. i. de atributo ***tuvixa*** 'ser grande' não ocorre como adjetivo mas aceita a flexão: ***tuvixakue*** 'os grandes'.

ipyaukue ‘(pessoas ou coisas) novas’, de ***-pyau*** ‘ser novo’;
tuvixakue ‘(pessoas ou coisas) grandes’, de ***tuvixa*** ‘ser grande’ (flexão Ø na 3ª pessoa);
yvatekue ‘(pessoas ou coisas) altas’, de ***yvate*** ‘ser alto’ (flexão Ø na 3ª pessoa).

O mesmo processo derivacional ocorre com certos v. i. de evento/atividade da flexao ***a-*** (seção 9.2) que são associados com um atributo:
ojeroviakue ‘valentes’, de ***-jerovia*** ‘ser valente’.

O v. i. de evento/atividade pode ser um radical verbal posposto (seção 12.1.2):
ikuai kuaakue ‘pessoas sabidas’, de ***-kuaa*** ‘saber’.

A flexão prefixal de pessoa que consta nestes exemplos é da 3ª pessoa. Ela não é flexão de posse, pois o nome é não-relacional (6.3.1), visto que oncorre também com certos verbos da flexão ***a-***; nem é de flexão adjetiva, que não existe na língua. A única possibilidade que resta é flexão de pessoa predicativa; isto indica derivação de predicador flexionado e não apenas do radical.

(C1) COM SINTAGMAS NOMINAIS QUE CONTÊM UM MODIFICADOR ATRIBUTIVO:

Os sintagmas nominais podem ser relacionais ou não.
mba'emo porãgue ‘coisas bonitas’, de ***porã*** ‘bonito’;
ita porãgueve ‘pedras mais bonitas’, de ***porã*** ‘bonito’;[96]
yvyra rogue porãgue ‘folhas bonitas de árvores’, de ***porã*** ‘bonito’;
mymba kyrĩgueve ‘animais menores’, de ***kyrĩ*** ‘pequeno’;
yvyra ja'eakue ‘árvores impressionantes’, de ***ja'ea*** ‘impressionante’;
mba'ety kora yvatekue ‘cercas altas de roças’, de ***yvate*** ‘alto’.

Estes sintagmas nominais não envolvem a predicação. Assim, mesmo que existam radicais (***porã, kyrĩ, yvate***) que ocorrem tanto em (b) quanto em (c1), não parece possível unir os dois casos.

(C2) COM PREDICADORES NOMINAIS DE POSSE QUE CONTÊM UM MODIFICADOR ATRIBUTIVO:

Com vários destes predicadores nominais de posse (seção 9.5.1), seus radicais são nomes compostos (nome + adjetivo; seção 15.1.4). Certos dos adjetivos não ocorrem em função predicativa.
peneakã ratãgue ‘você que têm cabeça dura’, de ***–atã*** ‘duro’;
ipy'a guaxukue ‘pessoas corajosas’ (lit., ‘quem têm fígado grande’), de ***guaxu*** ‘grande’;
ipy'a guaxukueve ‘pessoas mais corajosas’ (o sufixo ***-ve*** ‘mais’ segue a flexão do plural).

Como no caso (b), essa flexão não é de posse, nem é flexão adjetiva, que não existe; ela só pode ser predicativa.

Dos exemplos da presente seção 19.8.1, os de (b) e (c2) claramente apresentam uma redução de dinamismo, derivando nomes a partir de adjetivos e predicadores, respetivamente. Não é tão óbvio como a mera pluralização de nomes em (a) e (c1) reduz o dinamismo. Contudo, uma vez pluralizados, os nomes em (a) não podem mais ocorrer em função atributiva, como no singular. Semelhantemente em (c1), os modificadores atributivos que podem ocorrer em função predicativa sem o sufixo (os que pertencem à classe-ponte dos predicadores-adjetivos; seção 8.2) não podem mais ocorrer em função predicativa depois de sufixados. Nestes dois casos, a pluralização elimina a possibilidade do elemento voltar para ocorrer com dinamismo maior, como ele podia fazer antes de sufixado.[97]

19.9 O sufixo *-py*^{1} ~ *-mby* nominalizador de v. t. da 3ª pessoa; nomes deverbais não-relacionais de paciente

A derivação começa com v. t., seja de objeto direto ou indireto (seção 9.1) e deriva um **NOME DEVERBAL NÃO-RELACIONAL DE PACIENTE**, que designa o objeto. O v. t. nominalizado retém sua flexão de sujeito da 3ª pessoa (e a flexão do objeto direto, se tiver), mas o sujeito/agente não é referido, como acontece também com a voz impessoal (seção 13.2.3). O nome não aceita posse:

---

[96] Os radicais que designam atributos gradativos (‘bom’, ‘alto’, etc.) aceitam o sufixo ***–ve*** ‘mais’, que ocorre após ***-kue***^{2} ~ ***-gue***^{3}. Já os radicais que designam atributos de categoria fixa (‘masculino’, ‘feminino’) não aceitam ***–ve***.

[97] Semelhantemente, Wierzbicka (1986:365) observa que é mais fácil adjetivos ocorrerem em função referencial uma vez que são pluralizados.

COM V. T. DIRETOS:
ojou vaipy ‘o que é desprezado’,
oexapy ‘o que é visto’,
avaxi onhotỹ mbyrã ‘milho a ser plantado’.

COM V. T. INDIRETOS:
ijayvu porãmby ‘pessoa bendita’,
ijayvu vaipy ou ***inhe'ẽ vaipy*** ‘pessoa amaldiçoada’,
ima'endu'a porãmby ‘pessoa altamente estimada’,
ojeroviapy ‘pessoa de confiança’,
opoi pyre ‘pessoa abandonada’,
openamby ‘alguma coisa ou pessoa sendo cuidada’.

O dinamismo do v. t. varia de médio a alto. Mesmo os v. t. indiretos podem ser analisados como sendo de evento/atividade.

Sendo que este tipo de sufixação ocorre com todo verbo transitivo, ele pode servir como diagnóstico de verbos dessa categoria. Ele não ocorre com v. i. de atributo com complementos (seção 9.4).

19.10 O enclítico *va'e* nominalizador de oração relacional; a nominalização absolutiva

Este tipo de nominalização começa com uma oração de predicação relacional (que tem um sujeito; Figura 22). O nome resultante, a **NOMINALIZAÇÃO ABSOLUTIVA**, designa, por padrão, o sujeito de v. i. (ou de v. t. indireto) ou o objeto de v. t. direto (veja os exemplos abaixo), ou seja, o argumento “absolutivo” (seção 7.2.2). Para se designar outros argumentos com este nominalizador, é necessário ocorrer elementos morfológicos adicionais.

O nominalizador pode ter sufixos de aspecto (***-ty*** ‘repetidas vezes’) e de tempo (***-gue***^{2} ‘passado’, ***-rã*** ‘futuro’; seção 18.2).[98] Parece que ele pode ocorrer apenas uma vez por sintagma nominal.

Uma nominalização absolutiva pode ocorrer como núcleo de sintagma nominal em função referencial ou como modificador (geralmente) após o nome nuclear (Figura 34 e seção 18.1.3).

COM UMA ORAÇÃO COM V. I. OU V. T. INDIRETO, O NOME RESULTANTE DESIGNA O SUJEITO:
orekuai va'e ‘nós que estamos (aqui)’,
kyrĩ va'e ‘criança’ (lit., ‘o que é pequeno’),
popo xiĩ va'e ‘borboleta que é branca’,
oo re opena va'e ‘aquele que está cuidando da casa’.

COM UMA ORAÇÃO COM V. T. DIRETO COM OBJETO DIRETO SEM IDENTIFICAÇÃO POSITIVA, O NOME RESULTANTE DESIGNA O OBJETO DIRETO:
oro'u va'e ‘o que comemos’,
aipota va'e ‘o que eu quero’.

Na função de modificador de nome, como no exemplo acima ***popo xiĩ va'e*** ‘borboleta (o) que é branca’, a nominalização tem a função de oração relativa ou oração subordinada adjetiva (seção 18.1.3).

Para um objeto direto da 3ª pessoa ter **IDENTIFICAÇÃO POSITIVA**, ele precisa ser um termo; todo objeto direto da 1ª ou 2ª pessoa tem identificação positiva (seção 5.5.3).

PARA SE DESIGNAR O SUJEITO DE V. T. DIRETO, O OBJETO DIRETO TEM QUE TER IDENTIFICAÇÃO POSITIVA:
mbojape ogueraa va'e ‘quem leva o pão’ (ou ‘o pão que X leva’),
xereraa va'e ‘quem me leva’.

PARA SE DESIGNAR UM TERMO OBLÍQUO, TEM QUE OCORRER TAMBÉM O NOMINALIZADOR ***–A***^{1} (SEÇÃO 19.2):

Quando a nominalização designar um termo oblíquo, sua forma depende da sua função: referencial ou adjetiva.

- Se a nominalização ocorrer em função referencial, o nominalizador ***va'e*** é facultativo:

kunumi openaa (va'e) ‘a namorada do rapaz’.

---

[98] Além da sua função como nominalizador de orações, ***va'e*** ocorre com demonstrativos em função referencial (seção 18.1.1).

- Se a nominalização ocorrer em função adjetiva (seção 18.1.3), o nominalizador ***va'e*** é obrigatório ou quase obrigatório:

xee ndaexa kuaai avakue ropenaa va'e 'eu não reconheço os homens dos quais cuidamos',
yvy xetuiague va'e 'a terra onde nasci'.

20 Classes e funções sintáticas menores

Além das funções sintáticas principais – a função referencial em nomes, a predicativa em verbos e a modificadora em adjetivos e advérbios (seçao 6.1) – existem outras funções sintáticas menores que são mencionadas nas listas da seção 8.3. Aqui segue uma relação destas funções menores, com descrições breves.

20.1 Partículas

As partículas em geral e as do tempo/aspecto são descritas na seção 12.3.1, as partículas modais na seção 12.3.3.2 e as partículas "espaçadoras" na seção 24.4.3.2.

20.2 Pronomes e outras pro-formas

Em guarani mbyá, todos os pronomes livres são tônicos. Existem os seguintes tipos:

20.2.1 Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais são (seção 5.2):
xee 'eu (1sg)',
ndee 'você (2sg)',
ha'e 'ele, ela (3sg)',
nhande (kuery) 'nós (1pl inclusiva)',
ore (kuery) 'nós (1pl exclusiva)',
peẽ (kuery) ou ***pende (kuery)*** 'vocês (2pl)',
ha'e kuery 'eles ou elas (3pl)'.

- Com pronomes pessoais que designam referentes no plural, o marcador ***kuery*** 'coletivo ou plural' (seção 18.3)é obrigatório apenas na 3ª pessoa (quando se refere a pessoas ou, às vezes, a animais): ***ha'e kuery***. Nos pronomes da 1ª e 2ª pessoa do plural, ***kuery*** geralmente indica um grupo de pessoas que vai além dos interlocutores:
  nhande kuery 'eu e você e pessoas associadas conosco' (comumente o grupo guarani quando o ouvinte for guarani),
  ore kuery 'eu e pessoas associadas comigo' (comumente o grupo guarani quando o ouvinte não for guarani),
  peẽ kuery 'você e pessoas associadas consigo',
  pende kuery 'você e um grupo mais ou menos fixo de pessoas associadas consigo'.
- Entre os pronomes pessoais, apenas ***ha'e*** 'ele, ela (3sg)' aceita flexão de tempo, e somente no passado: ***ha'ekue*** 'aquela coisa que havia no passado'.
- Como regra geral, os pronomes pessoais livres não ocorrem como objetos diretos, nem com verbos que faltam flexão de objeto direto na 3ª pessoa: ***ambo'e*** 'ensinei-o(a)(s)'. Pronomes pessoais livres tendem a ocorrer como objecto direto apenas com um intensificador: ***xereja xee ae'i*** 'deixou-me sozinho'.

20.2.2 Pronomes demonstrativos

Os demonstrativos que ocorrem como determinantes na sua função adjetiva (veja seção 18.1.1), tornam-se pronomes demonstrativos na sua função referencial:
kova'e ~ ***ko*** 'este(a) que fica próximo do falante, o lugar onde ele está, ou algo associado com ele',
peva'e ~ ***pe*** 'aquele(a) que fica fora do lugar onde estão o falante e o ouvinte, mais ou menos em sua vista',
pova'e ~ ***po*** 'esse(a) coisa ouvida',
upe va'e ~ ***upe*** 'esse(a) que fica perto do ouvinte',
ki 'aquele(a) que fica longe do falante e ouvinte, que não pode ser visto de onde eles estão',
ha'e nunga 'aquele tipo que mencionei',
ha'e va'e 'aquilo(a) que acabei de mencionar',
ha'e va'e nunga 'aquele tipo que acabei de mencionar',
ha'e va'e regua 'um ou mais exemplares do tipo que acabei de mencionar'.

- Todos estes elementos são exofóricos (designando algo na situação real fora da fala) menos o último, que

é apenas endofórico (designando a algo dentro da fala) ou, mais precisamente, anafórico (designando algo dentro da fala anterior). Os elementos ***kova'e*** e ***pova'e*** ocorrem tanto em sentido exofórico quanto endofórico.

- Os pronomes demonstrativos que terminam com o enclítico ***va'e*** podem aceitar o marcador ***kuery*** 'coletivo': ***kova'e kuery*** 'estas pessoas', ***ha'e va'e kuery*** 'aquelas pessoas que acabei de mencionar', etc.[99] As formas ***ha'e nunga, ha'e va'e nunga*** e ***ha'e va'e regua***, sem ***kuery***, comumente ocorrem designando referentes plurais.
- Entre os pronomes demonstrativos, apenas ***ha'e nunga, ha'e va'e*** e ***ha'e va'e nunga*** aceitam flexão de tempo: ***ha'e va'ekue*** 'aquela coisa que havia no passado', ***ha'e va'e nungakue*** 'aquele tipo que havia no passado, que acabei de mencionar', ***ha'e va'e nungarã*** 'aquele tipo que haverá no futuro, que acabei de mencionar'.

20.2.3 Pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos incluem os quantificadores não-numéricos (veja em baixo) e os numerais (veja seção 18.1.1) quando ocorrem em função referencial:

amboae 'o(a) outro(a)',
amongue 'alguém, alguns(algumas)',
ha'e javi 'todo(a)(s)',
heta 'muito(a)(s)',
mboapy'i 'pouco(a)(s)',
mbovy e'ỹ 'muito(s)'*,
opai xagua 'todo tipo (de)'*,
peteĩ-teĩ 'cada um(a)',
ruxã'i 'bem pouquinho'*.

- Outros pronomes indefinidos são os seguintes:
  hetave 'mais',
  kyrĩ'i 'um pouquinho',
  mava'e rã rei 'qualquer um',
  mba'emo 'alguma coisa',
  mba'eve 'nada',
  mbovy 'pouco(s)',
  mbovyve 'menos',
  mbovy'i 'bem pouco(s)',
  opa 'tudo' ou 'todos',
  opa mba'e 'todas as coisas',
  pavẽ 'todos'.
- Ainda outros pronomes indefinidos são os pronomes negativos (seção 16.7).
- Os pronomes indefinidos não aceitam flexão de tempo, nem a marcação de pluralidade/coletivo, exceto ***amboae*** (***amboaekue*** ou ***amboae kuery*** 'outras pessoas'). Certos deles podem ocorrer com o enclítico ***va'e*** e ainda o marcador ***kuery*** 'coletivo', mas em função predicativa em vez de referencial: ***heta va'e kuery*** 'os que são muitos' (comumente designando os membros da sociedade envolvente).

20.2.4 Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos correspondem a elementos que ocorrem como determinantes no sintagma nominal (seção 18.1.1). Os demonstrativos interrogativos incluem:

mava'e 'quem?', 'qual?',
mba'e 'o quê?',

---

[99] Quando o enclítico ***va'e*** (seção 19.10) ocorrer após ***ha'e***, com ou sem flexão de tempo ou marcação de coletivo (***ha'e va'e, ha'e va'ekue*** e ***ha'e va'e kuery***), ele indica que o referente acabou de ser introduzido ou que ele foi o último a ser referido, entre outros que o pronome seria possível designar (como funciona o pronome ***este*** em português, em contraste com ***aquele***). A expressão ***nhande va'e*** designa um ser humano ou, especialmente na forma ***nhande'i va'e***, um índio guarani. Com outros pronomes pessoais o enclítico ***va'e*** não ocorre, nem com os pronomes indefinidos.

mba'e nunga ‘de que tipo?’,
mba'exagua ‘de que tipo?’,
mamogua ‘habitante de onde?’,
marã ramigua ‘comparável a quê?’

- Existe um quantificador interrogativo:
  mbovy ‘quanto(s)?’
- Pronomes interrogativos que designam pessoas aceitam a marcação de coletivo/pluralidade: ***mava'e kuery*** ‘quais pessoas? que grupo de pessoas?’
- Além desses pronomes interrogativos, existem outras palavras ou expressões interrogativas, em função de termos adverbiais em vez da função referencial:
  mba'erã ‘para quê?’,
  araka'e ‘quando (antes ou depois de hoje)?’,
  marã katy ‘para onde?’,
  mbovykue ‘quantas vezes?’, etc.
- Para maiores informações sobre palavras interrogativas, veja seção 11.1.4.2.

20.2.5 Pronomes reflexivos

Os pronomes livres reflexivos são todos oblíquos, ou seja, posposicionados (seção 20.6); neste esboço, eles são descritos como posposições flexionadas (veja seções 5.4 e 20.2.8).

- Três posposições ocorrem com o prefixo reflexivo ***je-*** e flexão de todas as pessoas e números:
  xejee ‘em referência a mim mesmo’,
  xejegui ‘de mim mesmo’,
  xejeupe ‘para mim mesmo’.
- Com outras posposições o pronome reflexivo existe apenas na 3ª pessoa, sem ***je-***:
  oyvýry ‘em redor dele mesmo’,
  guenonde ‘na frente dele mesmo’, etc.
- Ainda outras posposições não são flexionadas e, no recíproco, ocorre apenas na 3ª pessoa utilizando o pronome livre ***ojee***:
  ojee rami ‘como ele mesmo’, etc.
- O pronome reflexivo que ocorre como objeto direto é incorporado no verbo em forma do prefixo verbal derivacional reflexivo ***je-*** ~ ***nhe-*** (seção 13.2.1).
- Comumente pronomes reflexivos ocorrem com o intensificador ***ae*** ‘mesmo(s)’:
  aỹ ma xejeupe ae amba'eapo aikovy ‘agora estou trabalhando para mim mesmo’.
- Em guarani mbyá, os pronomes posposicionados não aceitam marcação de coletivo/pluralidade, pois tal marcação não ocorre após posposições (seção 18.3).

20.2.6 Pronomes recíprocos

Os pronomes recíprocos, semelhantemente aos reflexivos, são todos oblíquos, contendo uma posposição (seção 20.6); neste esboço gramatical, eles são descritos como posposições flexionadas (veja seções 5.4 e 20.2.8).

- Pronomes recíprocos ocorrem apenas na 3ª pessoa.
- Quatro posposições ocorrem com o prefixo reflexivo ***jo-***:
  joe ‘uns em referência aos outros’,
  joegui ‘uns dos outros’,
  joupe ‘uns aos outros’,
  jomeme ‘uns com os outros’.
- As posposições que não são flexionadas levam, no recíproco, o pronome livre ***joo***:
  joo rami ‘uns como os outros’.
- O pronome recíproco que ocorre como objeto direto é incorporado no verbo em forma do prefixo verbal derivacional recíproco ***jo-*** ~ ***nho-*** (seção 13.2.4).

20.2.7 Um pronome derivacional-composicional

O elemento seguinte é singular nas suas características morfossintáticas:
mba'e ‘coisa’ ocorre incorporado em verbos (seção 14.1.1).

20.2.8 Sobre pronomes possessivos, pronomes relativos e pronomes oblíquos

Há três tipos de pronomes que ocorrem em certas outras línguas, os quais em guarani mbyá têm sua realização em outra forma morfossintática:

- **PRONOMES POSSESSIVOS** não ocorrem em forma livre, mas em forma presa como da flexão de pessoa e número (Figura 5 e seção 5.4);
- **PRONOMES RELATIVOS** não existem, já que o nominalizador ***va'e*** serve para assinalar as orações subordinadas adjetivas ("orações relativas"; veja seção 18.1.3).
- Em guarani mbyá, os **PRONOMES OBLÍQUOS** referidos acima – os reflexivos e recíprocos – são melhor descritos como posposições flexionadas, por razões dadas na seção 5.4.

Pelas razões dadas na seção 5.1, as formas pronominais presas são analisadas como prefixos de flexão e não como pro-clíticos.

20.2.9 Outras pró-formas

Além dos pronomes em função referencial, ocorrem outras **PRÓ-FORMAS** (elementos que substituem sintagmas numa determinada função sintática), especialmente em função de termo adverbial:

amo my 'em algum lugar',
amboae rupi 'por outra parte',
mamo rã rei 'por qualquer parte'.

20.3 Determinantes: quantificadores não-numéricos, demonstrativos, numerais

Os determinantes, que podem ocorrer num sintagma nominal, são descritos na seção 18.1.1. Conforme explicado naquela seção, os elementos que podem ocorrer como determinantes são:

- os demonstrativos,
- os quantificadores não-numéricos,
- os numerais.

Todos os elementos nestas três categorias podem também ocorrer em função referencial, como pronomes.

20.4 Intensificadores; focalizadores

Os intensificadores são descritos nas seções 12.2 e 17.

- Quanto à sua função sintática, eles são modificadores dentro de um sintagma, que ocorrem após a parte lexical que designa o conteúdo (o componente principal na locução predicadora, o sintagma essencial em nos sintagmas não-predicadores);
- na semântica, os intensificadores demarcam o limite do conceito sendo designado;
- na estrutura do foco, eles aumentam a saliência do sintagma, frequentemente desempenhando o papel de **FOCALIZADOR**, assinalando que o sintagma é um foco de termo (veja seções 17.1, 24.4.3.1);
- na entonação, eles são tônicos e, na função de focalizador, atraem o núcleo da entonação.

20.5 Exclamações

As exclamações, como função distintiva, abrangem vários tipos de enunciados que ocorrem na modalidade exclamativa (seção 11.1.5). Existem outros tipos de enunciados que podem ser escritos com o ponto de exclamação, tais como ***Iporã ete!*** 'É bom mesmo!', mas suas características gramaticais não os identificam como tendo a modalidade exclamativa, portanto não são classificados como exclamações.

20.6 Posposições

Posposições correspondem às preposições em línguas tais como português. Existem posposições simples e locuções posposicionais, como no português existem locuções preposicionais (***em vez de***, ***apesar de***, etc.).

Em guaraní, certas posposições são flexionáveis (seção 5.4), outros não. Todas são relacionais (seção 6.3).

Certas posposições ocorrem também em função de conjunção subordinativa (seção 0).

20.6.1 Posposições flexionáveis

POSPOSIÇÕES COM FLEXÃO DA CLASSE ***XE-*** + ***Ø***:

'áry 'em cima de':
yvyra rakã ho'a hi'áry/xe'áry 'um galho de árvore caiu em cima dele/de mim'
'áry rupi 'por cima de':
yvy áry rupi guyra oveve 'por cima da terra as aves voam'

'aryve ‘acima de’:
hepy aryve ame'ẽ mokoĩ voxa ‘dei duas bolsas acima do preço’
gui ~ -xugui ‘de’ (átono com um complemento livre):
kyrĩ va'e oxĩ xeru gui/ixugui/xegui ‘a criança ficou com vergonha de meu pai/dele/de mim’;
kamixa ojogua joegui ‘comprou a camisa de outrem’, ‘compraram camisas uns dos outros’
guýry ‘em baixo de’:
pexara oĩ iguýry/xeguýry ‘um cobertor estava em baixo dele/de mim’
jave ‘durante, enquanto’:
três hora jave aju 'rã ‘vim às três horas’;
xejavegua kuery ‘pessoas da mesma faixa de idade que eu’
jave py ‘dentro do tempo de’:
yro'y jave py ‘duranto o inverno’
káuxa ‘por causa de’:
xekáuxa huvixa penembo'a 'rã ‘por causa de mim a autoridade vai prender vocês’
pe ~ -upe ~ -xupe ~ -vy ‘a, para’ (átono com um complemento livre):
ejogua ajukue xera'yxy pe/ixupe/xevy/ndevy/ndejeupe/ nhandevy/orevy/pẽvy ‘compre tecido para minha esposa/para ela/para mim/para você/para você mesmo/para nós (incl.)/para nós (excl.)/para vocês’;
ijayvu joupe ‘falou ao(s) outro(s)’, ‘falaram uns aos outros’
pype ‘junto com’:
xeru okaru xera'y pype/ipype/xepype ‘meu pai comeu junto com meu filho/com ele/comigo’
yvýry ~ yvy ‘ao lado de’:
eguapy ke xeru yvýry/ijyvýry/xeyvýry ‘senta-se ao lado do meu pai/ao lado dele/ao lado de mim’;
avakue oguapy okuapy joyvy ‘os homens se sentaram um ao lado do outro’

POSPOSIÇÕES COM FLEXÃO DA CLASSE ***XE-*** + ***R-***:
-akykue ‘atrás de’:
kavy ou xera'y rakykue/hakykue/xerakykue ‘vieram vespas atrás de meu filho/dele/de mim’
-e ~ -exe ‘em, em relação a, etc.’ (átono com um complemento livre):
karaja oma'ẽ xera'y re/hexe/xere ‘o bugio olhou para meu filho/para ele/para mim’;
ijayvu rei joe ‘falou mal do(s) outro(s)’, ‘falaram mal uns dos outros’
-eve ~ -exeve ~ -meme ‘junto com’:
jagua opyta xera'y reve/hexeve/xereve ‘o cachorro ficou com meu filho/com ele/comigo’;
jomeme ijayvu ‘falaram entre si, uns com os outros’; este elemento é frequentemente átono
-exei ‘em frente de’:
jagua opyta xera'y rexei/hexei/xerexei ‘o cachorro ficou em frente do meu filho/dele/de mim’
-ovai ‘defronte de, no outro lado de’:
jagua opyta xera'y rovai/hovai/xerovai ‘o cachorro ficou no outro lado do meu filho/dele/de mim’
-ovake ‘perante’:
huvixa rovake/hovake/xerovake ava ojexa uka ‘o homem se apresentou perante a autoridade/perante ele/perante mim’
-upive ‘acompanhando’:
jagua oo xera'y reve/hupive/xerupive ‘o cachorro foi acompanhando meu filho/ele/mim’

Entre as posposições flexionáveis, apenas três aceitam o prefixo reflexivo ***je-*** (Figura 7):
-e ‘em, com respeito a’,
-gui ‘de’,
-pe ~ -upe ~ -xupe ~ -vy ‘a, para’.

O prefixo reflexivo ***je-*** ocorre com todas as pessoas gramaticais:
xejee ‘com respeito a mim mesmo’,
ndejegui ‘de você mesmo’,
nhandejeupe ‘para nós mesmos’, etc.

Certas outras posposições são flexionadas com o reflexivo igual aos nomes:
oyvýry ‘em redor dele mesmo’,
guenonde ‘na frente dele mesmo’ (Figura 8).

Já o prefixo pronominal recíproco ***jo-*** ocorre com todas as posposições flexionáveis com as quais o recíprico daria sentido, mas apenas na 3ª pessoa:
joe 'um(ns) com respeito ao(s) outro(s)',
joegui 'um(ns) do(s) outro(s)',
joupe 'um(ns) para o(s) outro(s)',
joexei 'um(ns) na frente do(s) outro(s)', etc.[100]

20.6.2 Posposições não-flexionáveis

As posposições que não aceitam flexão são:
guive 'desde':
yma guive avaxi oiko 'o milho existia desde os tempos antigos'
ja 'durante, enquanto' (átono):
ndee akea ja amba'eapo 'enquanto você estava dormindo, (eu) trabalhei'
katy 'na direção de' (geralmente átono):
xeru ro katy aa vy ha'a 'indo para a casa de meu pai, cai'
katy'i 'perto de':
xero ma xeru ro katy'i oĩ 'a minha casa fica perto da casa de meu pai'
nhavõ 'cada':
ára nhavõ 'cada dia'
nhavõ re 'cada':
ka'aru nhavõ re opytaa rupi oo ojapo 'cada tarde faziam casas em cada lugar por onde ficavam'
nhavõ rupi 'em cada lugar onde':
opytaa nhavõ rupi oo ojapo 'faziam casas em cada lugar onde ficavam'
peve 'até':
xee aĩa peve xivi ovaẽ 'a onça chegou até onde eu estava'
py ~ my 'em, com (instrumento)' (átono):
xeru oĩ ngoo py/ngokẽ my 'meu pai está na sua casa/na sua porta'
'rãgue py 'em vez de':
açucar 'rãgue py omoĩ juky 'colocou sal em vez de açúcar'; o último elemento ***py*** é átono
rami 'conforme, como'(geralmente átono):
huvixa ijayvuague rami nhandekuai 'agimos conforme a autoridade falou';
xee rami ijayvu va'e onhendu 'foi ouvido alguém que falou como eu'
ramive 'apesar de':
ndera'y retaa ramive ma nderejoui pe'u va'erã 'apesar de você ter família grande, você não acha o que precisa para comer'
ramo 'em forma de, como':
mbarigui ramo opyta 'ficou (como) borrachudo'
rire 'depois' (comumente átono):
mokoĩ ma'etỹ rire xera'y ovaẽ 'depois de dois anos meu filho chegou'
rupi 'por' (átono):
jagua oẽ ouvy ka'aguy rupi 'o cachorro saiu, vindo do mato'

20.7 Conjunções

Os conectivos sentenciais (seção 23.1) podem ser considerados conjunções coordenativas que introduzem e acrescentam frases inteiras. As conjunções que acrescentam orações são descritas na seção 21.1: as coordenativas na 21.1.1 e as subordinativas na0. Na presente seção, observamos apenas as conjunções coordenativas que acrescentam sintagmas.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS QUE ACRESCENTAM SINTAGMAS:
guive 'também':
guembi'u kure, mbojape ra'ykue'i guive omono'õmba okaruague gui 'de onde havia comido, ajuntou

[100] Duas posposições têm formas irregulares com o recíproco: ***-eve*** 'com' muda para ***-meme*** (***jomeme*** 'um(ns) com o(s) outro(s)'), ***yvýry*** 'ao lado de' muda para ***-yvy*** (***joyvy*** 'um(ns) ao lado do(s) outro(s)').

as migalhas da comida e os pedacinhos de pão também'

ha'e 'e':

peteĩ koxi ha'e mokoĩ ka'i 'um porco-do-mato e dois macacos'

ha'e gui 'e também':

xeropy rupi, escola rupi, ha'e gui oka rupi ju aiky'a'o 'eu limpo dentro da minha casa, na escola e também no quintal'

ha'e rã 'mas (em contraste)':

kova'e ajaka ma xemba'eỹ, ha'e rã xeru mba'e 'este cesto não é meu, mas é do meu pai'

20.8 Advérbios, termos adverbiais, conectivos sentenciais

Se há o que caracterize a classe bastante heterogênea de advérbios, é sua função modificadora de elementos não-nominais (Langacker 2000:10 e nota de rodapé 17).[101] Fillmore (1994:160), resumindo um consenso de trabalho sobre advérbios, diz: "Uma classificação básica de advérbios ... os divide em classes segundo aquilo que eles modificam: verbos, sintagmas verbais ou sentenças." Em guarani mbyá, essa divisão tripartida se vê em características sintáticas que geram três tipos básicos:

- Os **ADVÉRBIOS** correspondem aos advérbios de Fillmore, que modificam verbos. Eles ocorrem dentro da locução predicadora e modificam um verbo ou outro elemento desta (veja seção 0).
- Os **TERMOS ADVERBIAIS** correspondem aos elementos de Fillmore, que modificam o sintagma verbal. Eles ocorrem fora da locução predicadora, mas dentro da oração, como adjuntos.
- Os **CONECTIVOS SENTENCIAIS** acrescentam a sentença toda e têm uma forma e posição distintivas: são orações subordinadas reduzidas que começam com o pronome anafórico ***ha'e*** (seção 21.5.1) e ocorrem em posição inicial da sentença (seção 23).

Certas expressões podem ocorrer em mais de um destes tipos: a expressão posposicionada ***ha'e gui*** 'de lá', por exemplo, pode ocorrer como termo adverbial (***ogueraa ao ha'e gui*** 'levou a roupa de lá') ou como conectivo sentencial (***ha'e gui yvy tuvixave ovy*** 'então a terra ficou cada vez maior').

Dentro destas três classes principais, existem subclasses baseadas em vários critérios morfossintáticos e semânticos. Os advérbios, por exemplo, têm subtipos que são caracterizados através de qualidades semânticas, e modificadores temporais geralmente ocorrem depois dos modificadores de quantidade ou de maneira (seção 0); certos advérbios podem modificar adjetivos ou outros advérbios. Termos adverbiais podem ser requeridos ou não-requeridos; veja o parágrafo seguinte. Subtipos dos conectivos sentenciais incluem conectivos temporais e lógicos: nas narrativas, os conectivos temporais tendem a ocorrer no início dos agrupamentos temáticos, enquanto os conectivos lógicos tendem a ocorrer na posição medial nesses agrupamentos (Dooley 1986, 1992; Dooley e Levinsohn 2003, cap. 7).

Termos adverbiais são comumente realizados através de:

- sintagmas posposicionados (***oka py*** 'no quintal'; seção 20.6),
- orações subordinadas adverbiais (***avaẽ rire*** 'depois que cheguei'; seção 21),
- termos "essivos" (***ajukue ajogua kamixarã*** 'comprei tecido para ser uma camisa'; seção 18.2.1),
- outras expressões de lugar, tempo, causa, condição, finalidade, meio ou outra circunstância (***aỹ*** 'agora', ***apy*** 'aqui', ***yvate*** 'em cima': ***kyxe aexa yvate*** 'vi a faca em cima');
- até certos nomes podem ocorrer como termos adverbiais (***kova'e ára ndaai 'rã*** 'este dia não irei').

Termos adverbiais podem ser requeridos como argumentos oblíquos, como as expressões de lugar na predicação de localização (***ndekyxe ma yvate oĩ*** 'sua faca está em cima'; seção 9.3); ou eles podem ser adjuntos (***kyxe aexa yvate*** 'vi a faca em cima'; seção 6.3.1). Em geral, os termos requeridos tendem a ocorrer mais perto da locução predicadora do que adjuntos (Fillmore 1994:169).

20.9 Complementizadores

Um **COMPLEMENTIZADOR** é um elemento que adequa uma oração para ocorrer como um complemento (um termo nominal), como no português *eu disse que ele viria* (Crystal 2000). Em guarani mbyá, os complementizadores são todos nominalizadores que nominalizam a oração e designam a ação verbal ou suas

---

[101] Os intensificadores (seção 12.2) modificam tanto sintagmas nominais quanto sintagmas de outros tipos; portanto, neste trabalho eles não são tidos como advérbios.

circunstâncias (em vez de argumentos; veja seção 19).

Os complementizadores são também os sinais principais da modalidade do complemento. Nas orações subordinadas em geral, a dimensão da modalidade que predomina é a epistêmica (com sua distinção entre a real ou a potencial), mas os complementos apresentam distinções da modalidade instrumental também (entre a manipulativa e a informativa; seção 11.3).

- Um complementizador, o sufixo ***–a***[1], indica a modalidade informativa/real: ***xeayvu xera'y oua re*** 'falei sobre a vinda do meu filho/sobre o fato que meu filho vem';
- Outro complementizador, a forma livre ***aguã***, indica a modalidade manipulativa/potencial: ***xeayvu xera'y ou aguã re*** 'falei para meu filho vir/que meu filho deve vir'.

Para maiores detalhes sobre complementos oracionais, veja seção 22.

20.10 Onomatopéia, ideofones e padrões fonológicos convencionais

Conforme o Dicionário Aurélio, **ONOMATOPÉIA** é "palavra cuja pronúncia imita o som natural da coisa significada". Em muitas línguas da família tupi-guarani, existe uma classe lexical menor de palavras onomatopéicas inflexionáveis: os **IDEOFONES** (C. Jensen 1998a, seção 13). Em guarani mbyá, os ideofones parecem ser limitados aos sons produzidos por certos animais:

taki 'som do latir do cachorro' (compare o ideofone ***uau-uau*** em português).
toko 'som feito por uma coruja'.

Contudo, existem certos radicais onomatopéicos que aceitam flexão nominal e que fazem parte de classes lexicais maiores (comumente ocorrem na predicação nominal de posse; seção 9.5.1):

nome relacional: ***-axiã*** 'espirro': ***inhaxiã*** 'deu um espirro, espirrou';
nome relacional: ***-'eu*** 'arroto': ***xe'eu*** 'dei um arroto'.
v. i. da flexão ***a-****:* ***-kokore*** 'carcarejar': ***uru ava okokore*** 'o galo cacarejou' (compare o ideofone ***cocorocó*** em português).

Certos radicais apresentam um **PADRÃO FONOLÓGICO CONVENCIONAL** na forma CV*r*V*r*V:

- o radical contém três sílabas;
- cada sílaba tem a mesma vogal;
- as últimas duas sílabas começam com a consoante *r*;
- nos dados disponíveis, a primeira consoante é uma das oclusivas *p, t* ou *k*.

A maioria dos radicais é um v. i. da flexão ***a-***:

v. i. da flexão ***a-****:* ***-piriri*** 'crepitar': ***opiriri*** 'crepitou';
v. i. da flexão ***a-****:* ***-pororo*** 'estourar': ***opororo*** 'estourou';
v. i. da flexão ***a-****:* ***-pyryryĩ*** 'girar': ***opyryryĩ*** 'girou' (a última sílaba contém um ditongo decrescente: *-rỹi*);
v. i. da flexão ***a-****:* ***-tyryry*** 'arrastar-se pelo chaõ': ***otyryry*** 'arrastou-se';
v. i. da flexão ***a-****:* ***-kororõ*** 'rosnar': ***okororõ*** 'rosnou';
nome não-relacional: ***kururu*** 'girinho';
nome não-relacional: ***terere*** 'tereré' (do guarani paraguaio).

Nem todos estes radicais são onomatopéicos no sentido de imitar um som; certos deles ('girinho', 'girar', 'arrastar-se') parecem imitar moção repetitiva.

21 Orações coordenadas e subordinadas

Dentro da sentença, duas orações podem ser gramaticalmente independentes uma da outra (**ORAÇÕES COORDENADAS**), ou uma delas pode ser, de uma forma ou outra, **DEPENDENTE** da outra, que é a **ORAÇÃO MATRIZ** da oração dependente. Uma **ORAÇÃO INDEPENDENTE** não é dependente de outra. Entre as orações dependentes, existem três tipos:

- **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS**, que ocorrem em função de termo adverbial dentro da oração matriz (na seção 21 presente e na 24.3.2.2);
- **ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS**, que têm a função adjetiva dentro do sintagma nominal (principalmente seções 18.1.3 e 19.10);
- **ORAÇÕES NOMINALIZADAS (COMPLEMENTOS ORACIONAIS)** que têm a função de nome (referencial) dentro da oração ou ainda dentro de outros sintagmas (principalmente seções 19.2, 19.5, 19.10 e 22).

Nas seções seguintes, comparamos orações coordenadas e orações subordinadas adverbiais.

21.1 A coordenação e a subordinação adverbial: conjunções

Na linguística universal cognitiva, enquanto as orações subordinadas adverbiais organizam a informação em forma de **FIGURA E FUNDO** (oração principal e oração subordinada), as orações coordenadas apresentam uma **FIGURA COMPOSTA** (Croft 2001:327). As orações coordenadas podem ser simplesmente **JUSTAPOSTAS** (paratáticas, sem conjunção: ***xee ndaaxei, apy ae apytaxe*** 'eu não quero ir, quero ficar aqui mesmo'), ou podem ocorrer com uma **CONJUNÇÃO**. Orações subordinadas adverbiais, geralmente, contém um elemento subordinativo, que em guarani mbyá ocorre em forma de **CONJUNÇÃO SUBORDINATIVA**. Exemplos ilustrativos das várias conjunções são econtrados na parte guarani-português do léxico.

21.1.1 Conjunções coordenativas que acrescentam orações

Nesta seção enfocamos as conjunções coordenativas que acrescentam orações. Os conectivos sentenciais (seção 23.1) podem ser consideradas como conjunções coordenativas que acrescentam sentenças inteiras. Na seção 20.7 são apresentadas as conjunções coordenativas que acrescentam sintagmas.

CONJUNÇÕES COORDENATIVAS QUE ACRESCENTAM ORAÇÕES:

ha'e 'e':
japytu'u rive, ha'e ndajakarui 'apenas descansamos e não comemos'

ha'e rã 'mas (em contraste)':
peteĩ ajaka ma xemba'e, ha'e rã amboae ma xeru mba'e 'um cesto é meu, e/mas o outro é do meu pai'

mba'eta 'porque':
ava onha pojava ovy, mba'e ta okyje xivi gui 'o homem correu embora depressa, pois estava com medo da onça'

terã ~ tyrã 'ou' (com interrogação disjuntiva; veja seção 11.1.4.3):
Jaa jevy 'rã pa ka'aguy re, tyrã pa ndajaavei ma 'rã? 'Nós vamos outra vez à mata, ou já não vamos mais?'

Ocorre também a justaposição de orações (coordenação assindética), mas a segunda oração geralmente é seguida da ***guive*** 'também':

ORAÇÕES JUSTAPOSTAS COM ***GUIVE*** 'TAMBÉM':
ivai, ojerovia guive 'irou-se, tornou violento também'

21.1.2 Conjunções subordinativas; a modalidade

As conjunções subordinativas (fora das de indexação referencial) designam relações temporais ou causais específicas.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS QUE DESIGNAM RELAÇÕES TEMPORAIS (NA MODALIDADE REAL):
e'ỹ mbove 'antes de',
guive 'desde que',
jave 'enquanto',
nhavõ 'cada vez que',
reve 'simultâneo a',
rire 'depois que'.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS QUE DESIGNAM RELAÇÕES CAUSAIS (NA MODALIDADE POTENCIAL):
aguã 'propósito',
e'ỹ re 'sem',
'rãgue py 'em vez de',
teĩ 'mesmo que',
va'eri 'embora, mesmo que',
va'e rire 'condição não realizada'.

As orações subordinativas adverbiais apresentam apenas a dimensão epistêmica da modalidade, na distinção entre a modalidade real e a potencial (veja seção 11.3). Esta distinção é assinalada através das conjunções subordinativas. As conjunções subordinativas que designam relações temporais são da modalidade real, enquanto as que designam relações causais assinalam a modalidade potencial. As conjunções da indexação referencial, que são tidas como subtipo das conjunções subordinativas (seção 21.2.2), indicam, por padrão, a modalidade real, mas com certos elementos morfêmicos adicionais elas podem indicar a modalidade potencial (veja seções 21.1.3 e 21.3.2).

21.1.3 Conjunções da indexação referencial

Há duas conjunções que designam a **INDEXAÇÃO REFERENCIAL** (“**SWITCH REFERENCE**”):
rã ~ ramo ‘sujeito diferente’,
vy ‘sujeito igual’.

Estes elementos comparam o sujeito gramatical da oração dependente com o sujeito da sua oração matriz (seção 21), indicando se os dois sujeitos são correferentes ou não. Uma ligação da indexação referencial ora se assemelha à subordinação, ora à coordenação ou, em parte, às duas (Croft 2001:323, Van Valin e LaPolla 1997:448-54):

- Como uma oração subordinada adverbial, uma oração com indexação referencial é comumente interpretada como tendo uma certa relação semântica com a oração matriz: ‘quando’, ‘se’, ‘por causa de’, etc. Tal relação semântica às vezes tem sinais morfêmicos, mas sempre há necessidade de inferência baseada em fatores contextuais (Dooley 1999a).
- Semelhante às oração coordenadas, a ligação de orações com indexação referencial é às vezes chamada de **ENCADEAMENTO** (“chaining”; Longacre 1985:238s, 263ss). Ela pode gerar uma longa sequência de orações dependentes, como na sentença ilustrativa seguinte (Dooley 1977b):
  (A) Kunhataĩ iporã va'e ou vy ma (B) “Mba'exa ta xengana” he'i nguu pe ramo (C) “Peva'e” he'i (D) Pyxaĩ re oma'ẽ vy ramo (E) kunhataĩ ou vy (F) oikuavã Pyxaĩ ramo (G) tyke'y kuery ivai guyvy pe (H) ndoayvui vy.
  ‘(A) A moça bonita veio (B) e disse a seu pai “Qual é que vai me ganhar?” (C) e ele disse “Aquele” (D) olhando para Pyxaĩ, (E) e a moça veio (F) e abraçou Pyxaĩ (G) e os irmãos mais velhos dele ficaram com raiva do seu irmãozinho, (H) pois não o amava.’
- Mesmo assim, o encadeamento não produz uma mera sequência linear (como na tradução em português com suas repetidas conjunções coordenativas), mas é composto de cadeias encaixadas dentro de cadeias:

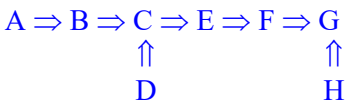

Figura 38: Sentença ilustrativa: cadeia de orações com indexão referencial

Na Figura 38, oração (A) é dependente na (B), (B) na (C), (D) também na (C) em sentido regressivo, (C) na (E), (E) na (F), (F) na (G) e também (H) na (G) em sentido regressivo. Assim, Figura 38 mostra cinco níveis de encaixamento, o que dificilmente se encontra com a subordinação. (Voltamos a analisar níveis múltiplos de encaixamento oracional, do ponto de vista do processamento, na seção 21.4.) A minha experiência com a redação feita por escritores guarani indica que o encaixamento extremo, mesmo sendo gramaticalmente possível, é geralmente evitado, sendo visto como vicioso, assim como o polissíndeto oracional em português (*o menino se assustou e gritou e pulou e correu e foi para casa e nunca voltou mais*). Na possibilidade de encadeamento, pois, a indexação referencial é paralela às orações coordenadas, mas essa possibilidade é raramente realizada de uma forma extrema.

Em geral, as orações com indexação referencial em guarani tendem mais para a subordinação que para o encadeamento ou a coordenação, como se vê mais claramente na seção 21.2. Portanto, elas são tidas como um subtipo das orações subordinadas.

As conjunções da indexação referencial podem ocorrer com elementos adicionais que assinalam relações semânticas específicas entre a oração subordinada e sua oraçao matriz (seção 21.3.2; Dooley 1999a). Por padrão, as orações de indexação referencial são da modalidade epistêmica real (veja seção 11.3), mas com elementos adicionais elas podem ter a modalidade potencial (veja seção 21.3.2).

As conjunções de indexação referencial, além de ocorrer com orações subordinadas adverbiais, ocorrem em conectivos sentenciais do tipo oração subordinada reduzida (seções 21.5.1).

21.2 Distinguindo orações coordenadas e orações subordinadas adverbiais

Em guarani mbyá, as orações subordinadas adverbiais apresentam várias diferenças em comparação com as orações coordenadas, algumas das quais são de caráter universal, outras devidas da língua específica. Nesta seção apresentamos critérios para se distinguir orações coordenadas e orações subordinadas adverbiais (seção 21.2.1). Depois, aplicamos esses critérios às orações de indexação referencial (seção 21.2.2).

21.2.1 Critérios

Os critérios seguintes são principalmente sintáticos; **B** designa uma oração que está sendo acrescentada à outra oração **A**.

21.2.1.1 A posição da conjunção

Na coordenação a conjunção ocorre entre as duas orações na ordem **A conjuncão B**, enquanto uma conjunção subordinativa ocorre logo após **B**, numa das ordens **B conjuncão A** (a **SUBORDINAÇÃO PROGRESSIVA**) ou **A B conjuncão** (a **SUBORDINAÇÃO REGRESSIVA**; Croft 2001:329). Em guarani mbyá, isso indica que a conjunção ***teĩ*** é subordinativa em vez de coordenativa: ***ndaikuaa porãi, ha'e rami aendu teĩ*** 'não sei bem, mesmo que ouvi assim'.

21.2.1.2 Ordem temporal

Se a ação narrada na oração **B** ocorreu antes da ação da **A**, na coordenação a ordem **B conjuncão A** é obrigatória (***okarupa ma ha'e oove jevy*** 'terminou de comer e seguiu viagem'), mas na subordinação seria possível tanto a ordem **B conjuncão A** (***okarupa ma rire oove jevy*** 'depois que terminou de comer, seguiu viagem') quanto **A B conjuncão** (***oove jevy, okarupa ma vy*** 'seguiu viagem, tendo terminado de comer') (Croft 2001:343; veja seção 21.3.1).

21.2.1.3 Cadeias de orações

Dentro de uma sentença, poderá ocorrer uma série ou cadeia de orações coordenadas sem limite fixo (podem haver limites flexíveis estilísticos; veja Longacre 1985:251 e exemplos do guarani e português citadas na seção 21.1.3). Já nas orações subordinadas poderá ocorrer apenas um nível ou, excepcionalmente, dois (o limite é gramatical ou é baseado nas limitações do processamento).[102]

21.2.1.4 Concessão

Apenas na subordinação, **B** pode ter um sentido concessivo em relação a **A**: ***oja re opena va'e oĩ e'ỹ rã jepe opupu 'rã*** 'mesmo se não tiver quem cuide da panela, ela irá ferver' (Croft 2001:344).

21.2.1.5 O nominalizador *-gua*

Apenas na subordinação, a conjunção pode ser seguida pelo sufixo ***–gua*** nominalizador de termos adverbiais (seção 19.7): ***kova'e tembi'u pemoĩ porã ko'ẽ ramo guarã*** 'guardem esta comida para servir para amanhã'.

21.2.1.6 Elementos do tempo

Apenas na coordenação podem ocorrer em **B** elementos modais de tempo (***araka'e*** 'no passado, não presenciado', ***karamboae*** 'no passado, presenciado', ***kuri*** 'hoje, presenciado'): ***jypy xeramoĩ ranhe ou raka'e apy, ha'e gui ma xee voi aju karamboae*** 'primeiro os meus avôs vieram aqui, e depois eu também vim'.

Orações coordenadas podem apresentar marcação de tempo independente uma da outra (Van Valin e LaPolla 1997:450ss).

21.2.1.7 A modalidade instrumental

A modalidade instrumental é manifestada principalmente no nível da oração independente (seção 11). Orações subordinadas adverbiais não têm modalidade instrumental própria (seção 11.3) e não apresentam sinais da modalidade instrumental tais como os modos imperativo (***eju*** 'venha!') ou optativo (***tou*** 'que venha') ou partículas modais (***ha'vy*** 'então', ***ke*** 'imperativo', ***teĩ*** 'expectativa não realizada', etc.; veja seção 12.3.3.2). Orações coordenadas independentes podem apresentar modalidades instrumentais diferentes (Van Valin e LaPolla 1997:450ss).

21.2.1.8 A negação

Na subordinação, a negação que ocorre em **A** não vigora para **B**: ***xee tu ndaityi oja oo rupi aaxa vy*** 'eu não derrubei a panela quando passei pela casa' (a pessoa passou pela casa mas não derrubou a panela; Bickel

---

[102] Isso pode resultar do fato de que "a característica principal da subordinação é a modificação da oração matriz..., enquanto na coordenação as orações agrupadas não são modificadores, mas são ajuntadas numa seqüência" (Van Valin e LaPolla 1997:453).

2003).

Em guarani mbyá, nas orações independentes indicativas a negação do predicador é afixal, enquanto nas orações subordinadas ela é, por padrão, da forma livre ***e'ỹ*** (seção 16).

21.2.1.9 A interrogação

Na subordinação, se uma pergunta for feita sobre o fato de **A**, o fato de **B** não seria em jogo: ***Rejuka pa mba'emo ka'aguy re reo vy?*** 'Você matou alguma coisa quando foi à mata?' (não pergunta se a pessoa foi à mata); ***Mba'e re tu ndee jurua reiko va'eri ore guarani kuery avvu re renhembo'exe?*** 'Porque você sendo não-índio quer estudar sobre a nossa língua guarani?' (não pergunta se a pessoa é não-índio; Bickel 2003).

21.2.1.10 Intensificadores/focalizadores

Com uma oração subordinada, mas não com uma coordenada, pode ocorrer um intensificador no papel pragmático de focalizador (seção 24.4.3.1), com ou sem partículas, tal como ***mae 'rã*** 'apenas então': ***xeru ovaẽ ma rire mae 'rã aguata*** 'é só depois que meu pai chegar que vou viajar'. A oração subordinada assim funciona como foco de termo na estrutura informacional (seção 24.3.1.2).

Nas línguas em geral, uma oração coordenada não pode funcionar como foco de termo (Bickel 2003).

21.2.1.11 Espaçadores

Apenas com a subordinação pode ocorrer uma ou mais partículas no papel pragmático de espaçador (seção 24.4.3.2), mesmo sem um intensificador ou focalizador, tal como a partícula espaçadora ***ma*** 'partícula neutra': ***xeru ovaẽ rire ma aguata 'rã*** 'depois que meu pai chegar, vou viajar'. A oração subordinada assim funciona como ponto de partida na estrutura informacional (seção 24.3.2).

Nas línguas em geral, uma oração coordenada não pode funcionar como tópico ou ponto de partida (Bickel 2003).

21.2.1.12 Ordem de constituintes

Enquanto numa oração independente a ordem padrão dos constituíntes é sujeito – verbo – objeto direto (***ava ojuka xivi*** 'o homem matou a onça'; seção 4.1), numa oração subordinada a ordem é sujeito – objeto direto – verbo (***ava xivi ojuka ma vy oo ju*** 'depois que o homem matou a onça ele saiu outra vez'; seção 4.7).

21.2.1.13 Sobre a morfologia do predicador

Um critério que não consta na lista acima é a forma morfológica do predicador, que em guarani mbyá é a mesma nas orações subordinadas que nas independentes.

Em várias outras línguas da família tupi-guarani, as orações subordinadas utilizam o sistema de flexão ergativo-absolutivo, apresentando concordância apenas com o argumento absolutivo (seção 7.2; C. Jensen 1998a:528). Nas orações subordinadas que ocorrem em posição inicial da sentença, certas outras línguas da família apresentam morfologia verbal especial (as orações "circunstanciais", conforme A. Rodrigues; C. Jensen 1998a:526-28).

21.2.2 As orações com indexação referencial como orações subordinadas adverbiais

Utilizando os critérios 1 a 12 da seção 21.2.1, observamos que as orações com indexação referencial têm as seguintes características de orações subordinadas:

- elas têm sua conjunção sempre no fim da oração (critério 21.2.1.1),
- elas podem ocorrer em subordinação regressiva a uma oração matriz que designa um evento ou uma situação posterior (critério 21.2.1.2),
- elas podem designar concessão (critério 21.2.1.4),
- sua conjunção aceita o nominalizador ***-gua*** (critério 21.2.1.5),
- elas não aceitam elementos modais de tempo ou partículas modais (critério 21.2.1.6),
- elas não herdam a negação (critério 21.2.1.7) nem a interrogação (critério 21.2.1.9) da oração matriz,
- elas podem ter um papel dentro da estrutura informacional (critérios 21.2.1.10 e 21.2.1.11),
- elas têm a ordem padrão sujeito – objeto direto – verbo (critério 21.2.1.12).

Sua única característica coordenativa é o potencial de ocorrer numa cadeia extensa (critério 21.2.1.3), como se vê na Figura 38; mas este potencial raramente se realiza (seção 21.1.3). Por isso, as orações com indexação referencial são tidas como um subtipo das orações subordinadas adverbiais. Já as orações com indexação referencial que se encontram especialmente em Nova Guiné "se assemelham mais a estruturas

coordenativas do que às subordinativas" (VanValin e Lapolla 1997:454), ganhando, portanto, o nome de orações "co-subordinadas".[103]

Quando comparamos a indexação referencial em guarani mbyá com a "co-subordinação" oracional em outras línguas, pois, observamos um fato semelhante ao que já notamos comparando verbos suplementares em guarani com verbos seriais de outras línguas (seção 12.3.2.3): em ambos os casos, a construção em guarani apresenta um grau de integração gramatical mais alto. Na terminologia de VanValin e Lapolla (1997:454), enquanto a construção correspondente em outras línguas apresenta a "co-subordinação", a construção em guarani apresenta a subordinação.

21.3 Relações semânticas entre a oração subordinada e a oração matriz

Conforme o tipo de relação semântica que existe entre a oração subordinada e a oração matriz, a oração subordinada tende a ocorrer ou antes da matriz (a subordinação progressiva) ou após ela (a subordinação regressiva). Outros indicadores da relação semântica são especialmente importantes em orações subordinadas com indexação referencial. Esta seção resume seções de Dooley 1977b e 1999a, onde se encontram mais detalhes e exemplos ilustrativos.

21.3.1 A ordem relativa da oração subordinada e a oração matriz

Embora a ordem relativa da oração subordinada e a oração matriz não seja fixa (seção 21.2.1.2), geralmente cada relação semântica tende a ter sua ordem não-marcada, padrão. Se outra ordem for utilizada, a relação precisa ser assinalada explicitamente, através de uma conjunção ou de outro elemento (veja seção 21.3.2). As seguintes ordens são não-marcadas (as orações subordinadas são sublinhadas):

EVENTO ANTERIOR (ORAÇÃO SUBORDINADA) + EVENTO POSTERIOR (ORAÇÃO MATRIZ):

xivi poryko ojuka ma rire je guaxu rova re oikytypa huguy 'depois que a onça matou o porco, passou seu sangue no rosto do veado'

EVENTO SIMULTÂNEO (ORAÇÃO SUBORDINADA) + EVENTO SIMULTÂNEO (ORAÇÃO MATRIZ):

xee akaru jave ndee nderekarui 'rã xepype 'enquanto eu comer, você não vai comer junto comigo'

CAUSA (ORAÇÃO SUBORDINADA) + RESULTADO (ORAÇÃO MATRIZ):

ha'e rami nderu ijayvu ramo jaa tema 'porque teu pai falou assim, vamos embora'

SITUAÇÃO POSSIBILITADORA (ORAÇÃO SUBORDINADA) + EVENTO POSSIBILITADA (ORAÇÃO MATRIZ):

xeru ovaẽ ramo xee aa 'rã hupive 'quando meu pai chegar, eu irei com ele'

EVENTO OU SITUAÇÃO QUALQUER (ORAÇÃO MATRIZ) + RAZÃO (ORAÇÃO SUBORDINADA):

oka pyve ju ajaty namombo rivexei vy 'enterrei-a [a cobra] lá mesmo no caminho, pois não queria apenas jogar fora'.

- A oração subordinada comumente ocorre na forma de uma citação direta (seção 22.4.2):

Avakue oma'ẽ okuapy hupa py, "Oke ri nhi'ã oupy" he'i vy. 'Os homens olharam na sua cama, pensando que ele devia estar dormindo' (lit., '"Ele deve estar dormindo" dizendo').

EVENTO OU SITUAÇÃO QUALQUER (ORAÇÃO MATRIZ) + PROPÓSITO (ORAÇÃO SUBORDINADA):

aa ta tetã re kamixa ajogua aguã 'vou à cidade para comprar uma camisa'.

- Se o verbo principal designar moção ('ir', 'vir', etc.) e a oração de propósito tiver o predicador apenas, a conjunção ***aguã*** é frequentemente substituída pela conjunção subordinativa ***vy*** (***aa ta ake vy*** 'vou para dormir') ou simplesmente excluída (***aa ta akaru*** 'vou para comer'). As orações de propósito sem a conjunção ***aguã*** são excepcionais por apresentarem controle gramatical de sujeito junto com flexão no verbo da oração dependente.

PERCEPÇÃO + EVENTO OU SITUAÇÃO PERCEBIDA (SEJA QUAL FOR A ORAÇÃO SUBORDINADA):

- O ato de percepção pode ser a oração matriz e o evento ou a situação percebida pode ser a oração subordinada:

kunha va'e oexa xivi ovaẽ ramo 'a mulher viu quando a onça chegou'.

- Alternativamente, o ato de percepção pode ser a oração subordinada e o evento ou a situação percebida

[103] As orações cosubordinadas tipicamente obedecem os seguintes critérios que indicam orações coordenadas: ordem temporal (critério 21.2.1.2; Payne 1997:422ss), cadeias de orações (critério 21.2.1.3; Payne 1997:423), falta de concessão (critério 21.2.1.4).

pode ser a oração matriz:

ha'e py oma'ẽ rã je yy ramigua oĩ ha'e py ‘quando olhei para lá, havia algo parecido com água lá’.

- Em geral, a oração matriz contém o foco na estrutura de informação (seção 24).

As ordens não-marcadas acima são geralmente preditas pela tipologia linguística. A ordem oração subordinada – oração matriz (a subordinação progressiva) é duplamente indicada como regra geral:

- ela tende a ser a ordem não-marcada nas línguas do tipo OV, ou seja, quando o objeto precede o verbo na ordem básica (seções 4.1 e 4.7; Greenberg 1963/66:84, Roberts 1997),
- ela tende a ser a ordem de orações com indexação referencial nas línguas que têm este tipo de marcação, as quais, por sua vez, tendem a ter a ordem básica SOV (Whaley 1997:277s).

A subordinação progressiva vigora, nos textos naturais, em 95% das orações subordinadas. As únicas relações semânticas que utilizam a subordinação regressiva por padrão, têm na oração subordinada um processo mental: razão ou propósito. As orações subordinadas de propósito tendem a ocorrer após a oração matriz em todas as línguas, exceto nas onde o verbo sempre ocorre em posição final (Greenberg 1963/66:80, 84).

21.3.2 Relações semânticas em orações de indexação referencial

As orações subordinadas com indexação referencial apresentam um aparente problema para as relações semânticas, pois as conjunções indicam uma relação gramatical em vez de uma relação semântica. Mas há vários fatores que amenizam esse problema.

- Não precisamos supor que, em cada lugar, o falante tenha em mente uma relação semântica específica que quer comunicar. Mesmo que a justaposição e subordinação indicam que existe uma relação semântica entre as duas orações, a relação que o falante tem em mente pode ser vago. Isto é fácil constatar em qualquer língua.
- O ouvinte não fica “voando” completamente quanto à interpretação, como se sua compreensão fosse restrita à informação assinalada explicitamente. Certas relações semânticas são quase sempre sugeridas através do contexto e das expectativas gerais e culturais que o falante e seus ouvintes têm em comum.
- A ordem relativa entre as orações também (seção 21.3.1) sugere certas interpretações.
- Certos elementos morfêmicos, especialmente os que ocorrem na oração subordinada, comumente apontam uma relação semântica mais ou menos específica, seja ela temporal ou causal, como nos exemplos seguintes (o símbolo ⇒ indica uma inferência comum):

CONJUNÇÃO + INTENSIFICADOR E INTENSIFICADOR **AE** ⇒ ‘POR ESTA MESMA RAZÃO’:

xembo'ea ramo ae aexa kuaa kuaxia para ‘é porque fui ensinado que sei ler (lit., ‘sei ver’) a escrita’

CONJUNÇÃO + PARTÍCULA **JEPE** ‘CONCESSÃO’:

orereve peẽ kuery ndapeoi vy jepe pendexarai eme ke orere ‘ainda que vocês não vão conosco, não se esquecem de nós’

CONJUNÇÃO + INTENSIFICADOR **MAE MA** ⇒ ‘SOMENTE QUANDO’:

mboi orombopoxy ta ma ramo mae ma mboka py ajuka ‘foi somente quando estávamos para embravecer a cobra que matei-a com a espingarda’

CONJUNÇÃO + MODIFICADOR **-VE** ⇒ ‘LOGO DEPOIS QUE’:

avaẽ vyve akaru ‘logo que cheguei, comi’

RI + CONJUNÇÃO ⇒ ‘CONDIÇÃO, SE’:

ndee reo ri ramo xee aa 'rã avi ‘se você for, eu irei também’

Por padrão, as orações de indexação referencial são da modalidade epistêmica real (veja seção 11.3), mas com certos elementos morfêmicos adicionais acima (***jepe*** ‘concessão’ ou ***ri*** ‘condição’), elas apresentam a modalidade potencial.

21.4 O processamento de sentenças complexas; unidades de processamento

Voltamos agora de examinar a sentença ilustrativa que é repetida aqui da seção 21.1.3:

(A) Kunhataĩ iporã va'e ou vy ma (B) “Mba'exa ta xengana” he'i nguu pe ramo (C) “Peva'e” he'i (D) Pyxaĩ re oma'ẽ vy ramo (E) kunhataĩ ou vy (F) oikuavã Pyxaĩ ramo (G) tyke'y kuery ivai guyvy pe (H) ndoayvui vy.

‘(A) A moça bonita veio (B) e disse a seu pai “Qual é que vai me ganhar?” (C) e ele disse “Aquele” (D) olhando para Pyxaĩ, (E) e a moça veio (F) e abraçou Pyxaĩ (G) e os irmãos mais velhos dele ficaram

com raiva do seu irmãozinho, (H) pois não o amava.'

Agora perguntamos como seria possível processar uma sentença tão complexa.

Obviamente, não se processa uma sentença deste tipo de uma vez, mas em etapas. A análise presente, que segue Dooley 1977b, identifica **UNIDADES DE PROCESSAMENTO** as quais possibilitam um processamento cumulativo da sentença. Antes de entrar nos detalhes, deve-se notar o seguinte:

- A análise desta seção trata de níveis de subordinação; o processamento de uma cadeia de orações independentes coordenadas não apresentaria tantas dificuldades, porque as unidades de processamento são as orações individuais e o processamento é simplesmente aditivo, incremental. Dito isto, porém, a análise adotada aqui poderia ser aplicada à coordenação ou uma combinação de orações coordenadas e subordinadas.
- Esta análise visa subordinação oracional adverbial de todo tipo, não apenas de orações com indexação referencial, mas também com conjunções subordinativas que designam relações temporais ou causais específicas (seção 0): ***xeru ovaẽ rire xee ajapo 'rã tembi'u oguata aguã*** 'depois que meu pai chegar, vou preparar comida para que ele viaje'. A sintaxe é a mesma, com um ressalvo: apenas as orações com indexação referencial entram em cadeias longas; outras orações subordinadas adverbiais só se encontram com um nível de encaixamento.

Na presente análise, pois, uma **UNIDADE DE PROCESSAMENTO** é composta de uma oração junto com seus dependentes oracionais adverbiais, se houver. Para uma determinada oração pode ocorrer, em geral, apenas uma oração dependente regressiva (uma oração subordinada adverbial que ocorre após sua oração matriz), mas no sentido progressivo pode ocorrer outra unidade de processamento inteira.[104] A unidade de processamento, pois, tem uma estrutura recursiva:

Unidade de processamento = (Unidade de processamento) Oração (Oração subordinada)

Figura 39: A unidade de processamento

Com unidades de processamento deste tipo, a sentença ilustrativa pode ser analisada da seguinte forma (o símbolo **s** significa qualquer conjunção subordinativa):

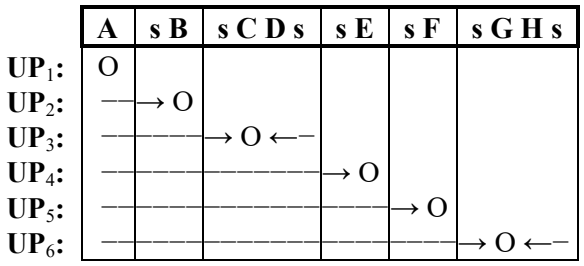

Figura 40: Unidades de processamento (UPs) na sentença ilustrativa

Conforme Figura 40 então, o processamento da sentença ilustrativa procede da maneira seguinte:

- a primeira oração A é processada como a primeira unidade de processamento (**UP**$_1$):
  kunhataĩ iporã va'e ou 'a moça bonita veio';
- a primeira unidade (**UP**$_1$), já processada, é integrada à segunda oração B através da sua conjunção subordinativa e processada como a segunda unidade (**UP**$_2$):
  kunhataĩ iporã va'e ou vy ma "Mba'exa ta xengana" he'i nguu pe 'a moça bonita veio e disse a seu pai "Qual é que vai me ganhar?"';
- esta segunda unidade (**UP**$_2$) é integrada à terceira oração C através da sua conjunção subordinativa, junto com a oração D com sua conjunção subordinativa, que é dependente no sentido regressivo, para compor a terceira unidade de processamento (**UP**$_3$):
  kunhataĩ iporã va'e ou vy ma "Mba'exa ta xengana" he'i nguu pe ramo "Peva'e" he'i Pyxaĩ re oma'ẽ vy 'a moça bonita veio e disse a seu pai "Qual é que vai me ganhar?" e ele disse "Aquele" (D) olhando

[104] Com orações subordinadas de propósito é possível ter encaixamento duplo: ***ava ooxe ka'aguy re okaxa vy, guaxu ojuka aguã*** 'o homem queria ir à mata caçar, para matar veado'.

para Pyxaĩ';
- e assim por diante procede, até processar a última unidade de processamento ($\mathbf{UP}_6$), que é a sentença inteira, a única **UNIDADE DE PROCESSAMENTO INDEPENDENTE**.

Neste processo, parece importante que cada oração que é subordinada em sentido progressivo, seja processada antes de ser integrada à sua oração matriz. Isto é facilitado pela posição da conjunção subordinativa que ocorre após a oração subordinada.

21.5 Orações subordinadas reduzidas

É comum que ocorram orações subordinadas reduzidas, com predicador e argumentos ocultos. Existem dois tipos:
- os que começam com o pronome anafórico ***ha'e*** (seguido facultivamente da posposição ***rami*** 'como'),
- os que começam com uma expressão posposicionada; os dois terminam com uma conjunção subordinativa.

21.5.1 Orações subordinadas da forma *ha'e* (*rami*) + conjunção subordinativa em função de conectivo sentencial

Estas expressões comumente ocorrem em função de **CONECTIVO SENTENCIAL** (seção 23). O pronome anafórico ***ha'e*** 'aquilo, aquele(a)' geralmente designa o conteúdo da frase anterior:
ha'e vy 'dando prosseguimento',
ha'e ramo 'mudança na ação',
ha'e rã 'mas, em contraste',
ha'e rire 'depois daquilo',
ha'e gui 'então', etc.

Já ***ha'e rami*** 'conforme aquilo' geralmente designa o conteúdo de uma unidade discursivo maior, anterior (Dooley 1986, 1992):
ha'e rami vy 'em conformidade com aquilo',
ha'e rami ramo ou ***ha'e rami rã*** 'em reação ou resposta àquilo',
ha'e rami rire 'em consequência daquilo',
ha'e rami py ou ***ha'e ramia py*** 'desse modo',
ha'e rami avi 'semelhante a isso', etc.

No conectivo ***ha'e rami avi*** 'semelhante a isso', ***avi*** funciona como uma conjunção subordinativa, enquanto em outros contextos ele funciona como intensificador. O pronome ***ha'e*** às vezes ocorre com acréscimos:
ha'ekue rami vy 'em conformidade com aquilo que aconteceu no passado',
ha'e va'e rami vy 'em conformidade com aquilo que acabei de introduzir'.

Exemplos ilustrativos se encontram na parte guarani-português do léxico.

Na fala de certas pessoas, este tipo de oracão subordinada reduzida fica mais reduzida ainda. Isso acontece de duas formas.
- Pode ocorrer apenas a conjunção subordinativa, ou seja, a conjunção subordinativa se torna um connectivo sentencial, além de ligar orações dentro da sentença. Nesta situação, uma fronteira entre contornos da entonação se torna o principal sinal da fronteira sintática entre sentenças:
  Rovaẽ ju ma orero py. Rire ko'ẽ rã roo ju. 'Chegamos de volta a nossa casa. Depois, no outro dia, fomos outra vez.'
- Pode ocorrer apenas o pronome ***ha'e***:
  Ju'i oiko ma kuriju'y'a re. Ha'e yvy tuvixave ma ramo ma je akuxi'i avi oiko. 'O sapinho já chegou a existir na fruta de árvore. Daí quando a terra já estava maior, a cutia também chegou a existir.'
  Este uso, que se encontra apenas em lugares menos conservadores, neutraliza outros conectivos sentenciais.

Na narrativa, os conectivos referenciais contendo uma conjunção subordinativa temporal sequencial ocorrem em quase 50% das sentenças iniciais de parágrafo, enquanto os conectivos com uma conjunção subordinativa causal ou de indexação referencial predominam dentro de parágrafos (veja seções 0 e 21.1.3). Isto sublinha a importância das descontinuidades temporais na estrutura narrativa e a consequente necessidade de atualizar a orientação temporal no começo das unidades temáticas narrativas (Dooley e Levinsohn 2001:38).

21.5.2 Orações subordinadas da forma expressão posposicionada + conjunção subordinativa em

função de termo adverbial

Orações subordinadas reduzidas desta forma funcionam pouco no nível do discurso e mais na semântica da oração, em função de termo adverbial adjunto de oração (seção 20.8). Exemplos incluem:

hexeve vy 'agindo junto com ele',
ixupe rã 'conforme ele pensa',
xevy rã 'conforme eu penso, na minha opinião',
ijayvuague rami vy 'em conformidade com aquilo que ele falou',
gueko rami vy 'em conformidade com seu sistema (sua maneira de viver)',
ojapo ukaague rami vy 'em conformidade com o que ele mandou fazer'.

22 Complementos oracionais; citações diretas e indiretas

Um **COMPLEMENTO ORACIONAL** é uma oração nominalizada que ocorre como um complemento (um termo nominal), como no português *eu disse que ele viria* (Crystal 2000). O sinal principal da nominalização oracional é o **COMPLEMENTIZADOR ORACIONAL** – um nominalizador que nominaliza a oração toda e designa a ação verbal ou circunstância em vez de um argumento (veja seção 19). Em guarani mbyá, é raro complementos oracionais ocorrerem como sujeitos gramaticais (***nderova re ojekuaa ovy'aa*** 'no rosto de você aparece sua alegria/que você está alegre'); é bem mais comum eles ocorrerem como o complemento de uma posposição num termo oblíquo (***ovy'aa rami ijayvu*** 'falou como se ele estivesse alegre') ou como o objeto direto ou indireto de um v. t. (***aikuaa revy'aa*** 'sei que você está alegre', ***nderu ijayvu revy'aa re*** 'seu pai falou sobre sua alegria/sobre o fato de que você está alegre'). O último exemplo é de uma citação indireta; as citações indiretas constituem um subtipo dos complementos oracionais; elas são descritas, junto com citações diretas, na seção 22.4.

Todos os complementos oracionais são finitos no sentido de aceitar um predicador flexionado e ter um sujeito independente do sujeito da oração matriz.

Assim como as orações subordinadas adverbiais, os complementos oracionais também têm uma distinção modal binária cujos sinais principais são os subordinadores, mas no seu caso a distinção tem a ver tanto com a modalidade instrumental quanto com a epistêmica (seção 11.3). Às vezes a dimensão instrumental (informativa ou manipulativa) é mais saliente (seção 11.1), às vezes a dimensão epistêmica (real ou potencial) é mais saliente (seção 11.2); outras vezes as duas dimensões são igualmente relevantes.

- A opção não-marcada é **A MODALIDADE INFORMATIVA/REAL**. Ela é assinalada prinicipalmente através do nominalizador ***-a***^{1} (seções 19.2 e 22.3): ***xeayvu xera'y oua re*** 'falei sobre a vinda do meu filho'; compare a oração independente declarativa ***xera'y ou*** 'meu filho vem'. Visto que a modalidade real é a escolha não-marcada (seção 11.2), ela ocorre quando a realidade da situação é indeterminada, como no exemplo acima. Os **COMPLEMENTOS INFORMATIVOS/REAIS**, portanto, levam o pressuposto de que a ação se realizou mesmo (ou está sendo realizada, ou se realizará) ou não levam pressuposto algum a respeito.
- A opção marcada é a **MODALIDADE MANIPULATIVA/POTENCIAL**, assinalada pelo nominalizador ***aguã*** (seções 19.5 e 22.3): ***xeayvu xera'y ou aguã re*** 'falei para meu filho vir/que meu filho devia vir'; compare a oração independente imperativa ***xera'y, eju*** 'meu filho, venha'. Os **COMPLEMENTOS MANIPULATIVOS/POTENCIAIS** indicam uma situação duvidosa, hipotética, incerta, apenas possível, ou uma situação que o sujeito quer realizar.

Outros sinais, menores, da modalidade são indicadores de tempo, aspecto e modalidade (seção 22.1) e outros elementos morfêmicos (seção 21.3.2).

Os complementos oracionais em geral não aceitam modos não-indicativos (seção 11.1) ou partículas modais (seção 12.3.3.2). Os complementos oracionais da modalidade manipulativa/potencial (seção 22.2) não aceitam certos outros indicadores de tempo, aspecto e modalidade (seção 12.3).

Na descrição seguinte, observaremos que o tipo de complementizador que ocorre e os outros elementos modais que o complemento aceita são relacionados à modalidade do próprio complemento (seção 11.3) – se ele é informativo/real (seção 22.1) ou manipulativo/potencial (seção 22.2) – em vez da modalidade ser determinada pelo verbo da oração matriz, ao contrário da abordagem de Givón (1984:317). Como veremos, é comum o mesmo verbo ter complementos de modalidades diferentes em contextos diferentes.

22.1 Complementos informativos/reais e o complementizador *–a*^{1}

O complementizador mais comum é o sufixo ***–a***^{1} nominalizador de orações (seção 19.2), que ocorre com

complementos informativos/reais. A oração matriz comumente tem um v. t. dos tipos seguintes:

- verbos de cognição (***-kuaa*** ‘saber’, etc.):
  aikuaa ava ou 'rãa ‘sei que o homem virá’;
- verbos de percepção (***-endu*** ‘ouvir’, etc.):
  aendu ava ouague ‘ouvi que o homem veio’;
- verbos de declaração (***-mombe'u*** ‘contar’, ***-ayvu*** ‘falar’, etc.): [105]
  amombe'u ava ou raka'eague ‘contei que o homem veio antigamente’;
  xeayvu ava oua re ‘falei sobre o fato que o homem vem’.

Nos exemplos acima, os complementos contêm certos indicadores de tempo, aspecto e modalidade (seção 12.3): a partícula de tempo ***'rã*** ‘futuro’ (seção 12.3.1.2), o verbo suplementar ***aikovy*** ‘ação costumeira’ (seção 12.3.2) e o elemento modal de tempo ***raka'e*** ‘acontecimento no tempo passado, não presenciado pelo falante’ (seção 12.3.3.1). Os únicos indicadores de tempo, aspecto e modalidade que não ocorrem nos complementos informativos/reais são as partículas modais (seção 12.3.3.2) e algumas destas, excepcionalmente, ocorrem em perguntas indiretas (seção 22.5).

Em dois dos exemplos acima o nominalizador é seguido de um sufixo flexional de tempo, ***–gue*** ‘passado’: ***aendu ava ouague*** ‘ouvi que o homem veio’; ***amombe'u ava ou raka'eague*** ‘contei que o homem veio antigamente’. O nominalizador ***–a***^{1} aceita mais dois sufixos flexionais: ***–rã*** ‘futuro’ e ***–ty*** ‘repetidas vezes’. Nos dados disponíveis, contudo, o sufixo ***–rã*** não flexiona com ***–a***^{1} diretamente na forma ***–arã***; se ele ocorrer com ***–a***^{1}, é somente após ***–ty***: ***ajou ake atyrã*** ‘achei um lugar onde eu poderia sempre pousar’. Nos lugares onde se esperaria ocorrer a forma ***–arã***, utiliza-se o nominalizador livre ***aguã*** ‘subordinador da modalidade manipulativa/potencial’: ***ajou ake aguã*** ‘achei um lugar onde eu poderia pousar/para pousar’. Esta mudança do nominalizador tem sua lógica: “O futuro é claramente um tempo potencial” (Givón 1984:285).

Com verbos tais como ***-ayvu*** ‘falar’, ***-mombe'u*** ‘contar’, o complemento oracional pode ser seguido da posposição ***rami*** ‘como’, no sentido mais vago de ‘dar uma impressão’:

remombe'u kuri ha'e nunga re xemondaa rami ‘você contou dando a impressão de que estou roubando aquilo’,

peteĩgueve xee ndaxeayvui nderejoguereko porãia rami ‘nenhuma vez falei no sentido de que você não está liderando bem’.

22.2 Complementos manipulativos/potenciais e o complementizador *aguã*

O nominalizador livre ***aguã*** (seção 19.5) ocorre com complementos oracionais da modalidade manipulativa/potencial, que inclui o tempo futuro simples, como acabamos de observar na seção 22.1. Outros exemplos incluem os seguintes:

narõi ava ou aguã ‘eu não esperava que o homem viesse’, com o v. t. direto ***–arõ*** ‘esperar’;
aendu teri arõ aguã ‘ainda sinto que devo esperar’, com o v. t. direto ***–endu*** ‘ouvir, sentir’;
ajou ake aguã ‘achei um lugar onde eu poderia pousar/para pousar’, com o v. t. direto ***–jou*** ‘achar’;
ndajoui ajevy voi aguã ‘não achei como voltar logo’, com o v. t. direto ***–jou*** ‘achar’;
ndaikuaai anhombo'e aguã ‘não sei como ensinar outros’, com o v. t. direto ***–kuaa*** ‘saber’;
xeayvu ava ou aguã re ‘falei que o homem devia vir’, com o v. t. indireto ***-ayvu*** ‘falar’.

Vários dos verbos principais nos exemplos acima (***–endu*** ‘ouvir, sentir’, ***–kuaa*** ‘saber’, ***-ayvu*** ‘falar’) ocorrem também nos exemplos da seção 22.1 anterior com complementos informativos/reais. Isso mostra que o tipo do complemento não é determinado pelo verbo principal, mas pela modalidade do próprio complemento.[106]

O nominalizador ***aguã*** às vezes indica circunstância (tempo ou lugar). No exemplo seguinte, o

---

[105] Não é claro se o verbo ***-'e*** ‘dizer’ aceita citações indiretas, como complemento informativo (***ndee ae aipo're kuri xevai aikovya rami*** ‘você mesmo disse que eu sou ladrão’) ou manipulativo (***aipo're ava ou aguã*** ‘dissemos que o homem deveria vir’), pois nos dados disponíveis isso só consta em material traduzido do português.

[106] Existem verbos que em certas outras línguas levam complementos oracionais – inclusive os **“VERBOS MODAIS”** tais como ***poder***, ***querer***, ***dever*** (Givón 1990) – mas em guaraní mbyá esses significados são comumente expressos através de construções de outros tipos, principalmente por radicais verbais pospostos que ocorrem dentro da locução verbal (seção 12.1.2).

complemento oracional é de lugar, com a posposição ***py*** 'em': ***oo ouga aguã py*** 'foi no lugar onde iria jogar'. A modalidade do complemento é manipulativa/potencial por causa do tempo futuro.

Como observamos na seção anterior, os complementos informativos/reais aceitam partículas de tempo (seção 12.3.1.2), verbos suplementares (seção 12.3.2) e elementos modais de tempo (seção 12.3.3.1); certas partículas modais (seção 12.3.3.2) ocorrem em perguntas indiretas (seção 22.5). Desta lista de elementos, os complementos manipulativos/potenciais com ***aguã*** aceitam apenas verbos suplementares: ***aendu teri arõ aikovy aguã*** 'ainda sinto que devo ficar esperando'.[107]

O elemento ***aguã***, além de ocorrer como nominalizador e complementizador, ocorre também como conjunção subordinativa, para indicar propósito: ***aju ake aguã*** 'vim para dormir' (seção 0). Neste exemplo, a oração subordinada ***ake aguã*** 'vim para dormir' é um adjunto adverbial, não um complemento; o v. i. principal ***–ju*** 'vir' nem leva um complemento. Mesmo assim, a modalidade da oração subordinada, como a modalidade de cada oração de propósito, é manipulativa/potencial, sendo de realização incerta.

Nos complementos manipulativos/potenciais apresentados até agora, a dimensão epistêmica – ou seja, a modalidade potencial – é mais saliente. Este quadro muda nas perguntas indiretas (seção 22.5), onde a distinção modal é principalmente na dimensão instrumental (informativa versus manipulativa).

22.3 Complementos sem complementizadores

Dois v. t. diretos com complementos são excepcionais por não levarem complementizador algum:

- ***-'e*** 'dizer (com citação direta)':
  aipoe'i: — Aju voi 'rã — he'i '(ele) disse — Virei logo — disse';
- ***-pota*** 'querer (que outra pessoa faça algo)':
  aipota peju voi 'quero que venham logo'.

As citações diretas com o verbo ***-'e*** 'dizer' aceitam todos os indicadores de modalidade – os modos não-indicativos, partículas modais e até a modalidade exclamativa – elementos que não ocorrem em quaisquer outras orações subordinadas. Isso se explica pelo fato de que uma citação direta não ser um complemento oracional, quanto menos uma oração subordinada, mas um complemento sentencial ou até discursivo (veja seção 22.4).

Já os complementos de ***-pota*** 'querer' são oracionais.Visto que eles não aceitam indicadores de tempo, aspecto ou modalidade (exceto verbos suplementares; veja seção 22.1), eles têm todas as características dos complementos manipulativos/potenciais, menos o complementizador ***aguã*** (seção 22.2). Na semântica também eles são da modalidade manipulativa/potencial, pois designam uma ação apenas desejada. Portanto, os complementos oracionais de ***-pota*** são analizados como complementos manipulativos/potenciais defectivos.

22.4 Citações diretas e indiretas

Uma **CITAÇÃO DIRETA** pretende representar as palavras exatas do falante, enquanto uma **CITAÇÃO INDIRETA** é uma versão do conteúdo adaptada à situação de fala atual. Já observamos várias características gramaticais desses dois tipos de citação em guarani mbyá, as quais resumimos aqui.

- As citações diretas geralmente se realizam através do verbo da oração matriz ***-'e*** 'dizer': ***ava aipoe'i: — Aju voi 'rã — he'i*** 'o homem disse — Virei logo — disse'. O complemento deste v. t. direto é a citação direta, mas não é um complemento oracional: é sentencial ou até discursivo. Nem é uma construção subordinada: é independente, tendo a mesma forma que o enunciado sendo citado (veja seção 22.3).
- Uma citação indireta é um complemento oracional, cujo verbo matriz pode ser de vários: ***-ayvu*** 'falar', ***-mombe'u*** 'contar', ***-porandu*** 'perguntar', ***-endu*** 'ouvir, sentir', ***-kuaa*** 'saber' e outros. Como complementos oracionais, as citações indiretas ocorrem tanto na modalidade informativa/real com o complementizador ***–a***^{1} (***xeayvu ava oua re*** 'falei sobre a vinda do homem'; seção 22.1) quanto na modalidade manipulativa/potencial com o complementizador ***aguã*** (***xeayvu ava ou aguã re*** 'falei que o homem devia vir'; seção 22.2). Complementos informativos/reais aceitam todos os indicadores de tempo,

[107] Como se explica na seção 12.3.2, os verbos suplementares às vezes ocorrem em função adverbial em vez da função de indicador de tempo, aspecto e modalidade. Se isso vigorar em todos os exemplos como o citado acima, os complementos potenciais não aceitariam qualquer indicador de tempo, aspecto e modalidade.

aspecto e modalidade (seção 12.3) exceto as partículas modais, enquanto os complementos manipulativos/potenciais não aceitam nenhum desses elementos exceto, às vezes, verbos suplementares (seções 22.1 e 22.2).

Outros detalhes gramaticais das citações são abordados na seções 22.4.1. Quanto às suas condições de uso, em guarani mbyá as citações diretas ocorrem bem mais do que em português ou inglês, como, por exemplo, no pensamento citado (seção 22.4.2). A escolha entre os dois tipos de citação indica que as citações diretas constituem o padrão (seção 22.4.4).

22.4.1 As margens das citações diretas

O verbo ***–'e*** 'dizer', além de ter irregularidades na sua flexão de pessoa e número (veja o léxico), tem duas formas do seu radical:

- a forma ***aipoe'i*** 'disse' (só citando aqui a flexão da 3ª pessoa) ocorre antes da citação, como uma **PRÉ-MARGEM DA CITAÇÃO**;
- ***he'i*** 'disse' ocorre após a citação, como uma **PÓS-MARGEM**.
- É comum que as duas margens ocorram com uma só citação:
  ava aipoe'i: — Aju voi 'rã — he'i 'o homem disse: — Virei logo — ***disse***'.

O verbo ***–'e*** 'dizer' tem dois argumentos (seção 6.3.1) além do objeto direto que é a citação: o sujeito (o falante) e o objeto indireto (o destinatário). Estes comumente ocorrem em forma explicitada, numa das duas margens:

Tatu kuery aipoe'i ao apoa pe: — Mbovy py nda'u parito iporã va'e rejapo 'rã orevy? — he'i.
'Os tatus disseram ao alfaiate: — Quantos paletós bonitos vai fazer para nós — disse.'
Parito apoa aipoe'i: — Iju va'e ajapo ndevy — he'i ixupe.
'O fazedor de paletó disse: — Fiz um amarelo para você — disse a ele.'

É possível também o verbo na pré-margem ficar oculto:

Nhanderu tenonde — Ha'e rami ri ramo nhamoingo ei avei — he'i.
'Nosso pai primordial — Se for assim, façamos mel também — disse.'

Na pré-margem às vezes ocorre outro "verbo dicendi" em forma de uma oração subordinada adverbial:

Taguato aipoe'i oporandu vy: — Mava'e pa pereko xevy uru pevende va'erã? — he'i.
'O gavião disse perguntando: — Quais são as galinhas que vocês têm para me vender? — disse.'

Uma ou outra margem poderá ficar oculta: a pós-margem comumente fica oculta em material escrito, enquanto a pré-margem comumente falta numa conversação relatada dentro de uma narrativa, se tiver pouca possibilidade de confusão referencial (por parte dos ouvintes falantes nativos!), como nos turnos posteriores ao turno iniciante:

Xivi aipoe'i: — Eguejy voi kompadre ka'i — he'i.
'A onça disse: — Desça logo, compadre macaco — disse.'
Ø — Any — he'i ka'i.
'Ø — Não — disse o macaco.'

É ainda possível, nestas condições narrativas, não ocorrer margem alguma:

— Jaa jajo'o nhanerembi'urã — he'i akuxi jaixa pe.
'— Vamos cavoucar para conseguir o que comer — disse a cutia à paca.'
— Neĩ, jaa katu jajo'o.
'— Então vamos cavoucar.'

Citações mais compridas são comumente cortadas numa sequência de citações menores, através de pós-margens repetidas:

Taguato aipoe'i uru ja kuery pe:
— Ha'eve ri uru kuery pemboty e'ỹ rã jepe. Ajua hora rei ajopy 'rã — he'i.
— Xee ae teĩ ajopy 'rã — he'i.
— Pexa uka rive ri xevy pe uru pevende va'erã — he'i.
'O gavião disse aos donos das galinhas:
— Daria dessa forma, mesmo se não fechá-las. Qualquer hora que eu vier, vou pegá-las — disse.
— Mesmo que eu esteja sozinho, vou pegá-las — disse.
— Apenas mostrem para mim as galinhas que vão vender — disse.'

Observa-se, pois, uma grande flexibilidade na forma das margens de citações diretas.

22.4.2 Citações diretas embutidas

Em material textual natural, encontram-se citações diretas embutidas em outras citações diretas:
— Xeryvy ave katu "Amenda rire ko'ẽve xera'y va'e" he'i — he'i tyke'y kuery.
'— Meu irmão mais novo também disse "Depois que eu me casar, no próximo dia terei um filho" — disse seus irmãos mais velhos.'

Ixy ojae'o vy aipoe'i: — Ha'e ramigua oiko gui ae ma ka'aguy guaxu re peo ta ma jave voi oromongeta vy, "Neĩ, tapeo. Joe pepu'ã eme ta'vy ka'aguy re," ha'e va'ekue — he'i.
'Sua mãe chorando disse: — Foi por causa desse tipo de acontecimento mesmo que, quando vocês estavam para ir à mata, os aconselhei dizendo, "Podem ir. Não fiquem brigando na mata" — disse.'

Mokoĩ ara rire tatu-ai parito apoa ro py oo vy oporandu: — Opa ma pa xeparitorã ajapo uka va'ekue? — he'i.
Ramo je parito apoa aipoe'i ixupe: — Ndopai teri — he'i. — "Kova'e xemana opaa py ke eju," ha'e va'ekue — he'i.
'No fim de dois dias o tatu-de-rabo-mole foi à casa do fazedor de paletós e perguntou: — Já terminou meu paletó que mandei fazer? — disse.
Então, o fazedor de paletós disse-lhe: — Não terminou ainda — disse. — Eu já disse, "Venha no fim da semana" — disse.'

22.4.3 Pensamento citado: razão, impressão inicial, opinião fixa

Enquanto no português o pensamento citado é geralmente relatado através da citação indireta (*Pensei que eu não iria* em vez de *Pensei: "Não vou"*), em guarani mbyá é geralmente relatado através da citação direta. Vejamos isso em três tipos de construções: razão (seção 22.4.3.1), impressão inicial (seção 22.4.3.2) e opinião fixa (seção 22.4.3.3). Em nenhuma dessas construções a citação direta implica que o falante realmente externalizou seu pensamento em forma audível; trata-se apenas de uma maneira convencional para apresentar o pensamento. Isto constitui evidência de que, na língua guarani mbyá, a citação direta é a forma padrão de citação.

22.4.3.1 Razão citada

Nos dois exemplos seguintes, o pensamento citado dentro é uma razão dada pela ação da oração matriz:
Pyxaĩ ryke'y kuery oguerovy'a, "Mba'eve rei po ndoguerui" he'i vy.
'Os irmãos mais velhos de Pyxaĩ ficaram contentes, pensando que ele não trouxe nada' (lit. '"Ele não trouxe nada" dizendo').

Avakue oma'ẽ okuapy hupa py, "Oke ri nhi'ã oupy" he'i vy.
'Os homens olharam na sua cama, pensando que ele devia estar dormindo' (lit., '"Ele deve estar dormindo" dizendo').

Em ambos os exemplos citados acima, a razão ocorre como uma oração subordinada regressiva (seção 21.3), enquanto a ação ocorre na oração matriz anterior. Isso é um padrão da língua, mesmo se a razão não ocorrer em forma de citação direta (seção 21.3.1).

22.4.3.2 Impressão inicial

Uma segunda construção envolvendo o pensamento citado tem a ver com uma impressão ou avaliação inicial que a pessoa tem ao presenciar algo:

"Ka'i ojejuka po ra'e" he'i.
'Pensou, com surpresa, que o macaco havia se matado' (lit., '"O macaco matou-se!" disse').

Vera "Xivi po aexa" he'i.
'Verá pensou que havia visto uma onça' (lit., 'Verá "Vi uma onça" disse').

Nos dois exemplos acima, a citação contém a partícula modal ***po*** 'impressão inicial'. Esta partícula, que ocorre como espaçador na estrutura informacional da citação (seção 24.4.3.2), é diagnóstica do pensamento citado do tipo impressão inicial.

22.4.3.3 Opinião fixa

A terceira construção tem a ver com uma opinião mais fixa, que a pessoa possa ter em relação a outra pessoa:

Ixupe "Imonda va'e" ha'e.
'Acho que ele é ladrão' (lit., 'A ele "Ladrão" digo').

Nesta construção, um objeto indireto ocorre numa das margens de citação; a citação em si é um sintagma nominal em função de predicativo nominal de um sujeito oculto (seção 9.6.2); este sujeito oculto da citação é correferencial com o objeto indireto da margem. Neste tipo de citação não ocorre a partícula ***po***; comumente, não ocorre um verbo na pré-margem, somente na pós-margem (seção 22.4.1).

22.4.4 Condições de uso

Em guarani mbyá, a citação direta é o padrão. Três fatos apoiam esta hipótese:

- As citações embutidas nas citações diretas não precisam ser indiretas, como em certas outras línguas, mas são geralmente diretas (seção 22.4.2).
- O pensamento citado, de todos os três tipos descritos acima, é comumente apresentado em citações diretas (seção 22.4.3).
- A motivação das citações indiretas se vê em condições específicas. Duas são:
  - ◊ *Para aumentar a especificidade do verbo de citação:*
    O verbo de citação utilizado nas citações diretas (o predicador na oração matriz), ***-'e*** 'dizer', é geral e neutro com respeito ao tipo do enunciado. Já os verbos de citação utilizados nas citações indiretas têm significados e conotações mais específicas:
    -ayvu 'falar' (que pode ter uma conotação de censura),
    -mombe'u 'contar (um fato) ou fornecer uma exposição de um tópico',
    -porandu 'perguntar', etc.
    Portanto, se o narrador quer utilizar o verbo de citação para comunicar algo específico, ele precisa formular uma citação indireta (a não ser que acrescente um verbo específico na margem da citação junto com o verbo ***-'e***, como ilustrado na seção 22.4.1).
  - ◊ *Para diminuir a especificidade do conteúdo da citação:*
    Se o narrador não quer ser específico em relação ao conteúdo da citação – se ele quer resumir a fala ou por qualquer outra razão não quer ser responsável por citá-la exatamente – ele pode apresentar a citação em forma indireta.

22.5 Perguntas indiretas

As **PERGUNTAS INDIRETAS** incluem elementos tanto das construções interrogativas quanto dos complementos oracionais.

- Assim como nas construções interrogativas (seção 11.1.4), as perguntas indiretas apresentam a partícula modal interrogativa (***pa*** 'indicador de pergunta', como elemento obrigatório; seção 12.3.3.2) e os três tipos de interrogação (a interrogação do tipo "sim-não", a "interrogação de conteúdo" com "palavras interrogativas" e interrogação disjuntiva).
- Como complementos oracionais, eles ocorrem nas duas modalidades informativa/real e manipulativa/potencial e apresentam os mesmos complementizadores (***–a***[1] e ***aguã***) que ocorrem em outros complementos oracionais. Entre as orações subordinadas, as perguntas indiretas são excepcionais em aceitarem partículas modais (seção 21.2.1.7).

As perguntas indiretas apresentam diferenças com citações indiretas (seção 22.4):

- elas não citam fala nem pensamento (seção 22.4.2),
- não existem meios diretos alternativos para sua expressão, como existe a citação direta como meio alternativo para citações indiretas.

22.5.1 Perguntas indiretas informativas/reais

Exemplos de **PERGUNTAS INDIRETAS DA MODALIDADE INFORMATIVA/REAL** incluem os seguintes:

PERGUNTAS INDIRETAS INFORMATIVAS/REAIS QUE CORRESPONDEM À INTERROGAÇÃO DO TIPO "SIM-NÃO" (SEÇÃO 11.1.4.1):

(1) kunhataĩ ajou teĩ ndaikuaa porãi xere pa openaxe 'rãa 'achei uma moça, mas não sei bem se ela irá querer se importar comigo';

(2) ndaikuaai ta'vy ha'e pa ra'e aexaague 'não sei bem se foi ele quem vi';

(3) Xariã oporandu mbojape ho'u aguã ha'eve paa re 'Xariã perguntou se dava para comer pão'.

PERGUNTAS INDIRETAS INFORMATIVAS/REAIS QUE CORRESPONDEM À "INTERROGAÇÃO DE CONTEÚDO"

(SEÇÃO 11.1.4.2):

(4) oipapa guymba ha'e javive mbovy pa oata ra'ea oikuaa aguã 'contou todos os seus animais para saber quantos estavam faltando';

(5) kunha va'e oporandu marã katy pa imonda va'e kuery jogueraa oje'oivyague re 'a mulher perguntou para onde os ladrões haviam ido juntos';

(6) nhande kuery ndajaikuaai mba'e pa hexe oiko raka'eague 'nós não sabemos o que aconteceu a ele'.

PERGUNTAS INDIRETAS INFORMATIVAS/REAIS QUE CORRESPONDEM À INTERROGAÇÃO DISJUNTIVA (SEÇÃO 11.1.4.3):

(7) oikuaaxe yvy okanhy aguã tata guaxu va'erã pa oiko, yvytu guaxu va'erã pa oiko, tyrã pa yy va'erã pa omboua 'queria saber se, para o mundo acabar, iria haver um grande fogo, iria haver um grande vento, ou iria ser enviada água';

(8) taexa pota porã, ouro ete pa oĩa tyrã anya aikuaa aguã 'deixe-me examinar bem, para eu saber se é ouro mesmo ou não'.

Em todos os exemplos acima ocorre o complementizador ***–a***[1], hospedado na locução predicadora do complemento ou na partícula interrogativa ***pa***, como no exemplo (3). Mas comumente o complementizador falta, por razões desconhecidas.[108]

Além do complementizador ***–a***[1] e da partícula interrogativa ***pa***, as perguntas indiretas informativas/reais aceitam os seguintes elementos:

- partículas de tempo/aspecto tais como ***ra'e*** 'constatação de um fato' (mirativo) nos exemplos (2) e (4) e ***va'erã ~ 'rã*** 'futuro' nos exemplos (1) e (7) (veja seção 12.3.1.2);
- verbos suplementares tais como ***oje'oivy*** 'irem juntos' no exemplo (5) (seção 12.3.2);
- elementos modais de tempo tais como ***raka'e*** 'no passado, não presenciado' no exemplo (6) (seção 12.3.3.1).

Não é de se estranhar o fato que existem perguntas indiretas informativas/reais, pois nas orações independentes, a construção interrogativa é da modalidade informativa, utilizando o modo indicativo (seção 11.1.4).

22.5.2 Perguntas indiretas manipulativas/potenciais

Nas **PERGUNTAS INDIRETAS MANIPULATIVAS/POTENCIAIS**, a modalidade manipulativa de 'dever' é saliente. Exemplos são dos tipos seguintes:

PERGUNTAS INDIRETAS MANIPULATIVAS/POTENCIAIS QUE CORRESPONDEM À INTERROGAÇÃO DO TIPO "SIM-NÃO" (SEÇÃO 11.1.4.1):

(1) xee ndaikuaai koropi ete pa jaa aguã 'eu não sei se é por aqui mesmo que devemos ir';

(2) ava'i oporandu avaxity rupi pa omba'eapo aguã re 'o menino perguntou se é no milharal que devia trabalhar'.

PERGUNTAS INDIRETAS MANIPULATIVAS/POTENCIAIS QUE CORRESPONDEM À "INTERROGAÇÃO DE CONTEÚDO" (SEÇÃO 11.1.4.2):

(3) xee rombo'e 'rã mava'e tape rupi pa peo aguã 'eu vou ensinar vocês por qual caminho devem ir';

(4) ore ae roikuaa marã rami pa orekuai aguã 'nós mesmos sabemos como é que devemos viver';

(5) hi'arandu va'e ma oikuaa 'rã raka'e pa roje'oi aguã 'o sabio irá saber quando é que devemos ir'.

PERGUNTAS INDIRETAS MANIPULATIVAS/POTENCIAIS QUE CORRESPONDEM À INTERROGAÇÃO DISJUNTIVA (SEÇÃO 11.1.4.3):

(6) xee ndaikuaai a katy pa jaa aguã tyrã a katy 'eu não sei se é para lá que devemos ir ou para lá';

(7) ore ma ndoroikuaai ko'ẽ ramo pa roo aguã tyrã anya 'nós não sabemos se é amanhã que devemos ir ou não'.

Nos exemplos acima, ocorre, além da partícula interrogativa ***pa***, o complementizador ***aguã*** no sentido manipulativo de 'dever'. Não ocorrem os indicadores de tempo, aspecto e modalidade que observamos nas

---

[108] Em material revisado o complementizador falta em aproximadamente 10% das perguntas indiretas reais (a maioria delas sendo do tipo "interrogação de conteúdo"), enquanto em material não-revisado a porcentagem pode chegar até 50%: ***xee ndaikuaai mava'e pa ha'e nunga ojapo*** 'eu não sei quem fez aquilo'.

perguntas indiretas informativas/reais (seção 22.5.1); aqui, no exemplo (5), ***raka'e*** ‘quando’ ocorre em função de palavra interrogativa em vez de elemento modal de tempo.

23 A sentença

Na gramática do guarani mbyá, a sentença é composta de uma **UNIDADE DE PROCESSAMENTO INDEPENDENTE** (seção 21.4) como o núcleo sentencial, facultativamente precedida ou seguida de elementos periféricos (Dooley 1977b):

- *Elementos periféricos pré-nucleares:*
  conectivos sentenciais,
  elementos destacados para a esquerda,
  vocativos.
- *Elementos periféricos pós-nucleares:*
  elementos destacados para a direita,
  vocativos.

Os elementos destacados, que fazem parte da estrutura informacional, são descritos na seção 24.3.2.

Em cada nível da estrutura pode ocorrer uma construção coordenada:

- Uma oração independente pode ter predicados coordenados:
  ore kuery roma'etỹ, roka'api, romba'eapo mba'emo'i roguereko aguã ‘nós plantamos, capinamos, trabalhamos para que tenhamos alguma coisinha’.
- A unidade de processamento independente pode ser coordenada:
  heta va'e kuery oupa ovaexã vy, foguete guive opoi okuapy oguerovy'a vy ‘todos os “brancos” vieram para se encontrarem com ele, e também todos soltaram foguetes agradando-o’.
- Podem ocorrer orações subordinadas coordenadas:
  ava ooxe ka'aguy re okaxa vy guaxu ojuka aguã, oke aguã guive ‘o homem queria ir à mata caçar, para matar veado, para dormir também’.

23.1 Conectivos sentenciais e repetição oracional

Assim como os conectivos sentenciais resumem orações subordinadas adverbiais (seção 21.5), uma das funções das orações subordinadas adverbiais é substituir um conectivo sentencial ou ocorrer em aposição a ele. Esta **REPETIÇÃO ORACIONAL** se realiza de várias formas:

- a oração essencialmente repete a oração independente da sentença anterior:
  ‘Depois, todos os visitantes chegaram. Quando chegaram, o dono da casa veio e disse...’,
- a oração resume um trecho anterior:
  ‘Quando tudo isso aconteceu, todos vieram para fora...’;
- a oração afirma informação que é facilmente deduzida a partir do contexto e normas culturais:
  ‘O homem chegou na sua casa. Quando entrou, viu que...’.

Assim, a repetição oracional estabelece condições sob as quais a informação nova, a ser contada na oração matriz, terá sentido (Schank 1974); esta é a função principal dos conectivos sentenciais também, a função de ponto de partida na estrutura da informação (seção 24.3.2.2). Por isso, é comum que um conectivo sentencial, ou a repetição oracional, seja seguida de um partícula do tipo “espaçador” (seções 12.3.1.1, 24.4.3.2): ***Ha'e va'e rire ma ...*** ‘Depois disso, ...’. Em guarani mbyá, é comum também que a expressão inicial seja seguida de um intensificador/focalizador, que indica a ligação entre sentenças como foco de termo (seções 12.2, 24.4.3.1): ***Ha'e rire mae ma ...*** ‘Foi só depois disso que...’.

Outros detalhes sobre conectivos sentenciais são apresentados em Dooley 1986.

23.2 O vocativo

Quando ocorrer um vocativo, ele comumente ocorre em posição pré-nuclear: ***Sr. Roberto, renduxe rã amombe'u ta ore kuery ayvu py orereko*** ‘Sr. Roberto, já que você quer ouvir, vou contar nosso sistema em nossa língua’. Vocativos em posição pós-nuclear são menos comuns. É extremamente raro um vocativo ocorrer em posição medial da sentença.

24 A estrutura informacional (de foco)

Nas línguas em geral, há três realidades principais que a estrutura linguística reflete (Thompson 1978; Givón 1984, ch. 2):

- *informações semânticas:* informações lexicais, referenciais e proposicionais que o falante quer comunicar;
- *condições discursivo-pragmáticas:* fatores contextuais, especialmente os estados cognitivos do ouvinte que o falante vai monitorando e em relação aos quais ele faz ajustes na sua maneira de se expressar;
- *estruturas fixas:* arranjos cuja razão de ser pertence à história da língua.

Essas três realidades formam um espaço com três polos, dentro do qual as línguas do mundo se dispõem:

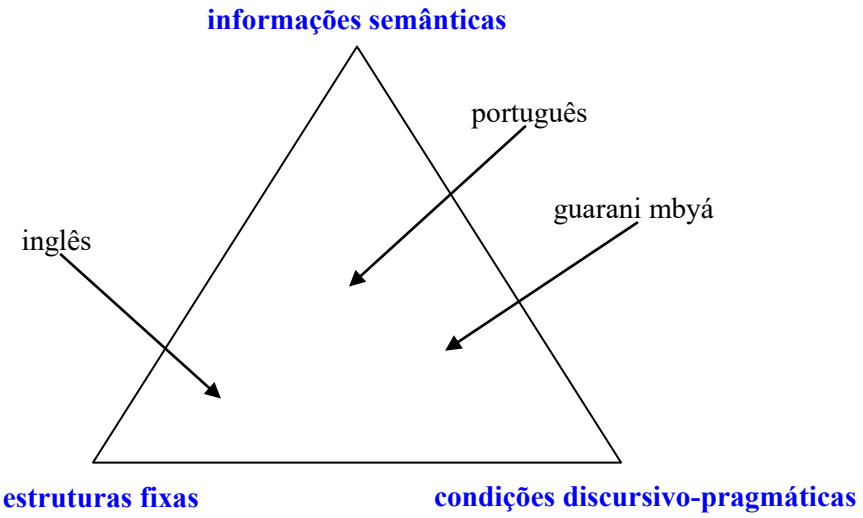

Figura 41: Três realidades que a estrutura linguística reflete

O inglês é notavelmente regido pelas estruturas fixas, sendo conhecido como uma língua de ordem de palavras fixa, enquanto o português e o guarani mbyá têm sintaxe mais flexível. Guarani mbyá utiliza sua flexibilidade sintática para refletir condições discursivo-pragmáticas mais do que o português, e muito mais do que o inglês.

A estruturação que é devida às condições discursivo-pragmáticas tem o nome de **ESTRUTURA INFORMACIONAL** (ou de foco). Ela é extremamente importante na gramática do guarani mbyá, até em classes lexicais tais como partícula (seções 12.3.1.1 e 24.4.3.2) e intensificador/focalizador (seções 12.2, 20.4 e 24.4.3.1). A presente seção resume a abordagem de Dooley 1982, reformulada conforme Lambrecht 1994.

24.1 O foco

O **FOCO** é a parte do enunciado onde o falante intenciona efetuar a mudança maior naquilo que o ouvinte sabe ou pensa (compare Dooley e Levinsohn 2003, seção 11.1). A informação focal é geralmente nova (inativa) ou contrastiva. Cada enunciado tem seu foco, que não sofre elipse (não fica oculto). Ele leva o núcleo entonacional do enunciado e comumente também leva marcadores morfêmicos.

O escopo ou alcance do foco comumente depende de fatores contextuais. Em geral, há três possibilidades:

FOCO DE SENTENÇA:

O enunciado todo está em foco, como em resposta a uma pergunta tal como ‘O que aconteceu?’.

oiko mba'emo vai ‘aconteceu uma coisa ruim’,

oky vaipa ‘choveu muito’.

FOCO DE PREDICADO:

O predicado está em foco, como em resposta a uma pergunta tal como ‘O que ele (ela) fez?’ onde o sujeito já está ativado ou pelo menos acessível:

poryko ma oẽ ‘o porco saiu’, ou simplesmente ***oẽ*** ‘saiu’, se o sujeito for oculto.

FOCO DE TERMO:

Apenas um termo do enunciado está em foco:

o sujeito: ***poryko ae oẽ va'ekue*** ‘foi o porco mesmo que saiu’,

o predicador: ***“Ou” nda'ei, oẽ ete poryko, ka'aguy katy*** ‘eu não disse “Veio”, o porco saiu mesmo, para a mata’,

o objeto: ***poryko ae amombe'u*** ‘é sobre o porco mesmo que estou contando’,

um termo adverbial: ***ko'ẽ ramo mae ma 'rã aguata*** ‘é só amanhã que vou viajar’.

Um enunciado, depois de aparentemente chegar ao seu fim, pode continuar com um novo foco; o elemento ***guive*** ‘também’ assinala um foco adicional: ***nda'ijayvui, ivai guive*** ‘não falou, ficou zangado também’.

24.2 Estados de ativação

Na estrutura informacional, as condições de uso de vários elementos comumente dependem do seu **ESTADO DE ATIVAÇÃO**. Num determinado momento, um conceito pode ter um de três estados de ativação (Chafe 1994, cap. 4):

CONCEITO ATIVO OU ATIVADO:
O conceito pode estar na consciência da pessoa, ou seja, a pessoa pode estar pensando sobre esse conceito, dando sua atenção a ele; nesse caso, o conceito está **ATIVO** na mente dessa pessoa.

CONCEITO INATIVO:
O conceito pode estar completamente desconhecido pela pessoa; nesse caso, ele está **INATIVO**.

CONCEITO ACESSÍVEL:
A pessoa pode ter conhecimento do conceito e poder identificá-lo quando ele for mencionado, sem ele estar necessariamente na sua consciência no momento; nesse caso, a entidade está **ACESSÍVEL**.[109]

Numa comparação com arquivos no computador, um conceito ativo é como um arquivo aberto, um conceito inativo é um arquivo que não se encontra na unidade, e um conceito acessível é um arquivo que existe, mas que está fechado no momento.

Os estados de ativação, em relação ao ouvinte e seus processos mentais, têm importantes consequências gramaticais, em guarani mbyá e nas línguas em geral:

- Somente um conceito que está ativo na mente do ouvinte pode ser oculto (sofrer elipse, ficar “subentendido”). Em guarani mbyá, tanto sujeitos quanto objetos diretos comumente ficam ocultos: ***aexa*** ‘vi’ ou seja, ‘eu o vi’. A elipse só tem sentido com elementos requeridos; em guarani mbyá, toda referência nominal requerida e ativada é oculta por padrão (veja seção 6.2). Quando elementos ativados são referidos explicitamente, os dois motivos mais comuns são:
  para evitar a ambiguidade referencial e
  para efetuar uma certa estrutura informacional, especialmente uma estrutura que envolva o contraste.
- Os pronomes pessoais (seção 5.2) só se referem a conceitos que estão ativos na mente do ouvinte: ***ha'e ou*** ‘ele veio’. (Os referentes dos pronomes da 1ª e 2ª pessoas são sempre ativos, sendo presentes no ato de fala.)
- Quando ocorrer um foco de termo, o restante da proposição precisa ser ativo na mente do ouvinte: no exemplo ***poryko ae ma oẽ va'ekue*** ‘foi o porco que saiu’, o fato de algo ter saído precisa ser, não apenas conhecido, mas ativo na mente do ouvinte (Dryer 1996).
- Quando ocorrer um foco de predicado, o elemento não focal precisa ser acessível, pelo menos, ao ouvinte: ***poryko ma oẽ*** ‘o porco saiu’.

Por causa disso, o uso de qualquer língua depende de uma constante avaliação, por parte do falante, dos estados de ativação de conceitos na mente do ouvinte. Para uma discussão do papel de artigos e outros determinantes como indicadores do estado de ativação, veja seção 18.4.

24.3 Construções e papéis pragmáticos

Em guarani mbyá, a pragmática é refletida, não apenas na marcação do foco, mas através de uma estruturação do enunciado inteiro, que utiliza um pequeno número de construções compostas de elementos com **PAPÉIS PRAGMÁTICOS** (Comrie 1981:62; são as “relações pragmáticas” de Lambrecht 1994:127), além das construções gramaticais com suas relações gramaticais tradicionais (sujeito, predicado, etc.).

24.3.1 Construções e papéis pragmáticos principais

A estrutura informacional utiliza certas construções e papéis pragmáticos que são altamente universais. As construções principais são:

---

[109] Conforme Chafe, o terceiro estado de ativação é “semiativo”, que, na prática, geralmente correponde ao acessível, mas é mais difícil de se reconhecer.

- tópico-comentário,
- foco-pressuposto,
- apresentacional,
- sentença de evento.

24.3.1.1 Tópico-comentário

Um **TÓPICO** pode ser considerado como o endereço cognitivo (o "arquivo") onde a informação focal deve ser registrada. Na estrutura informacional, **TÓPICO-COMENTÁRIO** é a construção padrão (mais neutra), e a forma mais comum de tópico-comentário é sujeito-predicado, com o sujeito no papel pragmático de tópico e o predicado no papel de foco (foco de predicado): ***poryko***$_{\text{Tópico}}$ ***oẽ***$_{\text{Comentário}}$ 'o porco saiu' (seção 24.1). Mas o tópico pode ser um outro elemento, tal como objeto direto (***poryko***$_{\text{Tópico}}$ ***ma ajuka***$_{\text{Comentário}}$ 'o porco, matei'); o **COMENTÁRIO** (neste exemplo, ***ajuka*** 'matei') é o restante do enunciado. Mesmo quando o tópico não for o sujeito, o comentário, por extensão, é considerado um foco de predicado.

O tópico precisa ser acessível ao ouvinte (seção 24.2); portanto, o tópico é geralmente definido ou genérico. Um tópico ativado geralmente sofre elipse: ***Ø***$_{\text{Tópico}}$ ***oẽ***$_{\text{Comentário}}$ 'Ø saiu'. Se não houver indicações ao contrário, o sujeito de uma oração independente pode ser tido como um **TÓPICO NÃO-MARCADO** (Lambrecht 1994, seção 4.2.1). A ordem tópico-comentário é quase invariável em guarani mbyá; raramente ocorre a ordem comentário-tópico, geralmente como cauda (seção 24.3.2.3) quando o tópico for ativado: ***Ha'e vy ma je oo. Nguu ete amba re oo. Já oo ma ha'e.*** 'E assim, diz que foi. Ao habitação do seu pai verdadeiro foi. Já foi, ele.' Possivelmente, como no exemplo acima, tópicos finais servem para fechar agrupamentos temáticos de sentenças (Dooley e Levinsohn 2003, cap. 7).

24.3.1.2 Foco-pressuposto

Em guarani mbyá, fora de tópico-comentário, **FOCO-PRESSUPOSTO** é a construção mais utilizada na estrutura informacional. O nome "foco-pressuposto" é tradicional na linguística, mas é um tanto enganador; "**FOCO**" se refere a um foco de termo (seção 24.1); "o **PRESSUPOSTO**" seria melhor chamado "o ativado", pela razão já citada (seção 24.2). Esta construção ocorre em quatro situações discursivas principais:

- quando o falante quer apresentar um contraste de diferença única (Dooley e Levinsohn 2003:108s): [***poryko ae***]$_{\text{Foco}}$ ***oẽ***$_{\text{Pressuposto}}$ 'foi o porco mesmo que saiu' (e não outro animal);
- para acresentar, à proposição anterior, um detalhe de informação nova: 'Uma vez fui caçar com não-índios.' [***pikape py***]$_{\text{Foco}}$ ***oroje'oi***$_{\text{Pressuposto}}$ 'foi numa picape que fomos';
- na interrogação de conteúdo (seção 11.1.4.2): ***Mba'exa***$_{\text{Foco}}$ ***tu peje'oi?***$_{\text{Pressuposto}}$ 'Como foi que vocês foram?';
- na resposta de uma pergunta sobre um termo: 'Como foi que vocês foram?' [***pikape py***]$_{\text{Foco}}$ ***oroje'oi***$_{\text{Pressuposto}}$ 'foi numa picape que fomos.'

Especialmente neste último caso, o pressuposto, sendo ativo, sofre elipse: [***pikape py***]$_{\text{Foco}}$ ***Ø***$_{\text{Pressuposto}}$ 'Numa picape.'

Quando um advérbio for transposto para fora da locução predicadora para ocorrer como um termo adverbial, é no papel de foco de termo, geralmente de contraste único: ***aju voive 'rã*** 'virei mais cedo' → ***voive 'rã aju*** 'é mais cedo que virei' (seção 12.1.3.1).

A ordem foco de termo – pressuposto parece ser invariável na língua.

24.3.1.3 Apresentacional

Numa narrativa, a construção **APRESENTACIONAL** é utilizada para introduzir um participante inativo, que tem um papel saliente no decorrer da história. Geralmente, esta construção começa com um ponto de partida e termina com um sintagma nominal, de foco, que identifica o participante sendo introduzido: ***yma***$_{\text{Ponto de partida}}$ ***je oiko*** [***peteĩ tuja'i***]$_{\text{Foco}}$ 'antigamente, se diz, vivia um velhinho'.

24.3.1.4 Sentença de evento

Uma **SENTENÇA DE EVENTO**, como construção na estrutura informacional, é um enunciado com foco e mais nada; é foco de sentença (seção 24.1) sem qualquer outro constituinte da estrutura informacional que cite fatores contextuais. A construção abrange:

- *enunciados da modalidade exclamativa:* ***tata!*** 'fogo!', ***kua!*** 'uê!' (seção 11.1.5);

- *respostas a interrogações afirmativo-negativas:*
  ta ‘sim’, ***any*** ‘não’ (seção 16.6);
- *enunciados de outros tipos:*
  oky vaipa ‘choveu muito’ (seção 9.5.1).

Sentenças de evento nominais podem ser consideradas como enunciados apresentacionais reduzidos.

24.3.2 Adjuntos na estrutura informacional; elementos destacados

Junto com as construções principais da estrutura informacional, podem ocorrer três papéis pragmáticos adjuntos:

- tópico externo,
- ponto de partida,
- cauda.

Estes elementos são **DESTACADOS PARA A ESQUERDA** (tópico externo ou ponto de partida) ou **DESTACADOS PARA A DIREITA** (cauda). Portanto, eles não são constituintes da oração (Van Valin e LaPolla 1997: 36-38) e, sim, da sentença (seção 23).

24.3.2.1 Tópico externo

Um **TÓPICO EXTERNO** (Dooley e Levinsohn 2003, seção 11.4.1) tem a função de tópico na estrutura informacional, mas não é um termo de oração: ***kova'e kyxe tu, xerexarai ra'e hexe*** ‘esta faca, eu havia esquecido dela!’. Neste exemplo, ocorre outro elemento correferencial na oração. Mas o tópico externo nem precisa ser correferencial com um termo da oração: ***kova'e kyxe tu, xerexarai ra'e*** ‘esta faca, eu havia esquecido’. Os tópicos externos são comuns no português coloquial (Pontes 1987), mas não no inglês.

24.3.2.2 Ponto de partida

Um **PONTO DE PARTIDA** (Dooley e Levinsohn 2003, seção 11.4.1) é um termo adverbial, comumente de circunstância (tempo ou lugar), acrescentado antes da construção principal. Vários tipos de elementos gramaticais comumente ocorrem como ponto de partida:

- conectivos sentenciais (seção 21.5.1);
- a repetição oracional (seção 23.1);
- orações subordinadas de condição (seção 21.3.1):
  mba'emo rei ereru ri vy ma ndee remenda 'rã xerajy re ‘se você trouxer alguma coisa, você vai se casar com a minha filha’;
- orações subordinadas de situação possibilitadora (seção 21.3.1):
  yvy tuvixave ma ramo ma je akuxi'i avei ma oiko ‘quando o mundo ficou maior, se diz, a cutia também chegou a existir’).

A função do ponto de partida é semelhante à do tópico (seção 24.3.1.1), no sentido de indicar o lugar no espaço mental do ouvinte onde ele deve armazenar a informação focal:

- com um tópico, o lugar de armazenamento é uma referência nominal;
- com um ponto de partida, é geralmente uma designação temporal ou espacial, ou ainda condicional.

Por causa desta semelhança funcional, pontos de partida em guarani mbyá utilizam os mesmos marcadores que assinalam tópicos:

- posição inicial (seção 24.4.1),
- contorno próprio de entonação (seção 24.4.4),
- partículas “espaçadoras” (seção 24.4.3.2).

24.3.2.3 Cauda

Uma **CAUDA** (Dik 1978:155-56; Dooley e Levinsohn 2003, seção 11.4.2) é um anexo à construção, com três funções típicas:

- suprir informação que antes faltava ou ficava vaga:
  ha'e nunga aexapa karamboae, xivi, ka'i ‘vi tudo aquilo, onça, macaco’;
- acrescentar informação que, se ocorresse antes, teria sobrecarregado o corpo do enunciado:
  kyrĩ'i omboypy'i inongy yvy, nhuũ'i reve ‘começou fazendo o mundo pequeno, com um pouco de grama’,
  ha'e pyve ju ajaty tape py, namombo rivexei vy ‘enterrei-a [a cobra] lá mesmo no caminho, pois não queria apenas jogar fora’;

- corrigir informação incorreta.

A cauda não é um constituinte da oração principal. Geralmente, ele tem seu próprio contorno de entonação. Caudas múltiplas são comuns.

24.3.3 Construções complexas encaixadas

É bem comum uma das construções principais (seção 24.3.1) ocorrer encaixada em outra, produzindo uma construção complexa. O encaixamento sempre substitui um papel pragmático da construção original, reestruturando-o. Nos exemplos a serem apresentados em baixo, as partículas espaçadoras aparecem em *letra itálica* e os intensificadores/focalizadores em **negrito**.

COMENTÁRIO REESTRUTURADO COMO TÓPICO-COMENTÁRIO:

Isto é bem comum em guarani mbyá. O resultado é dois tópicos, um interno e o outro externo:[110]

Tópico	**Comentário**	
	Tópico	**Comentário**
hu'y-rã *ma* flecha-FUT FRONTEIRA	xee 1SG	a-jou takua-'i 1SG-achar taquara-pequeno
'para as flechas, acho taquara fina'		

COMENTÁRIO REESTRUTURADO COMO FOCO-PRESSUPOSTO:

Este tipo de construção complexa é uma construção predileta:

Tópico	**Comentário**	
	Foco	**Pressuposto**
yma-gua kuery *ma* antigo-NML COL FRONTEIRA	mombyry **ete** 1SG verdadeiro	i-kuai 3-ser.PL
'os antigos, foi bem longe que moravam'		

Tópico	**Comentário**	
	Foco	**Pressuposto**
xee *ma* 1SG FRONTEIRA	nd-a'eve-i **ete** NEG-bom-NEG verdadeiro	a-iko 1SG-ser
'eu ando muito incomodado'		

Tópico	**Comentário**	
	Foco	**Pressuposto**
João *ma* nome FRONTEIRA	Marcos ra'y nome pai	o-iko 3-ser
'João é filho de Marcos'		

Para os últimos dois exemplos, veja seções **Error! Reference source not found.** e 9.6.1.

PRESSUPOSTO REESTRUTURADO COMO TÓPICO-COMENTÁRIO:

Este tipo de reestruturamento é menos comum:

Foco	**Pressuposto**	
	Tópico	**Comentário**
nde-r-yke'y re **nho** *ta* 2SG-r-irmão.mais.velho em afinal presteza	xe-r-ajy 1SG-r-filha	o-menda 3-casar.se
'é com seu irmão mais velho, afinal, que minha filha vai se casar'		

24.4 Marcadores da estrutura informacional

Há quatro tipos de marcadores na estrutura informacional:

- a ordem sintática dos termos da oração,
- a ocorrência de palavras livres,

[110] Como explica Lambrecht (1994:147): "O fato de que, na topicalização, um não-sujeito ocorre como tópico, não implica que o sujeito perca seu status de tópico. Portanto, uma sentença deste tipo pode ter dois tópicos."

- a ocorrência de elementos no fim de constituintes ou entre constituintes,
- a entonação.

Nem todos os marcadores ocorrem cada vez que poderiam. À medida que eles ocorrem, a construção se percebe como sendo mais marcada, mais saliente.

24.4.1 A ordem dos termos da oração

Nas orações independentes, a ordem pragmaticamente neutra dos termos não-pronominais é: Sujeito-Predicador-Objeto Direto-Adjunto (seção 4.1). As outras ordens geralmente refletem construções na estrutura informacional (seção 24.3), as quais ocorrem sob condições discursivo-pragmáticas específicas (para maiores detalhes, veja Dooley 1982).

Nas línguas em geral, as orações dependentes refletem, bem mais do que as orações independentes, as formas fixas provenientes dos padrões históricos da língua (Figura 41). Em guarani mbyá, portanto, nas orações dependentes as construções da estrutura informacional se realizam apenas de uma forma parcial, principalmente pela ordem dos seus constituintes. Como foi mencionado na seção 4.7, nas orações dependentes o predicador geralmente ocorre em posição final. Na primeira posição comumente ocorre um termo que serve como tópico ou ponto de partida para o restante da sentença, produzindo ordens marcadas:

- *Sujeito-Adjunto-Objeto direto-Predicador:*
  ava Sujeito ***oguy py***Adjunto ***jagua***Objeto direto ***oexa***Predicador ***jave...***
- *Adjunto-Sujeito-Objeto direto-Predicador:*
  oguy pyAdjunto ***ava*** Sujeito ***jagua***Objeto direto ***oexa***Predicador ***jave...*** ‘quando o homem viu o cachorro no galpão...’.

A primeira ordem é preferida para indicar o sujeito como tópico, a segunda para indicar o adjunto como ponto de partida.

24.4.2 A ocorrência de palavras livres

Toda referência nominal requerida, ativada é oculta por padrão (seções 6.2 e 24.2), seja ela do sujeito, objeto direto ou complemento de posposição. Sua ocorrência em forma explicitada, como um termo, sempre pede uma justificativa. A justificativa pode ser:

- *semântica:* para identificar o argumento evitando a ambiguidade, ou
- *discursivo-pragmática:* comumente, para servir de foco ou de tópico marcado (veja seção 24.4.3.2 e Dooley 1982:318s).

Pronomes livres de termos requeridos, visto que eles designam conceitos ativados, mas contribuem pouca informação semântica, quase sempre ocorrem por razões discursivo-pragmáticas (seções 20.2 e 24.3.2.3). Sujeitos gramaticais, uma vez ativados, geralmente ficam ocultos e funcionam como tópicos não-marcados: ***Ø***Tópico ***ndaikuaai***Comentário ‘Ø não sei’ (Lambrecht 1994, seção 4.2.1).

24.4.3 Elementos que ocorrem no fim de constituintes ou entre constituintes

A estrutura informacional, além de dispor elementos nas construções e papéis pragmáticos citados na seção 24.3, insere elementos entre os constituintes cujos efeitos incluem os seguintes:

- eles indicam fronteiras dos constituintes na estrutura informacional;
- eles frequentemente fornecem uma pista a respeito do papel pragmático do constituinte.

Quase todos os elementos que ocorrem entre constituintes na estrutura informacional têm funções em outros aspectos da gramática ou semântica que têm pouco a ver com a estrutura do foco – são termos adverbias, marcadores de tempo, aspecto ou modalidade, etc. É principalmente o posicionamento destes elementos que serve para assinalar a estrutura informacional. Tais elementos são de três tipos principais:

- focalizadores,
- partículas “espaçadoras”,
- termos adverbiais de cenário.

Pelo menos os primeiros dois tipos são enclíticos (Figura 32). Todos efetuam uma separação sintática entre constituintes da estrutura informacional.

24.4.3.1 Focalizadores

O papel pragmático de focalizador comumente utiliza um intensificador para assinalar que o sintagma é um foco de termo (seção 12.2). A própria locução predicadora pode ser focalizada (***nhavaẽ ete*** ‘chegamos mesmo’), ou o intensificador pode ser transposto fora da locução predicadora para ocorrer com um termo não-

predicador, no papel de focalizador (***mokoĩ araa py ete 'rã oiko*** ‘é exatamente no fim de dois dias que vai acontecer’).

Um foco de termo, na construção de foco-pressuposto (seção 24.3.1.2), comumente leva um focalizador, mas nem sempre: no enunciado [***pikape py***]$_{\text{Foco}}$ ***oroje'oi***$_{\text{Pressuposto}}$ ‘foi numa picape que fomos’, o foco de termo ***pikape py*** ‘numa picape’ é assinalado apenas por sua posição inicial e pela intonação. Às vezes um foco de termo leva uma partícula espaçadora, sem focalizador; isto é comum na interrogação de conteúdo (seção 11.1.4.2): ***Mba'exa***$_{\text{Foco}}$ ***tu peje'oi?***$_{\text{Pressuposto}}$ ‘Como foi que vocês foram?’

24.4.3.2 Partículas espaçadoras; papéis pragmáticos marcados

Neste esboço, **ESPAÇADOR** é um papel pragmático que uma partícula pode desempenhar ocorrendo como enclítico na fronteira entre constituintes na estrutura informacional; seu “hospedeiro” é sempre um termo não-predicador. A função do espaçador é assinalar esta fronteira, através da sua posição e propriedades fonológicas. Partículas são elementos invariáveis, átonos (seção 12.3.1.1 e Dooley 1982,1990b).

Fora do seu papel de espaçador, quase todas as partículas ocorrem também na locução predicadora, como partículas de tempo/aspecto (seção 12.3.1.2) ou partículas modais (seção 12.3.3.2). Elas só funcionam como espaçadores quando transpostas para fora da locução predicadora, para ocorrerem com termos não-predicadores. Apenas a partícula ***ma***^{2} ‘fronteira’ ocorre como espaçador somente; ele não tem outro significado ou função.

Espaçadores comumente ocorrem com o tópico, ponto de partida e foco de termo:

Com tópico:

xee ma ndaikuaai ‘eu não sei’.

Com ponto de partida:

ko'ẽ ramo ma aa 'rã tetã re ‘amanhã vou para a cidade’.

Com foco de termo:

mava'e tu ou? ‘quem foi que veio?’

Partículas espaçadoras aumentam a saliência do papel pragmático com o qual ocorrem. Com uma partícula espaçadora, por exemplo, um tópico se precebe como **TÓPICO MARCADO** (salientado), comumente indicando contraste.

Não é incomum duas partículas espaçadoras ocorrerem juntas: ***peva'e re rive 'rã ko xee yvoty amombo*** ‘é apenas naquele que eu, por minha parte, vou jogar a flor’.

24.4.3.3 Termos adverbiais de cenário

Outro tipo de elemento que pode ocorrer na fronteira entre constituintes da estrutura informacional é um termo adverbial de cenário, que pode ser uma oração subordinada adverbial: [***ndee voi reiko teria***]$_{\text{Objeto direto}}$ [***xeirũ Roberto***]$_{\text{Sujeito}}$ [***ovaẽ vy***]$_{\text{Oração subordinada}}$ ***omombe'u***$_{\text{Predicador}}$ ‘o fato de que você também está ainda vivo, meu companheiro Roberto chegando contou’. Este enunciado, cujo comentário é reestruturado como tópico – comentário (seção 24.3.3), contém portanto dois tópicos: o tópico externo ***ndee voi reiko teria*** ‘o fato de que você também está ainda vivo’, que é o objeto direto, e o tópico interno ***xeirũ Roberto*** ‘meu companheiro Roberto’, que é o sujeito gramatical. Na fronteira entre o tópico interno e seu comentário (o verbo ***omombe'u*** ‘contou’), ocorre a oração subordinada adverbial ***ovaẽ vy*** ‘chegando’. Independentemente do seu conteúdo, este elemento funciona como um espaçador através da sua posição linear e sua falta de intensidade fonológica, semelhante às partículas (24.4.3.2).

24.4.4 Entonação

Já notamos como nas fronteiras entre constituintes comumente ocorrem elementos fonologicamente fracos. Mesma na ausência de tais elementos, nestas fronteiras sintáticas regularmente ocorre uma fronteira entre contornos da entonação, às vezes com uma pausa (veja seção 3.10). Quanto mais perceptível for essa lacuna entonacional, mais salientada fica a divisão em constituintes. Em geral, cada constituinte com papel pragmático funciona, pelo menos em potencial, como um grupo de pausa.

O núcleo do contorno global do enunciado ocorre no foco, seja de qual tipo ele for (seção 24.1). Um acento entonacional secundário comumente ocorre no primeiro constituinte da estrutura informacional, se for distinto do foco. Em cada constituinte, a sílaba que leva o acento entonacional é a sílaba tônica do seu último grupo tonal (seção 3.4), a não ser que haja contraste que fuja dessa norma. Para detalhes maiores, veja Dooley 1976, 1982.

25 Abreviaturas

As seguintes abreviaturas encontram-se nesta Introdução ou no Léxico Guarani-Português:

A	na seção 7, Sujeito de verbo transitivo direto (Agente)
CAUS	causativo
COL	coletivo
COMIT	comitativo
excl	exclui o ouvinte
FUT	futuro
IMPESS	impessoal
incl	inclui o ouvinte
lit.	tradução literal; literalmente
NEG	negativo
NMLZ	nominalizador
O	objeto direto
P	na seção 7, objeto direto (paciente)
pl., PL	plural
RECÍP	recíproco
REFL	reflexivo
S	sujeito (apenas na seção 7: sujeito de verbo intransitivo)
sing., SG	singular
V	verbo
v. i.	verbo(s) intransitivo(s)
v. t.	verbo(s) transitivo(s)

26 Referências

26.1 A língua e cultura guarani (e de certas outras línguas da família tupi-guarani)

Brandão, Carlos R. 1990. "Os Guarani, índios do sul – religião, resistência e adaptação." *Estudos Avançados* 10:53-90.

Bruxel, Arnaldo. 1978. *Os trinta povos guaranis.* Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul e Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora.

Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara e Aryon Dall'Igna Rodrigues. 2005. "O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní." In Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (orgs.), Novos estudos sobre línguas indígenas. Editora U. de Brasília, 47-58.

Cadogan, Leon. 1946. "Las tradiciones religiosas de los indios Jeguaká Tenondé Porágué í del Guairá, comúnmente llamados Mbyá, Mbyá-Apyteré o Ka'ynguá." Asunção. *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay* 7:15-47.

Cadogan, Leon. 1952. "El concept guaraní de alma: su interpretación semántica." Buenos Aires. *Folia Linguística Americana* 1:31-34.

Cadogan, Leon. 1959. *Ayvu rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá.* Boletim 227, *Antropologia* no. 5, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Cadogan, Leon. 1963. "Caracteres específicos da cultura Mbüá-Guaraní." *Revista de Antropologia* 11.83-94.

Cadogan, Leon. 1968a. "Chonó Kyowyrá: a porte al conocimiento de la mitología guaraní." Asunção. *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo* 3:55-158.

Cadogan, Leon. 1968b. "Ñane Ramói Jusú Papá Ñengaretê." Asunção. *Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo* 3:425-50.

Clastres, Hélène. 1978. *Terra sem Mal.* São Paulo: Editora Brasiliense.

Dietrich, Wolf. 1986. *El idioma chiriguano: gramática, textos, vocabulario.* Madri: Instituto de Cooperacion Iberoamericana.

Dietrich, Wolf. 1990. "Chiriguano and Guarayo word formation." In Payne, Doris L. (org.), Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages. Austin: U. of Texas Press, 293-320.

Dietrich, Wolf. 1993a. "La importancia de los diccionarios guaraníes de Montoya para el estudio comparativo de las lenguas tupí-guaraníes de hoy." *Amerindia* 19/20.287-99.

Dietrich, Wolf. 1993b. "Mbyá, guaraní criollo y castellano: El contacto de las tres lenguas estudiado em un grupo mbyá de Misiones." *Signo & Sena* 3.55-71.

Dietrich, Wolf. 1994. "Word formation, syntax, or noun classification? Tupi-Guarani mba'e -- between lexicon and grammar." *Revista LatinoAmericana de Estudios Etnolingüisticos* 8.109-24.

Dooley, Robert A. 1976. "Guaraní intonation systems and their functions." *Arquivo Linguístico* no. 198. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. (org.). 1976. "Seis textos de guaraní." *Arquivo Linguístico* no. 036. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1977a. "A constituent boundary marker in guaraní." *Arquivos de Anatomia e Antropologia, Instituto de Antropologia Professor Souza Marques* 2.147-55.

Dooley, Robert A. 1977b. "Períodos guaraní". *Arquivo Linguístico* no. 034. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1978. "Pronouns and topicalization in Guaraní texts." *Arquivo Linguístico* no. 037. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1979/80. "Componentes semânticos na terminologia de parentesco guaraní." *Arquivos de Anatomia e Antropologia Prof. Souza Marques* 4-5:294-305.

Dooley, Robert A. 1980. “Participants in Guaraní narrative.” *Arquivo Linguístico* no. 035. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1982. “Options in the pragmatic structuring of Guaraní sentences.” *Language* 58.307-31.

Dooley, Robert A. 1984. “Nasalização na língua guaraní.” *Estudos sobre línguas tupi do Brasil. Série Linguística* 11.7-35.

Dooley, Robert A. 1983. “Spatial deixis in guarani.” *Ciência e Cultura* 35(9):1243-50.

Dooley, Robert A. 1986. “Sentence-initial elements in Brazilian Guaraní.” In Joseph E. Grimes (org.), *Sentence initial devices*, Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics and Arlington, TX: U. of Texas at Arlington, 45-69. Também in *Série Linguística* 9(1).157-97 (1987).

Dooley, Robert A. (org.). 1988. 29 textos de guaraní (dialeto mbyá). *Arquivo de Textos Indígenas.* Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1989. “Switch reference in Mbyá Guaraní: a fair-weather phenomenon.” *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, U. of North Dakota Session* 33:93-120.

Dooley, Robert A. 1990a. “Questionário preliminar para estudos comparativos de dialetos da língua guaraní.” *Arquivo Linguístico* no. 199. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1990b. “The positioning of non-pronominal clitics and particles in Lowland South American languages.” In Doris L. Payne (org.), 457-93.

Dooley, Robert A. 1990c. “Three phonological processes in Mbyá Guaraní: diphthongization, reduplication and gemination.” *Arquivo Linguístico* no. 190. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1991a. “A double-verb construction in Mbyá Guaraní.” *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, U. of North Dakota Session* 35:31-66.

Dooley, Robert A. 1991b. “Apontamentos preliminares sobre Nhandéva Guaraní contemporâneo.” *Arquivo Linguístico* no. 197. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1991/2003. “Guaranian languages.” *International Encyclopedia of Linguistics*, ed. by William Bright/William Frawley. Nova Iorque: Oxford University Press.

Dooley, Robert A. 1992. “When switch reference moves to discourse: the case of Mbyá Guaraní.” In Shin Ja J. Hwang and William R. Merrifield (orgs.), *Language in Context: Essays for Robert E. Longacre*, Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics, 97-108.

Dooley, Robert A. 1995. *Vocabulário básico do Mbyá Guaraní, revisado. Arquivo Linguístico* no. 195. Porto Velho: Sociedade Internacional de Linguística.

Dooley, Robert A. 1999a. “A noncategorial approach to coherence relations: switch reference constructions in Mbyá Guaraní.” In Eugene E. Loos (org.), *Logical relations in discourse*, Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics, 219-42.

Dooley, Robert A. 1999b. *Léxico guaraní, dialeto mbyá: versão para fins acadêmicos, com acréscimos do dialeto nhandéva e outros falares do sul do Brasil.* Revisão de novembro de 1998. http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLCNS/DICTGRAM/GNDIC.pdf.

Dryer, Matthew S. 2007. “Clause types.” In Timothy Shopen (org.), *Language typology and syntactic description, vol. 1: Clause structure.* 2nd ed. Cambridge University Press, 224-275.

Godoy, Marilia G. G. 1991. “Misticismo e etnicidade Guarani – radicalismo cultural no Estado de São Paulo.” *Terra Indígena* 60:22-38.

Guarani Renda (Avañe'ẽ). 2008. Disponível em: <www.guaranirenda.com> e <www.datamex.com.py/guarani/>. Acesso em: 26 dezembro 2008.

Guasch, Antonio, S. I. 1981. *Diccionario Castellano-Guarani y Guarani-Castellano,* 5a. edicion. Asuncion: Ediciones Loyola.

Guedes, Marymarcia. 1983. *Subsídios para uma análise fonológica de Mbia.* Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

Isquerdo, Aparecida N. 1992. "A palavra sagrada na cultura Guarani – uma cultura do Ayvu-Rapita." *Terra Indígena* 62:4-12.

Jensen, Allen A. 1993. "Wayampi". In Peter Kahrel e Rene van den Berg (orgs.), *Typological Studies in Negation*. Amsterdã: John Benjamins, 343-64.

Jensen, Cheryl. 1987. Object-prefix incorporation in Proto Tupí-Guaraní verbs. *Language Sciences* 9:45-55.

Jensen, Cheryl. 1989. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi.* Campinas: Editora da UNICAMP.

Jensen, Cheryl. 1997. "Coreferential marking in Tupí-Guaraní languages." Paper presented at the *XIII International Conference of Historical Linguistics*, Düsseldorf, Germany August 10-15,1997.

Jensen, Cheryl. 1998a. "Comparative Tupí-Guaraní morphosyntax." In Desmond C. Derbyshire e Geoffrey K. Pullum (orgs.), *Handbook of Amazonian languages,* vol. 4. Berlim: Mouton de Gruyter, 489-618.

Jensen, Cheryl. 1998b. "The use of coreferential and reflexive markers in Tupí-Guaraní languages." *Journal of Amazonian Languages* 1:2.1-49.

Jensen, Cheryl. 1999. "Tupí-Guaraní." In R. M. W. Dixon e Alexandra Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages.* Cambridge: Cambridge University Press, 125-163.

Lemle, Miriam 1971. "Internal classification of the Tupi-Guarani linguistic family." In David Bendor-Samuel (org.), *Tupi Studies I,* Norman, OK: Summer Institute of Linguistics, 107-29.

Meliá, Bartomeu e Liane Maria Nagel. 1995. *Guaraníes y jesuitas em tiempo de las misiones: una bibliografia didática.* Assunción: Centro de Cultura Missioneira, Cepag.

Monteiro, John Manuel. 1992. "Os guarani e a história do Brasil meridional: séculos XVI-XVII." In Manuela Carneiro da Cunha (org.), *História dos índios no Brasil.* Companhia das Letras, 475-98.

Moura Pires, Maria Lígia e Alcida Rita Ramos. 1980. "Bugre ou índio: Guaraní e Kaingang no Paraná," capítulo 5 de *Hierarquia e Simbiose: Relações Intertribais no Brasil* por Alcida Rita Ramos. São Paulo: Editora Hucitec.

Nhanderuete ayvu iky'a e'ỹ va'e: A Bíblia Sagrada na língua guarani mbyá. 2004. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil.

Nimuendaju (Unkel), Curt. 1987. *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos apapokúva-guaraní.* Tradução de Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo.

Payne, Doris L. 1994. "The Tupi-Guarani inverse." In Barbara Fox e Paul J. Hopper (orgs.), *Voice: form and function.* Amsterdã: John Benjamins, 313-40.

Ramos, Lorenzo, Benito Ramos e Antonio Martínez. 1984. *El canto resplandeciente é ayvu renda vera. Plegarias de los mbyá-guaraní de Misiones.* Organização, prólogo e notas de Carlos Martínez Gamba. Buenos Aires: Ediciones del Sol (Biblioteca de Cultura Popular, 3).

Restivo, Paulo. 1722. *Vocabulario de la lengua guaraní,* comp. por el P. A. Ruiz de Montoya. Pueblo de Sta. Maria la Mayor. Reimpresso 1893, Stuttgart: Christian Friedrich Seybold.

Restivo, Paulo. 1724. *Arte de la lengua guaraní.* Pueblo de Sta. Maria la Mayor. Reimpresso 1892, como Linguae Guaraní Grammatica. Hispanice a Rev. P. Iesuita Paulo Restivo secundum ... Antonio Ruiz de Montoya. Stuttgart: Christian Friedrich Seybold.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1945. "Fonética histórica Tupí-Guaraní: Diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani." *Arquivos do Museu Paranaense* 4.333-54.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1951a. "Esboço de uma introdução ao estudo da língua tupí." *Logos* 13.43-58.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1951b. "A composição em Tupí." *Logos* 14:1-8.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1952. “Análise morfológica de um texto tupi.” *Logos* 7.56-77.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1953. “Morfologia do verbo tupí.” *Letras* 1.121-152.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1958. “Classification of Tupi-Guarani.” *International Journal of American Linguistics* 24.231-34.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1964. “A classificação do tronco linguístico Tupí.” *Revista de Antropologia* 12.99-104.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1984/5. “Relações internas na família linguística Tupí-Guaraní.” *Revista de Antropologia* 27/28:33-53.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1987. “A família Tupí-Guaraní,” capítulo 2 de *Línguas Brasileiras.* São Paulo: Edições Loyola.

Rodrigues, Aryon Dall'Igna e Wolf Dietrich. 1997. “On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní.” *Diachronica* 14.2.265-304.

Rodrigues, Daniele Marcelle Grannier. 1974. Fonologia do Guaraní antigo. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas.

Rodrigues, Robson Antonio e Marisa Afonso. 2002. “Um olhar etnoarquológico para a ocupação guarani no Estado de São Paulo.” *Horizontes Antropológicos* 17:155-73.

Ruiz de Montoya, Antonio. 1876. *Arte, vocabulario y tesoro de la lengua guaraní, o más bien tupí.* Vienna: Faesy y Frick e Paris: Maisonneuve y Cia.

Schaden, Egon. 1962/74. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guaraní,* 3´ edição. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., Editora da USP.

Schaden, Egon. 1963. “Caracteres específicos da cultura mbüa-guarani.” *Revista de Antropologia.*

Schaden, Egon. 1969. “Fases da aculturação religiosa dos Guaraní,” capítulo 3 de *Aculturação Indígena: Ensaio sobre Fatores e Tendências da Mudança Cultural de Tribos em Contacto com o Mundo dos Brancos.* São Paulo: Livraria Pioneira Editora e Editora da USP.

Schaden, Egon. 1976. “A origem e a posse do fogo na mitologia guarani.” In Leituras de etnologia brasileira, São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Schaden, Egon. 1982. “A religião guaraní e o cristianismo.” *Revista de Antropologia* 25:1-24.

Seki, Lucy. 1987. “Para uma caracterização tipológica do kamaiurá”. *Cadernos de estudos linguísticos* 12:15-24.

Seki, Lucy. 1990. “Kamaiurá (Tupí-Guaraní) as an active-stative language.” In Payne, Doris L. (org.), *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages.* Austin: University of Texas Press, 367-391.

Seki, Lucy. 2000. *Gramática do kamaiurá: língua tupi-guarani do alto Xingu.* Campinas: Editora da Unicamp e São Paulo: Imprensa Oficial.

Silva, Marcio. 1983. “Educação e linguagem segundo os guaraní-mbyá.” *Cadernos de Estudos Linguísticos* 4:143-54.

Soares, André L. R. 1997. *Guarani: organização social e arqueologia.* Coleção Arqueologia no. 4. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Solano, Eliete de Jesus Bararuá. 2009. *Descrição gramatical da língua araweté.* Tese de doutorado. Universidade de Brasília. Online. URL: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/5237/1/TESE%20ELIETE%20SOLANO.pdf> (18 maio 2012).

Thomas, Guillaume. 2012. *Temporal implicature.* Tese de doutorado. Massachusetts Institute of Technology. Online. URL: <http://web.mit.edu/gthomas/www/GThomas_Filed.pdf> (16 May 2013).

Tonhausen, Judith. 2006. *The temporal semantics of noun phrases: evidence from Guaraní.* Tese de doutorado. Stanford University. Online. URL: <www.ling.ohio-state.edu/~judith/tonhauser-dissertation.pdf> (09 março 2008).

Tonhausen, Judith. 2007. "Nominal tense? The meaning of Guaraní temporal markers." *Language* 83.4.831-869.

Velazquez-Castillo, Maura. 1996. *The grammar of possession: inalienability, incorporation and possessor ascension in Guaraní.* Amsterdã: John Benjamins.

26.2 A linguística geral

Bickel, Balthasar. 2003. "Clause linkage typology." The 2003 International Course and Conference on Role and Reference Grammar. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, São Paulo, 14-20/07/2003.

Bickel, Balthasar. 2004. "Hidden syntax in Belhare." In Anju Saxena (org.), *Himalayan languages: past and present*. Berlim: Mouton de Gruyter, 141-190.

Bybee, Joan, Revere Perkins e William Pagliuca. 1994. *The evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world.* Chicago: University of Chicago Press.

Chafe, Wallace L. 1994. *Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing.* Chicago: University of Chicago Press.

Chomsky, Noam. 1965. *Aspects of the theory of syntax.* Cambridge: MIT Press.

Croft, William. 1991. *Syntactic categories and grammatical relations.* Chicago: Chicago U. Press.

Croft, William. 2001. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective.* Oxford University Press.

Croft, William. 2003. *Typology and universals, 2ª ed.* Cambridge University Press.

Croft, William e D. Alan Cruse. 2004. *Cognitive linguistics.* Cambridge University Press.

Crystal, David. 2000. *Dicionário de linguística e fonética.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Cunha, Celso Luís F. e Lindley Cintra. 2001. *Nova gramática do português contemporâneo.* Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

DeLancey, Scott. 1997. "Mirativity: the grammatical marking of unexpected information." *Linguistic Typology* 1.33-52.

Dik, Simon C. 1978. *Functional grammar.* Amsterdã: North-Holland.

Dooley, Robert A. e Stephen H. Levinsohn. 2003. *Análise do discurso: conceitos básicos em linguística.* Petrópolis: Vozes.

Dryer, Matthew S. 1995. "Frequency and pragmatically unmarked word order." In Pamela Downing e Michael Noonan (orgs.), *Word order in discourse.* Amsterdã: John Benjamins, 105-35.

Dryer, Matthew S. 1996. "Focus, pragmatic presupposition, and activated propositions." *Journal of Pragmatics* 26.475-523.

Dryer, Matthew S. 2007. "Clause types." In Timothy Shopen (org.), *Language typology and syntactic description, vol. 1: Clause structure.* 2d ed. Cambridge University Press, 224-275.

Fabb, Nigel. 1998. "Compounding." In Andrew Spencer e Arnold Zwicky (orgs.), *The handbook of morphology.* Oxford: Blackwell, 66-83.

Fillmore, Charles J. 1994. "Under the circumstances (place, time, manner, etc.)." *Proceedings of the 20th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society,* 158-72.

Fillmore, Charles J., Paul Kay e Mary Kay O'Connor. 1988. "Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of *let alone*." *Language* 64.501-38.

Gallois, Andre. 2005. “Identity over time.” Versão de 18 março 2005. *Stanford Encyclopedia of Philosophy.* Online. URL: <http://plato.stanford.edu/entries/identity-time/#Rel> (09 March 2008).

Givón, T. 1984. *Syntax: a funcional-typological introduction, vol. 1.* Amsterdã: John Benjamins.

Givón, T. 1990. *Syntax: a funcional-typological introduction, vol. 2.* Amsterdã: John Benjamins.

Greenberg, Joseph H. 1963/66. “Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements.” In Joseph H. Greenberg (org.), *Universals of language.* Cambridge, MA: MIT Press, 59-90/73-113.

Hall, Roland. 1963. “Excluders.” In Charles E. Caton (org.), *Philosophy and ordinary language.* Urbana: University of Illinois, 67-73.

Halliday, M. A. K. 1973. *Explorations in the functions of language.* London: Edward Arnold.

Hankamer, Jorge. 1977. “Multiple analysis.” In Charles N. Li (org.), *Mechanisms of syntactic change.* Austin: University of Texas Press, 583-607.

Hengeveld, Kees. 1992. *Non-verbal predication: theory, typology, diachrony.* Berlim: Mouton de Gruyter.

Hopper, Paul J. e Sandra A. Thompson. 1980. “Transitivity in grammar and discourse.” *Language* 56.251-299.

Hyman, Larry M. 1975. *Phonology: theory and analysis.* Nova Iorque: Holt, Rinehart & Winston.

Jurafsky, Daniel. 1993. “A cognitive model of sentence interpretation: the Construction Grammar approach.” Department of Linguistics, University of California at Berkeley.

Kroeger, Paul R. 2004. *Analyzing syntax: a lexical-functional approach.* Cambridge: Cambridge University Press.

Kroeger, Paul R. 2005. *Analyzing grammar: an introduction.* Cambridge: Cambridge University Press.

Lambrecht, Knud. 1994. *Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents.* Cambridge: Cambridge University Press.

Langacker, Ronald W. 1987. *Foundations of cognitive grammar, vol. 1: theoretical prerequisites.* Stanford, CA: Stanford University Press.

Langacker, Ronald W. 1998. “Reference-point constructions.” *Cognitive Linguistics* 4:1-38.

Langacker, Ronald W. 2000. *Grammar and conceptualization.* Berlim: Mouton de Gruyter.

Langacker, Ronald W. 2001. “Discourse in Cognitive Grammar.” *Cognitive Linguistics* 12.2.143-88.

Longacre, Robert L. 1985. “Sentences as combinations of clauses.” In Timothy Shopen (org.), *Language typology and syntactic description. Vol. 2: Complex constructions.* Cambridge: Cambridge University Press, 235-98.

Lyons, John. 1968. *Introduction to theoretical linguistics.* Cambridge: Cambridge University Press.

Mithun, Marianne. 1984. “The evolution of noun incorporation.” *Language* 60.847-94.

Nevins, Andrew, David Pestsky e Ciline Rodrigues. 2009. “Pirahã exceptionality: a reassessment.” *Language* 85.2.355-404.

Nunberg, Geoffrey, Ivan A. Sag e Thomas Wasow. 1994. “Idioms.” *Language* 70.491-538.

Nunes, Mary L. 1993. “Argument linking in English derived nominals.” In Robert D. Van Valin, Jr. (org.), *Advances in Role and Reference Grammar.* Amsterdã: John Benjamins, 375-432.

Payne, Doris L. 1990a. *Amazonian linguistics: studies in Lowland South American languages.* Austin: University of Texas Press.

Payne, Doris L. 1990b. “Morphological characteristics of lowland South American languages.” In Doris L. Payne (org.), 213-41.

Payne, Thomas E. 1997. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists.* Cambridge: Cambridge University Press.

Pontes, Eunice. 1987. *Tópico no português do Brasil.* Pontes Editores.

Radford, Andrew. 1993. Head-hunting: on the trail of the nominal Janus. In Greville G. Corbett et al. (orgs.), *Heads in grammatical theory.* Cambridge: Cambridge University Press, 73-113.

Roberts, John R. 1997. "The syntax of discourse structure." *Notes on Translation* 11:15-34.

Sadler, Louisa e Rachel Nordlinger. 2001. "Nominal tense with nominal scope: a preliminary sketch." *The Proceedings of the LFG '01 Conference.* University of Hong Kong, Hong Kong. CSLI Publications. Online. URL: <http://csli-publications.stanford.edu/LFG/6/lfg01nordlingersadler.pdf> (09 março 2008).

Schank, Roger C. 1974. *Understanding paragraphs.* Technical Report 5. Castagnola, Suécia: Instituto per gli Studi Semanticie Cognitivi.

Searle, John R. 1969. *Speech acts: an essay in the philosophy of language.* Cambridge University Press.

Searle, John R. 1975. "A classification of illocutionary acts." *Language in Society* 5.1-23.

Seiler, Hansjakob. 1983. *Possession as an operational dimension of language.* Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Stassen, Leon. 1997. *Intransitive predication.* Oxford: Oxford University Press.

Van Valin, Robert D., Jr. e Randy J. LaPolla. 1997. *Syntax: structure, meaning and function.* Cambridge: Cambridge University Press.

Whaley, Lindsay J. 1997. *Introduction to typology: the unity and diversity of language.* Thousand Oaks, CA: Sage.

Wierzbicka, Anna. 1986. "What's in a noun? (or: How do nouns differ in meaning from adjectives?)." *Studies in Language* 10:353-89.

Zwicky, Arnold M. 1993. "Heads, bases and functors." In Greville G. Corbett et al. (orgs.), *Heads in grammatical theory.* Cambridge: Cambridge University Press, 292-315.